

MONTY JAY

MY GAME
MY RULES
MY MASK

HOLLOW BOYS BOOK TWO

THE
TRUTHS

we burn



VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

THE
TRUTHS
we burn
MONTY JAY

A presente tradução foi efetuada por um grupo de fãs da autora, de modo a proporcionar aos restantes fãs o acesso à obra, incentivando à posterior aquisição. O objetivo do grupo é selecionar livros sem previsão de publicação no Brasil, traduzindo-os de fã para fã, e disponibilizando-os aos leitores fãs da autora, sem qualquer forma de obter lucro, seja ele direto ou indireto.

Levamos como objetivo sério, o incentivo para os leitores fãs adquirirem as obras, dando a conhecer os autores que, de outro modo, não poderiam ser lidos, a não ser no idioma original, impossibilitando o conhecimento de muitos autores desconhecidos no Brasil. A fim de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, este grupo de fãs poderá, sem aviso prévio e quando entender necessário, suspender o acesso aos livros e retirar o link de disponibilização dos mesmos, daqueles que forem lançados por editoras brasileiras. Todo aquele que tiver acesso à presente tradução fica ciente de que o download se destina exclusivamente ao uso pessoal e privado, abstendo-se de o divulgar nas redes sociais bem como tornar público o trabalho de tradução dos grupos, sem que exista uma prévia autorização expressa do mesmo.

O leitor e usuário, ao acessar o livro disponibilizado responderá pelo uso incorreto e ilícito do mesmo, eximindo este grupo de fãs de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar a presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.

THE HOLLOW BOYS

Lançamento

MONTY JAY

MY GAME
MY RULES
MY MASK

HOLLOW BOYS BOOK TWO

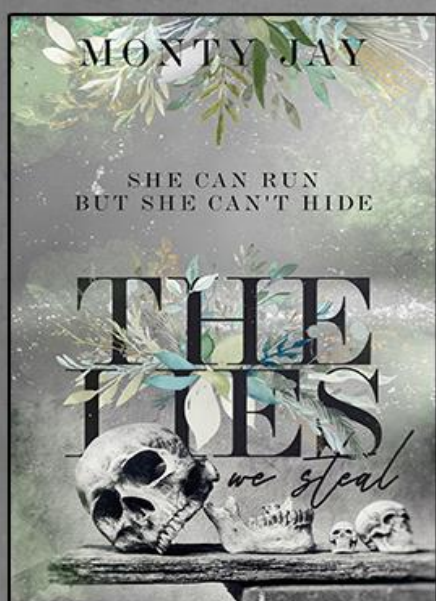
THE
TRUTHS
we burn



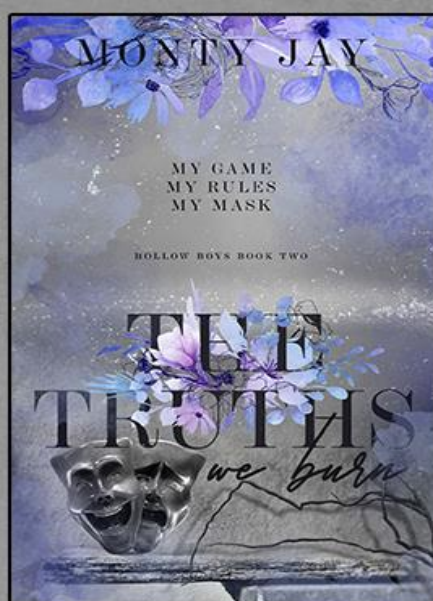
LIVRO DOIS

THE HOLLOW BOYS

Ordem da Série



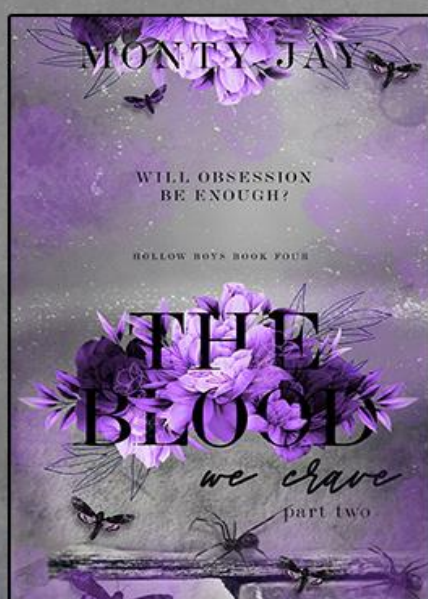
#1



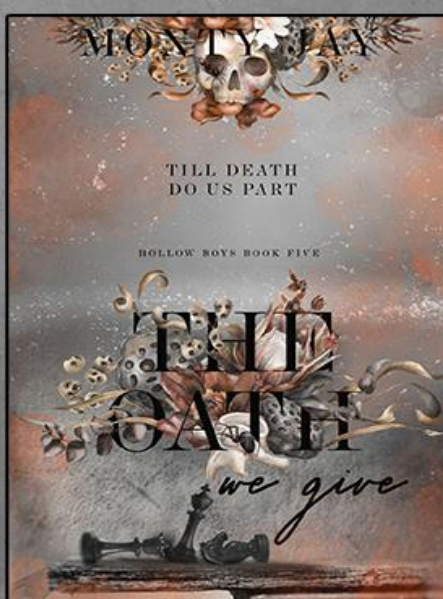
#2



#3



#4



#5

SINOPSE

Sob as partes mais profundas de Ponderosa Springs, havia segredos que nunca pretendíamos que fossem descobertos.

O sangue encharcou as mãos daqueles em quem mais confiamos.
Intenções decrépitas finalmente vêm à tona.

E agora as verdades estão prontas para serem incineradas abertamente para que todos possam testemunhar.

Eu estava pronto para assistir essa cidade que me tornou o vilão, apodrecendo diante dos meus olhos, mas parece que fantasmas também não ficam enterrados aqui.

A queridinha favorita de todos retornou a Hollow Heights arrastando atrás de si nada além de perguntas sem resposta e lembranças sombrias.

Uma distração que não posso me permitir com a polícia farejando.

Um erro que queimou meu último pedaço de humanidade.

O segredinho sujo que voltou em busca de um desfecho em torno da misteriosa morte de sua irmã.

Sei, porém, que a garota inocente e perdida é uma atuação. No fundo, é apenas mais uma parte do seu show.

Todos estão comendo na palma da sua mão, fantoches no barbante.

Eu não, no entanto.

Eu a vejo como ela realmente é, sempre a vi.

Uma falsa. Uma manipuladora. Uma mentirosa.

Não deixarei que que ela estrague tudo pelo que trabalhamos.

Recuso-me a deixá-la atrapalhar nosso plano de vingança.

Já joguei o seu jogo uma vez, Sage¹, agora é hora de jogar o meu.

E você não conseguirá sair sem se queimar.

¹-Em português, sábio.



DEDICATÓRIA

*Para as Sage Donahue do mundo. Não se atreva a pedir desculpas por se
tornar no que tinha que ser para sobreviver.*

Forjou-se das chamas. Não se curve perante ninguém.

EPÍGRAFE

Abandonem toda a esperança, vocês que entram aqui!

- Dante Alighieri

PLAYLIST

King of Fools- Rafferty

Devils Backbone- The Civil Wars

Gangsta's Paradise- Coolio

Jungle- Emma Louise

Get Out Alive- Andrea Russett

Running (Dyin to live)- 2Pac

Animals- Living in Fiction

Runaway- Lil Peep

GO TO HELL- Clinton Kane

Talking Body- Don Vedda

This is War- Matthew Raetzel

Red Roses-Lil Skies

She Thinks of Me- Landon Tewers

Lucifer, My love- The Templars

DiE4u- Bring Me The Horizon

Die With Me- Gemini Syndrome

FEEL NOTHING- The Plot in You

Pretty Poison- Nessa Barrett

Empty Slow- Lil Mavi

Play With Fire- Sam Tinnez

Without Me- Fame on Fire

Wolf in your Darkness Room- Matthew Mayfield

Ponderosa
Forest

Labyrinth
Entrance

Irvine District

Bursley District

Commons

Kennedy District

Rothchild District

Caldwell
Library

Mausoleum

Hollow Heights University





ATO I

ESTRELA DA MANHÃ

A maioria diz que Lúcifer se apaixonou por sua rebelião.

Eu digo que o favorito de Deus de todos os anjos se apaixonou.

Cativado, encantado, consumido pela única mulher que nunca poderia ter.

A única mulher que existe. A primeira esposa de Adão, Lilith.

Ele assistiu dos céus, furioso porque Adão a fez menor. Recusou-se a torná-la sua igual, embora tivessem sido criados da mesma cova.

Oh, a fúria que ardeu dentro de Lúcifer quando Deus puniu Lilith por sua rebelião contra o marido, transformando-a em um demônio.

E assim, Lúcifer caiu.

Como um raio dos céus, ele caiu.

Para que pudesse levantar o reino no submundo. Esculpir um trono das cinzas do Inferno, tornando-se um rei.

Criando um lar para Lilith. Um lugar onde poderia torná-la mais do que sua igual.

Um lugar onde ele a faria sua rainha.

UM



GENESIS

Root - O passado

Masochismo.

Prazer em ser abusado ou dominado. O gosto pelo sofrimento.

Sempre gostei dessa definição – o gosto pelo sofrimento. É quase poético, e não sabia que o dicionário Merriam-Webster poderia ser tudo menos convencional.

Embora ser dominado não seja algo que necessariamente aprecie no quarto ou na vida, sempre posso começar com um pouco de ação de arranhar e morder. Para mim, pelo menos, é menos sobre dominação e mais sobre a dor.

Alguns chamam isso de sadomasochismo. É isso que eu gosto.

Veja, eu realmente amo a dor.

Deus, é como a cura para tudo. A bala mágica. A fuga final.

A maneira como os hematomas pairam sobre meu corpo e doem por dias depois. Às vezes gosto de apertar quando ainda estão roxos, só para lembrar de onde vieram, sabe?

Adoro a forma como a dor explode dentro da minha pele, lembrando-me de todas as coisas pelas quais mereço punição. O lembrete constante de que, mesmo na Terra, todos devemos pagar por nossos pecados.

O inferno seria um passeio no parque. Praticamente dominei.

— É tudo culpa sua, Rook. — A sua voz arde como brasa na sola dos meus pés. — O *Senhor* examina os justos, mas os ímpios, aqueles que amam a violência, ele odeia com paixão!

— Então ele não deveria te odiar tanto quanto me odeia? — Digo de volta.

Um filho deve ser a realização de maior orgulho de seu pai. Sou o seu acerto de contas.

O advogado hipócrita desapareceu no segundo em que passou pela soleira desta casa. A gravata afrouxada, seu cabelo desgrenhado de tanto andar, e posso sentir o cheiro de seu hálito de uísque enquanto me afasto da cozinha em direção à porta da frente.

— Não se atreva a se afastar de mim, seu bastardo!

Às vezes não é nem da dor física que preciso. Gosto do abuso verbal; me penetra tão profundo, tão brutal, fazendo meus dedos do pé se curvarem, meu corpo se iluminar com calafrios. É a única vez que me sinto normal.

E nada tem sido normal desde os meus sete anos. Antes de ser excomungado² por meu próprio pai.

Meu couro cabeludo queima quando ele enrola os dedos na parte de trás do meu couro cabeludo, agarrando meu cabelo grosso e me puxando de volta para seu espaço. Porra, cara, deveria cortar esse cabelo.

O versículo anterior da Bíblia esfrega minha pele em carne viva, formando bolhas em meus ossos. A violência praticada sem o nome de Deus é algo hediondo, mas desde que cite as escrituras antes de bater em seu filho, tudo bem.

É sagrado, obra dos profetas.

Se estivéssemos seguindo as regras de Dante, cairia logo acima do meu pai, passando a eternidade no rio de sangue fervente no sétimo círculo do Inferno, enquanto ele caminha por eras nas profundezas do inferno, dançando na sexta vala de *Malebolge*³.

Algo disso era verdade? Os pecados eram piores no submundo? Diferentes punições dadas com base em seus crimes contra a humanidade?

— Puxar a porra do cabelo? O que estamos fazendo agora - estamos em uma briga de vadias? — Minhas palavras são simplesmente combustível para o fogo já intenso dentro dele.

Poderia lutar contra ele quando me joga no chão, fazer mais do que me segurar enquanto minhas palmas cravam no chão de

²- Que foi expulso do convívio religioso ou da própria igreja. [Figurado] Que foi amaldiçoado; considerado maldito.

³-Oitavo círculo do Inferno de Dante Alighieri, significa "mal".

madeira, me impedindo de bater minha cabeça na superfície dura, mas não faço isso.

Seu sapato *wingtip* me acerta nas costelas, fazendo-me grunhir com a brusquidão do desconforto. Eu rolo de costas, expirando com um sorriso e olhando para o teto, imaginando se Deus está rindo do jeito que estou agora, feliz que o diabo está sendo punido na Terra.

Minha risada sai fria e ofegante. É incrível o que se acha engraçado quando vê o que passei. Quando se passa pelo que eu passei. Comédias com Seth Rogan e Will Ferrell simplesmente não fazem mais isso por mim.

— Está ficando velho — ofego. — Mal posso sentir isso agora. Deveria ir para a academia.

— Ah! — Grita alto, caindo em cima de mim, ambos os joelhos em cada lado do meu peito, seu punho conectando solidamente com o meu rosto. Sinto o gosto do sangue do meu lábio cortado, a dor metálica aquecendo minha língua. — Deveria simplesmente mata-lo! Deveria ter morrido - deveria ter sido você!

Uma dor latejante atravessa meu crânio quando ele agarra a frente da minha camisa, levantando minha metade superior do chão apenas para me jogar de volta para baixo. Droga, isso me dará dor de cabeça.

Uma e outra vez, ele me levanta apenas para me jogar de volta para baixo. Estou nadando em minha cabeça, estrelas dançando nos cantos dos meus olhos. Outra concussão adicionada à lista crescente de lesões recebidas do homem que me criou.

— Então faça! Mata-me! — Grito em minha névoa, sentindo cada grama disso. Afogando-me nela. Permitindo que me submergisse completamente.

Ouçõ sua respiração pesada quando ele para de me sacudir, e olho para o homem que uma vez me ensinou a jogar uma bola de beisebol, que me jogava em seus ombros para que eu pudesse ver por cima das multidões, um homem que costumava olhar para mim com amor paterno.

Agora tudo que vejo dentro de seus olhos é a miséria injetada de sangue que coloquei lá. A angústia que lhe dei. Eu matei a parte dele que acreditava na felicidade, no bem, em tudo leve.

Esta é a minha terra de expiação. Isso é o que faz a dor ser boa *pra caralho*.

Saber que mereço.

— Eu te odeio. — Diz. Cuspe voa de sua língua e me acerta no rosto. — Não passa de um *demônio*. Você pagará por isso, toda a sua maldade.

Aí está. Meu apelido querido. Seu favorito para mim.

O diabo.

El diabo.

Lúcifer.

Tinha sido um anjo uma vez, quando era criança, antes de ser expulso das boas graças e deixado para queimar.

A igreja costumava ser um lugar que não me importava de ir. Quando minha mãe estava viva, e éramos todos felizes. Agora pegaria fogo entrando pela porta.

Ficamos lá, olhando um para o outro com desprezo e fúria suficientes para alimentar a cidade de Nova Iorque durante um maldito apocalipse. Respiração profunda e história condenatória que nunca serão apagadas de nossas memórias.

Peguei o homem que pensa lógica e analiticamente, transformei-o em uma besta impetuosa e impulsiva. Eu o transformei em uma versão mais velha de mim mesmo, ambos presos em nossa própria versão do purgatório.

Eu arruinei meu pai.

E todos os dias ele me faz pagar por isso. Com suas mãos, suas palavras, sua religião.

Uma buzina estridente parece trazê-lo de volta a um pouco de sua sanidade enquanto engulo, tentando empurrar a secura na minha garganta. — Bem-vindo ao clube.

Empurro suas mãos para longe de mim enquanto ele sai do meu corpo, deixando-me deitado lá sem uma mão para me ajudar a levantar. Não como pensei que ele me ajudaria, mas valeu a pena notar.

Mesmo aos dezessete anos, sou mais alto que ele quando me levanto. Alguns centímetros me permitem olhar para ele, meu cabelo caindo um pouco na frente dos meus olhos. — Pelo menos tenha coragem de terminar a porra do trabalho da próxima vez.

Seus ombros levantam enquanto ele respira, voltando à realidade. Vai até a cozinha para pegar o copo de uísque que está sobre a mesa, leva-o aos lábios e o entorna goela abaixo.

A ironia de tudo isso é que ele pega sua Bíblia no balcão ao lado dela.

— Acha que Deus te ajudará à medida que afoga seu fígado? — A gula está bem no topo de suas listas do que não fazer.

Posso ser um bastardo, mas pelo menos não sou um hipócrita.

Ignorando minha declaração completamente, ele afirma — Não questione minha fé, filho. E não quero mais que saia com eles. Queimar aquele salgueiro foi a gota d'água, Rook. Não tem ideia das cordas que precisaram ser puxadas para livrá-lo disso.

Eu rio, pegando meu moletom na parte de trás do sofá. Passo sobre minha cabeça, puxando-o para baixo do meu corpo. — Gota d'água. Primeira gota. Não importa, velhote. — Virando-me para encará-lo à medida que ando para trás, abro bem os braços. — Não pode me manter longe deles. Isso nunca acontecerá. Assim como não posso evitar que acabe a garrafa toda esta noite. Lembre-se, eu sou o diabo. O diabo faz o que quer.

Não me incomodo em negar sobre a árvore. Ele sabe que eu fiz isso. Inferno, todo mundo sabe que eu fiz, mas sem nenhuma prova, sem testemunhas, não há nada que possam fazer, e essa é a beleza de tudo.

Andar por aí sabendo que todo mundo me vê como um incendiário caótico, da polícia aos professores - todos sabem o que sou. O Anticristo é como me chamam. Nascido dos lombos de

Satanás. Inferno no planeta Terra, ou neste caso, inferno para Ponderosa Springs.

Amo isso.

Como seguram o rosário quando passo. Sussurram três Ave-Marias porque só olhar para mim é pecado.

Amo que saibam todas as coisas que fiz e não possam fazer nada para me impedir. Nem agora, nem nunca.

Não há como me parar. Parar-nos.

E sabe de uma coisa? Foda-se aquela árvore.

Ele olha para mim, olhos mortos cheios de desgosto. — Você me dá nojo. — Agarra o gargalo de sua garrafa de uísque e se afasta para o escritório, sem me dizer mais nada antes de eu sair.

Abro a porta, batendo atrás de mim com um baque, sem perder o ritmo enquanto caminho pela entrada em direção ao carro de Alistair. As janelas escuras protegem sua bunda odiosa de mim, mas já sei que há uma carranca permanente me esperando atrás do vidro, mesmo que esteja de bom humor.

Deslizando para o banco do passageiro, me inclino para trás no encosto de cabeça com uma respiração profunda. Há uma pausa de silêncio, e posso sentir Alistair olhando para o lado do meu rosto.

— Existe algo em que posso ajudá-lo, Caldwell? — Pergunto, ainda olhando para frente.

— Sim, tem sangue na porra do seu queixo. Limpe essa merda.
— Enfia a mão no porta-luvas, jogando guardanapos brancos no meu colo.

Eu os pego com facilidade, enxugando o queixo. O vermelho os mancha quase imediatamente. Amanhã, o corte não passará de uma dor incômoda e, em alguns dias, provavelmente arrancarei a casca só para sentir a dor de novo.

A menos que ele me bata de novo e abra novamente. Seja como for.

— Treino com você quase todos os dias. Pode bater nele de volta, porra.

Esfregando com mais força para ter certeza de que está tudo removido, respondo — Eu posso lidar com isso.

Ele balança a cabeça, saindo da garagem e indo em direção ao *Peak* para se encontrar com os outros rapazes. Os últimos dias do verão estão escurecendo, o último ano do ensino médio se aproxima lentamente e não estou ansioso para ver tantos rostos.

Passo noventa por cento do meu tempo cercado pelas mesmas quatro pessoas e gostaria de continuar assim.

Enfio a mão no meu jeans preto para pegar meu maço de Marlboro Reds e puxo um cigarro do maço.

— Não é sobre você lidar com isso. Sei que aguenta um soco. É a porra do princípio, Rook. Como ficará sentado enquanto seu pai bate em você?

Enrolando o guardanapo, apertando o punho em volta do material e jogando-o no chão, inclino-me para trás e fecho os olhos. Por hábito, passo o Zippo entre os dedos, rolando-o algumas vezes antes de bater na pederneira e colocar a chama na ponta.

— Que tal deixar eu me preocupar com meu pai, certo? Estou bem. Mais um ano e estaremos na faculdade, muito, muito longe.
— Inspiro a fumaça profundamente no fundo dos meus pulmões.
— Tenho lidado com isso desde que eu era criança. Posso fazer isso por mais um ano. Então deixe pra lá, mano.

Um grunhido irritado enche o carro antes de vê-lo pisar mais fundo no acelerador, e mal pisco quando chegamos a 130 e subindo. Se morrermos em um acidente, morreremos em um acidente.

Todo mundo acaba no mesmo lugar em algum momento, dois metros abaixo do solo. Não importa como chegaremos lá.

Veja bem, todos nós sentimos o mesmo. Bem, todos nós, exceto a bunda apaixonada de Silas.

Thatcher, Alistar e eu queremos tanto sair desta cidade que abríamos caminho através de arame farpado para chegar lá. Mesmo que isso signifique morrer. *Vamos* sair deste lugar. Cada um de nós tem motivos diferentes, mas tudo se resume à história que está ligada a nós. Das memórias nunca escaparemos aqui porque esta cidade é um caixão. Sufoca-nos com seu passado, nunca nos deixando seguir em frente. Nunca nos deixando esquecer.

— Odeio quando diz *mano*. É irritante *pra* caralho.

Eu rio, puxando meu capuz na minha cabeça. — Sim, bem, odeio quando você é um idiota ranzinza, mas isso não mudará tão cedo.

— Tanto faz, espertinho.

A música abafa nossas vozes enquanto seguimos pela estrada. Alistair tem problemas loucos de controle, por isso até chegarmos ao nosso destino, estou preso ouvindo metal, o que é bom de vez em quando, mas meus ouvidos começam a ficar dormentes após o sétimo solo de guitarra. Para duas pessoas tão próximas, nossos gostos musicais não poderiam ser mais diferentes.

Meus olhos encontram os pinheiros que se misturam fora da janela. Afastamo-nos cada vez mais dos limites da cidade. Pouco antes de entrarmos na próxima cidadezinha de merda, ele vira à direita, levando-nos por um caminho de terra escondido entre árvores.

Vejo os veículos de Thatcher e Silas enquanto o sol se põe além do horizonte, já estacionados. Paramos ao lado deles e saímos, caminhando o resto do caminho até a beira do penhasco.

O *The Peak* é um pequeno pedaço de terra na costa, com vista para as profundas ondas azuis de *Black Sands Cove*, uma pequena praia onde os locais passam a maior parte dos meses de verão. Nosso local é isolado, com vista para os que estão abaixo de nós. É onde passamos a maior parte do tempo porque não gostamos exatamente de estar em casa. É sempre melhor ficar longe de nossos pais. Sozinhos, um com o outro.

— RVD! Graças a Deus — Thatcher está a segundos de arrancar suas sobrancelhas.

A voz dela é suave, mais suave do que qualquer uma das nossas, e só pode pertencer a Rosemary Donahue.

A menina rica com bolas de sobra para ser vista conosco e a única pessoa que me chama pelas minhas iniciais. A única pessoa

que conheço disposta a arriscar sua reputação pelo cara que ama. Uma irmã para todos nós. Ela se infiltrou em nosso grupo antes mesmo que tivéssemos tempo de perceber que havia um intruso entre nós. Olho para ela no colo de Silas, ambos sentados em uma cadeira ao lado de uma pilha circular de madeira.

Seu cabelo ruivo pega o vento, atingindo-o no rosto, mas sei que ele não se importa.

— A falta de confiança em mim é uma ferida no meu ego, Rosie — responde Thatcher, segurando uma lata de fluido de isqueiro.

— Besteira — Silas zomba. — Não há como machucar esse ego enorme.

Thatch é bom em um monte de coisas - falando para escapar de um assassinato em massa, conquistando o coração de milhões, esfaqueando coisas - mas iniciar incêndios é um pouco confuso para o maníaco por limpeza.

— Sente-se, Thatch. Não precisamos que estrague seu cabelo.

Recebo um dedo do meio enquanto lhe tiro o recipiente, deixando-o passar por mim até seu assento. Colocando meu dardo entre os lábios, esguicho o líquido em um círculo ao redor da madeira, girando-o no centro, certificando-me de que cada pedaço tenha combustível.

A excitação se acumula dentro do meu estômago, sabendo o que está por vir em questão de segundos.

O fogo é um elemento chave na minha existência. Cada risco de um fósforo, cada movimento de uma chama é uma compulsão.

Não há como pará-lo. Estou sempre pensando nisso, sonhando, contemplando.

A maneira como algumas pessoas são levadas a matar outras, obcecadas em limpar ou trancar a porta oito vezes antes de dormir, aquela coceira nas mãos - isso é o que acontece comigo sem ele.

O fogo é minha carne. Meus ossos. É a minha casa. É minha maneira de me equilibrar.

Ser chutado para fora de mim por punição pode ser humilhante, mas controlar um dos elementos mais imprevisíveis da natureza, é uma quantidade indisciplinada de poder.

Cada vez que queima, sinto-me contente. Um calor se espalha pelo meu peito, pelos meus braços, até os dedos dos pés. Isso me traz de volta a um tempo de lembrança quando minha vida não era um incêndio em uma lixeira podre.

E passarei o resto da minha vida perseguindo esse efeito.

Minha Piromania é a droga e a cura.

Jogo o cigarro no centro da madeira, observando a cereja se conectar com o fluido do isqueiro. Aí está, a faísca que inicia tudo. Um zumbido enche minha cabeça enquanto pega, queimando junto até que as chamas fiquem cada vez mais altas.

Cada pedaço de madeira está encharcado de laranja escuro, o calor fazendo minha pele suar enquanto as chamas atingem bem acima do meu peito.

Poderia gozar apenas olhando para ele. Pensando na destruição que traria para a cidade, as pessoas dentro, a capacidade de dano

que possui. E naquele momento, me sinto a única pessoa que poderia controlá-lo.

Sento-me entre Alistair e Thatcher, inclinando a cabeça para trás e fechando os olhos por um momento, ouvindo todo mundo falar.

— Vocês quatro estarão no evento de arrecadação de fundos antes do início das aulas este ano? — Rosemary pergunta ingenuamente.

— Possivelmente — Alistair responde. — Provavelmente não da maneira que gostaria, mas é uma possibilidade.

Eu sorrio, sabendo o que planejamos para aquela maldita arrecadação de fundos.

— Nada muito ilegal, está bem? Não estou com vontade de pagar a fiança para tirar meu namorado da prisão.

— Como se fôssemos pegos — acrescenta Thatcher.

— Talvez possa se juntar a nós desta vez, Rose — acrescento, obviamente brincando por causa de seu namorado autoritário que por acaso é meu melhor amigo. — Pode ser divertido.

Posso praticamente ouvir seu aperto em torno de sua cintura e seus dentes rangendo através do fogo crepitante.

— Sobre a porra do meu cadáver. Ela fica fora da merda que fazemos quando a noite cai em Ponderosa Springs — diz Silas.

— Quando a noite cai? É aqui que nos aproximamos e contamos histórias de fantasmas?

— Foda-se, Rook. Sabe o que quero dizer. Ela não precisa se envolver com essa merda.

— Posso cuidar de mim mesma, sabe, e como Rook disse, pode ser divertido, baby — Rose argumenta, e sei que Silas me encherá o saco mais tarde por trazer isso à tona, por isso posso muito bem continuar.

— Viu? Deixe a garota viver, Si.

— Lembre-me por que sou seu amigo de novo?

O riso ressoa na noite de quatro das pessoas mais próximas de mim. O riso é um som tão estranho para mim, algo tão normal e humano. Nunca pensaria que seríamos o tipo de pessoa capaz das coisas que fizemos, das coisas que faríamos. Somos pessoas más que fazem coisas muito más. Muito bem.

Suspiro, jogando minhas mãos atrás da minha cabeça. — Porque precisa de mim — digo. — Quem somos nós sem o outro?

A pergunta penetra em sua pele. Embora todos nós tenhamos nossos próprios segredos, segredos que levaremos para o túmulo, há um entendimento mútuo que nos conecta. Um que os outros nunca compreenderiam.

Uma escuridão, uma fome que vive dentro de cada um de nós.

Separadamente, somos apenas crianças nascidas com a tragédia vazando de nossas veias divididas.

Juntos, somos o caos total.

DOIS



E... AÇÃO!

Gage

— Ouviu sobre o que ela fez, certo? Essa é a razão pela qual temos um novo diretor este ano. Ela estava transando no segundo ano! — Mary joga os braços no ar, um beicinho perfeito nos lábios, deixando o bastão de cola cair de suas mãos no chão do meu quarto.

— Enquanto isso, estou aqui arrebentando minha linda bunda. Aceitando todas as colocações avançadas que permitem, administrando dois clubes, sem falar na torcida. Eu deveria ser a presidente do corpo estudantil, caramba!

Nas últimas duas semanas, tudo o que ouvi dela foi como Stacy fraudou os votos no ano passado, como dormiu com o diretor - acho que ontem foi um professor. Está começando a soar como pregos em um quadro-negro e, se não tomar cuidado, o sangue começará a sair dos meus tímpanos.

— Como se isso importasse, Mary. — O cabelo loiro de Liz balança atrás dela enquanto se concentra fortemente na televisão,

algum jogo de futebol acontecendo por trás da crise pessoal de nossa amiga. — É a presidente do corpo estudantil. Não é o fim do mundo.

— Oh meu Deus, Lizzy, sei que não acabou de me dizer isso. A garota que chorou por três dias depois de vencer um jogo de qualificação estadual "porque não marcou?"

O jogo interminável de quem pode vencer quem. A direção que vai é para o sul, a cento e trinta quilômetros por hora. Estou cansada de ouvir isso - se ela continuar remoendo, se tornará seu catalisador este ano.

— Podem se recompor por cinco segundos? — Digo, olhando para elas, estourando meu chiclete com sabor de fruta. — É uma filha da puta, Turgid, pelo amor de Deus. Limpa sua bunda bronzada com notas de cem dólares. Engulam isso.

O amor difícil nem sempre é popular, mas prepara para a vida que deve levar em uma cidade como esta. Deveriam saber melhor.

Sei que Mary quer me responder de volta, mordaz com algum comentário sarcástico que ainda não fez, mas não responde. Porque, por muito má que ela seja, sabe que sempre posso piorar.

Porque sou Sage Donahue.

A cadela rica injetada diretamente no meu cordão umbilical no útero. Sou a capitã da torcida e a queridinha favorita de todos. Comedora de homens.

Sem coração.

Eu me tornei tudo o que precisava para sobreviver aos padrões de Ponderosa Springs e mais um pouco.

Lizzy Flannigan e Mary Turgid têm sido o par perfeito de amigas para o mundo em que vivo. Superficiais até o âmago, mas ótimas para projetar uma certa imagem.

A maioria das meninas procura amigas que tenham gostos semelhantes. Gostam das mesmas bonecas ou gostam de brincar de se fantasiar, mas quando se está preparada para ver como os outros nos veem, procura aquelas que têm mais a perder.

Minha mãe me ensinou cedo que imagem é tudo. Sua reputação aqui a fará ou destruirá em qualquer lugar. Faz o que precisa ser feito, não importa as consequências.

Sorri, não importa o que façam com você. Não importa a dor que é infligida, porque ninguém se importa. Nem mesmo a mulher que me deu à luz.

Tornei-me muito boa em manter meu eu interior escondido daqueles ao meu redor, apenas permitindo que vejam o que quero, tornando-me confiável o suficiente para me transformar numa espécie de colecionadora.

Uma conhecedora de segredos, ossos enterrados sob o assoalho dos armários das pessoas. Tenho podres de quase todo mundo aqui, e eles sabem que se me traírem, não demorarei para que os ilumine.

Na sétima série, Lizzy veio berrando, desabafando sobre como seu pai é um grande alcoólatra que gasta muito tempo extra em suas viagens de negócios, certificando-se de parar em todos os clubes ilícitos no caminho de volta. Estava com o rosto tão vermelho, tão frustrada que sua mãe apenas ficava sentada ali,

sabendo de tudo isso, ciente de cada indiscrição, e sem murmurar uma única palavra.

Naquela noite, ela jurou nunca deixar um homem desrespeitá-la, recusando-se a se casar com alguém que a pisasse assim. O que pessoalmente não acho que seja um problema, porque também sei que Lizzy não gosta nada de homens.

Durante uma festa do pijama, enquanto Mary estava desmaiada, Liz sentiu vontade de compartilhar mais segredos. Eu a respeitava por ser capaz de dizer isso e odiava que tinha que esconder, mas aqui, ela seria crucificada.

E Mary? Oh, Mary. É muito inteligente, provavelmente será uma neurocientista um dia, se passar nos testes de drogas. Porque a última vez que verifiquei, é desaprovado ter *Adderall*⁴ no sistema quando não foi prescrito.

Durante toda a sua vida, ela se preocupou com suas notas, mantendo sua inteligência mais alta do que qualquer outra coisa sobre ela. Se isso já foi ameaçado? Senti pena da pessoa que fez a ameaça. No primeiro ano, ela tirou C em um teste de matemática. Não é grande coisa para alguns, mas para ela? Para os pais dela? Poderia muito bem ter sido uma expulsão da escola.

Então, quando seus olhos se recusaram a ficar abertos por causa das horas de estudo, encontrou seu bilhete de ouro. Agora, desaparece nos períodos de folga para encontrar os negociantes de fachada sob as arquibancadas do campo de futebol.

⁴-Remédio para TDAH.

Todos temos pesos em nossos ombros aqui, cada um de nós deitado sob seu próprio pêndulo que balança cada vez mais perto toda vez que escorregamos.

É a razão pela qual nunca tentarão me destronar como Miss Ponderosa Springs. Estão com medo de que eu revele seus segredos. Porque a Sage que elas conhecem será impiedosa quando se trata de conseguir o que eu quero.

Há um poder nisso. Saber os segredos de todos, todas as suas verdades. Ainda mais poder em saber que nem uma única alma conhece a minha.

Quanto mais segredos eu tiver sobre todos os outros, menor a probabilidade de eles descobrirem os meus. E os meus ficarão enterrados.

— Sim, está certa. — Ela suspira, sorrindo com força. — Apenas um pequeno surto. É simplesmente desesperador. — Pega sua cola em bastão e continua a colar letras de plástico no fino pedaço de papelão branco, planejando internamente como me matar de alguma forma. — Não sei se entrarei em *Hollow Heights*.

Escarneço. — Então vai para qualquer outra faculdade da *Ivy League* no país. Não é a única no mundo, Mary.

— Sabe tão bem quanto eu que poderia se especializar em atividades de zeladoria e ganhar seis dígitos. Entrar é tudo, Sage.

Sinto como se tivesse que estender a mão fisicamente e agarrar meus globos oculares para impedi-los de rolar.

Dinheiro, dinheiro, dinheiro.

Esse é o passatempo favorito de todos aqui. É tudo com o que se importam. Comem, cagam, respiram.

O dinheiro resolve tudo porque compra o silêncio.

— Sim, sim, Hollow Heights isso, Hollow Heights aquilo. Ninguém quer ver o sol? Todo mundo está tão contente vivendo em um lugar que é sempre cinza e úmido? — Reclamo, rolando para fora da minha cama e em direção ao meu banheiro adjacente.

Enrolo meu dedo em alguns cachos soltos no meu cabelo, em seguida, abro a gaveta, pego meu bálsamo favorito e o passo nos lábios. Mesmo que seja noite, minha maquiagem ainda está perfeitamente no lugar, o delineador preto como breu criando os olhos perfeitos de Marilyn Monroe. A cor vermelha mate em meus lábios, aquecendo minha pele. Tudo fica ali, produzindo uma máscara bem polida.

Para as meninas, pareço vaidosa ao olhar no espelho meu reflexo, mas é só para ver se encontro alguma rachadura na fachada.

— Cadela, por favor, sua bunda ruiva queimará no minuto em que sair do Oregon — Lizzy brinca, me fazendo sorrir para mim mesma no espelho.

— Seu ponto? — Eu me viro para elas, colocando minha mão no meu quadril. — Afinal, vermelho é minha cor de assinatura — digo, acrescentando uma piscadela para garantir.

Todas nós compartilhamos uma risada, uma falsa cheia de plástico. E o som ecoa tão profundamente dentro do meu peito que

começo a me perguntar se realmente é tão oco quanto as pessoas acreditam que seja.

Há um zumbido alto dos motores dos carros esportivos de última geração. Ronronam e ressoam do lado de fora das portas francesas do meu quarto, que fazem até Liz desviar os olhos da tela de plasma na parede.

Os olhos de Mary brilham. — Parece que seu lado delinquente está em casa — ela ri, pulando do chão e disparando para as portas. Abre-as o suficiente para ouvir o que está acontecendo lá embaixo, espreitando pelos painéis para ver. — E trouxe seus amigos — canta.

Puxo meu telefone do bolso de trás, verificando a hora. — Uau, eles *sabem* ler a hora. Não está atrasada para o toque de recolher esta noite.

Isso nunca deixa de acontecer e nunca deixa de me irritar.

Um lembrete constante de todas as coisas das quais fiquei longe, das coisas que fui forçada a evitar. Todas as liberdades que Rosemary tem, porque sou eu que estou sob o microscópio.

Sou a única tentando mantê-los junto. Para não desmoronar.

Liz se move para a janela ao lado de Mary, e como sou vergonhosamente intrometida, sigo-a, espreitando por cima de seus ombros para ver meu jardim da frente e os três veículos caros estacionados em linha reta fora junto a calçada.

— Droga — Mary sussurra enquanto observamos minha irmã deslizar para fora do banco do passageiro, esperando por Silas conforme contorna a frente de seu Dodge Challenger e vem para o

lado dela. Envolve o braço em volta do ombro dela, guiando-a em direção à nossa porta da frente.

— É muito injusto o quão gostoso ele é — reclama, admirando a pele dourada de Silas Hawthorne que é impecável a qualquer hora do dia, mas à noite com aquela camiseta branca, é de morrer.

— Aquele homem precisa de uma etiqueta de advertência — Lizzy acrescenta, seus olhos correndo rapidamente para mim como se para ter certeza de que não a chamaria atenção.

— Mais como uma camisa de força — murmuro, jogando meu cabelo sobre o ombro em aborrecimento.

Veja, isso acontece toda vez que aparecem para deixar Rosemary. Como uma matilha de cães famintos, nunca há apenas um deles. Todos se juntam como vagabundos em busca de restos. No entanto, minhas amigas não conseguem evitar ficar nesta janela, ansiosas para dar uma olhada no criminoso insano e psicótico sexy de Ponderosa Springs. Claro, não seríamos mortas conversando com eles pessoalmente, tanto por suas atitudes imprudentes quanto porque ser vista com qualquer um deles é uma marca negra na reputação de qualquer pessoa por toda a sua vida aqui.

É a porra do suicídio social.

Não são os meninos que traz para casa para mamãe e papai. Eles são divertidos de se olhar, mas sob nenhuma circunstância se toca.

Mais ou menos como admiraria animais selvagens na natureza. Olha, aprecia, e os deixa em paz. Não deveria levá-los para casa e

mantê-los como animais de estimação. No entanto, minha irmã gêmea não se importa em ser atacada por um deles quando atacam, porque todo mundo sabe que nunca se pode realmente domesticar algumas criaturas.

Mal conseguimos ouvir o que estão dizendo um ao outro na porta da frente, mas se passaram mais de dez minutos e estou ficando entediada. Por mais que Rose tenha tentado explicar, nunca entenderei porquê ele.

Na verdade, não, isso é mentira.

É porque ele é a única pessoa que ela não deveria escolher, e sempre tentou fazer exatamente o oposto do que se espera dela, tornando minha vida um inferno. Meus pais desistiram dela, decidiram que não valia a pena moldá-la, por isso, anos atrás, a atenção deles se voltou diretamente para mim.

Sou a joia da coroa deles.

O toque de uma buzina chama minha atenção como um elástico contra a pele molhada. Vejo o cabelo loiro platinado de Thatcher a um quilômetro de distância, mesmo no escuro. É o sonho de qualquer garota ter o cabelo loiro natural.

— Rosie, querida, se eu prometer trazê-lo de volta inteiro, por favor, devolva nosso amigo para passar a noite? — Sua voz é rápida e limpa como um bisturi contra a pele, cortando o vento.

Ouçõ uma risada suave de minha irmã, e é quase estranho porque é como ouvir minha própria risada de verdade, algo que não saía da minha garganta há muito tempo.

— Vi em um documentário criminal que a psicopatia é genética — diz Lizzy enquanto todas observamos.

— O gene psicopata é apenas um mito – nunca foi comprovado cientificamente. É sobre o seu ambiente, a forma como foi criado e algum comportamento mental, mas não pode transmitir isso aos filhos — acrescenta Mary.

— E como acha que era o ambiente dele, Mary? Abraços e noites de jogos em família? — Pergunto — Todo mundo sabe que Thatcher Pierson se transformará no queridinho do papai em breve. Só estou esperando para ver se alguém o pega brilhando no sol.

Elas riem alto do meu comentário, sabendo que estou certa. Não acredito que assassinos em série passem algo para seus filhos além de traumas, mas sei como é ser criada como um monstro. Eventualmente, cede e se transforma em um.

As janelas do próximo carro da fila se abrem, permitindo-me vislumbrar Alistair Caldwell no banco do motorista.

— É uma pena que ele odeie tanto o mundo. Teria sido o namorado troféu perfeito — digo com um aceno de cabeça. Quer dizer, a família dele é dona da maior parte da cidade – teríamos sido ótimos se ele não fosse cinco tons de fodido.

— Porque Easton Sinclair ainda não é perfeito? Vê as garotas que o cercam como moscas, prontas para tirá-lo de suas mãos?

— Como você, Mary? — Arqueio uma sobrancelha bem cuidada para ela, que vira o rosto corado, tentando pensar em uma maneira de voltar atrás e negar.

Não me passou despercebido que Mary está sedenta por Easton desde a pré-escola, e no momento em que nos separarmos, ela estará lá, com as pernas abertas, pronta para juntar os pedaços. Não que me importe – Easton está lá pelo mesmo motivo que eles.

Espaços reservados até eu me formar.

— Brincadeira — acrescento no final, sorrindo um pouco.

Então, como a explosão que é, Rook Van Doren desliza seu corpo magro pela janela do passageiro de Alistair, pendurado do lado de fora do carro enquanto se senta no batente da porta, sorrindo amplamente, um fósforo pendurado em seus lábios rosados.

— Romeu, Romeu, onde estás Romeu? — Diz. — Você o verá amanhã. Temos algumas coisas incompletas que precisamos resolver hoje à noite. — Sua voz brincalhona ressoa no ar enquanto tamborila com as mãos no teto do carro. Não há uma única coisa que ele leve a sério.

— Sim, idiota, isso definitivamente vai confortá-la esta noite — a voz de Silas chama de volta.

— Desculpe, deveria mentir? Não é como se fôssemos assar cupcakes.

As luzes da rua refletem em sua pele pálida, o brilho amarelo-alaranjado aquecendo seu rosto. Chamas industriais brilham ao seu redor. Essas características de menino bonito o fazem parecer tão despretensioso, aquele cabelo meio selvagem e aparência descarada que me lembra de cavalos selvagens. Livre, imprudente, perigoso. Já ouvi pelo menos cinco garotas reclamarem de como

têm ciúmes de seus longos cílios que emolduram seus olhos de fogo infernal.

Nunca os vi de perto, mas é assim que todos os chamam.

Avelã em qualquer outra pessoa, mas nele? Queimam-nos.

Algo que sempre admirei e ao mesmo tempo me leva à parede sobre Rook é o quão imprevisível é.

Nunca se sabe o que receberá dele. Um sorriso, um coquetel Molotov, uma facada nas costas, uma gargalhada. O único garoto do grupo para o qual não pode se preparar é ele. Todo mundo sabe que Thatcher é extremamente inteligente e que, se tiver a oportunidade, pode trancá-lo em seu porão e bancar o *Dr. Hannibal*⁵ com as partes do seu corpo.

Deus, e se não sabia dos problemas de raiva de Alistair, saia debaixo da porra da rocha gigantesca sob a qual está dormindo e olhe para ele. Está praticamente se banhando em colônia com cheiro de ira.

E, claro, todos sabem que Silas é o quieto. O *esquizo*⁶ fala pouco porque está muito ocupado dentro de sua própria cabeça. É o único que minha irmã foi capaz de decifrar.

Rook, porém, é idêntico ao elemento com o qual se associa carinhosamente. Nada do que faz é deliberado; é sempre por

⁵-Personagem célebre de ficção criado pelo escritor Thomas Harris, aparecendo pela primeira vez no livro *Dragão Vermelho* (1981). No cinema o personagem aparece em *O Silêncio dos Inocentes* pela primeira vez, vivido por Anthony Hopkins.

⁶O termo está relacionado ao transtorno esquizo-afetivo, ou seja, conjunto de sintomas da esquizofrenia, como alucinações e delírios, além de sintomas do transtorno de humor.

capricho, provavelmente com base no que parece certo no momento para ele. O menino nunca pensou duas vezes em nada.

Eu o admiro porque ele tem coragem de fazer isso. Acho estúpido porque acabará se matando, e ser assim tão louco só é divertido quando se tem dinheiro e poder para evitar as consequências.

O psicopata.

O vingativo.

O esquizo.

E o diabo.

*Os Hollow Boys*⁷.

Irritada e cansada de bisbilhotar, me afasto da janela. — Pegarei algo para beber. Tentem não sujar suas calcinhas antes de eu voltar.

Descendo os degraus e atravessando nossa sala de estar, ouço o eco brilhante da voz de minha mãe. Meus pés diminuem a velocidade para que não me ouça chegando. Ando até chegar à entrada da cozinha, ouvindo-a ao telefone.

— Simplesmente não sei mais o que fazer, Sherry. Quer dizer, ela não tem jeito! Sempre foi rebelde quando criança, mas dormir com Silas Hawthorne? Deus, não consigo imaginar o que as pessoas na igreja pensam quando nos veem. Ele sai com um garoto que a cidade chama de Anticristo — lamenta enfaticamente.

⁷-Rapazes ociosos, vazios.

Meus ouvidos zumbem enquanto ela continua. — Tentamos colocá-la de castigo, e ela simplesmente foge. Ugh, e o peso! Deveria ver o peso que ela ganhou desde que o conheceu. É horrível!

A água começa a borbulhar aos meus pés. Um sinal de alerta de enchente na minha cabeça e sei o que está por vir.

Se ela apenas ficasse longe dele como lhe disse, isso não estaria acontecendo. Nossa própria mãe não falaria sobre sua filha assim. A água não subiria tão rapidamente e meus pulmões não estariam tremendo.

— Sage está bem. Quero dizer, pelo menos temos uma filha que se preocupa com a imagem desta família. Contanto que ela se abstenha de estragar tudo. — Seus passos se afastam de mim, me dizendo que foi para o lado oposto em direção ao escritório.

Meu coração bate forte no meu peito, minhas unhas cavando na palma da minha mão. Toda vez que Rose estraga tudo, toda vez que quebra as regras, é como se eles empurrassem minha cabeça cada vez mais para baixo da superfície.

O afogamento está chegando. Posso sentir isso.

Quando coisas horríveis acontecem, algumas pessoas se tornam flores delicadas e macias que crescem nos cantos, esperando para serem colhidas por seu Príncipe Encantado.

E algumas pessoas se tornam guerreiras. Forjam-se com ferro, construindo camadas de armadura para proteger o que resta. Tornam-se duras.

Malvadas. Zangadas.

Ciúmes daqueles que conseguem se reconstruir sem os cacos de vidro amargos de seus traumas.

A porta da frente se abre, o vento escovando seu cabelo ruivo escuro que é vários tons mais escuro que o meu por causa de sua tinta de cabelo atrás dos ombros. O seu sorriso iluminaria a porra de um quarto de verdade se pudesse convertê-lo em eletricidade, e isso deveria me deixar feliz.

Não.

— Huh — digo, cruzando os braços na frente do meu peito. — Pensei que o lixo só chegasse às terças-feiras.

Os olhos de Rosemary se levantam para encontrar os meus. O moletom enorme que pertence ao seu namorado engole seu corpo pequeno. O sorriso desaparece e ela suspira.

— Guarde os comentários maldosos para suas amigas. — Puxa o capuz, entrando na cozinha para me evitar, mas eu a sigo.

Sei que deveria ir embora antes que diga algo pior, mas não consigo me conter.

— Engraçado. O esquizo está ensinando você a ter uma espinha dorsal agora, ou está apenas se sentindo mal-humorada esta noite?

— Não o chame assim — diz, batendo a porta da geladeira. — Qual é o seu problema com eles, afinal? Nunca incomodaram você!

Minha língua se torna rápida, afiada, letal em questão de momentos. Qual é o meu problema? Meu problema?

— Eles são escória, Rose. Isso faz com que esta família pareça suja! — Grito de volta.

— Será que a mamãe tem a mão enfiada na sua bunda ossuda até agora que ela está te usando como uma marionete? Sabe, se eu não a conhecesse melhor, diria que está com ciúmes.

— Ciúmes? Eu? Sobre o que? Sua gangue de idiotas mentalmente instáveis? Por favor — desdenho defensivamente.

Do que eu teria que ter ciúmes? Tenho tudo que poderia imaginar.

— Ciúmes por ter amigos *de verdade*. Um relacionamento de verdade. Enquanto você passa seus dias com namorados falsos e pessoas malucas que te apunhalariam pelas costas no momento em que se virasse. Tudo porque está com muito medo de chatear a querida mamãe! — Diz, balançando a cabeça.

— Sabe, talvez eu não tivesse problema se parasse de abrir as pernas para as aberrações de Ponderosa Springs. Deus, não vê a maneira como as pessoas olham para você? É uma atração ambulante de um show de carnes! — Escarneço.

Ela se encolhe, mordendo de volta como se eu tivesse lhe dado um tapa no rosto, a tristeza enchendo seus olhos. Digo a mim mesma que ela merece sofrer como eu. Aqui estou me afogando a cada segundo que vivo esta vida, e ela não se preocupa com o mundo. Algumas palavras duras não vão matá-la.

Rose se aproxima de mim. — Não, isso é problema seu, Sage. Talvez se parasse de se importar com o que as pessoas pensam de você, não seria uma vadia tão miserável. — Passando direto por mim, toca-me com o ombro enquanto passa.

Ela me deixa lá, voltando da minha viagem de temperamento, meu coração doendo dentro do meu peito. Caio contra a parede, minhas pernas parecem que cederão, mas me recuso a deixá-las.

A água gelada está bem abaixo do meu nariz, e tento evitar que penetre na minha boca. Eu me recuso a fazer isso agora.

Inspiro e expiro profundamente pelo nariz, continuando o processo até que meu batimento cardíaco desacelere e a água comece a residir.

Repito uma e outra vez :

Sou Sage Donahue.

Eu tenho tudo.

Não me afogarei.

Eu sobreviverei.

TRÊS



O LIVRO DOS DESPREZADOS

Roof

— Sua mira é uma droga. — Silas olha para mim enquanto a fumaça sai da ponta dos meus *Swisher Sweets*⁸ com sabor tropical.

Coloco o invólucro nos lábios, segurando-o ali, apontando a arma de paintball para o placar dos times de futebol. Estamos deitados a poucos metros dele, o *Astroturf*⁹ atravessando meu jeans, praticamente queimando minha bunda.

— Eu disse sim à vandalização. Nunca disse que seria bom nisso. — Dou uma baforada na ponta do baseado, deixando a fumaça com cheiro estranho penetrar em meus pulmões, me dando aquela sensação de bem-estar de que preciso de vez em quando.

⁸-Marca de charutos.

⁹-Grama sintética.

Não se trata de entorpecer nada; trata-se de conter o impulso. Por algumas horas, aquela coceira na palma da minha mão é saciada apenas o suficiente para me deixar passar o dia sem explodir ninguém.

Vejo um cara sendo um idiota ou apenas andando pela rua com um sorriso arrogante no rosto, e tudo que consigo pensar é o que ele faria se estivesse envolto em chamas, se afogando em gasolina. Isso é normal para mim. É estranho para mim que ninguém mais pense assim.

A maconha me impedindo de ser homicida. Além disso, preenche o vazio por um tempo. Toda a fumaça me faz sentir menos vazio.

Atiro as bolas de tinta verde-limão no quadro, criando mais confusão no objeto já revestido. Mal consegue ver o que está por baixo da tinta amarela e verde, e com o futebol na pré-temporada, não ficarão felizes com isso.

— Parece um pouco como um rito de passagem, não é? Última pegadinha do time de futebol — digo, tossindo um pouco, minha cabeça leve e meu corpo cantarolando com consciência. O ar quente do verão começando a ficar mais frio a cada dia que nos aproximamos do outono. — Odeio esse lugar, cara, mas é o último ano de todos nós juntos. O último de tudo.

Silas permanece indiferente, demonstrando pouca emoção, não porque não as tenha, mas porque não gosta de expressá-las. Ele raramente reage a coisas que as pessoas normais reagiriam e, embora saiba que ele ama Rose e se preocupa conosco, sei que os relacionamentos são difíceis para ele.

Relacionar-se com as pessoas. Compreendê-las.

Ele é diferente - vê o mundo de uma maneira diferente de todos os outros e às vezes parece que não se importa com nada, sempre parecendo sem humor ou emocionalmente frio. Mesmo quando está com Rose e ela sorri, talvez seja um levantar de seus lábios, mas nunca mostra que está realmente feliz, a menos que olhe em seus olhos.

Acho que foi assim que Rosemary abriu caminho até o seu coração. Ela podia ler em seus olhos o que seu rosto nunca expressaria. Viu tudo dentro dele e pegou essa informação e tentou entendê-la.

A verdade é que ninguém jamais saberia realmente o que se passa na mente de Silas. Nunca conseguiríamos nos relacionar com isso, mas posso tentar protegê-lo disso. Mesmo que me odeie incomodá-lo sobre tomar seus remédios.

Porque ele me protege. Bem, uma verdade minha.

— Há carros — diz enquanto o apito de balas chacoalha meus ouvidos, mais tinta explodindo contra a placa. — Aviões. Trens. Metrô. Muitas maneiras de viajar, Rook. Não é o fim de nada - só temos que conseguir empregos e você não poderá mais incendiar prédios.

Eu rio, sentindo meu estômago crescer quando os efeitos da erva começam a aumentar. Quero dizer, ele está certo, e sei que estou pensando demais por causa da maconha, mas ainda é uma sensação assustadora para mim.

A palavra *família* foi perdida no dia em que minha mãe morreu. E reencontrada em um clube de campo enquanto tentava explodir fogos de artifício.

Deixar Ponderosa Springs nunca foi uma questão, mas deixá-los é uma sensação diferente.

— E ainda está decidido a ficar? Não posso dissuadi-lo? — Pergunto, embora saiba que ele não tem motivos para ir embora, não como eu.

— Nah, estou aqui até que Rose se forme. Ela quer ir para Hollow Heights, por isso ficarei com ela até o fim. — Há uma franqueza em sua voz, calma, tão impassível que até mesmo um estranho que passasse saberia que estava falando sério.

— Seus pais ficarão bem com isso?

— Estão tentando me fazer sair desde que fui diagnosticado. — Suspira. — Eles me amam, então entendo. Nunca quiseram me ver passar pelo ridículo aqui – ainda não querem – mas não deixarei Rose. Por isso, também sabem que não há como me convencer do contrário. Além disso, será mais fácil estagiar na empresa do meu pai em Portland.

Ele é o único com bons pais. Ótimos pais, mesmo. Scott e Zoe são bem-sucedidos, felizes com três filhos e os amam como os pais deveriam.

Louco que mesmo alguém com um ambiente estável ainda possa desejar a destruição, não é?

Dou outra tragada, finalizando e jogando a bituca no campo, sabendo que queimará a grama falsa.

— Terminamos de ser nostálgicos? Está doendo minha cabeça, e temos que ir buscar Rose.

— Onde ela está? — Pergunto com um aceno de cabeça, deixando-o saber que estou pronto para sair.

— Tilly, estudando, mas o namorado da irmã e seu bando de amigos apareceram, e não gosto dela perto deles.

— Uma chance de cagar em Easton e ganho um hambúrguer? Onde assino? — Ergo meus braços acima da cabeça, me alongando enquanto me levanto.

— Vamos buscar Rose, e é isso. Sem brigas. — Resmungo, caminhando ao meu lado.

— Sim, sem brigas. Entendi. — Sorrio enquanto enfio a mão no bolso de trás, pego um dos meus fósforos Lucky Strike e o coloco entre os dentes.

Não começaria nada. Eu geralmente nunca começo, mas terminaria.

O Tilly's Diner fica a uma curta distância de carro da escola e, quando estou de motocicleta, levo talvez seis minutos para chegar ao estacionamento com o letreiro em néon iluminando o asfalto.

Afasto o cabelo dos olhos quando coloco o capacete na cabeça, passando a perna por cima da moto enquanto Silas estaciona na vaga ao lado da minha. O Tilly's está lotado. Sem surpresa, considerando que é sábado e é aqui que todo cara com colônia Axe fica e garotas prontas para fofocar se reúnem.

Sinto muito por Rose, pelo fato de sua irmã gêmea ser uma garota malvada furiosa e cheia de ego. E como Rose odeia dirigir,

na maioria das vezes tem que acompanhá-la. Mesmo que ela não queira.

Os seus pais, imagino, acham que se cercarem Rose com as pessoas – certas – verá o quanto somos ruins para ela. Acham que ela ficará entediada, ver o que sua vida poderia ser se acabasse com as pessoas do lado certo da escala moral, em vez dos meninos que são a mancha de Ponderosa Springs.

Nos anos em que vivemos, prejudicamos a reputação desta cidade e de seu povo. Pegamos a sua hierarquia e a despedaçamos. Os Donahue temem que sua preciosa garotinha tenha se voltado completamente para o lado sombrio.

Eles estão certos. E não a terão de volta.

Silas abre a porta de vidro, pisando no chão xadrez, e quando cruzamos a soleira, todas as vozes deixam de existir. A lanchonete totalmente lotada fica mais silenciosa do que os passos de um rato.

Somos as coisas que não pertencem entrando em um lugar onde não somos bem-vindos.

É como se tivéssemos acabado de entrar na igreja ou em algum local de culto. E todo mundo sabe, solo sagrado queima os pés dos condenados.

Agarro o ombro de Silas. — O quê? Tem algo no meu rosto? — Minha voz ecoa pelo espaço, crepitando e estalando em seus ouvidos.

Alguns deles olham abertamente em estado de choque; outros escondem seus olhares, temendo que façamos contato visual com eles e os possuamos ou façamos algo perverso. As mulheres pegam

suas bolsas, os homens semicerram os olhos, as meninas apertam as coxas e os meninos tentam agir como durões.

Silas começa a se mover, perseguindo sua garota com determinação. Seu corpo está enfiado em uma pequena cabine, sozinha. Ele não estava brincando quando disse que queria entrar e sair - odeia estar perto de tantas pessoas. Mesmo que nunca tenha dito isso em voz alta, posso ver na maneira como se comporta.

Sigo atrás dele, observando enquanto seus olhos gentis se levantam, encontrando os de seu namorado. Tudo desaparece para os dois, a ansiedade sai de seus ombros e o alívio lava suas costas como água.

Ciúmes não é a palavra para o que sinto por eles. Não gosto de Rose assim, e posso admitir quando os rapazes são atraentes, mas Silas não faz isso por mim assim.

Às vezes, porém, muito raramente, me pergunto como seria se alguém olhasse para mim daquele jeito. Como se eu fosse mais do que um problema. Um erro. Um monstro. Lúcifer.

Alguém que olha para mim como se eu fosse humano.

Rose recolhe suas coisas rapidamente, deslizando de seu lugar na cabine, chamando minha atenção para os outros ao seu redor. Os membros do time de futebol se sentam juntos, alguns em cima das próprias cabines, com o sabor da semana pendurado em seus braços.

Em todos os sentidos, exceto monetários, são nossos opostos. Somos todos ricos e é aí que as semelhanças acabam.

Se houvesse um lado errado dos trilhos em Ponderosa Springs, estaríamos lá. O tempo todo nos encaram de suas varandas e gramados perfeitamente aparados, olhando para nós como se nossas roupas não custassem tanto, como se nossas famílias não fossem tão ricas.

Nada disso importa porque nossa riqueza está encoberta pelo fedor do perigo. Tumulto. Violência. Somos as pessoas sobre as quais os pais o alertaram quando estava crescendo, o bicho-papão embaixo da sua cama. Somos abominações para esta cidade giratória onde cada um faz o seu papel.

E ninguém desempenha seus papéis melhor do que o príncipe de todas as coisas altas e poderosas e sua querida princesinha que se senta ao seu lado.

— Ei, pessoal, prontos para sair? — Rose murmura, jogando sua mochila sobre os ombros enquanto Silas a puxa para seu peito, segurando-a contra seu corpo.

— Ei, menina Rosie. — Estendo a mão para a frente, bagunçando seu cabelo. — Vamos encontrar algum problema para entrar, sim?

Estou brincando obviamente. Brincar é a maneira de encobrir o vazio dentro do meu peito. Ninguém sabe como as risadas ecoam dentro de mim. Porque não tenho mais nada.

Há uma leve tosse, seguida por — *Lowlifes*¹⁰. — É baixo, abafado e faz o grupo rir baixinho.

¹⁰-Uma vida baixa é um termo para uma pessoa que é considerada moralmente inaceitável por sua comunidade.

Eu rolo meu fósforo em minha fileira superior de dentes, sorrindo em torno dele.

— Desculpe, não consegui te ouvir com esses paus na boca. Quer dizer isso um pouco mais alto, Sinclair? — Passo por meus amigos em direção ao seu lado da cabine.

Easton é tão pretensioso quanto chinelos Gucci.

Eu o odiei desde que o conheci - todos nós odiamos. Essa mentalidade que ele carrega é um deus entre outros. A maneira como as pessoas pensam que ele anda sobre a água e alimenta esse tipo de atenção.

Oh-que-porra.

Seu pai é o reitor de uma universidade cara que está afundando no solo encharcado. Quase nada para se gabar, mas como a maioria, Easton sabe como jogar com as pessoas aqui. Sorri para os jornais, ganha jogos de futebol, finge que é o máximo.

Até o perfeito, contudo, tem rachaduras, e ele é cheio delas.

— Rook. — Rose agarra meu antebraço, fazendo o que ela faz de melhor e tentando manter a paz.

Eu rio dela. — Não, Rosie, está tudo bem — começo, colocando minhas mãos na mesa, olhando para Easton. — Só tendo uma conversa amigável com meu bom amigo Sinclair aqui. Não é verdade?

Meus olhos queimam nos dele, desafiando-o a fazer contato visual comigo. Espero que ele veja o que todo mundo vê - os profundezas do inferno. Como vou assá-lo vivo se insultar a mim

ou à minha família novamente. Exceto que faz o que maricas fazem e olha para todos os lados, menos para o meu olhar.

— Eu disse... — pigarreia, sorrindo nessa posição desconfortável. — Divirta-se. — Encolhe os ombros como algo alegre.

Ele e eu sabemos o que ele disse.

Ousado por dizê-lo em primeiro lugar. Inteligente por não repetir na minha cara.

— Foi o que pensei, campeão. — Bato em suas costas, com força, jogando-o um pouco para frente. Quando o silêncio permanece, decido dar a Rose o que ela quer e vou embora.

— Que piada — uma voz mais suave e graciosa zumbe em meus ouvidos — Trazer o bando de palhaços insanos em público, sério, Rose? Poderia ser mais embaraçosa?

A pressão cai sobre o fósforo na minha boca enquanto aperto minha mandíbula.

— Eu me pergunto o que isso diz sobre você e sua equipe de Abercrombie¹¹ e cadelas.

Fazemos contato visual direto, e suas íris azul e flamejantes duelam com as minhas. Nem por um segundo ela vacila, seu olhar nunca deixando o meu.

Sage Donahue.

¹¹-Linha de roupas estadunidense que durante os anos de 1990 e 2000 sua publicidade sexualizada usava modelos masculinos jovens e sem camisa transformando a marca em um símbolo de status “Mauricinho”, para os estudantes do ensino médio.

Que momento divertido seria girar você no meu dedo.

Ela ri intencionalmente. — Ah, isso é bom. Especialmente para um cara que eu achava que lia no nível da quinta série. — Suas unhas azul claras giram em seu copo alto, cheio até a borda com um milk-shake cor-de-rosa. — O fato de ela insistir em defender vocês quatro, me pergunto, se é ingênua ou você só gosta de arruinar a vida dela?

Rose e Sage são gêmeas biológica, com a cor de cabelo e sardas semelhantes, mas as de Sage são mais esporádicas, espalhadas descontroladamente em seu rosto, e as de Rose parecem mais compactas em seu nariz. Da forma como Rose tenta se misturar, Sage faz de tudo para se destacar.

É raro eu ficar cara a cara com a miss de Ponderosa Springs. A garota com uma notória língua de prata. Claro, nos conhecemos; como não poderíamos? Cidade pequena, além de meu melhor amigo namorar a sua irmã.

Nunca, contudo, saímos do nosso caminho para nos cruzarmos.

— Pode ser que ela não tenha medo de viver sua vida fora de seu mundo envolto em bolhas. Talvez goste de não ter que fingir. O lado sombrio permite que faça coisas que nunca pensaria em fazer na luz.

Meu olhar segue seus lábios pintados de escarlata, a maneira como os envolve em seu canudo, manchando o material branco. Toma alguns goles antes de se afastar para responder — Isso deveria ser um insulto?

Eu sorrio. — Não. — Dou de ombros, sarcasmo cobrindo meu tom. — Todo par de gêmeos tem uma ovelha. Nada do que se envergonhar. Estou feliz que você o tenha, Sage.

— Ovelha?

— Sim, sabe, aquela que se submete às expectativas de todos. Manso. Fraco. — Demoro meu tempo com cada palavra, inclinando minha cabeça um pouco para ver como ela reagirá a elas. — Impotente. Gêmeo diluído.

Sage Donahue é capaz de cortar tudo e todos com uma frase daqueles lábios vermelhos. Todos se curvam a ela, a seguem - ninguém nunca a questiona.

Easton Sinclair pode acreditar que comanda o show, mas ela sempre puxou os cordões.

A raiva chia em seus olhos, e meu sorriso só aumenta.

Ela está ardendo de raiva com a minha resposta, lutando para manter seu exterior calmo e despreocupado intacto, mas aquela pele branca como a neve começando a derreter sob a pressão das minhas palavras.

O desejo me varre, algo que normalmente só acontece quando ateo fogo físico, mas desta vez, o poder se derrama sobre mim, sabendo que coloquei chamas na boca do seu estômago.

— E essa sou eu? A ovelha? — Arqueia a sobancelha, jogando aquela cortina de cabelo loiro morango por cima do ombro.

— Se o sapato servir, princesa.

Algo dentro dela se desfaz - vejo, as chamadas se contorcendo em um incêndio de emoção. Sua boca se abre, pronta para derramar cada palavra áspera que possa dizer.

Estou pronto, pronto para vê-la entrar em erupção e explodir em cima de mim... apenas para ter tudo arruinado por seu namorado, que se aproximou para salvar o dia.

— Tudo bem, idiota, isso é o suficiente. Está indo longe demais. — Easton se levanta, mas não me incomodo em sair da minha posição curvada sobre a mesa.

Simplesmente olho por cima do meu ombro, olhando-o de cima a baixo, passando minha língua ao longo do interior da minha bochecha. — Sim? E o que fará sobre isso, *jockstrap*¹²?

Pode tentar contratar alguém com o dinheiro do papai para lutar contra mim, mas ele mesmo nunca faria isso. Muito ruim para sua reputação, muito maricas, e ele sabe que eu o colocaria a sete palmos do chão.

— Rook — Silas diz atrás de mim — não na frente de Rose.

— Sim, você o ouviu, cachorro. Siga seu líder e sua cadela — diz Easton, fazendo Sage ofegar quando agarra seu antebraço, puxando-o de volta para seu assento.

Não sou eu que me mexo desta vez. Silas se mexe para ficar ao meu lado. Existem certos botões que não aperta quando se trata de mim e meus amigos. São todos diferentes, mas quando os atinge, obtém reações semelhantes.

¹²-Suporte genital atlético.

— Meça suas palavras.

Aparentemente, Easton se encheu de testosterona hoje porque tem coragem suficiente para responder.

— Cuidado com a boca — imita, revirando os olhos. — Acha que é durão? Andando por aí tocando música emo e vestindo preto? É patético *pra* caralho. Aberrações. Ninguém tem medo de você.

— Pessoal, por favor, só quero ir embora — Rose sussurra, puxando nossos braços.

O fósforo na minha boca estala enquanto Easton continua a cavar sua cova cada vez mais fundo.

— Um filho de um assassino em série, um pirralho mimado, um esquizofrênico e um cara com uma mãe morta que aparentemente orou a Satanás. Parabéns, conseguiu se tornar o próprio show de horrores de Ponderosa Springs.

Nunca fui bom em me controlar. Não minha fome, minha luxúria, minha raiva, meus impulsos.

Sinto unhas cravando na carne do meu braço, me puxando para trás, mas tudo o que posso ver é Easton Sinclair sufocando no fogo, me implorando para apagá-lo.

— Não aqui — Silas murmura perto do meu ouvido. — Mais tarde.

Deixar isso para lá é a última coisa que quero fazer. Eu não quero recuar. Não quero ir embora enquanto ainda estiver com aquele sorriso presunçoso no rosto, mas sei o que acontecerá com ele.

Sempre temos nossa vingança.

Cubro minha raiva com um sorriso. — Se quiser voltar atrás com essa boca de maricas, Easton, você sabe onde me encontrar.

Meus olhos se voltam para Sage, ignorando seu namorado de merda. — E você — começo. — Isso foi divertido, boneca. Deveríamos fazer isso de novo. — Eu adiciono uma piscadela para garantir antes de jogar o fósforo fora, arrancar a cereja de seu milkshake e colocá-la na boca.

Eu mastigo a fruta doce, observando como sua mandíbula com corte de diamante tensiona enquanto ela olha para mim. Quase fiz sua máscara quebrar, empurrei-a um pouco longe demais, e mentiria se dissesse que não estou pronto para ver a repercussão. Por alguns segundos, aqueles olhos se movem para os meus lábios, observando o suco cair da minha boca.

Ideias compulsivas, ameaçadoras e descuidadas circulam em minha mente. Sei que não deveria. Eu deveria deixá-la em paz. Ela é a única garota com quem não deveria foder, mas isso a torna muito mais atraente.

Sage é uma maçã envenenada. Bonita demais para seu próprio bem, mas poderia matá-lo com uma única mordida. Mesmo pensando nisso, ainda estou pronto para afundar meus dentes nela.

Nunca fui de pensar nas coisas. Eu ajo apenas por impulso, e agora, a única coisa em minha mente é mostrar a ela exatamente o que ela está perdendo.

— Mal posso esperar pelo dia em que virá em busca de problemas, princesa. Eu me divertirei muito com você.

O estalar de pele contra pele ecoa no espaço, minha bochecha queimando com o contato que ela fez. Eu ainda sinto a maneira como suas unhas se arrastam em mim. A dor permanece na minha pele, meu peito latejando por mais.

Eu rolo minha língua no interior da minha bochecha, sorrindo presunçosamente.

— Sobre a porra do meu cadáver, psicopata. — Ela diz.

Sim, eu gostarei tanto de ver o seu namorado queimar sob meus pés enquanto tiro a sua garota debaixo da porra do seu nariz.

QUATRO



PESADELOS

Gage

Eu costumava ficar tão irritada no ensino médio quando as pessoas faziam perguntas estúpidas sobre mim e Rose. Sim, somos gêmeas, mas não significa que eu possa ler a sua mente.

A constante *Onde está sua irmã gêmea?* Sempre referida como - as gêmeas - mesmo quando está sozinha.

Não foi até o ensino médio que nos tornamos nosso próprio povo, ela estava viajando em uma direção e eu fui para o topo da cadeia alimentar. Não éramos mais chamadas de “as gêmeas”. Apenas Rose e Sage

E houve momentos, como agora, quando a lua estava alta e a escuridão cobria meu quarto que sentia falta de estar ligada a ela. Sentia falta de estar perto dela em público, sempre sendo vista como a metade de um todo.

Como um relógio, os suaves gritos de tristeza de Rose me acordaram. Isso acontece quase todas as noites, e não fico surpresa ao ver que o brilho verde do meu relógio marca 3:34.

Deixo escapar um suspiro quando me sento, esticando meus braços, meu roteiro para *The Crucible* escorregando da minha cama enquanto me movo. Com trabalho de pés treinado, navego pelo meu quarto sem ter que acender a luz, abrindo minha porta e indo para o quarto ao lado do meu.

Certa vez, ouvi dizer que nossos quartos são reflexos diretos de quem somos por dentro e, se isso for verdade, minha irmã gêmea e eu somos tão diferentes quanto as pessoas pensam que somos.

O dela tem cartazes de bandas, vasos de plantas, muita roupa preta e um abajur que projeta estrelas no teto, enquanto o meu é rosa, organizado, com muita luz natural e um tapete felpudo branco no chão.

Partes de mim que mantenho trancadas não querem aceitar que nos afastamos tanto uma da outra.

A sua voz me lembra do meu motivo de ter vindo aqui em primeiro lugar.

Com facilidade, me movo para a sua cama, deslizando para o espaço ao seu lado. Os lençóis macios de algodão me envolvem, o cheiro de fumaça e colônia grudado na cama pelo moletom de Silas que ela está vestindo.

Usando as pontas dos dedos, aliso a carranca em seu rosto, relaxando os músculos de sua testa. Arrastando-os pelo nariz, acalmando-a, eu a deixo saber que qualquer que seja o monstro de que está fugindo em sua cabeça, ele não é real.

Ela se move com meu toque, a consciência prestes a assumir o controle.

— É só um sonho, Ro, está bem — sussurro, esperando que ela perceba que na verdade está presa em um pesadelo e que a qualquer momento pode sair daquele lugar.

O que ela faz depois de mais alguns minutos desenhando seu rosto com meu dedo. Finalmente permite que seus olhos se abram, levando um momento para se ajustar à realidade.

— Acordei... — Ela é pega em um bocejo. — ...você estava acordada?

Eu balanço minha cabeça. — Não, estava indo para o banheiro e ouvi você rolando — minto.

Agarrando a parte superior de seu edredom, ela o joga sobre nossas cabeças. Estamos envoltas na escuridão sob o seu cobertor, e sou levada para uma época em que éramos garotinhas e nos recusávamos a dormir em camas separadas. Quando eu não estava cansada e o mundo ainda cheio de possibilidades. E está, só não aqui, não nesta cidade. À noite, quando nossos pais dormiam, rastejávamos para debaixo dos cobertores e contávamos histórias ou sonhos uma para a outra.

Debaixo dessas mantas, posso tirar a máscara e voltar a ser aquela garotinha. Sem olhar por cima do ombro para ver quem está assistindo, sem insultos para rebaixar os outros, por isso permaneço no topo. Não tenho nada a temer agora.

— Sobre o que era o pesadelo?

— A mesma coisa de sempre. Corredores escuros, vozes estranhas.

Há momentos em que tenho tanta inveja de como Rose é gentil e aberta. Há outras vezes que me odeio por tentar separar isso porque estou com ciúmes.

Ciúmes de que sou a única a quem aconteceu coisas ruins.

Ciúmes por ainda ter a capacidade de cuidar dos outros. Para ver o bem neles.

Enquanto estou de molho em um barril de alcatrão preto que parece não me deixar ir.

— Sinto muito por ter sido má no outro dia e na lanchonete — sussurro, enfiando minhas mãos sob minha cabeça enquanto olho para ela. A luz de suas estrelas atravessa os espaços em seu cobertor, dando-nos luz mínima.

Rose sorri, e meu coração dói um pouco ao ver como ela é generosa e gentil. Com que facilidade perdoa. É minha maior preocupação com ela e Silas. E se um deles a machucasse? E se ele a machucar? E ela continuará deixando-o porque quando Rosemary ama alguém ou alguma coisa, ama tanto e não importa como a tratam.

Nossos pais são o exemplo perfeito.

— Está tudo bem, Sage — ela responde. — Eu sei que é porque sente que tem que ser má para sair deste lugar sem se machucar. Eu só... não sei por quê. Costumava ser tão feliz e livre, então um dia você simplesmente mudou. Por que não me conta o que aconteceu com você?

— Podemos não falar sobre mim? Não posso expressar a você o quanto não quero falar sobre mim agora.

— Sinto falta de falar de você. A velha você. Sabe, aquela que não se importava se era a rainha do baile ou o que o mundo pensava dela? Aquela que carregava roteiros esfarrapados e fingia ser Meryl Streep recebendo um Oscar. Lembra-se dela?

Eu me lembro dela, e um dia, serei aquela garota de novo. No dia em que eu deixar este lugar, voltarei ao que era antes e tudo voltará a ser como era. Ela simplesmente não entende que se eu estiver aqui, neste lixo tóxico que é uma cidade, isso me comerá viva. Serei completamente consumida pela fuligem, afogada no alcatrão preto da miséria que se infiltra pelas fendas daqui.

— Ela está morta, está bem? Por que não pode simplesmente deixar pra lá, Rose — digo com uma raiva desnecessária que nunca deveria ser dirigida a ela. Sempre foi para aqueles que me transformaram nisso.

Nesses momentos de hostilidade, me odeio mais por desejar que fosse ela quem tivesse passado pelo que eu passei. Que fosse eu a viver sem se importar com o mundo. Aquela que não estava cansada.

E esses pensamentos me mantêm acordada à noite. Faz-me odiar ainda mais. Porque eu nunca, nunca quero que minha irmã passe pelo que eu passei.

— Vamos falar sobre você, está bem? Como vai? Está bem? Parece que a sua peça finalmente está se encaixando.

Quando digo “encaixando”, quero dizer “não tenho ideia do que está tentando criar, mas te apoio de qualquer maneira”. Rosemary tem uma queda por esculturas feitas de cacos de vidro, de

qualquer tipo, mas metade do tempo não tenho ideia do que diabos elas deveriam ser.

— Eu... — ela começa. — Estou bem. As esculturas estão boas. Silas e eu estamos discutindo muito ultimamente.

Minhas sobrancelhas se erguem em alarme. — Por que? O que ele fez?

— Calma. Ele não fez nada de errado. — Ela expira. — Eu juro que apenas procura motivos para odiá-lo.

— Bem, ele não torna isso difícil de fazer.

— Estamos brigando porque não quero que ele vá para Hollow Heights. Quero que ele saia. Todos os rapazes vão para a Costa Leste, e quero isso para ele. Sabe que mamãe e papai terão um AVC antes de eu ir para a faculdade em qualquer outro lugar, mas não quero que ele fique aqui.

Eles farão mais do que um AVC quando descobrirem que não vou para aquele inferno, mesmo que não me deem dinheiro para a faculdade. Cheguei a um acordo que morarei em uma caixa antes de ir para lá.

— Longa distância não é uma opção? — Eu ofereço, embora queira dizer “Diga a ele para chutar a porra das pedras”. Sei que ela o ama e não quero vê-la magoada. Nunca. Mesmo quando sou eu quem está causando o dano.

— Ele não quer fazer isso quando sabe que poderíamos ficar juntos, mas tenho medo que me odeie quando formos mais velhos. E se nós terminarmos? Então ele ficou aqui sem motivo. — Mesmo na penumbra, posso ver as lágrimas escorrendo por seu rosto, e

sua voz está embargada. — Eu o amo, Sage. Amo-o tanto que fisicamente me tira o fôlego, e não posso permitir que ele me odeie.

Com facilidade, estendo a mão, enxugando suas lágrimas com o polegar. — Sem lágrimas para os rapazes. Somos bonitas demais para isso.

Ela ri melancolicamente. — Não é engraçado. Estou surpresa que não tenha me dito para deixá-lo.

Mordo meu lábio inferior. — Bem... — eu digo lentamente.

— Sage! — Ela repreende, rindo mais alto — sei que você acha difícil de acreditar, mas Silas me faz feliz.

Eu me abstenho de revirar os olhos. Ela dizia isso desde que se conheceram no ensino médio, sempre tentando me convencer de como ele era manso, de como podia ser doce. Tanto que foi fácil para ela ignorar todo o outro inferno que eles causaram.

— Não é sobre você ser feliz. É sobre estar segura.

— Tem certeza que não é sobre a minha reputação?

Estalo minha língua. — Sua reputação faz parte de estar segura. O que vai fazer quando Silas disser a coisa errada para alguém? O que fará quando Rook, aquele idiota, pressionar alguém longe demais?

Minha mente me envia imagens do rosto de Rook enquanto olhava diretamente para Easton com um olhar tão cheio de fúria que por um segundo tive medo que ele pegasse fogo. Seus olhos verdes se tornaram um incêndio florestal, os topos dos pinheiros impressionantes incendiados por chamas laranjas furiosas.

Nunca tinha visto nada parecido.

Rosemary sorri. — Acho que ele pode gostar de você.

Eu recuo, não esperando isso dela. — Estive a segundos de quebrar uma unha em seu olho. Desperdiçaria um conjunto de acrílicos com perfeita curadoria por um Hollow Boy. Estávamos brigando, Ro. Ou simplesmente não viu essa parte?

O rubor que aquece meu rosto me irrita.

Rook Van Doren não consegue me fazer corar. Assim como não consegue me deixar com raiva. Ele não consegue ver nada além do que mostro a ele.

Rook Van Doren *não* me afeta.

— Não há diferença para ele. Flertar, brigar. É tudo a mesma coisa para RVD.

Não deveria me importar, e não me importo.

Esta é apenas uma chance de reunir mais segredos, para descobrir mais sujeira sobre os rapazes que são um mistério para todos. As pessoas perfeitas para se ter vantagem.

— Fingirei que você não se referiu a ele apenas pelas iniciais. Então, o que isso significa? Este não é um jardim de infância onde os meninos são maus para nós se gostarem de nós.

Ela rola de costas com um suspiro. — É o que eu menos conheço. Sei que a mãe dele morreu e o seu relacionamento com o pai é péssimo, mas o que posso dizer, pelo que vi ao longo de todos esses anos, é que ele gosta de atear fogo nas coisas, e suas emoções são as mesmas. Rook Van Doren não dá atenção a coisas que considera chatas. Se ele te notar, se o interessar, você saberá.
— Ela olha para mim. — E eu diria que ele notou você.

— Sim, bem, ele pode apontar sua atenção para outro lugar. Não tenho vontade de entrar em contato com ele *nunca* mais.

Ficamos em um silêncio agradável, o conforto de estar uma ao lado da outra acalmando não só ela, mas também a mim. Debaixo desse cobertor, penso em como será minha vida daqui a alguns anos, depois de me formar este ano.

Só mais um ano letivo, Sage. Mantê-los juntos por mais um ano.

E será sua melhor performance até agora.

CINCO



O QUE O HOMEM SEMEAR, COLHERÁ.

Roof

O baile de boas-vindas.

Onde a cidade inteira sai e assiste os alunos do ensino médio dirigirem pelo centro da cidade em carros alegóricos excessivos. Equipes esportivas, atendentes de boas-vindas, empresas locais, clubes escolares, qualquer um e coisa envolvida com a escola senta-se neles e acena enquanto passam.

Eu me pergunto se eles sabem o quão estúpidos parecem do lado de fora.

Cada um na sua, mas não consigo achar graça em sentar na beira da estrada para ver os adolescentes acenarem e sorrirem. Diga apenas que atingiu o auge no ensino médio e fique em casa.

Tudo o que está fazendo é aumentar os egos já colossais de meus colegas e suas paixões por sua própria imagem.

A música explode através dos meus fones de ouvido, a música atual saltando violentamente na minha cabeça. Minha mão no

acelerador aperta, puxando um pouco mais para trás, estimulando minha moto para a frente com um ronco agudo do motor.

O vento levanta meu moletom preto, e o mundo lá fora está tingido de marrom claro por causa do visor preto fosco que é tecnicamente ilegal para usar na estrada, mas duvido que algum carro de polícia seja capaz de me perseguir nessa coisa.

Andar de moto é um espaço em branco. Mesmo quando estou chapado, ainda estou cheio de pensamentos e memórias, mas quando estou pilotando, tudo se foi. Sou uma folha completamente branca sem nada rabiscado em mim.

É a coisa mais próxima de voar sem ajuda que alguém jamais saberá.

O ponteiro do velocímetro marca mais de oitenta e cinco, subindo mais a cada segundo. É uma emoção saber que se me inclinar para o lado errado nem que seja um centímetro, me tornarei outro pedaço da calçada. Nada além de uma panqueca queimada na estrada.

Essa é a coisa sobre o medo. No fundo é só o medo de morrer, né? Não se tem medo da experiência real, apenas das consequências.

Por isso o medo não funciona para mim. Descobrimos cedo em nossas vidas que o medo não funciona com nenhum de nós. Não quando já está morto por dentro. Quando se está competindo com o *Grim Reaper* até o túmulo. Quando não poderia se importar menos se o mundo visse sua existência novamente.

Viciados em adrenalina em escala intensa.

Para mim, qualquer chance de me machucar ou me colocar em uma situação que aumente meus níveis de epinefrina, eu faria em um piscar de olhos. Há algo sobre essa euforia natural que me faz sentir elétrico. Isso me faz sentir como se meu corpo pegasse fogo, e amo essa sensação.

Meu corpo se inclina com uma curva, emergindo entre os altos pinheiros, indo para a cidade de Ponderosa Springs. É uma espécie de quadrado, e agora todos e sua mãe estão no lado leste deste pântano de merda.

O desfile dura até o anoitecer, o que significa que temos mais trinta minutos para fazer o que viemos fazer aqui e sair antes que alguém nos veja.

Como fantasmas, podem nos sentir no ar, mas nunca capaz de provar. Ou demônios que se escondem dentro do seu armário, só saindo quando queremos que nos veja.

Dirijo pela rua vazia em direção à prefeitura. Confetes, balões e bombons cobrem o asfalto, sinal claro de que esse lado foi percorrido.

Minha motocicleta para quando paro na frente do prédio. O que costumava ser uma igreja católica foi transformada na prefeitura. Estava aqui desde a fundação da cidade, adaptada para resistir ao teste do tempo. É onde meu pai trabalhava cinquenta por cento do tempo.

Aperto o botão de desligar, meu dedo do pé chutando o suporte, e lentamente saio da minha moto. Retiro meu capacete e o coloco no assento, pego um cigarro e me sento nos degraus de concreto abaixo da fonte em frente ao prédio.

Puxando meu telefone do bolso, vejo uma mensagem de Silas.

Passando na farmácia agora.

Isso foi há três minutos, por isso temos cerca de vinte minutos antes que toda a cidade volte para onde estou sentado. O desfile sempre começa e termina no mesmo local todos os anos.

No meio do caminho com meu dardo, vejo as luzes de um Range Rover novinho vindo em minha direção. Minha perna começa a balançar e meus dedos zumbem em antecipação.

Bem-vindo aos portões do inferno. O show está prestes a começar.

— Odeio o baile — diz Alistair, saltando do banco da frente de um carro que não pertence a ele. O maníaco por controle dentro dele não deixaria eu e Silas lidarmos com isso sozinhos.

Além disso, temos uma mentalidade de máfia. Machucou um. Machucou a todos nós.

Escarneço das palavras cafonas escritas nas janelas, coisas como “QB1”, “Estado!”, “#7Sinclair”.

Nunca entendi a obsessão que as pessoas têm com os esportes do ensino médio.

— O que não odeia? — Thatcher responde, deslizando para fora do banco do passageiro. Eu o conheço há muito tempo e sei que ele é mesquinho, faz piadas, toca piano e gosta de irritar as pessoas.

No entanto, há partes de Thatcher que nunca entendi. Partes dele que são mais sombrias do que as minhas. É quando ele fica quieto que o mundo precisa temê-lo.

O dia em que ele finalmente ceder a sua herança é o dia em que o mundo pagará pelo que o transformaram. Até eu fico arrepiado só de pensar nisso.

— Bater nas pessoas. — Alistair sorri, esbarrando nos ombros de Thatch conforme caminham em minha direção. Os dois foram encarregados de roubar o carro de Easton e me encontrar aqui, enquanto Silas está de olho no tráfego.

— Falso — eu começo, jogando meu cigarro no chão. — Você odeia o baile de boas-vindas da cidade. A nossa é sempre divertida.

— Tem cigarros?

Enfio a mão no bolso, jogando o maço para Alistair, sua jaqueta de couro se mexendo quando o pega. Minha parte nisso começa agora quando abro minha mochila preta, com tudo o que precisa para ser preso por uma acusação de incêndio criminoso, e tiro duas garrafas vazias de uísque, que tirei da lata de lixo em minha própria casa.

— Isqueiro?

Ergo meus olhos para meu amigo de cabeça escura, Alistair.

— Quer que eu fume para você também? — Brinco, jogando para ele meu Zippo. — Não roube essa porra. É o meu favorito.

Ele inspeciona a frente do isqueiro, arqueando uma sobrancelha, e acende seu cigarro antes de me jogá-lo de volta. —

Seu Zippo favorito de toda aquela enorme coleção é aquele com suas iniciais? Gosta um pouco de si mesmo, não é?

Reviro os olhos enquanto esguicho álcool isopropílico no interior das garrafas de uísque. — Diz aquele que gosta de deixar marcas de suas próprias iniciais no rosto das pessoas.

Compartilhamos uma risada enquanto trabalho minha mágica Piromaniaca, embebendo alguns trapos no álcool antes de enfiá-los no topo das garrafas, deixando alguns centímetros pendurados para fora.

— Olhe para ele, nosso pequeno nerd da química. — Thatcher acaricia meu cabelo, e me abstenho de dar uma surra nele.

— Isso não tem absolutamente merda nenhuma a ver com química. Pode-se literalmente pesquisar isso no Google. Crianças de quatro anos podem fazer isso.

— Bem, vamos acelerar esse processo. Eles estão voltando, e quero conseguir um bom lugar para observar o rosto de Easton quando aparecer.

Concordo com a cabeça, atendendo ao seu aviso e trabalhando rapidamente. Pego as duas garrafas, tiro meus fósforos, risco um e vejo a laranja estourar do palito. Meu sangue ferve quando toco a chama nos trapos pendurados no gargalo das garrafas. Enquanto os acendo, espero que toda vez que Sinclair olhar seu carro, lembre-se das palavras que cuspiu naquele restaurante.

Ele pensará duas vezes antes de me pressionar demais da próxima vez. Terá cuidado com o que diz quando se trata de Rose, quando se trata de meus amigos.

Isto é um aviso.

Estou consumindo o seu carro agora, mas da próxima vez, será ele que assistirei queimar.

Com movimentos ágeis, recuo e atiro uma garrafa de cada vez pelas janelas do Range Rover. Uma cai no banco de trás e a outra na frente. Não demorará muito para que a verdadeira ação comece.

Dois estalos altos como um chicote contra a pele molhada faíscam no ar enquanto as garrafas de vidro explodem dentro do carro, inundando o veículo em um inferno de retribuição.

— Que comece o show, rapazes.

Minha boca começa a salivar enquanto subo a colina com minha motocicleta, passando pela prefeitura, uma pequena colina onde não seremos vistos, mas tem uma visão perfeita da confusão que estamos prestes a causar.

Meu pé salta quando enfio a mão no bolso, pegando outro cigarro para fumar enquanto assistimos. Observo à medida que a cidade inteira avança em frente ao carro incendiado de seu quarterback estrela.

O veículo inteiro está completamente coberto de fumaça, coberto de trás para frente.

Arrepios percorrem minha espinha enquanto observo as chamas dançarem, rodopiarem e girarem com fascínio, vendo cada pecado que cometi dentro delas. As brasas que flutuam ao ar livre me lembram os pedacinhos que restam da minha alma.

Houve momentos, quando era jovem, que ouvia caminhões de bombeiros passando pela minha casa e tentava desesperadamente

persegui-los, correndo atrás de suas sirenes para poder ver o que tentavam apagar.

Só consegui chegar a três, mas todas as vezes, sentia ciúmes por não ter sido o criador daquele incêndio. Às vezes estava além do meu controle.

Uma doença. Uma, que correu em minhas veias e girou em torno de cada cordão do meu DNA. Isso me infectou por inteiro. Uma doença que me recusei a curar.

Meu coração bate forte em meu peito, minhas palmas suadas enquanto sorrio de nosso lugar na colina, olhando para seus rostos horrorizados. Easton está perdendo a cabeça conforme as pessoas tentam desesperadamente apagar o fogo.

É o caos total.

Pais reunindo seus filhos.

Alunos gritando.

O time de futebol usando suas jaquetas para golpear o mar de chamas.

E depois há ela.

Muito veneno em seu uniforme apertado de líder de torcida que a envolve como uma segunda pele. Um top de manga longa que aperta seus seios empinados e deixa seu piercing de diamantes no umbigo brilhando no que resta do pôr do sol. O verde floresta de sua roupa é o completo oposto de seu cabelo ruivo encaracolado, apenas fazendo com que ela se destaque mais.

Afundo meus dentes em meu lábio inferior, morrendo de vontade de saber o que há por baixo dessa saia.

Por natureza, ela é feita perfeitamente. Concebida para enganar.

Você é ensinado a evitar coisas bonitas na natureza. Rãs de cores requintadas com padrões de neon, águas-vivas impressionantes que brilham com sua bioluminescência, lagartas exóticas que parecem amigáveis o suficiente para serem acariciadas – tudo isso concebido para chamar a atenção e afastar o perigo.

Outras criaturas sabem evitar as coisas bonitas do mundo. Os humanos sentem a necessidade de ignorar esses avisos, sentem a necessidade de tocar mesmo quando não deveria.

Deixe as coisas bonitas em paz, eles dizem.

Dizem a mesma coisa sobre o fogo.

E, bem, vemos como dei ouvidos a essas histórias de cautela.

SEIS



DE PERTO E PESSOALMENTE

Gage

— Malditos rejeitados mentalmente perturbados!

Meu namorado eleito grita enquanto chuta o pneu de seu Range Rover queimado. Eu odiava aquele carro para começar, por isso, isto quase parece uma melhoria.

Nosso desfile de boas-vindas oficialmente virou fumaça.

Trocadilho intencional.

Loucura e confusão tomam a multidão indisciplinada que se reuniu para assistir seus alunos do ensino médio comemorarem antes do nosso jogo de futebol rival amanhã. As crianças gritam pelos pais, os alunos fogem o mais rápido possível.

Claro, é apenas um carro em chamas, mas todo mundo sabe quem é o responsável, e ninguém, nem uma única alma, quer esperar para ver se há mais em estoque.

Minhas amigas, ou a falta delas, me abandonaram assim que o perigo foi detectado, e considerando que peguei carona com o alvo de sua raiva, preciso encontrar uma carona para casa.

Mesmo quando as pessoas passam por mim e os espectadores sussurram, sou pega em um torpor momentâneo observando a chama laranja ultrapassar o veículo, sabendo no fundo do meu estômago cada intenção cruel que foi feita quando atearam o fogo.

Isto é um aviso. Uma mensagem.

Um que não deve ser tomado de ânimo leve.

— Cuidado com a linguagem em público, filho.

A voz de Stephen Sinclair significa negócios como sempre. É preciso, sendo o reitor de uma universidade de renome mundial, conhecida por criar alguns dos adultos mais bem-sucedidos do mundo. Não há muito que ele perca ou deixe seu filho escapar.

Namorar Easton fez contribuiu imensamente para minha reputação, mas a mesma energia não é recíproca quando se trata de qualquer coisa fora da imagem pública.

Ele se encolhe em situações em que deveria se manter firme. Sempre desaparecendo no borrão da normalidade. Nada do que fez me excitou.

Acendeu-me.

Sim, ele é ofuscante de se olhar, mas nunca fez meu coração pular ou vibrar entre minhas coxas. O que significa que terminar com ele após a formatura será fácil.

Até lá, continuarei deixando que me carregue como um Pomerânia¹³ enfiado dentro de uma bolsa Prada.

¹³-Raça de cachorro, Spitz alemão anão ou lulu da Pomerânia.

— Pai, mas meu fu... — Easton começa, mas para sua frase quando os olhos de Stephen passam por ele. Um olhar que diz *que se disser outro palavrão, você se arrependerá*.

As pessoas permanecem, observando de uma distância segura, mas perto o suficiente para ouvir qualquer forma de drama que possam colher. Seu pai sabe disso; está sempre atento a olhos curiosos e ouvidos abertos.

— Meu carro está destruído, e não aja como se não soubesse quem fez isso! Não deixarei o pai seu tirá-lo dessa. — Ele diz. O menino legal que usa gravata em dias de jogo se foi.

Há um momento de silêncio, que paira como um pêndulo no ar, balançando para frente e para trás, aproximando-se da garganta de Easton.

De forma prática, Stephen encosta o telefone ao ouvido com um sorriso forçado, enquanto a outra mão limpa a jaqueta do filho antes de descansar os dedos ali.

— Deixe que me preocupe com o carro e com o responsável. E não se atreva a pensar em retaliar, entendeu? — Ele avisa com um tom severo, segurando o ombro de Easton com um aperto mais profundo.

Então, como um interruptor, seu sorriso é genuíno quando se vira para o restante da multidão.

— Além disso, temos um jogo de futebol para vencer amanhã à noite, não é mesmo? — Grita.

As pessoas batem palmas e comemoram, o fogo completamente apagado e esquecido. Este lugar é muito bom em encobrir merdas com falsa felicidade.

Meu namorado é ultrapassado por seu time de futebol, todos o pegando nos ombros como um cordeiro sacrificial, aumentando seu ego e reacendendo seu já enorme complexo de Deus.

O sol quase se pôs completamente e meu uniforme começa a coçar. Há um pote de sorvete Cherry Garcia e uma reprise de *Sixteen Candles*¹⁴ chamando meu nome.

Tiro meu telefone da minha bolsa, sabendo que Rose não vai dirigir até aqui, e minha mãe está recebendo um tratamento de spa, então resta meu pai.

— Ei, o que está fazendo? — Easton se aproxima de mim com um sorriso, ainda rindo de seus amigos enquanto o empurram em minha direção.

— Bem, considerando que seu carro se parece com as tentativas de cozinhar de minha mãe, preciso de uma carona. Enviei uma mensagem para meu pai me buscar. — Eu balanço meu telefone para ele, sorrindo por um curto minuto.

— Importa-se em cortar a atitude? — Ele diz. — Achei que as namoradas deveriam confortar seus namorados depois de eventos trágicos, não agir como crianças mimadas. Achei que tinha me dito que viria para a festa?

¹⁴No Brasil, Gatinhas e Gatões.

— Seu Range Rover foi incendiado, não é como se seu cachorro tivesse morrido — respondo com um tom arrogante. Se ele quer uma atitude, é isso que lhe darei. — Não, Easton, eu disse que não iria. Tenho dever de casa e estou exausta.

— Baby, vamos lá — choraminga enquanto agarra minha cintura e me puxa para seu corpo. — Será divertido. É nossa última festa de boas-vindas antes da faculdade e vai desistir? — Ele arrasta o nariz para cima e para baixo ao lado do meu pescoço.

— São divertidas para você — digo, colocando minha mão em seu peito e empurrando-o um pouco para trás. — Sempre acabo me certificando de que vá ao banheiro antes de vomitar e te levando para casa. Só não estou interessada esta noite. Eu te envio uma mensagem mais tarde?

Seu aperto aumenta como uma píton pronta para comer sua presa, seus olhos azuis ficando alguns tons escuros demais.

Esta é a verdade deste lugar. Todos usam máscaras. Alguns são apenas mais visíveis do que outros.

Odeio isso nele mais do que tudo. É o mais difícil de suportar.

Não é que o sexo dure três minutos ou que ele sempre fale de si mesmo. É quando seu pai briga com ele, que se torna a pior versão de si mesmo. O homem que seu pai o transformou.

Pelo que sei, Stephen nunca bate nele, mas consegue controlá-lo com as palavras mais simples. Ele faz seu filho se sentir fraco e inferior a ele.

Então, porque Easton se recusa a enfrentar seu pai, desconta nas pessoas ao seu redor quando não consegue o que quer - e sou eu quem carrega o peso disso na maior parte do tempo.

— Não interessada? — Ele repete, baixando a voz para que os outros não possam ouvir. — Deixe-me esclarecer uma coisa para você, Sage. Sou o *quarterback* do time de futebol, o futuro de Ponderosa Springs. A estrela dos olhos de todos nesta cidade e, em uma fração de segundo, poderia destruir essa reputação de *cupcake* a que se apegava com tanta força. Se eu quiser que minha namorada seja vista comigo em uma festa, ela irá.

Meus molares rangem enquanto ele continua abrindo a boca.

— Portanto, por que não faz o que faz de melhor... pendura-se no meu braço, sorri e fica bonita, certo?

Essas palavras desencadeiam algo profundo dentro de mim - eventos que tranquei muito, muito, muito longe - trazendo-os à superfície.

Sente-se, sorria e fique bonita, Sage, ouço no fundo da minha mente, sussurrando ao longo da minha clavícula e se agitando sob a minha pele como vermes. Estou infestada de momentos assombrados, milhares de pequenos flashes de câmera dentro da minha cabeça para retratar todos aqueles dias e noites miseráveis.

Olho em volta para os olhos, os observadores, sabendo que não posso fazer nada excessivo. Se o fizesse, não tenho dúvidas de que em duas horas todos saberiam, e seria algo dramático.

Últimas notícias!

As estrelas Easton Sinclair e Miss Ponderosa Springs terminaram!

Portanto, para evitar mais danos de incêndio hoje, faço o que faço de melhor.

Atuo.

Um sorriso, doce como mel, se abre em meu rosto. Inclino meu corpo para mais perto dele, seu cheiro quimicamente flutuando sobre mim, e com dedos gentis, corro minha mão até seu peito, descansando-a lá.

Minha respiração está quente em seu pescoço enquanto passo meus lábios perto de sua orelha, usando meus tênis para me ajudar a ficar na ponta dos pés. É um abraço caloroso, que parece cheio de amor jovem e borboletas. Tenho quase certeza de que ouvi um casal passar murmurando sobre como somos preciosos juntos.

— Se não tirar suas mãos de cima de mim nos próximos três segundos, Easton Sinclair, vou te mostrar como é *arruinar realmente a vida de alguém*. Não subestime o dano que posso causar com este lindo sorriso.

Contrastando nossa aparência externa com um extremo vicioso, minha voz é mortal. Fria. Impiedosa.

Sem qualquer emoção além do ressentimento.

Meu sorriso aumenta quando seus braços se retraem, caindo ao lado do corpo enquanto atende ao meu aviso.

O que eu acho que é a coisa mais inteligente que ele fez esta noite toda.

— Sage, me desculpe — ele respira, não porque quis dizer isso, mas porque sabe que não estou blefando. Nem um pouco.

Aproximando meu rosto do dele, dou um beijo em sua bochecha rapidamente, casto e direto ao ponto. O ponto final desta conversa.

Embora meu pai ainda não tenha respondido à minha mensagem, ainda me afasto. — Eu te envio uma mensagem depois, baby!

Preciso sair daqui. Longe dele. Longe das presunções.

Apesar de minha casa estar a vários quilômetros da *Main Street*, estou ansiosa pela caminhada.

O ar fresco, o silêncio, a solidão.

Abrindo caminho pela cidade, aceno para aqueles que fazem contato visual e vejo o que resta da celebração, as decorações caídas e o lixo que desaparecerá pela manhã.

Em tempos como estes, se pegar a Main Street na hora certa, quase parece um local abandonado após uma guerra apocalíptica.

Vazia. Isolada. Esquecida.

Décadas atrás, esta cidade deixou de ser um lar, tornando-se cada vez menos, até se tornar o que é agora.

Um fantasma. Solitária e com o coração partido.

Um fantasma de tudo o que poderia ter sido e o que nunca foi.

O pior é que isso não nos assombra como a maioria das pessoas argumentaria. Não se esconde no escuro embaixo da sua cama nem desenha mensagens no seu espelho embaçado.

Está presente, está vivo, porque nos recusamos a abandoná-lo. Siga em frente. Esqueça.

Meus ouvidos zumbem com o som de um cortador de grama, ou o que soa como um. O zumbido fica cada vez mais alto antes que minha curiosidade me faça virar bem a tempo de ver a moto cinza passar por mim, o motociclista virando a cabeça da estrada com abandono imprudente para olhar para mim enquanto estou no acostamento.

Seu capacete fosco me impede de ver seus olhos, mas sei de quem é o rosto por baixo.

Eu me abstenho de mostrar a ele o dedo do meio bem a tempo de suas luzes de freio brilharem em vermelho escuro.

Nunca me conformei verdadeiramente com nenhuma religião organizada, embora assista à missa dominical todas as semanas, mas neste exato momento, estaria disposta a me converter a praticamente qualquer coisa se isso significasse que Rook Van Doren continuaria dirigindo.

Infelizmente, qualquer que seja o deus ou deuses entre nós, não fez uma via expressa para misericórdia ou graça.

— Ouvi falar do carro do seu namorado — ele diz com arrogância enquanto tira o capacete da cabeça, mechas de cabelo castanho liso caindo na frente de seu rosto, — Uma pena, realmente. Ninguém deve mexer com o carro de um homem.

O sorriso que aparece em seu rosto me deixa doente de raiva irritante. Aborrecimento, como uma mosca que fica pairando sobre seu piquenique bem planejado.

Tento não olhar para a maneira como suas coxas se flexionam enquanto monta a moto, como parecem grandes e fortes segurando

a máquina. É uma falha minha ceder à tentação, mas sou apenas humana, e é difícil, considerando que mesmo quando está usando aquele moletom grosso, dá para ver que ele é forte por baixo.

— Ouviu falar? — Cruzo meus braços na frente do meu peito
— Oh, por favor, dá um tempo.

Se ele pensa que fará de conta como se não estivesse por trás, tem outro pensamento vindo. Sou soberana em ver além das besteiras das pessoas.

— Deve ter irritado alguém, ao que parece. Não é difícil de entender quando se pensa sobre - ele tem uma boca bem grande. Provavelmente falou com a pessoa errada desta vez.

— Corta essa merda, Van Doren. Nós dois sabemos que foi você e seus amigos loucos. Não há necessidade de mentir sobre isso.

Seu fósforo se move em seus lábios, mudando com seu sorriso.
— Não tenho certeza do que está falando. Eu nem sabia que o desfile de boas-vindas era hoje.

Eu mordo o interior da minha bochecha, jogando meus cachos grossos sobre meu ombro enquanto me aproximo de sua forma parada.

— Isso te tira do sério? É por isso que todos vocês fazem isso?
— Incito, querendo ver o quão longe posso inclinar a balança de seu temperamento. Ver o que é preciso para entrar no lado ruim de um dos infames Hollow Boys.

— Li em algum lugar que causar danos é a única maneira de os psicopatas escaparem. Vocês voltam para suas mansões

assustadoras e se masturbam pensando em todas as merdas esquizoides que fazem?

Há uma contração. É leve, e mal consigo pegá-la, mas sua mão estremece um pouco enquanto falo. E também em seu maxilar quadrado, bem perto de sua maçã do rosto - aperta antes de soltá-lo, o que significa que marquei um buraco em um.

Vou de uma garota que ele não gosta para uma garota que *realmente* não gosta.

Meus olhos seguem sua língua enquanto passa na frente de seus dentes, sua perna balançando sobre a moto para que ele fique de pé em toda a sua altura.

— Cuidado, princesa. — Ele levanta o capacete, apontando em minha direção e baixando-o antes de se aproximar. — Seus amigos e namorado não estão por perto para defendê-la. Está sozinha, depois de escurecer, perto da floresta. Não é um lugar ideal para alguém como você.

A maneira como seus olhos semicerrados se concentram em mim, observando cada movimento meu, a sujeira rangendo sob seus sapatos - se eu tentasse correr, ele me pegaria antes mesmo que me virasse.

E eu não sou uma corredora. Não dele. Não de ninguém.

— Não preciso de ninguém para me proteger. Eu mesma posso lidar com você.

— Sim? — Ele inclina a cabeça para a direita condescendente. — Acha que uma boa menina como você pode lidar comigo? — Seus olhos descem os níveis do meu corpo com cada palavra. —

Suspeito que nunca machucou uma mosca, nunca escapou ou fez algo que não foi planejado para você. Como espera se defender de alguém tão louco quanto eu?

Engulo visivelmente quando ele para de andar. Outro passo e nossos joelhos bateriam juntos. Recuso-me a recuar mesmo quando ele levanta a mão, um dedo. A sensação áspera de sua pele em mim enquanto arrasta a ponta ao longo do meu queixo me faz afastar dele. — Não me toque.

Não me surpreende que ele não me escuta, continuando a falar sobre mim. — Quero dizer, você é profissional, correto? Leu sobre isso, sobre mim? — Ele me provoca, suas palavras me cortando, tentando me enterrar, mas seu toque parece brasa. — Diga-me, o que dizem sobre piromaníacos sádicos com temperamento ruim que as pessoas chamam de diabo? Seus livros dizem o que farei com você, do que gosto?

Seu dedo traça um caminho da minha mandíbula até a coluna do meu pescoço, as pontas de sua mão traçando as veias e os músculos que compõem minha garganta. Para logo acima da minha clavícula, seu polegar roçando meu pulso. Posso sentir o cheiro dele, mistura de todas as coisas explosivas, e está me queimando de dentro para fora.

Isto é o mais próximo que estive de um deles.

Há uma razão pela qual nos avisam para manter distância.

Porque uma vez que está ao alcance deles, não está mais no controle de nada.

Mente corpo alma. Eles são seus donos.

— Está me ameaçando agora? — Estou orgulhosa de como minha voz soa firme, considerando que minha respiração sai em exalações trêmulas, minha língua tocando meu lábio superior enquanto mantenho contato visual direto. Isso geralmente intimida as pessoas o suficiente para fazê-las recuar, mas não ele. Ele corresponde à minha energia, recusando-se a deixá-la ir.

Tirando o fósforo da boca, toca meu lábio inferior com a ponta vermelha antes de acender a chama entre o polegar e o indicador. Queima alto, piscando bem na minha frente, tão perto que posso sentir o seu calor.

Seu rosto pisca no escuro, usando o brilho laranja com orgulho.

— Não. — É nesse momento que compreendo a gravidade desta situação, do que está acontecendo, que a mão de Rook aperta em minha garganta, os dedos se entrelaçando ao meu redor como videiras a volta da base de uma árvore.

E não é um aperto bizarro onde pressiona as laterais do pescoço para induzir o prazer. Não, é doloroso, apertando minha traqueia. A sua mão tem um objetivo, e não é me deixar ardente, é matar.

Se qualquer outro homem no mundo estivesse me tocando assim, eu estaria pronta para matá-lo. No entanto, seu aperto parece diferente de tudo que já experimentei antes. Algo sobre esse sentimento, como se ele estivesse derretendo qualquer vestígio de alguém antes dele; cria um sentimento inteiramente novo dentro de mim enquanto ele me segura aqui.

Ele aponta o fósforo para o meu rosto, os olhos infernais brilhando com hostilidade. — Mas se continuar falando sobre coisas que não sabe merda nenhuma, eu vou.

Minha boca seca enquanto tento empurrar meu rosto para longe de seu aperto, apenas para ele apertar mais forte. Meu suprimento de ar fica cada vez mais fino à medida que os segundos passam.

Ele não vai realmente me queimar, vai?

— E posso prometer a você, princesa, não há como lidar comigo sem se queimar.

Um sorriso se espalha em seu rosto quando ele me solta, dando um passo para trás. Sem medo, mostra a língua, pressionando o graveto ainda em chamas. O som crepitante corta minha névoa.

Estou traumatizada e impressionada com a forma como nem sequer se mexe. Como se fosse uma ocasião cotidiana para ele apagar um fósforo com a boca.

É então que percebo o carro vindo em nossa direção, aquele que ele deve ter ouvido que o impediu de continuar o que antes era agressão a caminho do homicídio.

— Sabe onde me encontrar quando perceber o quão entediada está em sua casa de vidro, Sage — ele diz com uma risada em seu tom, montando em sua motocicleta mais uma vez.

— Foda-se, idiota — consigo resmungar sobre o rugido de sua moto ligada.

Não há mais nenhuma palavra murmurada depois, apenas suas costas para mim enquanto ele volta para a estrada,

disparando no escuro, e tenho que me perguntar se eu tive uma alucinação com o que acabou de acontecer.

Levando meus próprios dedos à minha garganta, pressiono os lugares que ele acabou de tocar, ainda sentindo sua presença na minha pele.

Estava com medo? Talvez.

No entanto, era mais do que medo. Parecia liberdade.

O espaço entre quem se espera que eu seja e quem quero ser, e ele me empurrou para aquele lugar. Em algum lugar onde não sabia o que viria a seguir, algo que não podia controlar, em algum lugar onde poderia me libertar de carregar o peso do que as pessoas pensavam de mim.

Uma fuga da mente.

Meu corpo formiga da ponta da cabeça até a sola dos pés.

Sinto-o em todos os lugares.

E, assim como o fogo, perdura muito depois de estar fora de vista.

SETE



JARDIM DO EDEN

Roof

Passou um mês inteiro antes que meu caminho cruzasse novamente com Sage Donahue.

A semente da curiosidade foi plantada em seu cérebro, e eu sabia que, quando chegasse a hora certa, ela cederia e viria correndo para encontrar a emoção que faltava em sua vida.

Por baixo daquele exterior, sei que há uma garota morrendo de vontade de escapar. Podia ver isso na maneira como ela trata a Rose, na maneira como fica verde de inveja. Ela quer a liberdade que sua irmã tem, mas por algum motivo tem muito medo de persegui-la.

Estou caminhando para a aula, meu lábio latejando com o novo corte que recebeu antes mesmo de tocar em minha aveia, quando ouço uma voz ricocheteando nos armários.

Os corredores estão vazios, os alunos em suas carteiras para as aulas, deixando-me sozinho com a voz.

Normalmente, continuaria andando, iria para a aula e acabaria com o olhar fixo. Continuar meu dia como se nunca tivesse acontecido, mas algo sobre o tom suave, mas firme, faz meus ouvidos vibrarem com a familiaridade.

Eu a sigo até o final do corredor. Minha mão pressiona a porta do auditório com cuidado. Esses velhos filhos da puta rangem quando se respira neles.

Várias fileiras de assentos vazios de tecido vermelho enchem o teatro. Todas as luzes que normalmente iluminam o palco estão apagadas, exceto por um único feixe.

Brilha da varanda para o palco de madeira escura, permitindo que nada além do que atinge a luz seja visto em qualquer direção.

Existe apenas ela. Está sozinha, só ela e a luz, usando essa saia escolar xadrez que faz suas pernas parecerem viajar por quilômetros.

Silenciosamente, deslizo para um dos assentos na parte de trás, inclinando-me para trás e arrancando meu cigarro recém-enrolado de trás da minha orelha. Uso meu fósforo para acendê-lo, certificando-me de que meus movimentos não perturbem a pequena atriz.

— *Gah*, quase esqueci o quão forte é, John Proctor! — Ela diz com confiança, seus olhos arregalados e meio sonhadores, como uma mulher apaixonada.

Chamá-la de boa atriz seria um eufemismo, porque pensei que era impossível para Sage Donahue parecer tão apaixonada.

Ela faz uma pausa para sua coestrela imaginária dizer a sua fala antes que seu corpo mude e ela continue.

— Oh, ela só ficou boba de alguma forma — ela ri — literalmente risadinhas.

Fumaça sai dos meus lábios enquanto a observo se mover pelo palco. Dourada, como se ela fosse um cisne nascido na água.

Graciosa, confortável, pertencente.

Quase me faz esquecer o que ela disse da última vez que conversamos ou o quão perto eu estava de lhe mostrar como é realmente me irritar.

— Oh, chique. — Ela acena com a mão, aproximando-se do homem com quem imagino que esteja falando. A maldade em sua linguagem corporal me faz sorrir. — Estávamos dançando na floresta ontem à noite, e meu tio saltou sobre nós. Ela levou um susto, só isso.

Ela murmura as próximas frases, tanto dela quanto de seu parceiro, andando de um lado para o outro sob os holofotes como se algo estivesse crescendo dentro dela.

Não sou de me interessar por coisas que não me excitam, mas algo sobre o quão real ela parece lá em cima está fodendo comigo.

— Ela está manchando meu nome na aldeia! — Ela diz as palavras como se tivesse jurado. — Está contando mentiras sobre mim! Ela é uma mulher fria e chorosa, e você... — Suas sobrancelhas se franzem, a tristeza subindo por sua garganta. — Você se curva a ela!

Odeio teatro, e acho que estive dentro deste talvez duas vezes, mas não haveria muito que me moveria deste assento.

Ela balança a cabeça agressivamente, como se seu parceiro tivesse dito algo que não suportasse ouvir. Eu me inclino para frente em meu assento, semicerrando os olhos enquanto vejo as lágrimas que brilham em seu rosto pálido.

— Procuro John Proctor que me tirou do sono e colocou conhecimento no coração! Nunca soube o que era o fingimento de Salem, nunca soube as lições mentirosas que aprendi com todas essas mulheres cristãs e seus homens da aliança! — Ela diz, sua voz fervendo de emoção, como uma mulher traída em dor.

— Você me amou, John Proctor. — Ela se aproxima da frente do palco, os olhos implorando, mesmo sem dizer as palavras. — E seja qual for o pecado, ainda me ama!

Inspiro, a fumaça tentando me fazer tossir, mas a seguro, descansando o baseado em meus lábios enquanto levanto minhas mãos.

— Bravo! — Grito, batendo palmas lentamente, ecoando na sala que está cheia de silêncio. — Que desempenho.

Ela congela, flagrada no ato de ser algo diferente de abelha rainha pela única pessoa em quem não pode mandar.

Eu me empurro para fora do assento, caminhando pelo corredor em direção à frente do palco com passos pesados.

— O que é que foi isso? — Espalmo minhas mãos no palco, erguendo-me de forma a ficar nas sombras enquanto ela continua a me olhar boquiaberta sob a ribalta. — *Romeu e Julieta?*

Leva um momento para ela perceber o que está acontecendo. A garota vulnerável que parecia se divertindo neste palco se retira e surge sua protetora. Todos nos tornamos algo assustador para proteger nosso verdadeiro eu e aqueles que amamos.

Vejo a sua máscara. E estou cansado de ela mantendo quando está perto de mim.

Quero ver a dor feia por baixo. As cicatrizes secretas que ela cobre, os monstros comendo sua carne. Esses são reais e a vida é muito curta para focar no falso.

— O que está fazendo aqui, Rook? — Ela diz, dobrando as páginas do livro em sua mão até que estejam fechadas, acenando para varrer a fumaça para longe dela. — Não pode fumar aqui! É um maldito risco de incêndio.

— Sejam os honestos, Sage. Eu sou um perigo de incêndio — brinco, mas não sai do jeito que eu quero.

Plateia resistente.

— Vamos fingir que não me viu aqui — ela murmura, colocando uma mecha de cabelo atrás da orelha e se movendo para sair.

— Ah, ah, ah — começo. — Não tão rápido. O que estava fazendo? — Meu corpo bloqueia o dela nos degraus, impedindo-a de sair.

— Realizando uma cirurgia de coração aberto — ela fala inexpressivamente. — O que parece, idiota.

Estalo minha língua, inspirando mais uma vez a erva antes de colocar a cereja no meu jeans. — Não teria tomado você por uma nerd de teatro.

— Não me chame assim — ela sussurra, apontando suas unhas vermelho-escuras para mim. — Se você contar a alguém o que viu, vai se arrepender, Pyro¹⁵.

A testosterona me enche. O desafio que ela está apresentando é quase demais para lidar. Está me ameaçando? Pensando que pode fazer comigo o que ela faz com todo mundo? Cortar-me com palavras ameaçadoras?

Aparentemente, ela não descobriu com quem está lidando aqui.

— Sim? O que vai fazer sobre isso, TG?

TG. Gosto disso. *Geek* do Teatro. Parece um pequeno segredo em cima de um segredo que eu poderia balançar acima de sua cabeça.

Ela faz uma pausa, tentando pensar no que poderia dizer para assustar alguém como eu e fazê-la calar. Gosto de vê-la lutando por algo, qualquer coisa para usar contra mim nesta situação.

— Esse é o problema. Não tem nada contra mim. Não tem rumores, segredos, nada para contar sobre mim. E esse é o seu único poder neste lugar. Sem isso, você não tem absolutamente nada.

Tudo isso é verdade. Como assusta o cara sem medo?

Tirei sua única moeda de troca. É assim que ela mantém as pessoas à distância, porque tem poder sobre elas. Ninguém sabe nada sobre Sage, exceto o que ela quer que saibam.

¹⁵-Piromaníaco.

Agora, ela está presa na minha teia.

— Rook, escute...

— Oh, é Rook agora? O que aconteceu com Pyro?

A frustração a abala, mas por baixo disso está o medo.

Sua pele vermelha cheia de ansiedade torna suas sardas cor de canela ainda mais escuras. Segurei um fósforo quente em seu pescoço no mês passado. Com seu pescoço frágil em minhas mãos, poderia tê-la matado, mas ela nem sequer piscou. Não era medo naquele dia, era emoção.

São duas emoções diferentes, e pode sentir a diferença. Está na maneira como seu coração batia contra a palma da minha mão e seus olhos ficaram arregalados.

Conheço o medo, e a expiração.

Agora, porém, está com medo, com medo de que eu conte às pessoas sobre ela no teatro. Algo que até agora eu não sabia que era privado.

— Pare de ser um idiota. Acha que gosto de pedir favores? — Ela diz, pressionando os dedos nos olhos antes de suspirar. — Apenas — suspira — só por favor, não conte a ninguém, está bem? Não é algo que todos saibam.

Faço uma pausa, inclinando a cabeça, esperando para ver se devo pressioná-la mais ou deixá-la ficar com isso.

Seus olhos fazem aquela coisa que fizeram no palco antes, onde se suavizam e a cor azul não é tão forte, mas ainda queimam como chamas de gás. O truque é descobrir se tudo isso é um show ou se ela está sendo honesta.

De qualquer forma, não vou embora até conseguir algum tipo de vantagem sobre ela.

— Manterei minha boca fechada, sob uma condição. — Ofereço, me aproximando dela. O cheiro do seu perfume misturado com a minha maconha cria esse tipo de aroma de sonho febril que faz minha euforia ficar mais intensa.

Ela toca a língua no lábio superior. — O que é?

Eu me curvo até a sua altura, meu rosto nivelado com o dela, nossos olhos criando uma linha direta. — Diga-me a verdade. Por que se importa?

— Sobre o quê? — Ela está protelando, tentando evitar a pergunta.

— Não se faça de boba, Sage. Não fica bem em uma garota como você. Por que se importa se as pessoas descobrem sobre o seu hobby? Não é algo que seria desaprovado ou mancharia sua imagem, então por que se importa?

Meus olhos se movem para seu corpo, vendo seus punhos cerrados com tanta força que suas mãos são fantasmagóricas. Mesmo assim, se mantém firme, sem tirar os olhos dos meus. Como se estivesse tão confiante que eu não veria através dela, dentro dela.

— Porque quando se dá às pessoas aqui partes genuínas de quem somos, elas as misturam e bebem com o café da manhã. Acabarão com todas as esperanças que já teve. Quando Ponderosa Springs descobre seus segredos, o mantém cativo para sempre. Não há como escapar, e eu não deixarei isso acontecer.

Estaria mentindo se dissesse que a sua resposta não me chocou.

Faz-me pensar se Sage já viu os caminhos perversos desta cidade de perto e pessoalmente, se a queridinha que todos conhecem está abrigando algo desastroso e tortuoso dentro das paredes de sua mente.

— O que aconteceu com você? — Pergunto acidentalmente, querendo dizer isso na minha cabeça.

— O suficiente para saber melhor.

Um sino toca abruptamente, o som dos alunos enchendo os corredores, e toda a autenticidade desaparece. Ela pega sua bolsa no palco, passando por mim e descendo os degraus.

Faz sentido agora, como ela me atacou quando a ameacei na beira da estrada. Como ela era tão destemida.

Existem apenas duas pessoas que podem olhar o poço do inferno nos olhos e não vacilar.

As que estão no Inferno e as que já saíram.

OITO



QUANDO O DIQUE REBENTA

Gage

Sabia que algo estava errado no momento em que entrei na casa dos Sinclair. Na verdade, acho que descobri quando meus pais me disseram que jantaríamos lá.

Fomos convidados para festas de fim de ano todos os anos, eventos de aniversário e até mesmo para um dos *brunches* da campanha de meu pai no quintal deles, mas nunca apenas jantar.

Easton está sentado à minha esquerda, seu pai na cabeceira da mesa. A sua mãe sentada em frente ao filho e meus pais ao lado dela. Não há nada além do barulho silencioso de talheres batendo nos pratos enquanto todos comem no que é um silêncio pacífico para eles.

Sinto a mão de Easton deslizar para minha coxa, descansando lá, me dando um aperto suave enquanto se recosta na cadeira de madeira.

— Então, Sage, recebeu outra indicação ao baile este ano? O que é isso, quatro anos consecutivos agora? — Stephen me

pergunta diretamente, minha espinha enrijece quando ele usa meu nome. Sempre que fala, é com tom de disciplina, mesmo quando está tagarelando.

Aceno educadamente. — Sim, senhor. Todos os quatro anos do ensino médio.

— Ela está sendo modesta, pai. Já é uma vitória para ela. Sage ganhou a eleição do baile todos os anos. Como se eles fossem escolher qualquer outra pessoa. — Easton bate no meu ombro com o dele.

— Algumas pessoas gostam de ser humildes, filho. Nem todo mundo precisa exibir suas realizações. Poderia aprender uma ou duas coisas com ela — ele provoca, levantando sua taça de vinho e tomando um gole do líquido vermelho escuro.

É um curso intensivo de como apadrinhar alguém. O pai de Easton é um profissional nisso, tão bom que todos ao redor riem do que acham ser uma boa piada.

Embora não goste do meu namorado o tempo todo, também sei o que é ser prisioneira em sua própria casa. Ser menosprezada pelas pessoas que deveriam se importar mais.

Estendo a mão, arrumando uma mecha de cabelo loiro com amor. — Discordo, Sr. Sinclair. Seu filho me ensinou mais do que jamais saberia ao longo dos anos. Eu não seria quem sou sem ele.

Tudo isso é verdade - ele ajudou a me mostrar o que eu poderia ser e o que não poderia. Easton me mostrou como ter poder; é culpa dele que tomei tudo para mim.

— Isso é doce da sua parte, querida. Deixa-me orgulhoso do meu garotinho — diz Lena.

Lena Sinclair, sua mãe, é uma mulher deslumbrante. A idade a presenteou com cada vez mais beleza com o passar dos dias. O corte curto *pixie* loiro me deixa com ciúmes de sua estrutura óssea, todos os ângulos e dimensões, enquanto o meu fica neutro e redondo, e minha testa sempre parece mais longa, mesmo depois de aprender o que é contorno. Também não sou a única pessoa que notou a beleza de Lena.

A maior vergonha da família de Easton é que Wayne Caldwell gostava de se servir da beleza de Lena todos os sábados no clube de campo por dois anos inteiros antes que alguém percebesse.

Ele me mataria se eu murmurasse uma palavra sobre isso, porque se Alistair Caldwell descobrisse, levaria Easton para o túmulo com vergonha. A cidade sorriria na cara deles, mas eles fariam parte do boato por anos. Só sei porque Easton ficou bêbado depois de uma festa no nosso primeiro ano. Ele derramou quando estava xingando sobre os Hollow Boys e sua proeminência.

É um dos meus maiores segredos dentro do meu pote de chantagem, e ele sabe que se for longe demais comigo, contarei a todos.

— Não sou um garotinho, mãe.

— Eu sei, querido. Acabei de...

— Falando em ser homem, acho que está na hora, Easton, não acha?

Eu sabia que algo estava errado quando entramos nesta casa, mas parece que foi porque eu era a única que não sabia o que estava prestes a acontecer.

— Na hora do quê? — Pergunto baixinho, tomando um gole da minha água, olhando em volta para todos os olhos que estão em mim.

Há uma imobilidade desconfortável que me faz mexer na cadeira. Baixei meu copo. — Existe algo que estou perdendo ou...? — Eu rio para tentar aliviar a atmosfera que se estabeleceu na sala de seus olhares flagrantes.

Sabe quando não quer se virar porque sabe que o *slasher*¹⁶ do filme de terror está parado ali, por isso tenta evitá-lo?

É o que faço quando ouço a cadeira ao meu lado ranger. Mantenho meu olhar com meu pai, que está tentando olhar para todos os lados, menos para mim.

— Sage? — Easton limpa a garganta, tentando chamar minha atenção.

Os olhos da minha mãe estão iluminados, escurecendo à medida que me recuso a me virar para encará-lo. Meus ouvidos se enchem de fluido, correndo com movimentos estrondosos. Posso sentir a água em meus pulmões aumentando, o desejo de tossir forte, a necessidade de respirar sem que meu peito pareça estar sendo comprimido por um caminhão.

¹⁶É um assassino persegue e mata um grupo de pessoas se utilizando de algum objeto com lâminas (A Hora do Pesadelo, Pânico, O Massacre da Serra Elétrica) são alguns exemplos.

Eu giro, dolorosamente devagar, um relógio avariado em sua última rotação, para encontrar o namorado com quem estou apenas por status de joelhos segurando um diamante enorme que me provocará um ataque epilético. Ondas e ondas de água me submergem. Água escura e turva que me consome, puxando-me para mais longe da luz.

Estou me afogando na frente de todas essas pessoas, e nenhuma delas se importa o suficiente para me puxar para respirar.

— Sage? — Ele diz novamente. — Ouviu o que eu disse?

Não sei o que é pior: o silêncio ou o quanto parece confiante. Não há uma gota de suor em sua testa e nem tremem. É como se ele soubesse que não vou dizer não. — Está me pedindo em casamento agora? — Digo com o oxigênio que me resta dentro de mim.

— Bem, tenho o anel e estou de joelhos, então... — Ele sorri, balançando a cabeça.

Eu tinha sido impecável a noite toda. Mantive minha postura, fiz o que precisava ser feito para passar por este jantar, mas isso? Isso é demais, até para mim.

— Temos dezoito anos, East. Ainda nem terminamos o ensino médio. Não acho que isso é... — cerro meus dentes, uma risada nervosa escapando de mim. — hora certa para isso.

— Baby, vamos lá. — Ele ignora todos os meus sinais de alerta. — Estamos juntos desde o ensino fundamental. Isso não é grande coisa.

É então que ele agarra minha mão, puxando-a para mais perto de seu peito para deslizar o anel no meu dedo, mas eu a afasto dele como se tentasse me queimar.

— Mãe, pai, não posso. — Olho para meus pais, observando seus rostos, vendo a verdade diante dos meus olhos em luzes de néon grandes, ousadas e piscantes.

— Vocês sabiam que isso aconteceria hoje, não é? — Dirijo-me a eles, desviando meu olhar para os pais de Easton. Sua mãe parece nervosa e seu pai irritado com minha falta de entusiasmo.

— Não posso fazer isso agora. Não posso fazer isso. Desculpe. — Minhas palmas cravam na mesa de jantar enquanto me empurro para trás, e o vômito fica na minha garganta.

Quase caio quando me levanto, minhas pernas tremendo embaixo de mim, mas não ficarei aqui. Eu *não* ficarei aqui. Isso não pode estar acontecendo agora. Eu tinha desempenhado esse papel tão bem que me coloquei nessa posição? Ainda falta um ano inteiro de escola - isso não deveria acontecer tão cedo.

Poderia dizer não sem problemas na formatura, mas não posso agora. Por que deveria? Todo mundo acha que somos obcecados um pelo outro - não deveria estar feliz?

Meus saltos abafam o barulho de cadeiras se movendo e vozes altas, exceto a de Stephen, que põe a bala em meu caixão.

— É melhor resolver isso, Frank. Tínhamos um acordo. Não nos esqueçamos, você precisa disso mais do que eu.

Minhas mãos puxam a porta da frente, e sou grata por ter dirigido até aqui esta noite. O ar fresco quase parece pior. Estou

desesperada para ressurgir disso, mas parece que todo mundo quer me manter sob a água.

— Sage, pare. — A voz do meu pai me leva a fazer exatamente isso, como se agarrasse minha nuca e me segurasse lá para morrer.

Giro, o cascalho da entrada da garagem rangendo embaixo de mim. — Você me pegou de surpresa com isso! — Acuso. — Mãe, eu não teria ficado chocada, mas você? Você sempre foi honesta comigo.

Meu relacionamento com meu pai não é algo para se escrever. Falamos sobre seu trabalho e escola. Não somos a imagem de um relacionamento pai-filha, mas como eu disse, ele nunca mentiu para mim.

Nem uma vez. Ele sempre foi brutalmente honesto sobre tudo.

— Estamos falidos — diz ele, passando a mão pelo cabelo grisalho antes de arrastá-lo pelo rosto em frustração. — *Falidos*. Não temos nada.

Eu franzo minhas sobrancelhas. — E isso tem algo a ver com o meu noivado na idade de dezoito anos?

— Não temos dinheiro, Sage! — Ele grita antes de perceber que ainda há pessoas lá dentro que podem ouvir e diminui um pouco o tom. — Não sobrou nada. A única razão pela qual conseguimos pagar nossa hipoteca é por causa de Stephen. Ele me financia há anos como prefeito, mas agora? Este é o dinheiro que usamos para sobreviver. Ele concordou em continuar o financiamento, desde que seu relacionamento com Easton terminasse em casamento.

— O quê? Por que? Isso nem faz sentido. Easton não teria falta de relacionamentos se eu dissesse não.

— Stephen sabe o que Easton precisa, e é você. Quer que ele fique com alguém... — Ele fala, tentando encontrar as palavras.

— Alguém que ele acha que pode controlar — termino, balançando a cabeça em descrença.

— Não, não é...

— Há quanto tempo fez esse acordo? — Interrompo.

Fui eu quem desenhei a ponta curta deste bastão. Cada pessoa dentro daquela casa sabia sobre isso e me deixaram na porra do inverno, completamente nua.

Fizeram isso pelas minhas costas, tirando-me o controle.

Quando ele não responde, digo mais alto. — Há quanto tempo?

— Quatro... há quatro anos. Sua mãe e eu pensamos que era a vontade de Deus que vocês namorassem, que isso não seria problema, Sage! Você é jovem e está apaixonada... o que há de errado em ficar noiva, em se casar estando apaixonada?

Encaro seus olhos, no mesmo azul que em torno de minhas próprias íris, e não posso acreditar que fui criada a partir de alguém assim. Que ambas essas pessoas foram o que me fizeram. Que até eu, tão jovem quanto sou, sei que nunca faria isso com meus próprios filhos.

Que isso, não importa como eles giram ou enfeitem, é outro erro que cometeram contra mim.

— O que se passa com você! — Grito. — Eu mereço uma escolha! E se Easton me batesse? E se eu não quiser me casar? Se não o amar? Ainda me obrigaria a casar com ele, não é?

Lágrimas escorrem pelo meu rosto, e posso sentir o rímel escorrendo. Tudo está desmoronando, e o pior é que isso não importa para eles.

Meu pai está ali, olhando para mim sem um pinga de arrependimento, dor ou mágoa. Apenas frustração e ansiedade por não lhe dizer o que ele quer ouvir.

Que não estou mais interpretando o papel.

— Você não se importa, não é? — Eu tusso, cambaleando para longe dele e mais perto do meu carro.

— Eu me importo, Sage. Quero uma boa vida para você, e Easton pode prover isso, mas...

As ondas ficam mais altas, as criaturas das profundezas roendo minhas pernas começando a subir. Quando se afoga, seus instintos lhe dizem para chutar, pular, qualquer coisa, porque está desesperado para chegar à superfície.

Fiquei parada, deixando acontecer.

— Se disser não, então obrigo Rose a fazer isso. E você sabe que ela vai. Rosie tem um coração mole - não é calculista como você. Ela fará isso porque te ama e não quer te ver infeliz. Assim como sei que se ama sua irmã, não fará o mesmo com ela. Rose não sobreviverá em um estilo de vida como este, mas você, Sage, pode prosperar nele. — A forma como ele diz é tão calma, como se

praticasse esse discurso no espelho. Como se esse fosse o plano o tempo todo.

Tudo está queimando. Meus ouvidos, meus pulmões, minha pele.

Estou do lado de fora, mas ansiava por oxigênio.

Agarro a maçaneta da porta do meu carro. Não tenho ideia de para onde iria, mas sei que preciso sair daqui. Abrindo a porta do meu carro, enfio as chaves na ignição. Pouco antes de fechar a porta, olho para o meu pai.

— Eu te odeio — grito. — Eu te odeio por usar a única coisa que me importa nesta cidade esquecida por Deus contra mim. Eu te odeio, porra. — Estou fervilhando.

Bato meu pé no acelerador, meu velocímetro subindo enquanto como o cascalho embaixo do meu carro, sem me importar se atingir uma velocidade insana e virar essa coisa ou enrolá-la em uma árvore.

A morte parece mais fácil do que isso agora.

Puxo o colarinho da camisa, abrindo os botões e coçando a garganta enquanto tento recuperar o fôlego. Meu peito está doendo à medida que a realidade da minha vida me corta com uma lâmina cega. As alfinetadas em meus pés quase me distraem do latejar dentro do meu cérebro.

Vinha tendo episódios como esses desde o ensino fundamental e uma vez usei o computador da escola para pesquisar meus sintomas no Google porque pensei que estava grávida, apenas para descobrir que eram chamados de ataques de pânico.

Eu, tendo ataques de pânico? Não era possível. Até que continuaram acontecendo, uma e outra vez. Estou acostumada a tê-los agora, mas não assim. Nunca tão grave. Sinto que há algo dentro do meu corpo me forçando a sair, deixando nada além de farrapos de pele rasgada e restos de intestinos como um animal atropelado na beira da estrada.

Estou enlouquecendo. Eu tenho que estar.

De que outra forma explicaria onde acabei? De que outra forma poderia explicar entrar no caminho escondido para encontrar o campo aberto onde pelo menos setenta outros carros estão estacionados?

Louca é a única maneira de explicar por que pareci aqui, procurando por ele.

— *Sabe onde me encontrar quando perceber o quanto está entediada em sua estufa, Sage.*

Pensando claramente tinha saído pela janela enquanto subia a colina de grama, meus saltos afundando na lama a cada passo. Posso sentir as pessoas olhando, seus sussurros quase tão altos quanto os motores dos carros. Todos estão pensando o mesmo: o que diabos estou fazendo no *Graveyard*¹⁷?

O *Graveyard* é uma pista de corrida abandonada nos arredores de Ponderosa Springs, um lugar onde garotas como eu não têm o direito de estar. Tudo o que acontece aqui é ilegal, por baixo da mesa, superficial. As pessoas correm no asfalto quebrado e lutam

¹⁷-Em português: cemitério, túmulo.

entre si até sangrarem no centro. As drogas são trocadas como doces e a fumaça do cigarro substitui o oxigênio.

Você vem aqui se procura encrenca.

O vento bate em meus pés enquanto passo pela frágil cerca de metal que impede os transeuntes de entrar na pista. Meus olhos examinam os boxes onde carros e motos esperam por seu calor. Sei que ele estará lá. Está aqui todo fim de semana. Nunca perde uma corrida e nunca perde. Teria que ser surdo para não ouvir sobre sua reputação na pista.

Eu o localizo sem ter que tentar. Seu capuz está levantado, fumaça saindo de sua boca, sozinho. Mesmo quando ele tenta ficar longe das pessoas, elas parecem observá-lo. É difícil não observá-lo.

Sem me importar com as regras ou onde devo estar, atravesso a pista em direção aos boxes, fazendo uma linha reta para ele, mesmo que haja um conjunto de carros correndo em outra curva e circulando de volta para mim.

— Garota, não pode voltar aí! — Alguém grita comigo, mas continuo a ignorar todos os outros, exceto ele.

Não há medo. Apenas uma sensação de conhecimento de que, quando entrar no reino pessoal dos perversos de Rook Van Doren, ficarei presa lá por um tempo. Um anjo procurando Lúcifer para a liberdade.

— Van Doren! — Chamo sobre o som de máquinas rugindo, meus pés saindo da pista longe do tráfego.

Rook estava certo quando me disse que eu estava entediada na minha estufa. Estou a duas respirações de morrer de falta de entusiasmo na minha vida. São sempre os mesmos homens, com seus ternos passados e conversas de negócios. As mesmas fofocas nos *brunches*, os mesmos rostos, as mesmas mentiras. Tudo isso é besteira reciclável, e estou tão cansada disso tudo. Estou cansada.

Tenho medo porque essa seria a minha vida. Não apenas pelo resto do ano, mas pelo resto da minha existência. Eu ficaria presa no carrossel de Ponderosa Springs para sempre, tudo porque meus pais estão falidos e eu não quero que minha irmã sofra.

Exceto por este momento agora. Eu tenho este momento. E Rook é tudo menos chato.

Seus olhos seguem o som de seu nome até encontrarem seu alvo.

Eu.

Deus, quero sufocar o sorriso presunçoso de seu rosto. Aquele olhar de “eu sabia que viria me procurar”, que consome toda a sua presença, mas odeio a sensação de me afogar mais do que ele estar certo sobre mim.

— Que diabos está fazendo aqui... — Ele para abruptamente, empurrando sua moto de lado e me encontrando no meio. Seus olhos procuram meu rosto, concentrando-se em meu rímel e olhos obviamente cheios de lágrimas. Algo em sua linguagem corporal muda, passando de cheio de si para tenso.

— O que ele fez?

A maneira como ele se aproxima mais de mim, examinando os contornos do meu rosto. Estou obtendo outra visão de perto e pessoal daqueles olhos dos quais todos têm tanto medo.

É quase poético, como as bordas externas são verdes puro como terra nova, mas conforme se aproxima, a parte interna é uma explosão de fogo âmbar, girando e devorando o verde, tudo espiralando em uma pupila negra e sólida.

E foi isso que Lúcifer viu quando foi expulso do Céu. O verde do nosso planeta antes de entrar nas chamas do Inferno. A história por trás do apelido catastrófico de Rook está cada vez mais ligada a ele.

Sei que ele se refere a Easton, e essa é a última pessoa no mundo sobre a qual quero falar agora. Tentando rir disso, limpo meu rosto. — Não, não, não é nada disso. Eu...

— Então por que diabos está aqui?

Fico surpresa com a dureza de sua voz, com a maneira como corta minha tentativa de encobrir a dor, rasgando minha fachada em pedaços.

Fiz algo de errado? Fiz algo para irritá-lo? Estava errada em vir aqui?

Suspiro, encolhendo os ombros. — Procurando uma mudança de ritmo, eu acho? — Ofereço um pequeno sorriso de brincadeira, esperando que possamos ignorar a razão pela qual estou aqui.

Por que de todas as pessoas a quem recorrer nesta cidade, vim procurá-lo.

— A verdade — exige, tal como no teatro, recusando-se a me deixar sair sem roubar uma parte de mim que ninguém consegue.

— A verdade? Acho que não digo isso a ninguém há muito tempo — digo, sabendo que ele não me dará nada a menos que eu seja honesta com ele.

Meu coração bate dentro de sua gaiola, um animal selvagem cansado de ser contido dentro das paredes do meu próprio peito, pronto para mostrar os dentes, mostrar ao mundo do que é feito.

Quando ele não diz nada, apenas me encara com expectativa e dá outra tragada em seu cigarro, digo a ele o que precisa ouvir. A verdade.

— Porque preciso de você. — Minhas palavras pegam uma rajada de vento enquanto os motores rugem atrás da minha cabeça. Meu corpo sobe do fundo da superfície, emergindo da água com um suspiro de ar conforme continuo. — Preciso que me ajude a tirar a máscara. É a única pessoa que conheço que não se esconde do mundo. Você queima por isso. Este lugar está me comendo viva, me transformando em uma pessoa que não reconheço. Mostre-me a anarquia, mostre-me algo violento. — Balanço a cabeça, precisando sentir aquela fuga. — Mostre-me todas as suas verdades, Rook. E te mostrarei a minha.

Seus olhos se transformam em um inferno, ardendo tão brilhante, tão verde que é hipnotizante.

— Quer tirar a máscara? — Ele pega seu capacete, empurrando-o para mim, o material frio pressionando meu estômago. — Então me leve ao lugar que mais odeia no mundo, e

te mostro como fazê-lo sufocar com as cinzas da garota que deixaram para queimar.



Rook

Tinha visto muita merda quando estava chapado.

Sage Donahue saindo de uma loja de bebidas segurando uma garrafa de vodca com sabor de morango do lado de fora levou o bolo.

Ela havia limpado a maquiagem no banheiro de um posto de gasolina, os olhos de guaxinim longe da vista, revelando cada uma de suas sardas cor de canela. O brilho das luzes artificiais ricocheteou em sua pele.

Isso era inteiramente uma nova, Sage. Uma que, desde que vivi em Ponderosa Springs, nunca tinha visto antes.

Belo veneno, Rook.

Uma criatura feita para enganar. Feita para matar.

Cuidado, lembrei a mim mesmo.

A viagem até a casa do lago de sua família foi rápida, considerando que ela estava em meu ouvido, ronronando: *Mais rápido, mais rápido, mais rápido.*

Os momentos porém, pareciam passar porque tudo em que conseguia me concentrar era na estrada e em como ela se parecia abraçada a mim. Empoleirada na garupa da minha moto, os braços me segurando com tanta força que podia sentir suas unhas cravando no meu moletom. A provocação de sua força contra meu abdômen tonificado me deu água na boca com a perspectiva de dor.

Quando chegamos, entrando no portão da casa à beira do lago, sabia o que aconteceria. Há uma razão pela qual ela me trouxe aqui. A questão é: por que este lugar? O que isso significa para ela?

Sage desceu da moto, me pedindo para começar, mencionando algo sobre o banheiro antes de desaparecer lá dentro, deixando a porta aberta para eu seguir.

Eu sigo no piloto automático. Minhas ações são aquelas que fiz muitas vezes antes, a compulsão apodrecendo em minhas mãos trêmulas enquanto começo a trabalhar. As etapas são calculadas; Sou como um cirurgião habilidoso no trabalho quando abro o zíper da bolsa e tiro o frasco de gasolina, fluido de isqueiro e fósforos sem marca. Nunca meus *Lucky Stripes*.

É uma pena, realmente. A mansão de dois andares parece uma alegria para as férias em família. Todos os móveis caros, a louça, as fotos cuidadosamente colocadas, tudo virará fumaça na próxima meia hora.

Queimando lugares com fantasmas. Com memórias. Algo com substância - esses são todos os meus calcanhares de Aquiles, observando todas aquelas memórias suspensas dispararem em

uma explosão de névoa laranja, sucumbindo a nada além de cinzas que afundariam no chão.

Não há outra maneira de se livrar do passado do que incendiá-lo.

Meu telefone vibra no bolso do meu moletom quando estou prestes a derramar gasolina no chão da cozinha.

Onde você está?

É de Alistair. Minha primeira reação é dizer algo engraçado, como *dando a uma garota rica a noite de sua vida*, mas depois faço uma pausa, meus dedos pairando sobre o teclado.

Presumo que ele teve um dia de merda em casa e precisa de terapia. Em qualquer outro momento, diria sim, o encontraria em seu porão, onde trabalha, e o deixaria me esmurrar até virar uma polpa.

A maioria dos amigos tem coisas que os unem. Acontece que nós funcionamos de maneira diferente dos outros.

Alistair precisa ferir alguma coisa de vez em quando, bater com o punho em um corpo para que toda a ira possa sair dele por um instante, desejando vingança por uma família que sempre o tratou como “o outro”.

Ele precisa disso, e eu preciso da dor.

É assim que trabalhamos. Como todos nos conectamos uns aos outros. Entendemos o que o outro precisa, por mais sombrio e atormentado que seja. Estamos dispostos a fazer qualquer coisa um pelo outro.

Em vez da minha resposta inicial, envio uma mensagem de texto avisando que saí para um passeio e não voltarei até mais tarde e que me encontrarei com ele amanhã.

Nunca menti para ele, para nenhum deles, mas isso precisa ser sentido antes que os rapazes saibam.

A verdade é que não confio nessa garota, mas confiei na garota na minha frente na pista. Aquela que parecia destrozada e perturbada. Confiei na garota naquele palco, e até que a única versão de Sage Donahue que eu tenha seja a real, ela será meu segredo.

No entanto, não estamos começando com o melhor pé, considerando que ela me disse que ia ao banheiro e estou observando-a tirar os sapatos no quintal enquanto desce para o cais que se projeta para a água.

Ela está distorcendo a verdade que tão desesperadamente me prometeu.

Coloquei o frasco no balcão, saindo pela porta de vidro de correr para segui-la. A garrafa de vodca aberta está ao seu lado na borda da plataforma de madeira, com os pés pendurados na beirada. Está escuro, apenas a lua iluminando o lago opaco parado e tranquilo.

— Sabe, o objetivo disso tudo era *você* colocar o fogo. Eu sou apenas o fabricante por trás disso.

Ela leva a garrafa aos lábios e toma um gole do líquido malcheiroso. Eu sorrio quando ela tosse um pouco, seu corpo tremendo enquanto tenta rejeitar a queimadura do álcool.

— Parece mais fácil nos filmes fazer isso sem um caçador. — Ela tosse, limpando a boca com as costas da palma da mão.

— Sim, bem, nos filmes, eles usam água — resmungo enquanto me sento ao seu lado com a garrafa entre nós. — E se vir alguém que consegue beber vodca sem um caçador daqueles? Têm feridas que doem mais do que o álcool.

Olho através do lago para todas as casas vazias, suas janelas vazias e varandas dos fundos apagadas.

— Costumávamos vir aqui o tempo todo quando eu era jovem nas férias de verão. Rose e eu deitávamos neste cais depois de passarmos o dia remando na água na canoa, adivinhando as formas das nuvens. Deitadas aqui tanto tempo que chegávamos queimadas. Quem diria que o sol poderia perfurar tanto as nuvens. — Ela ri, agarrando o gargalo da garrafa novamente, segurando-a entre as pernas.

Fazia muito tempo que não ouvia alguém falar sobre boas lembranças da infância. Ainda mais desde que eu sabia como era.

Eu me tornei um estranho para minha própria criação.

Há momentos em que me lembro de ver minha mãe podar suas rosas nos fundos e como sua limonada tinha gosto depois que eu corria pelo quintal o dia todo. Ou o cheiro de pão recém-assado na cozinha e o som de risadas. Lembro-me deles, mas é como se tivessem acontecido com outra pessoa.

Como se eu fosse um fantasma em casa, observando meu eu jovem, nunca experimentando verdadeiramente aqueles momentos de alegria.

Agora, nem parecem reais. Miragens que inventei para que minha mente consciente pudesse lidar com minha vida doméstica atual.

— Quando entramos, rindo, bêbadas de sol, felizes, minha mãe olhou para nós como se tivéssemos cometido uma traição. — Ela balança o braço, apontando para a água fria, uma carranca severa no rosto. — Ela dizia: “Garotas! As mulheres pagam milhões para corrigir rugas e pele flácida por ficarem muito expostas ao sol. Vão arruinar essa pele firme. E Sage, sabe melhor. A pele de Rosie ficará bronzeada amanhã, e você parecerá um tomate enorme por semanas!”

— Então eu estava certo o tempo todo. Sua mãe é uma vadia.

— Ela é. Sempre foi. — Sage ri, concordando com a cabeça. Sóbria, ela continua. — Foi a primeira vez que me lembro de ter ficado com ciúmes da minha irmã. A primeira vez que essa coisa feia e verde me deixou com raiva de alguém que sempre admirei.

Eu a deixo falar livremente, ouvindo suas palavras enquanto ela derrama suas entranhas à medida que simultaneamente as enche de bebida.

— O ciúme só cresceu com o passar dos anos. Depois do que aconteceu aqui, depois do que o deixaram fazer comigo quando todas as luzes foram apagadas e as festas acabaram, tornei-me má e rancorosa. Uma vez, coloquei chiclete no seu cabelo enquanto ela dormia. Cobri os tênis com lama. Disse coisas horríveis, o tempo todo pensando por que fui eu quem ele tocou. Por que ele passou pelo quarto dela, apenas para se esgueirar para o meu. — Sua voz

falha com as lágrimas que não deixa cair, recusando-se a ser tão vulnerável comigo.

— Foi um ciclo vicioso que me trouxe até aqui a ponto de me odiar. Em vez de desejar que nunca acontecesse com nenhuma de nós, fiquei furiosa por não acontecer com Rose. Com inveja por ela ser tão alegre e inconsciente. Deus, quão horrível é isso? Quão horrível eu sou?

Meus dedos apertam o Zippo no bolso do meu moletom com o pensamento de uma garotinha inocente condicionada odiar sua outra metade, arruinada e profanada quando era apenas uma criança. Embora não seja de falar sobre boas ações ou decência humana, até eu sei como foi nojento. Como seus pais são desagradáveis por deixarem isso acontecer, por não sufocarem aquele filho da puta com as próprias mãos.

Sage está vivendo uma vida sem justiça. Sozinha.

— Amo minha irmã, Rook. Eu sei como me senti, o que fiz com ela foi errado e faria qualquer coisa no mundo para recuperá-la. Faria qualquer coisa para protegê-la de algo ruim acontecendo novamente, para protegê-la de nossos pais, de mim...

— Não se compare a eles — interrompo, olhando para ela. — Você era uma criança.

Ela encontra meu olhar, cabelo despenteado e amarrado por causa do passeio de moto até aqui. — Mas não sou agora.

— E ainda dá tempo de ser diferente, fazer as pazes. Rose te ama, defende cada respiração sua. Não há pontes queimadas — eu digo a ela.

Nunca tínhamos visto as duas discutirem pessoalmente além do restaurante, mas mesmo quando Alistair fazia um comentário sarcástico sobre Sage ser uma vadia, Rose arrancava sua cabeça. São gêmeas, afinal, não importa a dor que persista entre elas.

— Eu não saberia ser diferente. Não aqui. Aqui sinto que estou me afogando constantemente, sufocando logo abaixo da superfície. Estou sob este lago gritando por alguém para ajudar, para alguém me salvar, e todos apenas sentam no cais. Observando-me.

A tensão me consome, pronto para dar a ela esse pequeno pedaço de vingança pelos crimes cometidos. Pronto para explodir esta casa em ruínas e todas as memórias ruins dentro dela. Talvez assim ela consiga nadar até a superfície.

Com um suspiro, ela se levanta, com as pernas bambas conforme tenta se firmar. Rapidamente agarro sua cintura enquanto me levanto da minha posição sentada, segurando-a firme para que não se *afogue* no lago.

— Calma. A bebida não faz das pessoas as criaturas mais coordenadas do mundo, sabe.

A maciez de seu corpo parece estranha sob minhas mãos firmes. É diferente de tudo que já senti. Claro, toquei em mulheres, mas todas passavam de carros à procura de uma multa, para dizer, *Fodi um Hollow Boy*.

Posso realmente sentir Sage sob minhas palmas, respirando seu hálito com cheiro de morango, contando as sardas em suas bochechas. Para uma garota que o mundo pensa ser feita de plástico, Deus, ela parece tão real, porra.

— Acho que nunca falei tanto sobre mim ou sobre meu passado, bem, na verdade. — Ela ri. — Isso parece um confissão. Acho que perdeu sua vocação, Van Doren. Deveria ter se tornado padre.

— Bem, tenho más notícias para você, *geek* do teatro. — Minhas mãos ficam trêmulas por um motivo diferente de repente, meu aperto mais forte sobre ela. — Está confessando suas verdades para Lúcifer. Quem sabe o que farei com elas.

Seus olhos são tão azuis que juro por Deus que brilham, a inclinação de sua cabeça expondo seu pescoço enquanto o vento bate em seu cabelo. Eu mastigo meu lábio inferior, pensamentos sujos e silenciosos subindo pela minha espinha.

Gostaria de deixar esse pescoço roxo com marcas. Essa pele empolada com a marca da minha mão. O interior dela tremendo, preenchido, gasto comigo e só comigo. Eu a faria gozar à medida que gritava por misericórdia, implorando pelo prazer de parar porque era demais.

— Acredita neles, não é? Todas as pessoas que te chamam de diabo?

Garota esperta, tentando virar o jogo contra mim.

— Quando se ouve coisas com tanta frequência, mesmo que não sejam verdadeiras, começa a acreditar nelas. — Levanto minha mão, empurrando uma mecha de cabelo atrás da orelha. — Não se engane, Sage. Não sou uma boa pessoa. Será bom para você se lembrar disso.

Não sou um cavaleiro de armadura brilhante ou um doce ombro para chorar.

Poderia ser o seu acerto de contas, ajudá-la a se vingar, até mesmo mostrar a ela como é a dor misturada com o prazer, mas não sou o cara no final de seu felizes para sempre.

NOVE



O FOGO QUE NUNCA SE APAGA

Gage

Não consigo parar de pensar nele.

Enquanto fazia o café da manhã, queimei meu dedo na torradeira, pensando em seu toque.

No chuveiro, quando fecho os olhos, vejo o seu rosto. Mandíbula quadrada, olhos vítreos que pareciam sem vida para os outros, mas para mim, guardam muito mais.

Quando Easton colocou aquele anel de diamante no meu dedo hoje, pensei nele arrancando-o com um olhar de desgosto.

Só consigo pensar em como estou terrivelmente fodida, porque só consigo pensar em Rook Van Doren.

Deveria pensar em um plano de fuga, uma maneira de sair desse casamento arranjado, um que não conhecia. Um em que não tive voz, porque não posso deixá-los fazer isso com Rose.

O único favor que Easton ou sua família estão dispostos a fazer por mim é manter isso em segredo até depois da formatura. O

acordo está em vigor, mas esperaremos para anunciá-lo, ganhando um pouco mais de tempo.

Meus dedos coçaram para tocar o cabelo de Rook duas noites atrás, enrolando minhas unhas nas deliciosas mechas castanhas e puxando um pouco, só para ver se ele gostava.

Não deveria pensar nele, não assim, não quando sei que não posso dar a ele um futuro. Inferno, não poderei dar nada a ele com esta pedra em meu dedo.

Pensar nele só levará a coisas ruins, eu sei disso, mas pensar é tudo o que tenho. Imaginar é tudo que consigo.

Na vida real, tenho que continuar ignorando-o. O que é fácil considerando que ele não tem meu número de telefone, mas na escola, Deus, é difícil evitá-lo. Quando sinto a presença deles no corredor, entro na sala de aula mais próxima, corro na direção oposta, me escondo atrás das portas.

Não quero que ele me veja porque não quero contar a verdade.

Gritos de alegria ricocheteiam do lado de fora da porta fechada de nossa sala de cinema, e minha cabeça cai nas poltronas reclináveis de couro preto, esperando que, se pressionar o suficiente, desapareça dentro dela.

A última coisa que quero fazer esta noite é dar uma festa de Halloween. Felizmente para mim, Lizzie e Mary estão compensando minha ausência. Nem queria organizar essa coisa, mas quando meus amigos souberam que meus pais estariam fora da cidade com Easton e seu pai, imploraram para usar minha casa.

Fiquei o tempo suficiente para posar para fotos para que pudessem ser postadas em todo o Facebook e Instagram, mas rapidamente desapareci neste quarto nos fundos da casa. A maior parte do tempo está quieto e sei que ninguém virá me procurar aqui.

Meu roteiro esfarrapado de *A Midsummer's Night Dream*¹⁸ precisa seriamente de algum TLC¹⁹, mas folheei tanto essas páginas que não há muito que possa fazer por elas neste momento.

Feliz Dia das Bruxas para mim.

As luzes da sala começam a piscar, o som do interruptor mexido ecoando. Olho de soslaio para a porta, confusa sobre quem estaria entrando aqui.

— Tem me ignorado, TG.

Quase grito ao som de sua voz, uma parte de mim pensando que era uma invenção da minha imaginação carente, até que meus olhos o veem encostado no batente da porta.

Não tinha certeza de quando as notas invertidas e as camisetas *Thrasher* se tornaram algo que me atraiu, mas está acontecendo. É menos sobre as roupas e mais sobre como ele as veste.

Mechas de seu cabelo esvoaçam por baixo do boné, braços expostos e exibindo suas veias impressionantes que provavelmente fazem as enfermeiras desmaiarem.

¹⁸-Em Português, *Sonho de Uma Noite de Verão*, uma peça de comédia escrita por William Shakespeare por volta de 1595 ou 1596.

¹⁹-Tender, Loving, Care (TLC), em tradução livre significa: Ternura, Carinho e Cuidado.

— O que está fazendo aqui? — Sibilo, levantando-me abruptamente para ter certeza de que ninguém o viu entrar na sala. Quase me esqueci da minha fantasia até que seus olhos me devoram.

— Silas está fodendo sua irmã em algum lugar. Tenho algumas horas para matar antes de me encontrar com Thatch e Alistair. Não queria perder sua festa. Estou triste por não ter recebido um convite. — Ele inclina a cabeça, zombando de mim.

— Você não pode estar aqui. Não podemos ser vistos juntos — insisto, esperando que ele entenda a dica e torne isso fácil.

Sai, sai, sai, imploro silenciosamente. *Saia antes que isso piore.*

— Oh sim? Por que? — Não posso deixar de observar a maneira como seu fósforo rola em seus lábios vermelho-escuros.

— Você sabe por que, Rook. Vão ouvir. — Tiro o cocar da minha cabeça. — Na outra noite eu estava chateada e fiquei muito bêbada. Disse algumas coisas que...

— Não. — Ele empurra o batente da porta. — Não vai fazer isso.

— Fazer o quê? Te dizer a verdade? Não é isso que quer? Não posso ser vista com você, não tem ideia do estrago que isso causará. Vai estragar tudo.

— Não ficará sentada aí e fingirá que não veio até mim na outra noite, chorando, destroçada, procurando por ajuda. Nem seu namorado, nem suas amigas, nem mesmo a porra da sua irmã - você veio *me* procurar. Não pode fingir que não me prometeu todas as suas verdades. Não há como colocar a máscara de volta depois de já ter visto o que está por baixo dela.

Meu coração está na garganta, obstruindo minhas vias aéreas com pulsações violentas. Sei que ele está certo, mas Deus, se Easton descobrir - se seu pai descobrir? Todo o inferno se abriria.

— Isso não importa. Eu sei o que fiz! Foi uma coisa única. Se alguém descobrisse, se Easton descobrisse, não terminaria bem.

Ele sorri amplamente, como se eu o desafiasse a testar Easton. Algo que tenho certeza que ele faria em um piscar de olhos, apenas por diversão. — Acha que eu estou com medo do seu brinquedo que usa sapato de barco?

— Não é o ponto, Rook!

— Se fosse uma coisa única, diga-me por que não me deixou queimar a casa do lago? Por que desistiu? Vamos, TG. Diga-me o que você disse antes de sairmos.

Xeque-mate.

Ele me pegou; já sabe a resposta. Eu lhe disse, e sei que ele se lembra. Olhou para mim como se nunca fosse esquecer depois que eu disse isso.

— E-eu não consigo me lembrar. Estava bêbada. — Minha mentira sempre foi impossível de ver, mas é como se tudo que eu sabia tivesse ido pela janela com ele.

— Não, você se lembra. — Ele se aproxima de mim, olhando-me, e pega algumas mechas do meu cabelo. — O que foi isso? Algo como, não poderia fazer isso porque agora era nosso. É o seu confessionário, foi o que disse logo antes de vomitar nos meus sapatos.

O constrangimento aquece minhas bochechas. Emoções que não encontro há anos borbulham quando estou perto dele, e odeio isso porque ele sabe disso.

— Ensaia falas no escuro, nas festas. Não é a garota rica e chata que todos pensam que é. Já vi o que tem por baixo, Sage.

E você é o cara que acredita que é mau. Que não merece a felicidade, penso comigo mesma, mas não digo isso em voz alta. Ele pode não ter dito isso em voz alta, mas vejo em seu rosto.

Frustrada e irritada, passo a mão pelo cabelo. — Apenas feche a maldita porta, pelo menos — murmuro, dando um passo para o lado e fechando a porta da sala de cinema, envolvendo-nos com uma iluminação fraca.

Ele se sente em casa, caindo com um baque quando toma meu assento original e pega meu roteiro, folheando-o.

— Então, como deveria estar vestida? A esposa de *Hugh Hefner*²⁰?

Olho para a minha roupa. O vestido de couro preto justo combinado com as meias arrastão definitivamente dá uma vibração de coelhinha da Playboy, mas a cruz em volta do meu pescoço e o cocar que tirei deixaram isso bem óbvio.

— Sou uma freira. Liz é um demônio e Mary é um anjo.

— Nenhum padre para mantê-la em ordem? — Ele arqueia uma sobrancelha, sorrindo enquanto desvia o olhar das páginas.

²⁰-Fundador da revista Playboy.

— Era o show de Easton, mas ele está fora da cidade com o pai.
— Ando na sua frente, depois ocupo o assento ao lado, certificando-me de que haja bastante espaço entre nós.

— Por que não estou surpreso por ele estar bancando o hipócrita?

Eu bufo, tentando não rir, mas concordando sem dizer as palavras diretamente.

— Deixe-me adivinhar, está vestido como um idiota? — Pergunto, combinando sua sobrancelha levantada com a minha. Eu levo um segundo para olhar sua roupa de cima a baixo.

Maliciosamente, ele rola a língua pelos dentes superiores, levantando os dedos indicadores até a cabeça e balançando-os. — Nasci com chifres, TG, nasci com chifres.

Tento não olhar fixamente enquanto ele puxa o fósforo de sua boca, pegando o baseado enrolado atrás de sua orelha. Como mágica, acende a ponta vermelha do fósforo com os dedos, algo que tenho certeza de que ele praticou durante anos em seu quarto antes de acertar.

A fumaça rola da ponta enquanto ele inala, o peito se expandindo à medida que enche os pulmões, o brilho laranja queimando.

O cheiro da erva permeia meus sentidos, ousado e forte. Sempre me disseram que cheira mal, mas é o contrário. Cheiro floral e cítricos, me dá um formigamento no nariz e água na boca por uma comida que não existe.

Nuvens grossas de fumaça saem de seus lábios quando as solta, a fumaça branca se filtrando até o topo da sala.

— Você já fumou antes? Ou apenas se limita à vodca de morango? — Sua voz é mais rouca, mais ousada, mas parece suave contra a minha pele.

— Nunca experimentei, mas não me oponho. Nunca tive a oportunidade.

Com movimentos lentos, olha para mim, o baseado descansando em sua boca enquanto ele me aponta um dedo. — Venha aqui.

Esta é a minha transgressão final. A cobra atraindo Eva para o Jardim do Éden para provar o fruto proibido. Só não consigo dizer se Rook é a cobra ou a fruta - talvez os dois.

Há uma razão para eu estar evitando-o. Sabia que seria ruim se estivéssemos juntos novamente. Baixei minha guarda, todas as minhas paredes, e agora não tenho defesas contra ele ou seus olhos nebulosos que parecem me atrair.

Eu sabia que estar perto dele me faria sentir bem, assim como na casa do lago. Que não gostaria de ser a Sage que todo mundo vê. Só gostaria de ser eu.

Culpo meus hormônios, minha curiosidade e qualquer divindade que tenha abençoado Rook Van Doren com o rosto de um anjo e o corpo de um deus.

O couro geme quando me aproximo, nossos joelhos batendo um no outro. Assumir que isso era perto o suficiente foi um erro. Assim

que estou ao seu alcance, ele coloca um braço atrás das minhas costas, me balançando e me colocando em seu colo.

— Que porra está fazendo? — Pressiono minhas mãos em seu peito para que possa me afastar de seu corpo, mas seu braço permanece em volta da minha cintura, pressionando-me para baixo para que minha bunda esteja cavando em seu colo.

— Sente-se — ele ordena. — Quando eu soprar, abre esses lindos lábios, está bem, boneca?

O aperto afrouxa e meus quadris relaxam. Sua mão desenha um caminho pelo meu corpo, as pontas dos dedos roçando minha meia arrastão, percorrendo meu lado, pairando sobre mim. Mantenho meus olhos fixos nos dele enquanto ele passa a mão pelo meu cabelo para agarrar minha nuca.

Ele dá uma tragada, segurando a fumaça dentro do peito e usando sua alavanca para me puxar para mais perto de seu rosto. Eu me movo gradualmente, um minúsculo grão de areia suspenso na ampulheta.

Vislumbro uma cicatriz em seu lábio superior, minha língua lambendo o mesmo lugar em minha própria boca.

Seus lábios se franzem, uma corrente de vapor passando por eles. Meu corpo age por conta própria, abrindo como ele me disse. Flutuamos um sobre o outro, tão próximos que quase consigo imaginar como seria o seu beijo. Estou tão ciente de como ele é gostoso, como é largo sob meus quadris.

Enquanto isso, observamos um ao outro se mover. A cada movimento, a cada estremecimento, inspiramos um ao outro.

A fumaça começa a encher minha boca e meus pulmões ardem com a intrusão enquanto inalo até que ele termine. Seguro-a dentro de mim até não poder mais, e depois libero uma nuvem que envolve seu rosto como névoa.

Há um desejo intenso de me afastar e tossir, mas os lábios de Rook estão tão próximos, sua mão me segurando firme como se soubesse que eu tentaria me afastar dele. Uma batida passa antes que ele levante o bastão marrom de volta aos lábios com movimentos preguiçosos.

Isso é chamado de “*shot-gunning*”²¹. Assisti em filmes e vi uma vez em uma festa, mas nunca imaginei que pudesse ser tão bom.

Como um ato tão simples, algo descrito como inútil, pode ser carregado de tanta tensão.

Sentamos ali continuando o processo, uma e outra vez.

E não consigo me lembrar de uma única vez em que me senti tão despreocupada. Tudo em que estou focada é como ele se sente, como cheira, como se parece. Estou envolvida no mundinho de Rook e não quero sair.

Minha vida inteira foi gasta em torno de relacionamentos fabricados que mal arranhavam o nível externo de quem sou. Existia em um mundo superficial, como a Barbie presa em sua caixa de plástico.

Até isso. Até ele. Dez anos mais tardes, nunca seria capaz de encontrar as palavras para isso.

²¹-Um tiro, uma dose, uma tragada.

Apesar do que todos disseram, do que continuarão a dizer, apesar da anarquia que ele cria, Rook Van Doren é como é viver de verdade. Essa força substancial e nebulosa que nunca poderia ser diluída ou eliminada.

— O fogo que nunca se apaga — sussurro em voz alta, sem pensar muito.

Minha cabeça parece leve, zumbindo em um comprimento de onda diferente do normal. Tudo parece mais intenso - a música da festa batendo em meus ouvidos, a maneira como as coxas de Rook se movem sob mim, o cheiro da erva.

Ele coloca o cigarro meio fumado no porta-copos, a cereja ainda ardendo.

— Você será a pessoa que fica filosófica quando está chapada?
— Sua boca se inclina para cima no canto, me dando um sorriso afiado.

— Não, não. — Balanço minha cabeça, meu cabelo caindo na minha frente. — Homero escreveu em *Ilíada* sobre os gases naturais que brotam das rachaduras do calcário nas montanhas próximas ao Olimpo. Ele os chamou de “o fogo que nunca se apaga”. Acho que é você.

Eu me reclino nele, deixando minha cabeça cair para trás, minhas mãos ainda descansando em seu peito enquanto rolo meu corpo, experimentando algo que parece fora do meu controle. Estou voando, pairando acima das nuvens.

Minha pele parece *Pop Rocks*²², cantarolando. Uma pressão se instala em meus quadris, e meus olhos baixam para as mãos de Rook que se esforçam contra mim, me segurando perigosamente imóvel. Este ponto me faz sentir o quanto esta posição o afeta.

O latejar se espalha pelo meu núcleo quando sinto o calor de sua ereção pressionada em mim. Borboletas vibram no meu centro, meu batimento cardíaco direto do meu peito.

A intensidade aumenta dentro de mim, e minha luxúria começa a perseguir mais prazer, meus quadris se movendo apesar de seu domínio mortal sobre mim, balançando para frente, depois para trás.

Uma vez duas vezes.

— Sage — ele sibila entre os dentes cerrados — pare de se mover ou será fodida.

Em qualquer outra situação normal, eu teria parado. Teria voltado à realidade e dito a mim mesma que isso só piora as coisas terrivelmente, mas não é normal.

É ele.

Por isso, me esfrego nele mais uma vez. Traço o contorno de seus lábios com a ponta da minha língua. Apenas o gostinho dele já faz meu sangue bombear.

— Quero realmente beijar você agora — murmuro, meu tom velado e profundo. Sem o consentimento da minha mente, minhas mãos agarram sua camiseta Thrasher entre meus dedos ágeis.

²²-Balas em pó, feitas de açúcar.

— Então me beije.

Lutando com as últimas peças da minha determinação, respondo — Não somos certos um para o outro. Isso acabará tragicamente. No fim, não terminamos juntos.

Estremeço quando suas palmas ásperas roçam em minhas coxas para cima e para baixo, seu dedo indicador desesperadamente perto de entrar no meu vestido. Nem tinha notado o quanto o couro tinha subido pelo meu corpo, minha bunda praticamente à mostra.

— Posso mostrar a você como podemos ser *incríveis juntos*.

— Não podemos dizer - oh! — Desabo em um suspiro quando ele descobre o quão exposta realmente estou. Eu não queria marcas de calcinha neste vestido, por isso não usei esta noite. Agora, posso sentir seu polegar esfregando para cima e para baixo, manchando minha umidade.

Minhas unhas cavam em sua camisa. — Não podemos contar a ninguém — termino, tentando levantar meus quadris em direção ao seu toque.

— Então será nosso segredinho sujo — ele respira contra mim enquanto seus dentes agarram meu lábio inferior.

Estou desistindo, cedendo. Sinto meu corpo esquentando com a necessidade, querendo mais do que seus dedos hábeis. Minha garganta se contrai quando seu polegar pressiona meu broto sensível, círculos preguiçosos que fazem meus dedos dos pés garotas.

Passo minhas mãos por seus ombros, segurando seu pescoço.
— Pode fazer isso, Rook? Pode ficar de boca fechada e ser meu segredinho sujo?

Com força, ele agarra a parte de trás da minha cabeça, moldando nossos lábios juntos, selando este acordo por quanto tempo pode durar. A sensação de sua língua aveludada entrelaçada com a minha me faz gemer. Tudo parece quente, como se eu estivesse presa a um aquecedor. Luto para mover minha boca no mesmo ritmo, combinando com sua fome.

Errado, errado, errado.

Vai se machucar, machucá-lo. Você sabe que não há luz no fim desse túnel. Não há como escapar do controle de seus pais sem que eles levem Rose.

Exceto que sou egoísta. Sou tão egoísta por ceder a isso, mas tudo parece tão...

Certo.

Ele forçadamente afasta meus lábios dos dele, olhando-me com um olhar acalorado. Seus lábios rosados brilham, me fazendo querer mais.

— Você está bem com isso?

E é por isso, por essa exata razão, que não consigo manter meu coração a salvo dele. A razão pela qual não sou capaz de separá-lo desta situação. Claro, poderia fazer isso apenas sobre sexo, mas não quando ele me pergunta coisas assim.

Como é que Rook foi o único homem a me fazer essa pergunta? Para saber pelo meu corpo o quanto eu o quero, mas ainda quer ouvir as palavras.

Como ele é o vilão para todos os outros, mas nem um único homem retratado como um herói pediu permissão? Apenas pegando, tirando, roubando, até não sobrar mais nada da velha Sage.

Rook não percebeu, mas está me devolvendo essas peças com um comentário sarcástico de cada vez.

— Sim, Deus, sim — eu sussurro sem hesitação.

— Sempre soube que havia um lado mais sombrio em você, Sage, mas não usar calcinha? — Ele sibila em meus lábios. — Quem diria que era tão vagabunda.

Todo o feminismo aparentemente deixou meu corpo, porque a maneira como ele resmunga aquele nome grosseiro faz minhas coxas estremecerem de ansiedade. A repressão sexual era algo com que vivia há tanto tempo, mas isso?

Parece mais um despertar sexual.

Minhas pernas se abrem mais para ele ter uma visão melhor de como estou molhada.

— Não queria marcas no meu vestido — eu ofereço.

— Mmmhhh — ele cantarola enquanto deixa beijos ao longo do vale dos meus seios, sua língua varrendo abaixo do tecido de couro, um aviso antes de eu sentir a mordida afiada através do material à medida que leva um dos meus mamilos perolados em sua boca. — Admita. Você queria que alguém a encontrasse aqui.

Toda solitária, sem nada cobrindo essa boceta rosada. Queria que alguém visse o quão exposta estava. Você gosta, não é?

A sala começa a girar, todos os meus sentidos completamente ligados a ele. Suas mãos tateiam minha bunda, usando-a como alavanca para balançar seu comprimento coberto em meu centro. A deliciosa fricção aumenta enquanto borboletas enxameiam meu estômago.

Deus, nunca me senti tão bem.

Desejando mais, com sede de mais do que preliminares, coloco minhas mãos em seu colo. Meus dedos ágeis trabalham em seu botão e zíper. Passo pelas sombras em seu jeans, sentindo-o, sabendo que ele quer isso tanto quanto eu, mas está se recusando a me ajudar a tirar o jeans, ou pelo menos baixa-lo o suficiente para que ele fique exposto.

— Rook, alguma ajuda? — Eu gemo, odiando o quão estripada pareço, o quão carente.

— Eu não farei merda nenhuma até me dizer o que quero ouvir.
— Sua boca continua a atacar meu pescoço e peito, o ar frio fazendo arrepios correrem pelo meu corpo enquanto atinge os lugares quentes em minha garganta onde sua língua molhada estava.

— Quer que eu te diga...

— Confesse — ele se intromete, agarrando um punhado do meu cabelo. — Quero que me diga a verdade. Queria que eu te encontrasse assim, não é? Que você gosta de ser meu segredo sujo,

porra, minha puta suja. Confesse todos os seus pecados ao seu próprio diabo.

Essa palavra novamente, esfregando-me em todos os lugares que nunca soube que precisava. Sendo degradada, empurrada sob seu domínio metafórico sobre mim, ao mesmo tempo em que perseguia sua aprovação, querendo dizer a ele para fazê-lo me querer tão terrivelmente quanto o desejo.

É tudo tão fodido. Tão perdido. Eu teria dito qualquer coisa para tê-lo dentro de mim.

Minha respiração treme quando olho para cima de sua cintura, mergulhando em seus olhos infernais que brilham e chamam na penumbra. Uma versão tão única de avelã que deve se perguntar se a sua mãe realmente o concebeu com algo de outro mundo.

— Quero ser sua vagabunda, Rook — eu sussurro, pressionando minha boca na dele para um beijo que parece uma queda. Meu coração dispara dentro da minha caixa torácica, batendo de novo e de novo. — Eu gosto disso.

O som de tecido rasgando entra na sala, e eu engasgo quando olho para minha meia-calça rasgada, uma fenda no centro do material já furado.

— Meu pau não cabe dentro desses buracos de rede de pesca. — Ele resmunga, levantando os quadris para enfiar o jeans apertado na cintura o suficiente para se libertar.

Arregalo meus olhos, olhando para baixo enquanto seu pau descansa contra seu estômago. Meu choque não vem de seu tamanho óbvio ou das veias que sobem pelo eixo, mas das quatro

contas de metal brilhantes que cercam a cabeça: duas barras perfuradas na ponta, um correndo verticalmente e o outro horizontalmente.

— Isso dói? — Pergunto, olhando para ele brevemente.

Só fiz sexo com outra pessoa, e ele certamente não tinha piercing.

— Não para você. — Ele pisca, sorrindo.

Apalpo seu comprimento, bombeando para cima e para baixo lentamente, apenas pensando em todas as maneiras que isso parecerá.

— Diga-me que está limpo. — Eu quero irresponsavelmente que ele diga sim para que possa informá-lo que estou tomando pílula. Nunca fui crua antes, mas quero senti-lo. Todo dele.

— Não teria meu pau tão perto de sua boceta crua se não estivesse, Sage.

É tudo que preciso ouvir, meu corpo cansado de esperar. Ergo meus quadris, direcionando seu pênis para minha entrada.

Abaixando-me sobre ele gradualmente, sinto cada centímetro entrar em mim no meu próprio ritmo. Choramingo quando o sinto me abrindo, forçando seu caminho em minhas paredes pingando. Não posso deixar de olhar para baixo, observando o processo. Observando o quão bom parecemos juntos.

É quase uma quantidade insuportável de prazer que me percorre quando estou totalmente sentada em seu colo. Todo o seu comprimento me empala parcialmente, tão profundamente que posso senti-lo em meu estômago.

O sexo sempre foi um meio para um fim. Uma ação em que desliguei minha mente, esperando que terminasse.

Nunca quero que isso pare. Isso é mais do que sexo para mim.

O som de seu gemido volta minha atenção para ele. Quero desesperadamente uma câmera para isso, para que possa capturar esse momento e usá-lo anos depois, quando estiver esquecida de sua memória. É melhor que pornô.

Sua cabeça e braços estão jogados para trás sobre a almofada do assento, todas as veias em sua garganta bronzeada saltando enquanto flexiona sua mandíbula, grunhindo — Maldição.

Sou um fio condutor de sensações neste momento etéreo que não consigo imaginar acontecendo com mais ninguém. Ansiosa para agradá-lo e desejando alívio, começo a levantar meus quadris para cima e para baixo.

É quando sinto todos os efeitos de seu piercing.

Esfrega cada centímetro de mim por dentro, fazendo cócegas naquele ponto sensível junto com todos os outros pontos. Está tocando em todos os lugares ao mesmo tempo, em tantos lugares, é avassalador. Eu me sinto afogar seu comprimento em meus sucos. Meus membros parecem leves e pesados ao mesmo tempo em que rolo meus quadris contra ele.

Com facilidade praticada, ele puxa o baseado, posicionando-o entre os dedos e desfrutando de outra tragada enquanto o monto. Um gemido ecoa em seu peito, deixando-me saber que o que estou fazendo está funcionando tanto para ele quanto para mim.

— A putinha fica tão bem cavalcando meu pau — ele murmura, cheio de rouquidão, olhos baixos me observando através da fumaça.

Minha mente está horrorizada com a traição do meu corpo. A nova palavra de humilhação cai sobre mim como lava.

Algun R&B²³ constante toca lá fora, meu corpo se movendo em seu ritmo. A vibração bate dentro do meu estômago enquanto me movo para cima, depois para baixo em seu pau, tomando cada centímetro dolorosamente delicioso de novo.

Virando o baseado entre os dedos, ele o segura em meus lábios, deixando-me dar uma tragada. É tudo em câmera lenta enquanto inalo, deixando a fumaça glorificar ainda mais esse momento.

Mantendo-o no meu peito, me inclino para ele, pressionando minha boca na dele. Beijamo-nos enquanto a fumaça passa por nossos corpos, compartilhamos mais do que apenas vapor, mais do que apenas sexo.

Estamos respirando um ao outro.

Terminamos o cigarro até que acabe, jogado no chão. Minha boceta está encharcada, bem esticada e perfeita para seu pau.

Embora seus movimentos pareçam nebulosos, meu ritmo não é mais suficiente para ele. Ele me deixou brincar, mas agora é a sua vez. Envolve minha cintura, me forçando para baixo em seu

²³-Gênero musical que combina elementos do rhythm and blues (R&B), soul, funk, pop, hip-hop e dance music.

eixo. Nossos corpos deslizam para a beirada do assento para que ele possa empurrar seus quadris em meu buraco apertado.

Com raiva cruel, ele rasga a frente do meu vestido, expondo meus seios. Não me dá um momento para acalmar, porque logo meu mamilo está entre seus dentes, sua língua macia girando em círculos ao redor da conta de seixos.

— Rook, oh meu Deus — ofego, o suor já grudando na minha testa.

Nós nos movemos em sincronia, balançando nossos corpos um no outro. Sinto cada impulso, deixando nossos corpos baterem juntos uma e outra vez. Minha cabeça pende para trás enquanto meus dedos se enterram em suas omoplatas.

— Mais forte — ele vocifera, meu aperto o empurrando para martelar em mim em uma velocidade muito mais rápida.

Um calor branco e ofuscante me assola a mente, tão longe que tudo que posso fazer é seguir sua direção. Cravei minhas unhas em sua pele, sabendo que em breve trarei sangue – tenho que ser.

— Vou gozar. Faça-me gozar, por favor — choramingo descontroladamente, de repente não me importando se alguém entra ou nos ouve.

— Implore. Implore-me por isso, puta.

Eu aceno ansiosamente. — Por favor, por favor, Rook. Deus, por favor.

Sua mão agarra minha garganta, apertando. — Deus não existe aqui. Apenas eu.

Estou dolorida por toda parte. Fogo líquido derramado diretamente em minha corrente sanguínea, e todo o meu corpo é um inferno que tudo consome enquanto subo mais alto em direção ao meu orgasmo. As estrelas começam a girar no canto da minha visão.

Estremeço, o ar é retirado dos meus pulmões enquanto o êxtase bombeia em minhas veias. Tudo o que sai de mim são gritos estridentes e quebrados à medida que ele continua a mergulhar, palpitações e espasmos me atravessando. O prazer percorre meu corpo, os dedos dos pés se curvando conforme mergulho no orgasmo mais intenso da minha vida.

— Linda — ele pronuncia com voz rouca. Nem tenho certeza se foi isso que realmente ouvi, muito entorpecida de felicidade para realmente compreender.

Meus membros são gelatinosos, meus olhos fechados com força enquanto ele corre atrás de sua própria liberação, bombeando com estocadas implacáveis que fazem meu núcleo apertar com um prazer indescritível. Estou precisando desesperadamente de uma bebida, mas não consigo parar.

Não quando ele está assistindo minha bunda saltar contra sua pélvis enquanto seu pau desliza ferozmente em minhas profundezas. Os dedos de Rook mergulham entre minhas coxas, encontrando meu clitóris e imediatamente aplicando pressão.

— Espere, espere, não posso. T-tão sensível — choramingo, minha mão disparando para seu pulso, segurando-o para tentar impedi-lo de fazer meu corpo inteiro entrar em combustão. É tão intenso que posso sentir meus olhos começarem a lacrimejar.

Seus dedos não param, nem seus quadris — Mais um. Seja minha boa putinha, baby. Mais um. — Ele geme, seu polegar acelera para combinar com seus impulsos.

Essa construção familiar atinge meu núcleo, um longo gemido saindo de meus lábios. — Foda-se, não posso — gemo, mas meu corpo diz o contrário, boceta apertando em torno dele mais uma vez.

— Pode. Você pode porque eu disse isso.

E posso.

Gozo de novo, sugando-o como um torno, tão confortavelmente que ele mal consegue empurrar de volta para dentro de mim.

Meus gritos são estrangulados enquanto afundo na euforia pela segunda vez. O ruído entrecortado de Rook, misturado com um gemido sai de seus pulmões à medida que empurra mais para dentro de mim, permanecendo enterrado ao mesmo tempo que se esvazia completamente.

Estou lenta, a euforia do orgasmo ainda nublando meu cérebro enquanto coloco minha cabeça em seu ombro, sentindo sua respiração na minha pele úmida e corada. Aqueles cílios longos fazem cócegas na lateral do meu rosto.

Mal consigo sentir seus dedos quando começam a brincar com meu cabelo, enrolando as mechas já enroladas. Cada respiração está cheia de seu perfume, prendendo-me neste momento.

Quero tanto ficar nesse estado de euforia só mais um pouco, quero trancar aquela porta para sempre e ficar em segurança aqui

dentro, onde Ponderosa Springs e seus monstros não podem nos alcançar.

Em vez disso, tudo o que existe é a sensação de pavor.

Sabendo que terei que mentir para Rook sobre um detalhe crucial.

Nunca poderemos ficar juntos.

E quando ele descobrir o porquê?

Este segredo que criamos acabará em catástrofe absoluta.

DEZ



O QUE O DIABO MERECE

Roof

— Não, não, tem que terminar. Esta é a melhor parte! — Sua mão agarra meu antebraço, puxando-me de volta para o catre improvisado no chão cheio de cobertores que ela insistiu que precisava.

— Estou desenvolvendo catarata quanto mais sento e assisto a isso — resmungo, esperando que quando ela diz que está quase no fim, está dizendo a verdade.

A máfia está fazendo tudo errado. Se querem torturar pessoas, não precisam fazer isso com ratos e facas. Filmes em preto e branco sem som são mais do que suficientes para fazer alguém falar, só para acabar com isso.

Por dois meses, assisti a mais filmes do que em toda a minha vida. Estou tão perto de dizer a Sage que poderíamos assistir *Sixteen Candles* pela terceira vez se ela desligasse Charlie Chaplin.

— Espere, espere — diz ela, afundando as unhas na minha pele enquanto fica mais animada. — Amanhã os pássaros cantarão.

Seja corajoso. Enfrenta a vida. — Ela lê as palavras que aparecem na tela crepitante.

A velha câmera de filmar estava prestes a desmoronar e aparentemente não tinha sido feita para fotos nítidas. O tempo todo senti como se olhasse para ela através de uma TV estática.

— Era isso que estávamos esperando? — Pergunto, levantando minha sobrancelha com olhos entediados, provocando-a.

Ela sorri, batendo no meu peito com alguma força. — Você é um idiota! Isso é ouro! Se apenas um dos filmes de Charlie pudesse ser exibido na história, todos concordariam, é *City Lights*!

— Quentin Tarantino possivelmente discordaria.

— Ugh, homens e seus filmes sangrentos com carros explosivos. — Ela revira os olhos, virando o corpo para me encarar enquanto cruza as pernas, e me preparo para o que está por vir. Isso é algo que notei que ela faz e, sinceramente, não são os filmes que me incomodam. Estou frustrado com o fato de que *não* me incomodam.

Como me permiti assistir a isso, sem prestar atenção em nada, só para poder ver o que ela está prestes a fazer agora. Permiti-me me importar.

— Isso é uma verdadeira sátira, a capacidade de comover as pessoas sem nem mesmo usar palavras, Rook! Os filmes de época não precisavam contar com o impacto emocional da cor para invocar emoção, para cativar o público. Não precisavam do sangue carmesim ou das joias douradas. Tinham a luz suave das velas refletindo em sedas brilhantes e vestidos de cetim. Velhos

faroestes, onde juro que se pode saborear a poeira arenosa soprando ao vento, o sol brilhando em esporas brilhantes, fumaça de cigarro com filtro sêpia e abraços apaixonados. As pessoas ficaram encantadas com o filme, com os sentimentos... — Ela se arrasta, esperando que seu próximo pensamento sobre o cinema a atinja, movendo as mãos em pequenos círculos como se tentasse mostrar ao cérebro como acelerar o processo de coletar pensamentos.

— Então está dizendo que prefere assistir a esses do que *The Outsiders* ou aquele com todos os delinquentes da escola? — Ofereço a ela uma linha, dando-lhe outro pensamento para fugir.

O coque em seu cabelo jogado para dentro e caindo em sua cabeça, pedaços soltos saltando enquanto ela fala.

— *O The Breakfast Club*²⁴. Você pensaria que se lembraria disso agora. Prefiro não escolher - amo os dois, mas aquela era uma época completamente diferente para o cinema. O fato de até mim nunca ter assistido a alguns deles é uma tragédia, uma tragédia real. A velha Hollywood é a base para todos os filmes feitos desde que essa era se extinguiu. Podem mudar vidas e moldar sociedades. Quero dizer, *Jaws*²⁵ deu à luz uma geração inteira aterrorizada com a água e lhes deu um medo que carregarão para sempre. Um filme de terror de baixo orçamento fez de um dos maiores diretores de todos os tempos um nome familiar. Falando em baixo orçamento, *Rocky*, uma franquia monumental para

²⁴-No Brasil, O Clube dos Cinco.

²⁵-No Brasil, Turbarão.

qualquer pessoa com olhos, foi feita apenas por um milhão de dólares e ganhou o prêmio de Melhor Filme! Não vê o poder de uma grande história? De um grande filme? — Ela espera que eu responda com a respiração suspensa, nem mesmo percebendo como está divagando. Atrás desta casa no lago, ela falou mais sobre as coisas pelas quais é apaixonada do que em toda a sua vida.

Levo meu lábio inferior à boca, provando o sangue seco de mais cedo com meu pai, e olho para ela em minha camiseta e leggings listrada.

Suas saias da moda e blusas combinando estão longe de serem vistas. Em seu lugar está a camisa que usei naquele dia. Adoro despi-la daquelas peças de afirmação para um conjunto de calcinha e sutiã combinando. Passei todo esse tempo observando pequenas coisas sobre ela. Aprendendo com ela.

Ainda sem entender o motivo de ter as unhas da mesma cor por um mês inteiro antes de trocá-la.

— Então, os filmes, os roteiros, esse é o seu futuro, certo? LA? Hollywood?

Ela respira, olhando para os créditos rolantes. — Os roteiros são para teatro, que é um amor totalmente diferente para mim. Adoro estar no palco, incorporando as emoções de um personagem. Camaleoa em tudo o que a peça precisa que eu seja. Adoraria fazer isso na faculdade, sabe? Obter meu diploma, depois me formar e talvez mudar para a atuação na tela, eventualmente chegando ao ponto de fazer meus próprios filmes ou, pelo menos, dirigir.

Há uma tristeza em sua voz, que reconheço toda vez que ela fala sobre o que está por vir no futuro. Como se nunca fosse fazer isso, como se não fosse capaz. Este lugar a levou e cortou suas asas antes mesmo que ela soubesse que as tinha.

— Claro, eu poderia ir para Nova Iorque, me apaixonar pela Broadway. Fazer uma carreira dirigindo na selva de concreto, mas não importa o quanto tente, Nova Iorque não é Hollywood. Não há Calçada da Fama ou anos de história embutidos nas idades de ouro. Todo mundo é atriz ou cineasta, mas realmente fazendo isso? Tendo sucesso nisso? Que outro sonho se poderia ter?

Passei dois meses sentado aqui, observando-a, aprendendo com ela, ouvindo-a. Odiando-me por cada segundo que desfruto. Por que mereço desfrutar de alguma coisa? Especialmente alguém como Sage.

Quando a conheci, tinha a ideia preconcebida de que ela era tão cruel por dentro quanto por fora. Um pequeno desafio divertido para rolar nos lençóis, uma garota que me odiaria tanto quanto eu me odeio.

Em vez disso, encontrei uma garota que estava enterrada viva nas expectativas dos outros e, a cada dia que passamos juntos, ela se revela cada vez mais. Está se transformando no que não preciso, me fazendo sentir coisas que não tenho o direito de sentir.

Que direito eu tenho de vê-la assim? Feliz, tagarelando e vulnerável. Não fiz nada de bom na minha vida para merecer isso. Não ganhei a felicidade assim, e tomá-la parece errado. Não parece certo.

Desistir, porém, dizer não? Isso parece ruim *pra* caralho.

— O quê? O que está olhando? — Ela me pergunta, fazendo-me perceber que eu estava olhando.

— Nada. — Balanço minha cabeça. — Apenas egoisticamente feliz por ser a única pessoa que vê você assim.

Ela arqueia uma sobrancelha, suas sardas mudando, centenas delas que uma vez tentei contar quando adormeceu no meu colo depois de comer uma pizza inteira sozinha. É uma daquelas pessoas que gosta de abacaxi, o que é nojento, mas algo nas combinações salgado e doce é o que ela gosta.

— Sim? Por que isso?

Eu me inclino para frente, agarrando sua nuca e lambendo o chocolate de seu lábio inferior que ela não havia notado, sugando-o em minha boca para limpá-lo. Um gemido vem do fundo de sua garganta.

— Porque me tornei um assassino em série tentando evitar que os homens se apaixonem por você.

Aqueles olhos de chamuscas azuis poderiam aquecer uma vila inteira com o quão brilhantes estão, sua boca ligeiramente aberta para mim.

É verdade, as pessoas teriam que ser estúpidas para não amar esta versão dela, e me sinto um merda por ela está dando para mim, e nunca serei capaz de me sentir assim.

Não tenho permissão para amar as pessoas, mas pensar em mais alguém tentando?

Faz meu sangue ferver. Isto é meu. Suas verdades; suas peculiaridades são minhas.

Ela é minha. Incapaz de amar ou não.

Seus dedos pressionam em minha pele, e eu sibilo — Maldição, por que está sempre com tanto frio.

— Para que possa me aquecer. Sabe, estou com frio e você com calor. Simplesmente funciona.

Seu telefone vibra antes que eu possa beijá-la novamente, desviando os olhos para a tela. Algo nela morre quando lê o texto, imediatamente me dizendo que é Easton ou seus pais.

— É só merda estúpida que li na internet, nada importante.

Ela se afasta do meu aperto, levantando-se e pegando a tigela vazia que antes estava cheia de pipoca, indo para a cozinha.

Minha mandíbula enrijece, a tensão crescendo em meu peito. Eu a observo enquanto pego meu Zippo, passando-o entre meus dedos e observando conforme a chama dança.

— O que ele queria? — Pergunto, sabendo que é ele.

Minha boca se enche com uma amargura de gosto desagradável. Isso me faz querer fumar, para cobrir o aborrecimento crescendo em meu corpo.

— Queria saber onde eu estava. Devemos nos encontrar para jantar hoje à noite com meus pais.

Olho para a tela em branco, o som da câmera de filmar começando a coçar dentro do meu cérebro.

— Você vai?

Volto meu olhar para ela, e a luz da geladeira ilumina a culpa em seu rosto. Ela não precisa dizer nada para me dar a minha resposta. Meu intestino torce e revira com raiva.

— Claro que vai.

Levanto-me do chão, agarrando meu moletom e o gorro no sofá antes de jogá-los no meu corpo, depois caminho até a porta para enfiar meus pés dentro dos meus sapatos.

Sage e eu tínhamos momentos em que tudo parecia parar no mundo exterior. Deixaríamos Ponderosa Springs, viríamos para cá e nos trancaríamos dentro das paredes desta casa. Momentos em que ela era quem queria ser e onde eu era uma pessoa que tinha esperança, mas sempre há algo que nos puxa de volta para a lama tóxica, lembrando-nos da verdade, de nosso destino.

— Não é justo — ela murmura, fechando a geladeira. Ouço seus pés descalços caminhando pela cozinha em direção às minhas costas.

— O que não é? — Grito, virando-me para encará-la à medida que ela se aproxima, seu corpo saltando com o meu movimento repentino. — É o fato de eu estar sentado aqui com você lendo roteiros, assistindo a filmes dia sim, dia não, e fazendo sua boceta esguichar no meu pau, enquanto ele desfila com você pela escola como se fosse um pedaço de carne glorificada?

Minha voz está em brasa, um tapa abrasador em sua pele delicada. Quando estamos bem, estamos bem. Somos elétricos. Um fogo quente e viciante durante as férias que se pode abraçar para aquecer, mas quando estamos mal, quando discutimos, quase sempre por cauda do Easton, é ruim. Uma tempestade de

fumaça e chamas. Um incêndio incontrollável que consome tudo em seu caminho. Ela nunca recua diante da minha raiva e eu não a mimo.

— Sabe que não posso terminar com ele! Ainda não, eu te disse! Tenho que esperar até a formatura, Rook. Você não tem ideia do que meus pais farão se eu não esperar. Temos que esperar.

— Tanto faz. Estou fora daqui. — Estendo a mão para a porta ao mesmo tempo que ela me agarra, tentando me impedir de ser responsável e parar essa luta enquanto estamos à frente.

— Você faz isso toda vez. Não pode simplesmente sair dessa! — Ela levanta a voz. — É sempre a mesma coisa, fica chateado e, em vez de falar comigo sobre seus sentimentos, me exclui, e vai embora! Fez a mesma coisa na semana passada com as inscrições para a faculdade! Como entenderei por que está chateado se nunca fala comigo sobre isso.

Meu corpo fica rígido, minha natureza relaxada desaparecendo, transformando-se em pedra.

— Nunca te pedi para fazer isso. Nunca te pedi para fazer nada por mim, Sage. Foi você quem veio me procurar. — Puxo a maçaneta, apenas para ela enfiar as mãos na porta, a batida ecoando na casa vazia.

Meu batimento cardíaco troveja em meus ouvidos e minha pele se arrepia. Nunca pedi a ela para enviar as malditas inscrições para a faculdade. Nunca lhe pedi para fazer nada, para não se importar comigo ou com o meu maldito futuro. Eu nunca pedi nada disso. Ela não tinha o direito de me dar esperança, de acreditar em uma pessoa que não queria.

Sempre soube que deixaria Ponderosa Springs quando me formasse - isso não era uma pergunta. Eu apenas nunca pensei sobre o que eu faria fora disso, mas então ela aparece, com planos, falando sobre oportunidades em departamentos de química, ideias, fuçando em merdas das quais não tem nada que fazer.

Ela vem tentando me dar esperança para um futuro que sei muito bem que nunca acontecerá comigo.

É por isso que evitei relacionamentos a todo custo. É por isso que confiei nos meninos e apenas nos meninos. Porque eles entendem como a falsa esperança pode ser paralisante. Entendem que coisas boas não devem acontecer com pessoas como nós.

— Então eu sou o cara mau? Sou a errada de novo? Se sou porra tão terrível, Rook, por não ter deixado Easton ainda, então e você? Já mencionou para seus *melhores* amigos que está saindo com a filha do prefeito? Ou ainda está mentindo para eles?

Agora sei que ela está chateada, por isso está batendo onde dói. Ela está procurando por algo que me faça reagir, e sabe exatamente onde encontrar.

Eu me viro, girando para que fiquemos de frente um para o outro e me aproximo.

— Não contei a eles porque ainda está fodendo o inimigo, Sage, e se descobrirem sobre nós, se descobrirem que você ainda namora com ele me irrita, eles vão matá-lo. — Meu tom é arrepiante, cheio de nada além de honestidade. — Nunca questione minha lealdade aos meus amigos. — Faço uma pausa, rangendo os dentes, minhas narinas queimando com respirações raivosas.

Se ela acha que o que seus pais farão é horrível, não tem ideia do que acontecerá se os meninos souberem.

Eles não se importam com a gente fodendo ou o que quer que estejamos fazendo. Não se importariam com quem ela é, ao contrário da maioria das pessoas aqui.

— Não faço sexo com ele desde antes do Halloween, eu te disse isso!

— Sim. — Eu lambo meu lábio inferior. — Ele ainda beija sua boca? — Provoco, aproximando-me enquanto ela recua, uma espécie de dança. — Toca sua pele? Segura sua maldita mão como se fosse seu dono?

Sua bunda bate no encosto do sofá, prendendo-a na minha frente, sem nenhum lugar para onde correr, nenhum lugar para se esconder.

Minha mente é minha pior inimiga, enquanto reproduz imagens do que tive que suportar nos últimos dois meses. Observando-os juntos nos corredores, vendo-o colocar as mãos nela e sabendo que não posso arrancá-las.

— Os rapazes não se importam que seja filha do prefeito. Dizer a eles não é sobre isso. Não é sobre mim. É sobre proteger você — enfático, cutucando meu dedo em seu peito — do que farão. Eles se importam comigo. Mesmo se eu dissesse que não me incomodava, mesmo se mentisse descaradamente e lhes dissesse que vê-lo com você não me faz... — até dizer as palavras faz o gosto de sangue borbulhar na minha garganta — ...querer queimar toda a maldita escola depois que arranquei as mãos de seu corpo, eles ainda saberiam, e o resultado final não seria bom para você.

Através da merda mais sombria, vimos um ao outro através dela. Vimos uns aos outros lutando contra coisas que nenhuma pessoa deveria ter que ver. Testemunhas de como o Inferno na Terra realmente se parece.

Nós nos protegemos a todo custo.

Não há nada que não faríamos um pelo outro. Nenhuma distância longa demais.

Incluindo, mas não se limitando a, esfolar seu namorado mauricinho vivo.

— Então é isso que é preciso para você se abrir comigo? Falar sobre como Easton te deixa com ciúmes? Percebe que esta é a primeira vez que fala comigo sobre seus amigos.

Não preciso dessa merda. Ser cutucado por ela para que pudesse tentar me entender. Não preciso ser compreendido. Não preciso ser salvo ou consertado.

Pela última vez, me viro, querendo ir embora. Estou farto dessa conversa, mas ela simplesmente não desiste. Não vai desistir.

— Já contei tudo! Você me conhece, Rook, e confiei em você. Nem me diz onde vai quando não estamos juntos! Por que não faz o mesmo por mim?

— Deveria ter pensado nisso quando começou a confessar pecados para alguém como eu. Não jogo limpo, Sage. Eu te falei isso.

— Não, você não vai embora. — Ela dá um passo a minha frente, bloqueando a porta com seu corpo, que não teria nenhum problema em jogar para fora do meu caminho, mas ela sabe disso.

— Não até que me dê algo. Por que sempre aparece com hematomas? Por que seu lábio está machucado? — Continua a me pressionar.

Minha carne e osso queimam, esse fogo avassalador crescendo dentro do meu peito, cada vez mais alto quanto mais ela pressiona.

— Mova-se, Sage — cerro os dentes através de minha mandíbula travada.

— Não!

Levanto minha palma, batendo-a na porta atrás de sua cabeça com tanta força que sacode um dos porta-retratos, derrubando-o no chão.

— Pare de tentar entrar em mim! Você não pertence a esse lugar! — Grito, meu peito ardendo com a força.

Sage mal se encolhe, como se soubesse que não vou machucá-la. Não fisicamente de qualquer maneira. Ela confia em mim. Não tem medo.

Acho que sempre soube que ela não tinha medo de mim, e isso foi possivelmente o que achei mais interessante nela em primeiro lugar.

— Pode confiar em mim — ela me diz de volta com tanta paixão, colocando as mãos nos lados do meu rosto e me forçando a olhar em seus olhos. Como são tão bonitos? Estão me implorando para dar algo a ela, qualquer coisa. — Pode confiar em mim, Rook. — É mais gentil da segunda vez, uma garota tentando persuadir um animal selvagem a sair do canto sem ser mordida.

Ninguém, nem uma única alma, fez isso comigo antes.

Obrigou-me a me abrir.

Os rapazes não precisam perguntar, porque entendem.

Ninguém tinha feito isso antes, porque não se importavam.

Estou doente pensando em meu pai, por que sou do jeito que sou.

— Ouviu os rumores. — Trazendo minhas mãos para cima, enrolando-as em torno de seus pulsos, afastando-as do meu rosto. — Sabe porque estou machucado. Sabe porque estou sangrando.

A tristeza cresce em seus olhos, as lágrimas na superfície de suas íris. Não consigo nem olhar para ela quando estou falando.

— Então seu pai bate em você?

— Batia, bate – às vezes ele gosta de chicotadas nos fins de semana. Sim, Sage, meu pai me bate. Grande coisa. Há crianças que estão morrendo de fome. — Clássico Rook, faça uma piada disso. Faça uma piada para poder lidar com o que fez à sua própria família.

O que pode fazer com Sage se ela chegar muito perto.

— E as cicatrizes em seu peito? Isso também?

Concordo com a cabeça, não querendo dizer as palavras em voz alta.

— Mas, ele, está sempre na missa de domingo, e sempre parece tão...

— Tão o quê? Legal? — Ergo minhas sobrancelhas. — Um homem piedoso cuja esposa morreu tragicamente? Claro que ele

é, fora de casa. Por dentro, porém, me faz pagar por ter nascido. Máscaras ainda são máscaras, não importa o quão bem coladas.

De todas as pessoas, eu esperaria que ela soubesse disso. Não importa o quanto se conheça alguém do lado de fora, não tem ideia de como podem ser distorcidos internamente. Do que uma pessoa é verdadeiramente capaz.

E meu pai é capaz de praticamente qualquer coisa, menos assassinato. Estou apenas esperando pacientemente pelo dia em que ele cederá a isso.

Acabar com a dor para nós dois.

Lágrimas finalmente caem em seu rosto, molhando seus cílios escuros enquanto ela pisca.

Eu balanço minha cabeça, apertando seus pulsos com mais força. — Não sinta pena de mim. Não preciso disso.

— Po-por que não conta a alguém? — Ela sussurra, congelada na minha frente, tentando desesperadamente entender o que faz um pai odiar tanto seu filho.

E aí está, a pergunta que revela a verdade real.

Por que não luto contra ele? Por que não conto a alguém?

Qualquer outra pessoa estaria lutando para fugir de um pai como Theodore Van Doren, mas eles não o conhecem como eu. Não sabem o que fiz com ele.

— Porque eu mereço. — Solto minhas mãos dela, olhando em seus olhos tristes. — Disse a você, não sou uma boa pessoa. Meu pai costumava ser alguém gentil, alguém legal. Eu o transformei em um monstro e enfrentando as consequências disso. Ele está me

punindo. Fazendo-me pagar pelo que fiz. É o único que pode fazer isso.

Eu sei que ela está confusa. Sei que não entende o que estou dizendo, não totalmente, mas isso não a impede de falar sobre isso.

— Não posso acreditar que não pode ver o que ele fez com você. Não posso acreditar que realmente acha que tem razão em abusar de você! Ninguém merece isso, não importa o que fez. Há mais em sua vida do que ser um saco de pancadas para seu pai. Mais para a sua vida do que ficar com raiva ou a mancha negra em uma cidade que não se dá ao trabalho de entendê-lo. Pode ter mais. — Ela implora para que eu veja isso, como se suas palavras suaves fossem curar anos de abuso ou condicionamento.

Eu a admiro por tentar, porque é mais do que qualquer outra pessoa já fez.

— Você merece mais do que isso, Rook.

— Não preciso de mais. — Deslizo minha mão em sua bochecha, embalando sua cabeça enquanto enxugo as lágrimas com meu polegar que não precisam cair por mim. Sabendo que um dia ela olhará para trás e verá que foram desperdiçadas em um garoto que não as merecia. — Fiz algo terrível, algo vergonhoso, e não há como voltar atrás. Nunca passarei por isso. Estou condenado a levar uma vida miserável por minhas ações. Estou condenado. Há apenas algumas coisas que não merecem perdão, Sage.

Ela nunca será capaz de me fazer ver isso de forma diferente. Porque a única pessoa que pode me perdoar está morta. Nunca

encontrarei a salvação até que esteja a sete palmos de profundidade.

— Não acredito nisso, Rook. — Ela agarra minha camisa, puxando-se para o meu corpo, me abraçando com força. Tentando espremer todo o sofrimento de mim.

Olho para o topo de sua cabeça, meu coração fazendo uma coisa engraçada, batendo mais rápido, mas doendo. Machucando. — Eu me recuso a acreditar. Ainda há o bem em você. Eu vejo isso. Sei que está lá.

Ninguém que me conheceu depois do acidente jamais disse algo assim para mim. Ondas de choque passam por mim com a frase, todos esses sentimentos ressurgindo. Coisas que eu enterrei.

Ainda há o bem em você.

Todo mundo falou. Fizeram boatos sobre meu nascimento, me chamando de anticristo, um demônio, o diabo. Pegaram o que aconteceu, uma tragédia que vivia em minhas veias como veneno, e a tornaram pior. Pegaram um menino que já se odiava e o fizeram odiar o mundo.

Quero acreditar nela, e talvez uma parte de mim que estava enterrada há muito tempo acreditasse que havia algo de bom em mim.

Que eu pudesse esperar e sonhar. Que talvez pudesse até ter Sage permanentemente. Que daríamos certo no final.

Quando se mata sua própria mãe, porém, todo o bem que recebe morre com ela.

ONZE



OH, COMO OS CAÍDOS CAEM

Gage

Só há uma coisa boa para a qual se pode contar em West Trinity Falls: festas lendárias. A cidade vizinha, a trinta minutos de Ponderosa Springs, é nossa maior rival e nosso oposto, mas eles sabem como se divertir.

À medida que fomos criados nos tronos de famílias ricas e nomes antigos que nos carregaram pela vida, eles lutaram por cada grama de dinheiro que tinham. São a nossa versão do lado errado dos trilhos.

O *The Wastelands*²⁶.

Um lugar onde boas garotas como eu nunca deveriam ser vistas, mas quando se cresce rico, quando se tem tudo, está sempre buscando mais, forçando os limites um pouco longe demais quando se trata de drogas, festas e bebidas.

²⁶-Em português: Deserto, Terras Devastadas.

Vir aqui sempre acaba em algum desastre de briga ou batida policial, mas os alunos continuam vindo. É difícil para as crianças que procuram problemas ficarem longe de um lugar construído sobre ele.

Festas em casa, drogas e raves. Se era divertido e ilegal, West Trinity o fazia.

Este é o último lugar na face da Terra que quero estar esta noite.

Assistindo meu *namorado* consumir cocaína enquanto estamos cercados por seus amigos bárbaros que são igualmente fodidos. Eu tinha ido a uma dessas raves antes, no meu segundo ano, e cheirava a mesma coisa.

Maconha, álcool e sexo.

Estão usando uma casa de espelhos reformada para o evento, assim como fizeram antes. A entrada principal está repleta de corpos em uma pista de dança improvisada, enquanto os corredores repletos de labirintos de espelhos. Encontrar o caminho para o banheiro bêbado é basicamente impossível.

Minha cabeça está doendo por causa dos lasers coloridos que disparam pela sala, um fino véu de névoa logo acima dos corpos em movimento. *House music* e gritos vibram ao redor, e para piorar as coisas, estou totalmente sóbria, para desgosto de Easton. Ele me trouxe aqui para que eu pudesse relaxar; me disse que eu estava muito estressada ultimamente e achava que uma festa rave era exatamente o que precisava.

Resumindo, ele queria que eu ficasse bêbada para que pudesse transar, considerando que não o tocava desde antes do Halloween, e isso foi há cinco meses.

Não é como se ele não estivesse conseguindo em outro lugar. Se pensa que sou cega a ele dormir com outras garotas nas minhas costas, é tão estúpido quanto eu sempre pensei.

Brinco com as pulseiras que brilham no escuro que se acumulam para cima e para baixo em meus braços, sabendo que ficar aqui por tempo suficiente significará que minha mente começará a se afastar. Verificando para ter certeza de que Easton está ocupado, puxo meu telefone, meu estômago virando quando vejo o nome em frente ao ícone de mensagem verde.

Morning Star²⁷.

Rook originalmente colocou “The Devil” como seu nome de contato, mas mudei depois sem que ele soubesse.

Morning Star: Pronta para abandonar?

Eu: Queria poder. Preciso ficar até o final. Ele já está questionando onde sempre vou ultimamente. Esgueirar-me mais tarde?

Morning Star: Já planejei.

Estou digitando minha resposta quando ele me envia outra mensagem.

Morning Star: É melhor não cheirar como ele.

²⁷Em português: Estrela da Manhã.

Eu bufo, revirando os olhos, sabendo que ele provavelmente bateria na minha bunda por fazer isso.

Eu: Como é muito primitivo.

Nunca tive um segredo tão grande antes. Sim, meu trauma passado é uma verdade oculta, mas se as pessoas descobrirem, a única pessoa que se machucaria seria eu. Se alguém descobrisse sobre Rook, a queda seria dolorosa.

Uma parte de mim odeia isso, se esgueirando, se escondendo na casa do lago. Quero ir a encontros de verdade, a cinemas de verdade, talvez um jantar que não seja para viagem. Quero mais para nós do que beijos ardentes dentro dos armários de vassouras da escola. No entanto, por mais secretos e enigmáticos que tenhamos que ser para o mundo exterior, esse é o relacionamento mais real que já tive.

No entanto, não posso negar o quão divertido é se esgueirar. Os toques roubados e os olhares acalorados. Tudo é sempre tão carregado quando estamos perto um do outro, mesmo que estejamos separados por uma sala de aula inteira.

— Baby, venha dançar comigo — Easton murmura, agarrando minha cintura. — Você terá que trabalhar esses dois pés esquerdos antes da nossa primeira dança de qualquer maneira.

Minhas sobrancelhas formam um V quando enfio meu telefone no bolso de trás, olhando em volta para ter certeza de que ninguém estava perto o suficiente para ouvi-lo. Olho para ele, meus olhos observando a forma como suas pupilas se expandem a cada segundo.

— Pode falar mais baixo? Você me disse que esperaria para dizer qualquer coisa, Easton.

Ele envolve meu corpo, puxando-me para o seu forte perfume de colônia. Não me importava com isso antes, até que comecei a gostar de almíscar natural, de fumaça e suor.

— Isso nem importa, Sage. Faltam dois meses para a formatura. Eles descobrirão em breve de qualquer maneira.

Meu estômago revira, vômito implorando para sair da minha garganta. Meu prazo está se aproximando mais rápido do que posso compreender. Quero mais dias com Rook, mas, ao mesmo tempo, gostaria que tudo congelasse do jeito que está. Meu egoísmo está prestes a vir à tona.

Minha escolha de mentir na sua cara não será tomada de ânimo leve.

Estou com medo de como ficará o seu rosto. Como se contorcerá e retorcerá de raiva, com mais ódio do que qualquer pessoa tem o direito de ter. Não haverá nenhuma explicação, nenhuma conversa com ele. Ele me jogará aos lobos.

O pensamento por si só me tira o fôlego dos pulmões. Não quero lhe dar outro motivo para odiar o mundo e as pessoas nele.

— Não quero discutir, baby. Venha dançar — ele murmura em meu ouvido, pressionando seus lábios no meu pescoço, fazendo-me afastar dele.

— Não estou no clima. Só vou me sentar. — Minhas mãos pressionam em seu peito, colocando espaço entre nós, embora suas mãos se recusem a sair da minha cintura.

Isso tudo parece errado. Ele se sente errado.

Aqueles azuis bebês que todos sempre elogiam são tão escuros nesta luz que pensaria que ele era uma pessoa diferente. Ele olha para mim parecendo seu pai, agindo também como ele.

— Quer que eu fique de boca fechada sobre o noivado? Então vai dançar comigo.

Ele tem vantagem contra mim agora. Sempre terá a vantagem. Isso é apenas uma prévia de como seria o nosso futuro. Cada vez que me recuso a fazer algo que ele deseja, usa seu poder contra mim.

Easton finalmente se mudou para um lugar de poder, em algum lugar que não posso alcançá-lo.

Eu o deixo me puxar para a pista de dança, e ele empurra as pessoas, me puxando para o fosso. Uma vez que encontra o espaço que gosta, me puxa para seu peito, minhas costas coladas em sua frente.

Uma playlist de house music guia nossos corpos, principalmente o dele, e permito que os movimentos de seus quadris embalem os meus. Coloco o mínimo de trabalho que posso sem irritá-lo. Não tenho certeza se é a neblina ou se realmente estou com vontade de chorar, mas meus olhos queimam vendo todos os outros casais mal conseguindo manter as mãos longe um do outro.

— Vai se submeter a mim, Sage — ele sussurra acima da música, — Vou destruí-la até que seja a esposa domesticada

perfeita que fica ao meu lado e segue cada passo meu. Entende? Você se submeterá.

Tento bloquear sua voz, inalando pelo nariz e soltando pela boca. Eu o ignoro completamente e me forço a ir para um lugar diferente.

Esta seria a minha vida, fechando meus olhos e lembrando de todas as memórias de Rook porque isso seria tudo que eu teria. Recordações. Só espero que esses meses que passei com ele durem uma vida inteira de miséria.

Uma música soa com familiaridade em meus ouvidos.

Meu corpo corre frio com calafrios. Um suspiro sai dos meus lábios quando me lembro da última vez que a ouvi.

Era algo que Rook havia tocado nos alto-falantes da casa enquanto estava espalhada na ilha da cozinha, sua mão enterrada entre minhas coxas nuas. Sua mente pode ser uma coisa perigosa às vezes, e a minha não é diferente.

A visão parece tão real que posso senti-lo, seu corpo inteiro praticamente absorvendo o meu.

Quando meus olhos se abrem enquanto a batida diminui, pesada e marcante entre minhas pernas, vejo um homem a alguns metros de distância me observando.

Seu rosto está escondido de mim por uma máscara de LED que pisca com as luzes estroboscópicas. O brilho laranja profundo perfura minha alma, e os X onde os olhos deveriam estar parecem olhar através de mim.

Meu peito se expande com um suspiro de choque, uma pontada de mal-estar descendo pela minha espinha, mas só permanece por um segundo antes de desaparecer.

Acho que ele possivelmente está olhando para uma das outras garotas ao meu redor, mas sua forma enrugada permanece enraizada no mar de pessoas, olhos fixos em mim e apenas em mim, imóvel do meu corpo rígido.

Ele está coberto por um moletom preto e jeans escuros, e não consigo ver nenhuma característica distinta desta distância, mas essa sensação profunda vibra dentro do meu estômago, uma sensação de excitação me invadindo.

Mesmo que não seja Rook, posso imaginar que seja. Poderia fingir que estar nesta pista de dança não parece tão horrível.

Lento e provocador, ele inclina a cabeça um pouco para a esquerda, ajustando sua linha de visão para me ver melhor no meio da multidão, mas também é como se estivesse me tentando. Como se eu fosse levantar sua máscara e ver suas sobrancelhas levantadas em uma pergunta silenciosa.

— *Vai dançar para mim?*

Meu corpo balança com a música, levado pela ilusão de que Rook está aqui comigo. Que ele é tanto o homem na minha frente quanto o que está atrás de mim. Danço como uma marionete nas cordas, alguns dos meus movimentos mascarados pelas luzes estroboscópicas. Danço como se Rook estivesse assistindo e ele fosse meu marionetista.

Rolando minha cabeça em um pequeno círculo, deixo meu cabelo cair na frente dos meus ombros, soltando um suspiro enquanto minhas mãos traçam os contornos do meu corpo. Olho para o minivestido branco, salpicado com tinta neon, redemoinhos e padrões decorando minhas coxas e braços.

Serpenteio para frente e para trás, movendo a parte superior do corpo tanto quanto a metade inferior. Mãos agarram a frente do meu corpo, afundando na carne macia do meu estômago, mas essas mãos parecem muito carentes. Não são diretas e precisas, sabendo para onde ir sem precisar de mapa.

Levantando minha cabeça, espero que o homem mascarado ainda esteja lá, mas assim como minha visão dentro da minha mente, ele desapareceu.

Minha boca de repente fica seca. A sensação leve e arejada que tinha se foi e voltei a me sentir como uma pedra que afunda no fundo do oceano.

— Preciso ir ao banheiro — resmungo, empurrando as mãos de Easton do meu corpo e desconsiderando seus apelos para eu ficar.

Corpos me esbarram em todas as direções, apenas aumentando a urgência pela água. Há muitas coisas acontecendo, muitas pessoas, muitos sons. Sinto que posso morrer de um ataque cardíaco bem no meio desta pista de dança e ninguém notará, todos eles tão consumidos por seus sentimentos de êxtase.

Pressiono a porta que dá para o corredor, ofegante ao passar, sentindo alívio instantaneamente. Sinto no ar que há menos gente aqui fora. É mais fresco na minha pele, ajudando o suor que escorria do meu corpo.

Suaves gemidos de prazer chegam aos meus ouvidos, voltando minha atenção para alguns casais diferentes espalhados pelo corredor, corpos pressionados contra o vidro dos espelhos enquanto agarram os ombros de seus parceiros.

Os LEDs neon que iluminam os espelhos apenas evidenciam os rostos distorcidos de felicidade que todos estão experimentando. Um casal tem ambas as calças em volta dos tornozelos, enquanto o cara a penetra com tanta força que posso ver suas coxas balançando daqui de baixo.

De repente, me senti vazia, precisando de algo que sei que apenas uma pessoa poderia me dar.

— Porra! — A voz de outro homem ressoa entre os painéis de espelhos. Sua respiração parece quente e úmida na sua frente, conforme bate a mão no vidro. Com a outra palma carnuda, enrola a mão com mais força no cabelo de uma garota, a boca aberta enquanto ela se põe de joelhos olhando para ele. Sua respiração parece quente e úmida na sua frente.

É difícil não olhar, não ficar curiosa.

Espreito mais adiante no corredor, apenas para pular um pouco quando vejo que o homem com a máscara laranja voltou, o corpo alto sólido olhando para mim.

Ficamos ali, olhando um para o outro enquanto gemidos ricocheteiam entre nossos corpos.

Há mais uma vez uma espécie de familiaridade nele, mas não o suficiente para eu ter uma desculpa para ficar aqui ouvindo as pessoas foderem enquanto olhamos um para o outro.

A dança tinha sido inofensiva, uma invenção da minha imaginação, pensei. Até agora.

Até que vejo seu pé avançar. Isso me traz à realidade, me lembrando que não conheço aquele homem, e quem sabe o que quer de mim. Poderia haver um milhão de coisas diferentes que ele poderia fazer, inclusive me transformar em um traje de pele.

Giro, descendo na direção oposta, andando mais rápido do que deveria por não saber para onde vou.

Meu corpo colide com um dos espelhos com mais força do que gostaria de admitir. — Merda — sibilo, esfregando meu ombro que levou a maior parte da força. O reflexo me diz que ele ainda está me seguindo, por isso não tenho muito tempo para cuidar de minhas feridas.

Luto contra o pânico crescente, diferente do afogamento que normalmente sinto. Isso é completamente diferente. Parece areia movediça, envolvendo meus pés, enxameando como formigas em busca de comida, me sugando ainda mais para dentro da terra granulada e macia.

É isso que a areia movediça faz: devora as pessoas. Ela as engole, recusando-se a deixar qualquer coisa para trás até que fique preso sob o peso da areia se transformando em nada além de sedimentos.

Posso ver seu corpo em todos os espelhos. A máscara escura com LEDs laranja se multiplica pelo que parecem centenas, e sua figura imponente parece bloquear todas as minhas rotas de fuga. O pior é que, enquanto estou praticamente correndo de salto alto,

ele mal se mexe, como se soubesse que não precisa tentar me alcançar.

Como se já tivesse me pegado.

Minha garganta apertada, o medo rastejando com garras afiadas.

Virando à esquerda, estendo minha mão, ainda me movendo rapidamente, mas me certificando de não bater em mais nenhum beco sem saída novamente. O medo revira minhas entranhas conforme navego mais rápido, os sons de seus pés andando atrás de mim ecoando em minha mente. Não sei para onde vou. Não tenho nenhum plano real.

Por isso, em vez de continuar em pânico, decido enfrentá-lo. Eu me recuso a admitir a derrota para esse medo, sabendo que caras como ele provavelmente gostam de me assustar. Viro-me, fixando meu olhar para o cara por trás da máscara.

— Cara, caia fora. Seguir pessoas é foda... — paro, percebendo que estou falando comigo mesma porque parece que ele evaporou mais uma vez.

Alguém me drogou e simplesmente não percebi isso? Isso tudo é apenas uma viagem de LSD ou uma alucinação? Será que houve um homem com uma máscara?

Passo a mão pelo meu cabelo, rindo de mim mesma como uma forma de lidar com o quão porra delirante estou sendo.

— Você oficialmente enlouqueceu. — Falar sozinha só aumenta esse fato. Giro de volta para minha direção original, minha bexiga apertando fortemente, cutucando minha memória para onde ia.

Meu sangue congela em minhas veias, todos os meus órgãos funcionais param quando sinto a pressão abrupta sobre minha boca. A força por trás da mão me faz gemer de dor. Estou quase com muito medo de levantar os olhos do peito da pessoa, mas quando o faço, se arregalam de horror. Meu couro cabeludo formiga e meus ossos chacoalham.

A máscara laranja brilha em minha alma, me segurando ali por apenas um momento antes de me jogar para trás com um aperto excessivamente agressivo. Minha garganta tenta se tornar o lar de meus gritos, mas é apenas uma casa mal-assombrada.

Vazia.

Desconforto aperta minhas costas quando entra em contato com algo sólido, ambos os nossos corpos invadindo uma sala iluminada artificialmente. Meus olhos se esforçam para ver o que está ao meu redor.

Os ladrilhos brancos envelhecidos no chão, uma parede de espelhos acima das pias e fileiras de baias à minha direita. Morrer no banheiro de uma rave é a última coisa na minha lista de desejos, e depois que o choque do ataque passa, minha adrenalina entra em ação.

Levantando minha perna, aponto direto para seu pau na esperança de pegá-lo desprevenido por tempo suficiente para fugir, mas ele é esperto. Como se soubesse o que farei antes que realmente o faça.

A mão que não sufoca minha boca agarra minha coxa, impedindo que minha perna faça contato. Com tanta força sem

esforço, ele empurra minha perna de volta ao chão, levantando um dedo.

Ele mexe para frente e para trás, como os ponteiros do relógio, me insultando sem ao menos usar palavras. Agarrando meu antebraço, praticamente me arrasta para uma das cabines. Todo o tempo estou tentando o meu melhor para lutar contra ele como um gato selvagem. Minhas unhas arranham seu peito e braços, mas isso só parece fazê-lo puxar com mais força.

Meu físico pequeno não está preparado para isso, para alguém que pode me dominar tão facilmente. Ele mal está lutando enquanto me puxa para o espaço apertado da cabine.

Uma dor aguda e penetrante se desenvolve em minha bochecha enquanto suas mãos grandes empurram minha metade da frente para a porta. Estou colada na feia parede verde, o terror crescendo dentro dos confins do meu coração, comendo-o vivo como a areia movediça. Seu corpo se inclina sobre o meu, pressionando minhas costas.

— Eu te disse para não cheirar como ele. — Sua voz é quente e pungente quando sai dos buracos na máscara. — Agora você fede.

Alívio inunda meu sistema; a natureza familiar que senti antes não foi algo que inventei. Eu o conhecia. Como se eu pudesse esquecer o que ele parecia.

No entanto, embora encontre conforto em saber que é Rook e que estou segura, estou no limite de sua raiva agora, e ele é imprevisível quando está com raiva.

— Rook — murmuro. — O que está fazendo aqui?

Em vez de me responder, ele apenas me pressiona ainda mais.
— Você me obrigou a vê-lo te tocar.

— Obriguei você? O que está...

— Obrigou-me. Tornou impossível olhar para qualquer lugar além de você. Existir sem esforço em uma sala cheia de lixo, parecendo tão sagrada, divina e angelical, praticamente me forçando a corrompê-la. Obrigou-me a vê-lo se moer contra você, inspirá-la. — Um estrondo bestial irrompe de dentro dele enquanto inspira meu cheiro, sentindo-se menos homem e mais monstro.

— Estou com você — sussurro, significando isso mais do que já quis dizer antes. — Estou sempre com você. Mesmo quando estou com ele, ainda estou com você.

— Não posso deixar de te ver, Sage, mas não posso mais vê-la com ele. Vou acabar matando-o, marcando meu nome em sua bunda pouco antes de cortar sua garganta bem na sua frente. Estou farto de vê-lo tocar em você.

O poder em seu domínio me sacode até o âmago. Há tanta severidade nele agora que sei que ele não está brincando. Eu lhe pedi para fazer a única coisa que um homem como ele odeia fazer: compartilhar com um cara que odeia, escondendo-o avidamente nas sombras para que eu pudesse manter o que tínhamos um pouco mais. Sei que é errado, mas é tão ruim assim? Sou realmente o cara mau aqui por querer ter uma coisa para mim?

Não posso continuar fazendo isso com ele. Não posso continuar mentindo, mas também não quero perdê-lo.

Portanto, isso deixa apenas uma opção.

A verdade.

— Rook, eu...

Risadas indisciplinadas e vozes irrompem no banheiro, seguidas pela porta se abrindo. Bate contra a parede atrás dele, mas o grupo de homens que acabou de entrar nem se importa.

— East, aquela coisinha morena que está de olho em você lá fora é uma foda sólida. Tive-a entre meus lençóis algumas noites atrás.

— Passarei seus segundos desleixados, D. Sou capaz de agarrar minha própria boceta.

Sou grata pela pressão que Rook está colocando nas minhas costas, ou então meus joelhos teriam cedido. Não é assim que queria que essa conversa fosse com ele, e a última coisa que quero é que Easton nos encontre e conte a ele antes que eu possa explicar.

— Parece que temos companhia, TG — Rook murmura em meu ouvido, o plástico da máscara roçando a carne da minha bochecha.
— Que tal fazer um show para eles como fez comigo antes, hmm?

Meu corpo derrete um pouco quando o sinto esfregar meu traseiro, sentindo seu comprimento endurecido por trás do tecido de nossa roupa. Uma dor no estômago começa abruptamente, resultando em uma pulsação começando entre minhas coxas.

Meu vestido sobe um pouco, o suficiente para expor a parte de trás das minhas pernas. Estremeço com a sensação áspera de seu jeans esfregando contra mim. Mordo meu lábio inferior enquanto suas mãos descem para a minha metade inferior.

— Quero que me compense, Sage. Quero que seja minha putinha linda e fique de joelhos — ele começa, construindo essa fantasia para eu representar, uma que tem meus mamilos tensos e o núcleo pingando. — E se desculpe por me fazer observar você e ele. Compense-me com sua boca quente.

O aperto na minha cintura aumenta quando me gira suavemente para que eu fique de frente para ele. Atrás de mim, posso ouvi-los todos rindo sobre alguém não ter feito uma linha de coca corretamente. O pânico volta, mas não por medo da reação de Easton ao me encontrar – mas por medo de perder Rook antes que eu tenha a chance de realmente tê-lo, mas Rook me puxa de volta para nós, fazendo tudo além dele desaparecer. Ele agarra meu queixo entre os dedos, me segurando lá.

— De joelhos, vadia. — A máscara dificulta ver sua expressão, mas sua voz não deixa espaço para desacordo. Posso praticamente ver seus olhos queimando através do disfarce. — E não levante até que eu termine.

Não posso contar a ele agora; também não posso terminar com Easton agora, mas posso fazer isso e quero compensá-lo. Quero lhe dar isso.

Por isso, faço como ele disse. Agacho-me, me pondo de joelhos um de cada vez, o azulejo frio ardendo minha pele. Mantenho meus olhos para cima, olhando para ele através da máscara porque sei o quanto adora quando olho para ele enquanto fode minha boca.

— Assim? — Pergunto inocentemente, lambendo meu lábio inferior, esperando por sua resposta enquanto minhas palmas correm por suas coxas.

Minha boca saliva ansiosamente. O desafio de fazê-lo se sentir bem, a oportunidade de receber seus elogios, faz meus dedos doerem. Faço um trabalho rápido de seu botão e zíper, mergulhando minha mão em seu jeans.

Amassando seu pênis endurecido através de sua cueca, provoco a ele e a mim. Tocá-lo me lembra de como é incrível dentro de mim, me esticando, massageando minhas paredes até que eu fique uma poça de êxtase.

Arrepios percorrem minha espinha enquanto o liberto, e meu corpo vibra conforme o admiro. Minha língua testa as águas, batendo contra a joia vertical que só aumenta seu *sex appeal*. As veias distintas girando em torno de seu eixo pulsam à medida que tomo meu tempo.

— Sage ainda não está deixando você esmagar? — Ouço ecoado lá fora.

— Aquela cadela arrogante mal me deixou tocá-la.

— A vadia provavelmente está fodendo outro cara, mano.

A mão de Rook cai na minha cabeça, esgueirando-se para trás para agarrar uma mecha do meu cabelo para se segurar. Minha pele está quente e formigando enquanto os ouço falar mal de mim, conforme me concentro em dar prazer a ele.

Sedutoramente e sem mover meus olhos de seu rosto brilhante, cuspo na cabeça irritada e vermelha, usando minha mão para espalhar minha saliva para cima e para baixo em seu comprimento. Eu o lubrifico todo para que ele deslize pela minha garganta suavemente.

— Talvez ele foda a pura dela — Easton brinca, fazendo os caras ao seu redor rirem.

Meu couro cabeludo queima quando Rook torce seu pulso, puxando com mais força meus cabelos.

— Vai foder a vadia de mim? — Pergunto, minha voz um sussurro para apenas ele ouvir, olhos arregalados, tentando fazer com que se concentre em mim para que não mate toda a linha ofensiva de Ponderosa Springs.

Estou acostumada com seus comentários grosseiros; suas palavras não me afetam. Meu único foco é fazer Rook se sentir bem, mostrando a ele o quão pouco me importo com o homem fora desta cabine. O quanto me importo com ele. Mostrando a ele o quanto é digno disso.

Estou de joelhos onde poderia facilmente ser pega, não me importando, desde que consiga fazê-lo se sentir bem.

Minha palma se enrola em torno de sua base, bombeando para cima e para baixo enquanto abro minha boca para levá-lo para dentro. Envolvero-o completamente, girando minha língua, traçando os sulcos.

Ele me puxa para longe dele antes que possa fazer qualquer outra coisa, dobrando a cintura para que seu rosto fique perto do meu — Não preciso disso para gozar. Sei como lidar com a vadia em você.

Um rubor aquece minhas bochechas, pouco antes de senti-lo pressionar minha cabeça em direção aos seus quadris. Empurra seu pau pelos meus lábios, na minha boca e na minha garganta,

me pegando completamente desprevenida. Seus piercings fazem cócegas no fundo da minha garganta, me fazendo engasgar silenciosamente, mas não parece incomodá-lo porque ele me segura lá.

Sem piedade à vista, ele move os quadris para trás enquanto coloca a outra mão no meu cabelo, avançando para frente mais uma vez, criando um som desleixado à medida que enfia o pau na minha boca.

Sua cabeça está enfiada no queixo, aquele neon da máscara iluminando nosso espaço. Mesmo sem ver seus olhos, sei que estão olhando diretamente para os meus. Minha garganta se contrai ao seu redor, empurrando-o para fora com resistência, e meu reflexo de vômito entra em ação.

— Relaxe sua garganta, baby. Deixe-me entrar. — Ele geme baixinho, usando ambas as mãos para me empurrar ainda mais para baixo em seu eixo até que meu nariz esteja enterrado em sua pélvis. A circunferência força minha garganta a se expandir, pressionando dolorosamente contra o tecido macio da minha traqueia.

Minha respiração pelo nariz sai trêmula enquanto estremeço, meus olhos semicerrados conforme me concentro em não fazer nenhum barulho para que aqueles fora desta cabine não me ouçam. Engulo ao seu redor, sugando-o com meus lábios, criando um vácuo hermético.

— É isso. Uma vagabunda tão boa para mim.

Por mais difícil que seja, é tão bom. Senti-lo esticar minha boca, senti-lo enraizado dentro de mim, observando-o buscar prazer em mim.

Sou tão egoísta, porque levarei tudo isso. Tudo o que ele der, pegarei, tirarei, roubarei. Porque pode ser tudo o que tenho no final.

Toda vez que tento recuperar o fôlego, ele o rouba com outra estocada forte em minha boca, e não tenho escolha a não ser segurar. E só piora com o passar dos segundos. Seu aperto em meu cabelo queima com a força, e seus golpes se tornam violentos.

Luto para respirar, tentando desesperadamente manter minhas mordanças quietas. Embora não haja nada que possa fazer sobre seus suaves gemidos de prazer e o barulho molhado de seu pênis enchendo minha boca.

Finalmente, o destino decide me dar um tempo, porque ouço o grupo de rapazes começar a sair do banheiro. Quando a porta se fecha, engasgo embaraçosamente alto, pressionando minhas mãos nas coxas de Rook e forçando-o a sair para que eu possa recuperar o fôlego.

Um rastro de saliva da minha boca escorre de seu eixo, pelo meu queixo e no meu peito. Posso sentir o calor de minhas bochechas coradas, meus olhos cheios de lágrimas que caem livremente com a força de seus golpes.

— Disse que terminamos, Sage? — Ele provoca, me empurrando para trás de modo que minha cabeça e suas mãos pressionam a porta da cabine.

Minha resposta é nula. Sou incapaz de falar uma vez que ele volta para a minha boca, empurrando mais fundo dentro de mim do que eu pensei ser possível. Minha cabeça contra a porta lhe dá um encosto para que seus impulsos sejam mais fortes, e não tenho para onde recuar.

Viro minha cabeça para frente e para trás enquanto seu eixo me sufoca, achatando minha língua para massagear a parte de baixo de seu comprimento, lambendo a veia protuberante toda vez que me forço para baixo.

É uma euforia caótica. O tipo de êxtase doloroso que te faz questionar sua sanidade.

Minha visão está embaçada com as luzes LED cobrindo seu rosto, nebuloso com lágrimas enquanto ele continua a encontrar prazer. Ignorando totalmente a dor em minha garganta e mandíbula, meu corpo me implora para fazer uma pausa, pelo menos.

É sempre assim que acontece com ele. Ele empurra, força, pressiona até que eu seja incapaz de funcionar. Não há pausas. Não é fácil com ele.

Ele me leva à beira de um prazer incompreensível todas as vezes.

Eu quero isso. Quero fazê-lo se sentir bem, por isso se não conseguirmos, talvez ele pense nisso enquanto está no chuveiro, acariciando seu pau com a imagem do meu rosto conforme fodeu minha boca neste banheiro.

Quero essa dor.

Sabendo que nos próximos dias, me lembrarei disso. Pensarei na dor e minhas coxas ficarão escorregadias de calor, porque nos lembramos das coisas que nos machucaram.

O número de grunhidos e gemidos saindo dele é o suficiente para me manter aguentando a dor. Engasgo e cuspo ao seu redor, minha garganta apertando enquanto levo minha mão para descansar em seu abdômen. Posso sentir seu estômago se contrair, seus impulsos violentos se tornando desleixados e fora de controle.

Minha outra mão escorregadia segura suas bolas, provocando um silvo dele enquanto suga o ar entre seus dentes rangendo.

— Foda-se, baby.

Com meu nome em seus lábios, ele empurra profundamente no fundo da minha boca, despejando sua liberação em minha garganta. Engulo avidamente, chupando até que ele termine comigo. Posso sentir suas pernas tremendo levemente conforme embala a parte de trás da minha cabeça.

Ele se afasta de mim, permitindo-me inspirar profundamente pela primeira vez desde que isso começou. Descanso minha cabeça contra a porta, meus ombros caindo enquanto relaxo os músculos da minha mandíbula.

Ouço-o tirar a máscara do rosto, expondo aqueles olhos brilhantes, uma fina camada de suor na testa. Joga-a no chão atrás de nós, se abaixando e me pegando em seus braços.

Meu corpo naturalmente envolve o dele, abraçando-o enquanto ele empurra minhas costas para a porta, nos segurando lá.

— Agora, quando sair, quero que dê um beijo de despedida em Easton para que ele sinta o gostinho do meu gozo, depois você vai para casa e espera que eu me esgueire para que possa comer, sim?

Arrepios correm pela minha espinha, calor frio formigando entre minhas pernas.

— Senti sua falta também — eu rio baixinho, minha voz crua e áspera.

— Senti sua falta. É só... — ele sussurra baixinho. — Posso ficar com você? — E minha alma se parte por causa disso.

Quero que ele fique comigo. Sempre. Para ficar aqui, bem aqui neste banheiro nojento de *rave house* porque parece mais seguro, mais certo, do que em qualquer outro lugar que já estive.

Eu não acreditava que houvesse um lado suave em alguém como Rook antes de conhecê-lo. Sempre pensei que ele era apenas arestas queimadas e insultos abrasadores. Até que vi a pessoa que ele era antes que este lugar o transformasse em algo maligno.

Ele não é mau.

Ele ri e sorri. Brinca e literalmente tem um *GPA*²⁸ mais alto do que eu. Odeia a chuva, mas ama o nevoeiro que deixa porque o lembra de fumaça. Odeia quando escrevo no interior de seus maços de cigarro, mas o pego sorrindo quando os lê.

Ele é um humano que foi ferido pelo mundo. E tudo o que quero fazer é ser a razão pela qual acredita nele novamente. Mesmo que

²⁸-Grade Point Average – média das notas recebidas em todas as aulas cursadas desde o fundamental até o ensino médio.

não possa fazer o mesmo por mim. Mesmo que não consigamos ficar juntos no final, ele precisa saber que merece mais do que sofrimento.

Ele merece a felicidade.

Ainda há algo que ele está escondendo de mim, algo em seu passado que o faz se sentir condenado. Posso sentir que ainda mantém pedaços de si mesmo nas sombras. Isso o impede de se entregar totalmente a mim, mas não me importo.

E talvez seja isso que seja tão assustador em tudo isso.

Que não me importo se tenho seus segredos.

Eu só o quero. O ele que me faz sentir viva e real.

Ele me empurra para encarar a vida como eu sou e não como os outros querem que eu seja.

Quando estou com ele, é como saber todos os dias que amanhã os pássaros cantarão.

Meus dedos envolvem os fios de cabelo na base de seu pescoço, brincando com eles suavemente.

— Pode ficar comigo, Rook.

É neste momento que percebo que faria qualquer coisa por ele. Tanto que contarei a ele sobre o acordo, ver se ele pode me ajudar para que Rose não fique tão presa. Qualquer coisa que ele pedir, eu faria.

Eu o quero. Quero estar com ele e não apenas por mais algumas semanas.

E esse é o verdadeiro poder que pode ter sobre alguém.

Easton tem chantagem, algo que posso superar com o tempo. Não é permanente ou duradouro, mas o amor... Deus, que poder exercer sobre alguém. Essa é uma verdadeira ruína.

É por isso que fiquei longe das pessoas por tanto tempo, porque fui má e amarga, mantendo todos afastados para que nunca tivessem a chance de me conhecer.

Porque dei uma chance ao mundo quando criança, e isso me destruiu.

Prometi a mim mesma que não permitiria que isso acontecesse novamente. Não me deixaria machucar, para confiar em alguém do jeito que confio nele.

Prometi a mim mesma e não cumpri, porque agora acho que me apaixonei pelo diabo.

DOZE



EXTRAÇÃO

Roof

— Onde está Thatcher?

Ando até a mesa escondida no canto do refeitório, olhando para Rose, que está sentada ao meu lado.

— E aí, Rosie — digo enquanto bagunço seu cabelo.

Ela sorri para mim, mostrando-me seu rosto. — Ei, RVD.

Quanto mais meus dedos e olhos descobrem o corpo de sua irmã, mais diferentes parecem uma da outra.

— Doente ou algo assim, enfiado na casa dele. Está chateado com isso — Alistair responde antes de mastigar uma maçã como se tivesse falado com ele antes.

— Ele está apenas tendo um de seus momentos germofóbicos. Vai superar isso. — Puxo meu capuz na minha cabeça, afundando na cadeira e jogando meus pés em cima da mesa, dobrando minhas mãos atrás do meu pescoço.

— Falando em onde as pessoas estiveram, onde diabos em estado ultimamente? Não estive no The Graveyard este fim de semana.

Sei que terei que contar a eles em breve o que tenho feito, por que não tenho aparecido tanto, e também sei que precisa ser antes da formatura, o que significa lhes dizer enquanto ela ainda namora Easton.

Que tempestade de merda será.

No entanto, não vou anunciá-lo sem que Thatcher esteja por perto ou na escola. Direi a eles quando estivermos sozinhos; dessa forma, se um deles explodir sobre isso, não é um grande problema.

Como eu disse a Sage, não tenho medo de que descubram ou de suas reações. Claro, eles ficarão putos comigo por esconder isso deles, mas ficarão ainda pior quando descobrirem o porquê.

— Eu ia, mas depois fumei a cepa errada e desmaiei na minha cama. Só não estava sentindo isso neste fim de semana, cara. — Mentiras - estava fodendo com a irmã de Rose na parte de trás do carro dela na porta da minha casa. — Não ajam como se eu nunca os visse, idiotas. Eu praticamente moro na casa de Silas a maior parte do tempo.

— É melhor ficar feliz por meu pai ser imune a você vestindo sua boxer na cozinha todas as manhãs — Silas se intromete, e eu rio.

— Ele só me tolera porque seus irmãos mais novos me amam. Sua mãe, por outro lado. — Chupo meus dentes. — Ela me odeia.

— Meu pai te tolera porque é meu amigo, e minha mãe não te odeia. Ela odeia limpar as balas Nerf pela casa depois que foi a guerra com Levi e Caleb.

Confesso que estava com ciúmes de Silas quando nos conhecemos. Acho que é por isso que quando nos conectamos, isso tornou nosso vínculo muito mais próximo. Ele tinha uma grande família, que parecia ser essa força unificadora entre mim, Alistair e Thatch. Sua vida poderia ser tão ruim assim? Quero dizer, considerando tudo, ele tinha tudo - um pai amoroso que não tinha vergonha de sua doença mental e lutaria para lhe dar o que ele precisasse apenas para fazê-lo feliz, uma mãe que pensava que ele andava sobre as águas e dois irmãos que o admiravam. Sem mencionar que eram ricos.

Onde ele se encaixa conosco? Como poderia se relacionar com o que passamos?

Descobri alguns anos depois, quando foi diagnosticado, oficialmente, com esquizofrenia.

Não que ele entendesse; é que éramos as únicas pessoas que o compreendiam.

Sabíamos como era ter demônios comendo nossas vidas, nossa esperança, nossa carne. Entendíamos como suas alucinações pareciam reais porque as vivemos. Mesmo que as suas criaturas fossem fictícias que apareciam em sua mente e as nossas fossem humanos causando estragos em nossas vidas, ainda poderíamos nos relacionar.

E isso era algo que ninguém mais poderia fazer. Nem médicos, nem psicólogos, nem mesmo seus pais, que tentaram desesperadamente.

Jamais esquecerei o dia em que ele me contou como era, como às vezes, principalmente à noite, apareciam essas figuras intangíveis da névoa. Como puxavam seus pés e sussurravam em seu ouvido. Como não importava quantas vezes fechasse os olhos e dissesse a si mesmo que era apenas um sonho, ainda estariam lá toda vez que ele os abrisse.

Não havia luz noturna ou história para dormir que pudesse afastar seus pesadelos. Estavam com ele sempre.

Foi nessa mesma hora que lhe contei a verdade sobre minha mãe. Ele era o único que sabia sobre isso ou até mesmo me ouviu falar sobre isso em voz alta.

Ficamos inseparáveis depois disso.

— Pergunto-me se ele sabe que parece um idiota ou se simplesmente não se importa — Alistair anuncia, olhando para além de mim. Silas abre um sorriso, apenas o suficiente para mudar suas feições.

Viro minha cabeça para ver atrás de mim, saudado com a visão de Easton entrando no refeitório com o braço em volta dos ombros de Sage, segurando-a como se ele estivesse destinado a estar lá. Como se fosse direito dele.

— Da próxima vez que seu pai visitar à mãe, diga a ele para mencionar que Easton é muito velho para sua mãe vesti-lo — acrescenta Silas.

É engraçado para mim que Easton ainda não tem ideia de que estamos cientes das atividades extracurriculares de sua mãe. Estou quase tentado a usar isso contra ele, só para vê-lo tremer de medo de que sua reputação familiar perfeita seja destruída.

Porque se a verdade viesse à tona, os Sinclair seriam os únicos que se importariam. Como se Alistair desse a mínima para o que sua família de merda fez ou com quem foderam.

Meus molares rangem, a mandíbula apertando ao ponto que é quase doloroso.

Não importa há quanto tempo estamos juntos ou quantas vezes já vi esse cenário acontecer antes, a pontada aguda de aborrecimento nunca diminui. Toda vez, minha fome territorial por Sage só aumenta, e eu a avisei que estava cansado de esperar.

Sinto minhas mãos suando enquanto olho para ela, aquele sorriso falso deslumbrando a sala, forçando todos os homens a olharem e todas as garotas a revirarem os olhos com ciúmes. Esse número de saia xadrez fazendo maravilhas pela minha imaginação. Uma colegial vindo confessar mais alguns pecados, ao que parece.

Rolando minha língua e mordendo com mais força meu fósforo, posso praticamente sentir o gosto de seus sucos pingando em minha boca enquanto a comia sob aquele material frágil.

Desejá-la sexualmente não é anormal para mim, mas a necessidade protetora de mantê-la para mim é.

Não posso deixar de me perguntar se Easton conhece seus segredos. Se ela atua em roupas íntimas, ou come *Skittles* até que

seu estômago doa perto dele. Se ele conhece os sonhos dela e as coisas que a assustam.

Contra o meu melhor julgamento, me preocupo com ela. Eu a quero.

E porque a vida adora me lembrar como pode ser cruel quando não se está prestando atenção, todas as minhas preocupações são absolutamente verdadeiras.

Porque, enquanto continuo a admirar a garota em quem nunca deveria ter confiado, vejo seu dedo decorado com um anel de diamante brilhante que prometia a ela para sempre.

— Gostaria que ela pudesse ver o quanto merece, mas falar com ela sobre isso é como falar com uma piranha faminta. Simplesmente odeio o fato de que ele será meu cunhado, mesmo que seja por casamento.

A voz de Rosie é como ruído branco. Estala e sibila dentro do meu ouvido, milhões de pequenas agulhas cutucando meu tímpano repetidamente.

— Desde quando estão noivos? — Pergunto, esperando que meu tom saia monótono e despreocupado.

Ela dá de ombros, mordendo um talo de aipo. — Minha mãe disse antes do Natal. Só queriam manter as coisas discretas até a formatura. Parece que eles se cansaram de esperar.

Concordo com a sua resposta, mas também faço uma anotação para mim mesmo. Eu estava certo o tempo todo. Nunca deveria ter tocado a linda flor, nunca permitido que seus dentes afundassem na carne do meu fruto proibido.

Todos dizem que o diabo é o corrupto; ninguém pensa que poderia ter sido um problema tentador para Eva.

Ela tinha sido muito venenosa o tempo todo, e agora estou investido.

Minha mente está atormentada com memórias dela, de quem pensei que ela era, meu corpo infectado com a sensação dela. Ela está em mim, em todos os lugares, e a quero fora, agora mesmo.

Todas as suas palavras, todas as suas ações, todas foram imundas, malditas mentiras. Cada um deles.

Estou suando, fumegando sob minhas roupas, e o tremor em minhas mãos é o pior de todos. Tenho certeza que fumaça pode ser vista irradiando de mim.

Estou ficando fora de controle, uma espiral descendente que se dirige para nada além de um fim caótico, e preciso sair daqui. Preciso sair. Preciso ser punido por confiar em alguém que sei que é um mentiroso.

— Esqueci meu trabalho de química em casa. Vou correr e pegá-lo antes do próximo turno. Falo com todos vocês mais tarde.
— Deixo cair meus pés no chão, afastando-me da mesa que tinha acabado de sentar apenas alguns momentos atrás, e saio de lá.

Vou embora - é o que digo a mim mesmo enquanto meus pés batem no corredor. Preciso ser atingido ou preciso explodir alguma coisa antes de entrar em combustão.

Exceto que, quando passo pelas portas do teatro, faço uma pausa.

Sei que Sage vem aqui depois do almoço todos os dias por causa de seu período livre. Fiquei sentado aqui muitos dias observando-a na última fila da sala sem que ela soubesse, apenas para vê-la no que pensava ser seu elemento natural.

Sentei-me ali como um cachorrinho de merda. Um tolo. Um maldito idiota. Espumando pela boca como se ela fosse uma deusa ou um anjo. Sentei-me e observei, pensando em todas as coisas que faria e diria a ela mais tarde. Foi assim que passei o dia sem estripar o seu namorado.

Isso me segurou até que a visse novamente, porque se estou sendo sincero comigo mesmo, o único lugar real em que me senti feliz foi quando estava perto dela. Não apenas conforto, como com os meninos, mas felicidade real. Um sentimento que não sentia desde que minha mãe morreu.

Droga, como pude fazer isso comigo mesmo. Como poderia ter pensado, por uma fração de segundo, que eu era capaz de me apaixonar.

Mesmo depois do que Rose disse, mesmo depois do anel em seu dedo, essa força dentro de mim continua tentando defendê-la. Está perdido em falsas esperanças, implorando ao meu cérebro para ouvir, para ser otimista. Que talvez tudo isso seja um grande mal-entendido.

Queria acreditar nela. No que quer que fôssemos.

Empurro as portas abertas para o teatro, me xingando. — Seu idiota patético. — Minhas mãos puxam meu cabelo, puxando as mechas dolorosamente com força.

Mesmo quando não tenho motivos para acreditar nela, ainda espero. Encosto na parede no escuro, e continuo sendo o cara que acredita nela. Acredito na Sage que vi naquela noite no The Graveyard.

Não há como ela fingir que seus olhos clamam por ajuda. Ela não poderia ter forjado todas aquelas conversas, todas aquelas divagações e risadas tarde da noite.

É impossível.

Fico aqui esperando enquanto os minutos passam, entrando em guerra comigo mesmo, nunca percebendo até este exato momento que eu realmente comecei a esperar por algo bom pela primeira vez.

Algo que não dói. Enganado a pensar que mereço mais.

A porta se abre novamente, o som dos alunos do lado de fora é cancelado quando se fecha atrás dela.

Não arrastarei isso. Quero respostas. Eu preciso da verdade.

— Vou te dizer, Sage. É uma baita atriz. — Afasto-me da parede, me aproximando dela. Meu corpo se eleva sobre o dela mesmo com aqueles saltos altos.

— Rook...

— Voltamos a Pyro, certo? Rook é para pessoas que não mentem descaradamente na minha cara. — Minha guerra interna sai da minha boca, minhas palavras nem mesmo dando à minha mente um segundo para ouvi-la.

Encaro aqueles olhos cor de chama azul e procuro por algo, qualquer coisa. Um lampejo de emoção que poderia acender minha

esperança para que ela não se esgote. Talvez raiva porque estou duvidando dela. Tristeza porque está com algum tipo de problema.

Eu teria me arrependido. Teria aceitado que ela mentisse para mim sobre Easton e se arrependesse porque aprendeu a se importar comigo.

Em vez disso, não encontro nada. Um rosto passivo com uma expressão ilegível.

Olho para o teto, meu peito se expandindo com uma respiração profunda. — Por quanto tempo manteria isso? Planejava me manter por perto até logo depois da recepção ou quando tivesse que descobrir quem era o papai do bebê?

Ela fica ali parada, olhando para mim sem reação. Normalmente, gritaria de volta, brigaria comigo, porque era ela. Isso era quem ela era comigo.

Estou cheio de tanta energia que minhas mãos querem se estender e sacudi-la. Quero gritar com ela para dizer alguma coisa, para dizer qualquer coisa.

— Diga-me que é mentira, Sage — digo com um tom áspero, mas meu peito está doendo.

Ela me disse que eu poderia ficar com ela. Que era minha para manter, e aqui estou fazendo exatamente o oposto. Nunca fui capaz de manter nada que me importasse.

Só quero essa coisa esquecida por Deus.

— Por favor, me diga que o noivado é uma farsa, que não é verdade. Que isso é o que seus pais queriam para você. Diga-me a verdade e juro que partirei o mundo ao meio para salvá-la dele,

para protegê-la. — Continuo. — Diga-me a você que se agarra ao meu moletom quando dorme é a verdadeira você. Diga-me que peguei a verdadeira Sage.

Esperando que isso seja a gota d'água para tirá-la de seu transe, dou um passo à frente, colocando minhas mãos em cada lado de sua cabeça.

— Apenas me diga que é uma mentira, baby — sussurro.

Em três movimentos curtos, ela apaga toda a confiança que depositava nela. Dá um passo atrás, fora do meu toque.

— Não é assim que eu queria que fosse, mas acho que é melhor arrancar esse Band-Aid. — Ela enfia uma mecha de cabelo atrás da orelha casualmente, como se eu não estivesse pronto para explodir. — Eu só, precisava de um pouco... — para enquanto pensa na palavra certa, parecendo rígida e calculada.

— Perigo antes da formatura, sabe? Entendeu, certo? — Suas sobrancelhas se erguem com a pergunta retórica, soando mais como um robô do que como um ser humano. A atitude que absorve cada palavra me abala.

A garota que comecei a deixar entrar se foi. Esta é a velha Sage, e está de volta com garras ainda mais afiadas.

A parte triste é que acho que ela nunca foi a lugar nenhum.

— Eu realmente não tive a experiência completa do ensino médio que todo mundo sempre fala – tentando manter as imagens, animar, escola – e quando Easton me pediu em casamento... — Ela suspira, olhando para longe de mim por um momento como se estivesse imaginando-o, depois voltando seu olhar para o meu. —

Bem, só queria marcar todas as minhas caixas de experiência de vida, e você parecia que faria o trabalho.

Meu peito se contrai. Uma grande faca cravada em minhas costas, enchendo meus pulmões de sangue.

As únicas palavras que consigo dizer com os dentes cerrados são — É isso mesmo?

Ela balança a cabeça, mostrando os dentes com um sorriso condescendente. — Admito que tive minhas dúvidas quando ele fez a pergunta. — Como que para piorar, como para derramar gasolina sobre meus pulsos cortados, ela distraidamente gira o anel em seu dedo. — Mas! Acho que tornou mais do que óbvio que Easton Sinclair é tudo de que preciso para o meu futuro. Quero dizer, fomos praticamente feitos um para o outro. Não acha?

Ela está falando sério agora? Aproximo-me dela, franzindo minhas sobrancelhas em um V irritado.

— Está brincando. Seu futuro são orgasmos falsos e pessoas que te tratam como uma boneca inflável? Isso é besteira, Sage. Isso é besteira. Quer me dizer que todos os roteiros, todas as lágrimas, LA, isso foi tudo, o quê? Um ato? — Nunca tinha ouvido minha voz tão cheia de intensidade emocional.

Eu poderia soar ameaçador. Poderia soar engraçado ou sarcástico, com certeza, mas isso é diferente. Cada palavra parece como lâminas de barbear contra as solas dos meus pés, porque ela mal se encolhe com elas.

Como se não a incomodassem, como se ela não se importasse.

— Eu te disse o que precisava ouvir, Rook. — Ela ajusta a alça de sua mochila, aparentemente entediada com essa conversa. — Dei a você uma garota que pensou que poderia salvar. E você era apenas o garoto da piscina que eu queria um pouco de sujeira. Só...

Ela para, e foda-se se pensei que ela cederia e pegaria tudo de volta.

Sua risada ressoa, mordendo minha pele como balas de curto alcance. Um após o outro, levo golpe após golpe até parecer um queijo suíço.

Deixado vazio e cheio de buracos de novo.

— Simplesmente não posso acreditar que realmente caiu nessa. — Ela termina sua risada, enxugando as lágrimas de alegria debaixo dos olhos.

Um novo ódio bombeia em minhas veias como adrenalina, um apetite por retaliação crescendo. Pensei que meu espírito ressentido havia diminuído desde que estava perto dela, e isso só joga carne nas feras famintas dentro de mim.

Ela é uma mentirosa. Uma vadia manipuladora. Uma traidora. O inimigo.

Não há ninguém que eu odeie mais do que ela agora, e quero que ela pague. Quero que ela se machuque do jeito que me permiti me machucar.

Chupo meu lábio inferior, sorrindo com a animosidade preenchendo meu corpo, transbordando em mim. — Apenas saiba quando estiver sozinha no final disso, porque usou todos ao seu

redor para fazer isso consigo mesma. Ninguém tem pena da vadia sem coração.

Ela escarnece, afastando-se de mim para ir em direção ao palco. — Não preciso de pena, Pyro. Assim como não preciso disso.

— Está jogando este jogo há tanto tempo, Sage, que não sabe se é você quem joga ou se está jogando com você. — Digo a ela apenas para que olhe por cima do ombro e sorrir.

— Não fique chateado por ter sido você quem acabou sendo enganado desta vez, Van Doren. Tenho certeza que vai superar isso. Afinal, amanhã os pássaros cantarão.

Deixei suas palavras penetrarem na minha pele. Deixo que alimentem meu ódio por ela, mesmo que a única pessoa real para culpar seja eu mesmo.

Ela receberá o que está preparado para ela. Vou me certificar disso.

Saio correndo da escola, tentando arrancar as portas das dobradiças enquanto faço isso. Sei exatamente o que farei, mas primeiro, há algo que preciso resolver.

Vou até a única pessoa que faria o que eu pedisse sem exigir respostas. Alguém que deseja o tipo de tormento demente que preciso neste momento.

Socos no estômago de Alistair e versículos bíblicos grosseiros embebidos em malícia de meu pai não conterão minha ânsia de dor hoje. Não será o suficiente.

Preciso de um pouco para extrair esse veneno. Agora.

Com meu corpo tremendo de tanto ódio por mim mesmo, subo os degraus de pedra até a porta da frente. A aldrava magra me encara enquanto bato meu punho nela, urgência em meus movimentos. Meu cérebro está gritando, berrando e furioso com a porra do órgão inútil no meu peito.

Deveria ter permanecido morto. Não deveria ter voltado a bater depois de tudo que passou. Sabia que era melhor - viu como o mundo era, mas esperava que Sage fosse diferente.

Que ela não fosse uma mentirosa.

Começou a bombear lama preta pelos dutos quando ela cravou as unhas em mim, o único líquido restante enchendo minhas veias, lutando para funcionar. Lutou para acreditar que poderia mais uma vez bater normalmente, transportar sangue real em vez de fluido tóxico.

A pesada porta geme ao se abrir, a luz do sol entrando na casa escura. Seus Oxfords pretos estalam no chão enquanto ele se inclina contra o batente, olhando para mim com olhos opacos.

Ele tem uma voz cheia de vida, sagacidade sarcástica, brincadeira inteligente e até mesmo um pouco de humor, mas seus olhos nos permitem saber que é tudo uma atuação.

Por dentro, ele é torcido. Não poderia se importar menos.

Não porque não queira, mas porque fisicamente não consegue se importar com os outros. Não do jeito que as pessoas normais fazem.

Ele é leal, me entende, mas não se importa. As emoções humanas são vazias para ele.

Enquanto Silas compreende as emoções, como funcionam, como afetam os outros, ele simplesmente não gosta delas.

Thatcher nunca conseguiu entender o conceito de sentimentos porque não pode senti-los por si mesmo.

Como pode?

No entanto, Thatcher Pierson pode fazer o que ninguém mais faria por mim.

Olho para ele, meus olhos ardentes encontrando seus olhos gelados.

— Preciso de você para fazer isso doer.

TREZE



ÊXODO

Gage

Ácido estomacal escorre da minha garganta, espirrando no sanitário embaixo de mim. Agarro-me ao que quer que esteja ao meu lado, tentando me preparar para a dor.

Não sobrou nada dentro de mim para vomitar. Toda vez que meu peito arfa, meus órgãos se contraem e se movem, expelindo apenas algumas poças de bile amarelo-esverdeada. Acomodei-me no chão do meu banheiro, tendo saído da escola e vindo direto para cá, querendo evitar contato com toda a vida humana.

Nenhuma quantidade de maquiagem ou mordida sarcástica poderia esconder o que estava acontecendo dentro. Gastei toda a minha energia mantendo uma cara séria com Rook, mantendo tudo bem fundo, e agora está forçando seu caminho de volta para cima.

Meu corpo está me punindo pelo que fiz a ele.

Outra onda de náusea me atinge enquanto lágrimas quentes escorrem pelo meu rosto. Tudo o que posso ver são seus olhos.

Como se abriram e estilhaçaram com tanta dor e rancor. Eu o testemunhei queimar fisicamente cada sentimento positivo associado a mim em seu corpo.

Tudo de bom que trabalhei tanto para trazer à tona desapareceu com cada mentira dos meus lábios. Com uma conversa, peguei o que tínhamos e enterrei a três metros de profundida.

Está morto agora. Estou morta agora. Morta para ele.

Deixada para apodrecer com meu próprio arrependimento e os insetos, sem lápide para marcar meu túmulo, porque sei que nunca mais voltará. Não há necessidade de ele saber onde vou descansar.

Naquele momento, provei a ele o que sempre acreditou ser verdade.

Esta vida não deve conter nada além de desprezo e sofrimento por ele.

— Está feito?

Ergo meus olhos pesados para a porta, mal olhando antes de tentar fingir que ele não existe. Espero que, se ignorar Easton por tempo suficiente, ele simplesmente desapareça da face da terra.

— Sim. — Tusso. — Pode dar o fora da minha casa agora.

Seus passos se aproximam antes que eu sinta sua presença ao lado do meu corpo curvado. Corajosamente, seus dedos afastam algumas mechas de cabelo do meu rosto e sobre meu ombro. Não que isso realmente importe agora, já que já há vômito neles.

— Está mentindo para mim, Sage? — Ele ronrona suavemente, a voz suave, mas sua mão é o oposto. Apalpa avidamente a parte de trás da minha cabeça, agarrando um punhado de cabelo, jogando minha cabeça para trás para que eu olhe para ele. — Para o seu bem, é melhor não estar mentindo para mim.

— Tire suas mãos de mim! — Grito, empurrando minhas mãos profundamente em seu peito. Ele cai de sua posição agachado direto para sua bunda, um sorriso estranho no rosto o tempo todo. — Eu te disse que fiz isso. Está feito, seu bastardo presunçoso.

— *Tsk, tsk* — ele diz, balançando a cabeça. — Sempre achei nosso relacionamento bastante baunilha antes. Acho que isso realmente apimentará as coisas para nós no futuro, baby.

— Você me dá nojo — digo a ele, um olhar de desgosto no meu rosto.

Uma nova onda de emoções borbulha dentro de mim, e quero desesperadamente me enrolar como uma bola neste chão e chorar, mas não darei isso a Easton. Ele está se preparando para tirar tudo o que sou; Não darei a ele o prazer de me ver sofrer mais do que já fiz.

Realmente pensei que poderia romper com tudo isso? Sair e realmente acabar com Rook? Realmente permiti que o amor me tornasse tão ingênua de novo?

— Sabe o que me deixa doente? — Ele se levanta do chão e espana as calças. — Saber que deixou aquele canalha tocá-la. Isso te faz parecer patética. Deveria estar agradecida por eu ainda concordar com esse casamento com você. Quando poderia facilmente pegar Ro...

— Não se atreva, seu idiota — o advirto, combinando com sua postura. É engraçado como, embora ele seja mais alto, sua síndrome do pauzinho faz parecer que estou falando mal dele. — Tínhamos um acordo e cumpri minha parte.

Alguns dias depois da festa rave, Easton roubou meu telefone. Imagine eu descobrindo que o psicopata havia entrado em minha casa enquanto eu dormia para fazer isso. Segundo ele, estava sendo um namorado atencioso e tomando medidas. Não foi difícil para ele encontrar as mensagens entre mim e Rook ou descobrir de quem eram.

Quando ele me confrontou sobre isso, pensei, *que perfeito*. Isso não é estúpido? Pensei que isso significava que eu poderia dizer a ele para se foder mais cedo do que esperava. Que Rook e eu estaríamos juntos publicamente antes da formatura.

Corri antes de saber andar. Fiquei muito animada com o tempo que se aproximava, em vez de me concentrar no que estava à nossa frente.

Eles não podiam me forçar ou Rose a fazer isso. É ilegal e temos dezoito anos. Poderíamos partir e nunca mais olhar para trás. Silas faria isso por ela em um piscar de olhos, e coloquei minha confiança completamente em Rook.

Que ele estaria lá. Que quando lhe dissesse, ele se recusaria a me deixar. Lutaria por mim.

Easton acena com a cabeça, esfregando a mão no queixo enquanto olha em volta. — Só preciso saber; realmente achou que poderia se safar disso? Que eu não descobriria que você estava fodendo com ele?

— Você descobriu porque é louco e roubou meu telefone. —
Passo por ele, movendo-me para o meu desastre de quarto,
procurando no chão de roupas por uma coisa em particular. —
Não se dê o crédito de descobrir por conta própria. Não é tão
inteligente.

Quero sair. Quero que essa conversa acabe para que eu possa
fazer as malas e ir para a casa do lago. Ficar lá alguns dias e fingir
que está tudo bem.

Se eu me esforçasse o suficiente, poderia fechar os olhos, me
afundar mais em seu moletom, e seria como se ele estivesse lá.

Eu só... só.

Gostaria de saber que a última vez que o toquei foi a última vez.

Que na segunda-feira após a festa rave, quando me enfiou na
parte de trás do meu carro no estacionamento da escola, foi a
última vez que o senti contra mim. Seus quadris entre minhas
pernas, a fumaça de seu baseado e nossa respiração pesada
embaçando as janelas.

Agarro meu coração, enfiando a mão na minha camisa,
tentando confortar o órgão dentro. A água estava na altura do meu
peito, esperando ansiosamente que a represa se rompesse para me
afundar completamente. Lutei o dia todo, lutando para manter
minha cabeça acima das ondas, mas estou tão cansada de lutar.

A dor de lembrar era a represa, e acabara de se romper.

Ainda posso sentir seus dedos correndo ao longo da minha
clavícula enquanto sua orelha descansava no meu peito. Seu
cabelo comprido me fez cócegas, mas não me importei. Gostei de

sentir seu calor pressionado em mim, mesmo que estivesse todo pegajoso do suor que produzimos.

— *De onde é essa cicatriz? — Seu tom nebuloso esfregou contra minha pele como veludo, as pontas de seus dedos roçando a pele levantada.*

Contei a ele a história de quando caí de um carrossel quando criança e como depois minha mãe parou de me deixar brincar no parquinho. Estava com medo de que eu causasse danos permanentes ao meu rosto, e Deus me livre de parecer algo menos do que perfeito.

— *Rosie acha que isso me dirá quem é minha alma gêmea — terminei. — Acho que ela só me diz isso para me fazer sentir melhor.*

— *Por que ela pensa isso?*

— *Silas tem uma cicatriz no dedo mindinho exatamente no mesmo lugar que a marca de nascença dela. Marcas da alma. É assim que ela os chama. — Minhas mãos percorreram por seu cabelo, girando algumas mechas, e pressionei minhas unhas em seu couro cabeludo, sabendo o quanto ele adorava.*

Ele se moveu de repente, inclinando-se um pouco para trás para que houvesse algum espaço entre nós. Com movimentos deliberados, virou a ponta ardente do baseado em sua direção, levando-o à minha boca para que eu pudesse inalar.

Enchi meus pulmões e, quando terminei, ele enfiou a cereja em sua pele. O chiar da pele fez minha espinha chacoalhar. Mesmo estando chapada, sabia que o que ele fazia era real.

Jesus, ele nem sequer vacilou. Mal se moveu.

Meus olhos se arregalaram brevemente. — Que porra está fazendo? — Amaldiçoei, agarrando seu pulso para afastar o calor de seu corpo, em estado de choque que uma pessoa pudesse lidar com tanta dor tão abruptamente. Ele nem pensou nisso; apenas fez.

Uma queimadura carmesim desagradável foi deixada para trás, logo acima de sua clavícula. A marca de raiva polvilhada com as cinzas da fumaça, e eu sabia que devia doer, mas ele não reagiu. Continuou olhando para mim, os olhos brilhando através do vapor.

— Provando que Rose estava certa.

Não há número de respirações profundas que me acalmem. A água está correndo muito alto, muito rápido. Estou acabada.

Procuro freneticamente pelo moletom, pensando que se eu pudesse apenas cheirá-lo, apenas um breve cheiro, poderia ajudar a dor dentro do meu peito. Há a sensação de minha pele se abrindo, minhas terminações nervosas expostas ao oxigênio. Ninguém diz a você como os ataques de pânico podem ser dolorosos.

Eu coço meu pescoço, sentindo o quão quente está. Minha mão rola pela cicatriz no meu pescoço, sabendo que nunca mais serei capaz de olhar para ela no espelho da mesma forma.

— Ouviu-me? — Easton diz com urgência, agarrando meu antebraço apenas para me fazer tentar arrancá-lo de seu aperto.

— Pare de me tocar, Sinclair. Eu te disse, fiz o que me pediu. Agora me deixa em paz.

— Desrespeite-me o quanto quiser, Sage. — Ele aperta ainda mais, me puxando contra seu corpo, fazendo meu pânico

aumentar. — Em alguns meses, isso não importará, porque vou possuí-la. Vou transformá-la em um lindo troféu, uma esposa submissa, e não me importo se terei que quebrar essa boca de vadia para fazer isso.

Saliva jorra de sua boca, espirrando em meu rosto. Cerro os dentes, olhando-o e lutando contra seu aperto, mas ele só me aperta mais forte. Um gemido tenta sair dos meus lábios com a dor crescente da pressão.

— Será um dia frio no inferno quando me destruir, mas de qualquer forma, dê o seu melhor — resmungo, lutando para manter minha fachada com tudo o que está acontecendo.

Com meu coração doendo, minha raiva explodindo e a sensação de sufocamento, vou enlouquecer.

— Deus te ajude se não quebrou o coração dele, e quero dizer, destruí-lo até que não haja mais nada. — Easton pressiona sua testa agressivamente na minha, batendo nossos rostos com força. — Garantirei que meu pai cuide de Rose. Não demoraria nada para ele puxar uma pequena corda e puf. — Ele mexe os dedos na mão livre. — Ela se foi. Apagada da existência, para nunca mais ser ouvida.

Engulo a bile, sabendo que essa é a razão exata pela qual concordei em fazer isso em primeiro lugar. Não tenho certeza se Easton está blefando, mas estaria disposta a apostar a vida de Rose nisso? Não posso. Não quando sei quanto dinheiro Stephen Sinclair ganha. Não quando sei o quão poderoso é. Eu não posso arriscar. Não posso arriscar que ela se machuque ou pior, morra por eu ser egoísta.

Eu fui egoísta minha vida inteira.

É melhor para todos os envolvidos se eu simplesmente calar a boca e fazer o que me mandam. A vida de Rook seria mais fácil e Rose ficaria feliz. É isso que importa.

— Você não tem bolas — assobio.

— Teste-me, vadia.

Minha palma bate em sua bochecha sem pensar duas vezes, com tanta força que obriga sua cabeça a virar na direção oposta.

— Não importa o que faça comigo, Easton. — Eu rio na sua cara, assim como fiz com Rook hoje, mas desta vez, estou falando sério. Refiro-me a esse riso amargo e ácido que jorra de mim como veneno. — Não importa quanto dinheiro do papai tem ou o controle dele. Você *nunca* será Rook. Nunca me terá como ele fez. Nem mesmo perto. Então vá em frente, me destrua, porque cortarei seus pulsos enquanto tenta.

Meu peito sobe e desce, puxando o ar e liberando-o mais rápido conforme os momentos passam. Easton mudou - eu mudei. Mesmo que sempre sentisse que ele tinha essa escuridão dentro dele desde o segundo em que nos conhecemos, ele já foi um humano decente.

Ensino médio, expectativas, seu pai. Transformaram-no em algo totalmente diferente.

Fez exatamente a mesma coisa comigo. Somos iguais, Easton e eu.

Humanos intrigantes, falsos e cheios de ego, sem consideração pelos outros.

Talvez fosse o destino termos acabado aqui juntos. Esperava isso. Honestamente, esperava.

Eu o pressionei muito além da borda, mas mesmo assim, engulo em seco quando o vejo erguer o braço, pronto para me bater.

Meu corpo tensiona, se preparando para o golpe, mas não vem. Em vez disso, ouço minha porta se abrindo e a voz de meu pai.

— Sage, onde estão as chaves do seu carro... — Ele para. — Estou interrompendo alguma coisa?

Easton limpa a garganta, abaixando o braço. — Não senhor.

Eu me retiro de seu espaço agora que meu pai está aqui, envolvendo meus braços em volta de mim.

— Por que precisa das minhas chaves?

Ele suspira, passando a mão pelo rosto. — Tenho que ir para Portland, e sua mãe quer o carro com ela. Aparentemente, alguém colocou fogo na casa do lago. O corpo de bombeiros está me esperando chegar para que eu possa fazer um boletim de ocorrência. Quem fez isso obviamente queria que soubéssemos que não foi um acidente.

E é então que tudo realmente desmorona. Quando toda a minha alma se desfaz no chão à minha frente. Deixo as lágrimas caírem livremente. Deixo-as passar por meus dutos e cobrir minhas bochechas com seu calor.

Ele não podia nem me deixar ter uma coisa.

Eu o destruí, depois ele tirou tudo de mim. Deixou-me sem nada.

A casa do lago era minha antes de ser nossa. Se alguém merecia queimá-la, deveria ter sido eu.

Sei que não tenho o direito de ficar chateada. Disse coisas horríveis para ele; disse o que precisava para fazê-lo acreditar em mim para que ele não tentasse voltar.

No entanto pensei... pensei que poderia ficar com a casa do lago. Poderia usá-la como uma cápsula do tempo de nós, indo lá quando precisasse me lembrar de como era estar com ele.

E agora nem isso consigo. Não tenho mais nada.

O último de nós foi queimado dentro daquela casa.

Eu o odeio por fazer isso, por pegar o que éramos e fazer com que deixasse de existir. Queimando todas as evidências, todas as risadas, todas as memórias.

Como se nunca tivessem acontecido em primeiro lugar.

Eu o odeio por isso.

Odeio-o.

Odeio-o *pra* caralho.

Não tanto, contudo, quanto ele me odeia.



ATO II

A ASCENSÃO DE UM DEUS DO FOGO

Ele não se sente apenas como fogo.

Ele é fogo.

É a chama, a pederneira, a queimadura.

Como o deus egípcio Rá, engloba tudo o que é quente.

É o meu deus do fogo, e vivo para queimar por ele.

QUATORZE



RUÍDO BRANCO

Gage

— Abra.

Deixo cair minha língua para fora, mostrando à enfermeira o interior da minha boca, passando minha língua da esquerda para a direita, para cima e para baixo. Ela ilumina a pequena caneta ao redor, acenando com a cabeça quando está satisfeita.

Depois de três semanas dentro da *Monarch Mental Health Institution*, parei de recusar a medicação.

Os efeitos colaterais, perda de apetite, fadiga constante, enxaquecas, são melhores do que a alternativa.

Todo mundo tem essa imagem de como acham que é uma enfermaria psiquiátrica. A cultura pop e os filmes deram uma imagem bastante contundente. O estigma em torno desses lugares é horrível. Quero dizer, todos e suas mães assistiram a segunda temporada de *American Horror Story*.

Tenho certeza de que existem instalações que se concentram em ajudar os pacientes, tratar seus problemas e lhes dar

esperança de reabilitação e uma eventual liberação de volta ao mundo real, mas aqui é Ponderosa Springs.

E esta é a minha vida, e sempre que o destino puder me jogar aos lobos, com certeza o fará.

Este lugar é tudo o que seus pesadelos mais loucos poderiam evocar. Uma prisão fechada com quartos acolchoados e sem maçanetas.

Eles nos dizem quando chegamos aqui, querendo ou no meu caso, não querendo, que tudo o que fazem é para nos ajudar. Que as correias que me prenderam na maca quando cheguei eram para me proteger. O seu trabalho é me manter segura com seus jalecos brancos e pranchetas.

Mesmo quando recusamos a tomar os remédios e nos arrastam para a solitária, onde três homens nos seguram e injetam antipsicóticos. Mesmo quando o mantêm lá por três dias sem dizer uma palavra.

Sentam-nos em seus sofás de plástico e nos dizem que este asilo, este lugar, foi construído para ajudá-lo. Tudo isso é para o seu próprio bem.

O tempo todo, te perguntam repetidamente, e de novo e de novo, por que tentou se matar? Você sente vontade de se machucar agora? Tem certeza? Tem certeza absoluta de que não está tendo pensamentos ruins?

Deus o ajude se disser sim - mesmo quando fui internada pela primeira vez, sabia que não deveria dizer sim a essas perguntas.

Infelizmente, porém, os médicos e enfermeiras estão certos.

Eles estão lá para nos manter seguros e protegidos.

Não para realmente nos tratar de nossa saúde mental subjacente ou fazer qualquer coisa que realmente exija que façam de tudo para melhorar nossas vidas.

Um corvo voa pelo céu da manhã, as nuvens acinzentadas se fechando em suas asas enquanto se aproxima das árvores. Meu nariz começa a escorrer por causa do ar que está beliscando minha pele. Janeiro é sempre o mais frio aqui.

Além dos portões de aço que mantêm o terreno seguro, há um rio que se pode ver do jardim. Bem, são mais ervas daninhas mortas e fontes quebradas, mas tenho certeza que em algum momento, havia flores plantadas aqui em algum lugar.

— Tem visitantes esperando por você no refeitório. — Uma das enfermeiras do turno do dia, Shonda, acho que é o seu nome, está de pé acima de mim, onde me sento no chão úmido.

O orvalho frio gruda no meu uniforme azul desbotado, mas gosto da sensação. Por dentro, não se sente nada. Nem mesmo temperatura. Tudo é meio termo e entorpecente.

Por alguns momentos pela manhã, sento aqui e realmente me sinto como um ser humano. Ouço os corvos grasnando, o rio sussurrando lentamente e o vento uivando enquanto faz as árvores gemerem.

Dentro daquelas paredes, não há dias ruins, nem dias bons.

Apenas dias. Sem propósito.

O tempo é irrelevante. É um borrão ou uma pista de corrida. Nunca sei quando estou dormindo ou quando estou acordada. A

merda é que quando estou acordada, tudo o que quero fazer é dormir.

Se a eu no último ano pudesse ver a pessoa que sou agora, teria um ataque. Unhas roídas até a exaustão, bolsas roxas e permanentes sob meus olhos. Não sou mais quem era e, sinceramente, nunca descobri quem queria ser. Então isso me deixa cimentada no limbo.

Perdida.

Esquecida.

Todo senso de identidade evaporou.

Eu me tornei um poço oco. As únicas moedas jogadas dentro são pílulas que ecoam dentro das paredes do meu núcleo, me lembrando que a única coisa que me preenche é o vazio.

— Visitantes? Para mim?

Estando aqui há oito meses; duzentos e quarenta e três dias; trinta e quatro semanas e cinco mil oitocentas e quarenta horas.

Nunca houve uma única alma que veio me visitar.

Não meu ex-noivo arranjado, minhas amigas manequins, meu pai com certeza não tinha entrado por aquelas portas, e minha mãe, bem, pela última vez que soube, estava noiva de alguém com mais dinheiro e uma pequena expectativa de vida.

Não há ninguém que se importe o suficiente para vir aqui e me verificar. Assim que fui jogada neste lugar, jogaram a chave fora.

Depois do que descobri, por causa do que sei agora, me preparei mentalmente para passar toda a minha vida aqui. Não me

deixarão sair, e mesmo que eu saia, me matarão antes que eu tenha a chance de fazer qualquer coisa com minha vida.

A triste verdade é que estou bem com isso.

Enquanto estou aqui dentro, pelo menos posso me convencer de que Rose está viva.

A morte se infiltrou em nossas vidas e cortou o vínculo entre nós.

Em um segundo eu era gêmea e, no seguinte, não.

Ninguém te prepara para isso. Por como se sente quando a outra metade da sua alma morre. Quando a pessoa com quem veio a este mundo parte antes de você.

É difícil de explicar, mas é como se houvesse um telefone tocando constantemente dentro do meu peito sem ninguém para atender a outra linha.

Tudo o que me resta é a culpa. É o que me assombra à noite, mantendo minha insônia funcionando. Culpa incessante por estar viva enquanto ela apodrece no chão.

Servem-me aveia fria todas as manhãs, jogando damas comigo mesmo, enquanto vermes consomem o que sobrou de seu cadáver.

— Sage, olá? Sage, está se sentindo bem? — A enfermeira estala os dedos na minha frente. — Eu disse que sim, tem visitas. Seu pai e seu amigo. Trouxeram para você o café da manhã lá fora. Deveria estar animada.

Meu pai? E o seu amigo? É quase uma contradição.

Meu pai não tem amigos e sabe que não deve me visitar. Mesmo que quisesse, ele sabia que eu iria esfaqueá-lo.

Foi a última coisa que prometi a ele. A última coisa que prometi a Rose, mesmo que ela não estivesse viva para ouvir.

Se eu tivesse a oportunidade, não hesitaria em acabar com a vida dele, e seria brutal.

Tive muito tempo para pensar sobre como faria isso. Esses pensamentos são a única coisa que me trazem verdadeira alegria. Pensando na sua aparência, implorando por sua vida enquanto pressionno uma faca em sua garganta. Eu daria qualquer coisa para ver a maneira como a luz em seus olhos se afastaria conforme minhas mãos apertavam sua garganta.

Existem milhões de maneiras de fazer isso e reduzi-las é praticamente impossível. Nenhuma delas parece certa - a morte parece uma recompensa demais pelo que ele fez a Rosie.

Embora nosso acesso à internet aqui seja restrito, podemos ler, e fiz o possível para usar a biblioteca da instalação para descobrir qual é a maneira mais lenta de matar alguém. A mais doloroso, a mais gráfica a mais agressiva.

Não importa o quão escuro ou distorcido ficasse, nada disso parecia ser a resposta para o que ele havia feito. Mesmo ser comido vivo por cachorros parecia humano demais.

— Tem certeza que é meu pai e não confundiu?

— Existe apenas um prefeito de Ponderosa Springs, e seu rosto está estampado em um outdoor no centro da cidade. Não há como confundi-lo com sua família. Não deveria estar animada?

Para ver o homem que mandou matar minha irmã?

— Radiante — digo sarcasticamente.

Ela me leva de volta para dentro, e meu uniforme azul desbotado esfrega contra minhas coxas enquanto valsamos pelo corredor monótono.

Aqui sempre cheira a esterilizador, os cheiros pungentes de lenços umedecidos com álcool e luvas de látex. Isso me irrita porque, de todas as coisas, essa é a única coisa com a qual não consigo me acostumar.

O salão está barulhento hoje, meio caótico para um lugar destinado a promover a paz de espírito.

Quase todos os meus colegas pacientes são mais perigosos para si mesmos do que para qualquer outra pessoa. Essa noção de que a doença mental é um sinal de alerta de comportamento psicótico foi um mito desmascarado anos atrás. Li sobre isso quando entrei aqui pela primeira vez. Eu li sobre muitas coisas que nunca pensei que leria desde que deixei o mundo exterior.

No entanto, há momentos em que alguns tremores ou alucinações saem do controle. Normalmente, sempre que uma pessoa está tendo um dia ruim, isso aciona todos ao seu redor.

Ouçõ *Hallmark*²⁹ *Harry* dentro de seu quarto, cantando *Humpty Dumpty* repetidamente. O seu nome se deve ao mesmo motivo pelo qual as mulheres choram em seus sofás durante o Natal - adora filmes da *Hallmark*.

²⁹-Canal de tv por assinatura estadunidense.

Um paciente está batendo em sua porta, exigindo um banho; outro está brigando com uma enfermeira sobre como a CIA o vigia pelos rádios, rádios quebrados que nem antena têm, veja bem.

Reagan, do 3B, está quieta esta manhã, dormindo depois dos sedativos que a encheram na noite passada. Algumas pessoas nunca aprendem, e ela é uma delas. Está aqui há mais tempo do que eu, mas todas as noites, posso ouvir seus gritos.

Horripilante. Fazem meus dentes doerem.

Eu me viro e reviro em meu estado de insônia, cobrindo meus ouvidos com o lençol fino enquanto espero a enfermeira do turno da noite entrar e nocauteá-la com remédios.

Esse é o pior efeito colateral dos remédios.

A insônia. Os pesadelos.

Ficar acordada ouvindo os choros, os gritos e sabendo que não pertencço a este lugar.

Entramos no refeitório, onde o cheiro de canela vem da cozinha.

Mesas circulares, decorações em tons de cinza e um senhor mais velho cuja cadeira de rodas está parada ao lado da única janela.

O seu nome é Eddison e tem esquizofrenia. Não foi tratado até estar na casa dos trinta, e agora eles o mantêm tão dopado que seu cérebro não consegue nem formar frases completas. Há raros momentos em que ele não parece diferente de mim, mas na maioria das vezes fica em silêncio, preso dentro de sua cabeça.

Às vezes, gosto de pensar que é melhor lá dentro, que está feliz e não trancado dentro de uma instalação, mas sei que não é

verdade. Falei com ele uma vez e, nessa conversa, jurei que nunca mais diria esquizofrênico, mesmo que fosse uma piada.

— Pip.

Trauma crava suas garras em meu coração.

Com meus ataques de pânico rotineiros, é um mergulho gradual em diferentes corpos d'água. Às vezes é um lago; outras vezes é o oceano. Mais frequentemente, ultimamente, é um lodo preto como tinta que me absorve, me comendo membro por membro até desaparecer embaixo.

Isso é tudo, menos gradual.

Posso sentir suas mãos pegajosas em mim, pouco antes de ele me empurrar completamente para baixo da superfície. A água abrupta que meus pulmões inalam me pega de surpresa, tanto que meus olhos começam a lacrimejar.

Sentados um ao lado do outro, do outro lado da sala, estão dois dos homens que mais odeio neste mundo. Dois rostos que nunca quis ver novamente, dois rostos que quero obliterar da face deste maldito planeta.

Estou com raiva por eles conseguirem respirar oxigênio agora.

Um deles se levanta, dando um passo um pouco mais perto, de modo que, quando estende a mão para a frente, seu dedo indicador com o anel de classe gira em torno de uma mecha do meu cabelo.

— O que fez no seu cabelo, Pip? — Seu rosto está cheio de tristeza, e sei que é porque ele realmente se preocupa com isso. Eu me lembro o quanto costumava gostar do meu cabelo.

— Roubei uma tesoura de curativo de um carrinho de remédios e cortei antes que a enfermeira encarregada me sedasse — digo, olhando vagamente. — E se você não tirar sua mão de mim, arrancarei seu dedo com uma mordida.

Caim McKay era o que alguns poderiam considerar um cara honrado. Outrora um oficial de cidade pequena de Ponderosa Springs, trabalhou seu caminho até o FBI. Todos aqui não poderiam estar mais orgulhosos, mas o dia em que ele saiu para treinar foi como acordar de um pesadelo de três anos.

Um sonho lúcido sobre o qual não tinha controle. Um que estava totalmente ciente de que estava presa e não podia fazer nada para me acordar.

— Está maior — ele respira, fazendo-me sentir viscosa por dentro. Provavelmente pensa que estou brincando sobre arrancar o seu dedo com os dentes. O que ele não sabe é que não seria a merda mais louca que já vi por aqui. Seria mais um dia na ala psiquiátrica da Monarch.

Passo a língua no interior da minha bochecha, percebendo que os anos começaram a envelhecer seu rosto. A maioria das mulheres que não o conhece o chamaria de bonito em sua camisa de botão, gravata bem amarrada e calça comprida. A maioria das mulheres não sabe que ele não gosta de mulheres ou homens.

Ele prefere meninas sobre as quais tem poder. Aquelas que não contariam a ninguém, que não poderiam. Meninas que têm tudo a perder.

— Desde quando eu tinha treze anos? — Cruzo os braços na frente do peito, querendo me proteger. Eu era muito jovem para

enfrentá-lo antes, com muito medo, mas agora não tenho nada a perder. — Sim, foi nessa altura que deixou de entrar no meu quarto, não foi? Achei que você tinha ficado entediado, mas é porque cheguei à puberdade, não foi?

Observo a forma como seu rosto muda, como apenas um momento atrás estava composto e parecia um membro da família carinhoso vindo me ver. Observo conforme a sujeira e as aranhas que apodrecem sob sua pele começam a escapar.

O número de vezes que pensei sobre o momento de pura alegria que correria através de mim quando ele fosse castrado publicamente era infinito.

A máscara que ele usava era a que eu menos gostava.

Um dos protetores, o guardião, aquele que deveria nos manter a salvo do monstro debaixo da cama.

No entanto, o único bicho-papão que enfrentei na vida foi ele.

— É assim que será? Depois de tudo que eu fiz? Você costumava me amar tanto quando era pequena.

Inclino minha cabeça. — Esperava que fosse diferente?

— Sage, pode se sentar, por favor. Caim percorreu um longo caminho e temos muito o que conversar.

Meu pai fala pela primeira vez desde que chegaram, ignorando meu anúncio das investidas sexuais de Caim em relação a mim, mas isso não o incomoda - por que o incomodaria?

Um, ele provavelmente já sabia disso.

Dois, vendeu sua filha como escrava sexual sem nem mesmo piscar.

Três, ele não se importa.

Parece o mesmo do dia em que me levaram. Nem um pinga de culpa ou remorso afetou sua capacidade de sorrir para o povo de Ponderosa Springs. Aposto que até usa isso a seu favor.

Aposto que o ato *de me afligir* está ganhando muita simpatia. O homem que perdeu a esposa em um caso, o pai que perdeu uma filha para a morte e a outra para um defeito mental.

Que tristeza do caralho.

— Não me sentarei. — Eu o encaro, realmente olhando em seus olhos para que ele possa ver o reflexo do que fez. Quero que ele sinta, para ver o que suas ações causaram. — O que quer?

Não sou estúpida - ele não veio aqui para me checar ou para saber como estou. Ele é a razão pela qual estou trancada aqui em primeiro lugar. A razão pela qual nunca sairei.

Não porque estou doente ou também preciso de ajuda. Ele me enfiou aqui para me manter calada, para que não pudesse contar a ninguém o que descobri.

O que sei que ele fez.

Frank Donahue havia me pintado como a filha maluca que enlouqueceu após a morte acidental de sua irmã gêmea.

Mesmo que eu for solta, ninguém acreditaria em uma palavra do que dissesse, e é exatamente assim que ele quer.

— Por favor.

Arrepios decoram minha espinha, pequenas protuberâncias de irritação ao longo de minha pele.

— Por favor? — Digo-lhe. — Deveria chutar suas bolas agora mesmo por pensar que poderia dizer essa palavra perto de mim. Por favor? Não merece pedir nada.

— Você sempre teve um talento para o drama, mesmo quando era uma garotinha — Caim murmura enquanto passa por mim, voltando para seu assento ao lado do meu doador de esperma. — Sente-se. É para o seu próprio bem.

Uma coisa que este lugar me ensinou ou, bem, o que aprendi é que eu realmente não dou mais a mínima. Não me importo com o que as pessoas pensam de mim, como os outros me veem ou o que esperam de mim. Não tenho consideração por ninguém além de mim.

Por isso, não me importo de mostrar minha raiva ou meu desgosto quando se trata desses dois. Não há câmeras para as quais atuar e, mesmo que houvesse, eu faria a mesma coisa.

Eu bato minhas mãos na mesa, furiosa sob o meu exterior frio. Estou chocado com o quão autorizados eles realmente são. O homem que me molestou quando criança e o homem que mandou matar minha irmã gêmea para pagar sua dívida – como puderam pensar por um momento que eu faria qualquer coisa por qualquer um deles? Eles não têm nada para segurar minha cabeça, nada com que me subornar.

Meus dentes começam a ranger quando cuspo — Ou me digam por que viram aqui, ou esfaquearei vocês dois até a morte com um garfo de plástico.

Não há blefe. Nenhuma fabricação.

Meu pai olha para meus braços estendidos. Conscientemente, também olho para baixo para ter certeza de que meu horrível moletom laranja com zíper os está cobrindo. Então penso, por que eu deveria esconder as cicatrizes que ele causou?

Rosemary morreu em 29 de abril e, quase um mês depois, fui internada na Monarch depois de ter um “surto psicótico”.

Todos disseram que era por causa da perda de Rose e do divórcio abrupto de meus pais. Foi demais para uma garota de dezoito anos aguentar, e a cidade achou que eu finalmente tinha descontrolado.

O que realmente aconteceu foi algo muito mais sinistro. Tinha ido inocentemente ao escritório do meu pai com a intenção de imprimir um trabalho para a escola. Algo que tinha feito um milhão de vezes antes, esperando a mesma imagem ampliada do nosso retrato de família no monitor, mas daquela vez era diferente.

Quando entrei no computador, havia um vídeo aberto, já na metade, e me lembro de pensar que parecia um filme de Jason Statham.

Meu pai estava sentado amarrado a uma cadeira, com o cabelo desgrenhado e as roupas sujas, enquanto Greg West, professor em *Hollow Heights*, o interrogava sobre o dinheiro que devia ao chefe. Dinheiro que pegou emprestado de um anel sexual e agora estavam com falta de produto.

E quando não havia possibilidade de pagamento, ele deu uma escolha ao meu pai.

— *Você morre ou vende uma de suas filhas como acordo.*

Queria ficar surpreendida, mas não fiquei. Eu sabia que meu pai era capaz de coisas corruptas. Disposto a fazer o que fosse necessário para manter as aparências. Para ficar no topo.

Com facilidade, ele escolheu Rose. Como se ela não fosse um ser humano, sua própria carne e sangue, como se fosse apenas um nome.

Eu gostaria que ele tivesse me escolhido.

Minha irmã foi morta para saldar a dívida de meu pai, e nunca havia provado uma raiva tão amarga em minha boca antes.

Retaliação. Vingança. A fome de fazê-lo pagar. Faria qualquer coisa para tê-la.

— Precisamos de um favor, Sage — Frank diz gentilmente, como se palavras suaves me fizessem perdoá-lo.

Escarneço. — Vá se foder.

— Queria ser civilizado sobre isso, Pip. Lembre-se disso. — Caim cruza calmamente as mãos. — Seu pai está pedindo educadamente. Eu não. Vai cooperar conosco, ou vou mandá-la para um lugar muito pior do que uma instituição mental.

Pip. Odeio esse apelido.

— Como onde, uma rede de tráfico sexual? — Eu rio, não precisando esconder de nenhum deles que sei sobre isso. — Sabe, nem estou surpresa que esteja envolvido nisso, Caim. — Eu me inclino para mais perto dele, o cheiro de sua loção pós-barba me deixando enjoada. É o mesmo que se agarrou aos meus lençóis na casa do lago. — Compra menininhas deles? Tem algum vídeo seu

sendo chantageado por aí também? É assim que eles têm o grande agente do FBI no bolso?

Olhos como poços encaram os meus, sua mandíbula apertada e sua postura lentamente se desfaz. — Nunca te machuquei. Eu te amei, Sage.

— É esse tipo de mentira doentia que conta para si mesmo? É assim que você consegue se olhar no espelho?

Meu estômago revira, totalmente perplexa com o quão fodido da cabeça uma pessoa deve estar para justificar o que fez.

— Independente do que aconteceu no passado, você nos ajudará, ou desejará ter ajudado. Existem pessoas por aí que são capazes de coisas muito piores do que eu, acredite em mim. — Sua voz é desdenhosa, algo que provavelmente usa com criminosos no dia-a-dia. Ele acha que será capaz de me assustar para ajudá-lo.

— Desista. — Olho. — Não há nada que eu possa fazer para ajudá-lo e nada que possa dizer que me fará mudar...

— Rook Van Doren.

Uma caneta cai no canto da sala.

E engasgo com tudo o que queria dizer antes deste momento.

Minha agitação se torna combustível para sua memória.

Estar presa dentro de paredes acolchoadas sem nada de sua vida passada significa que sua mente é sua melhor amiga e, para mim, minha pior inimiga.

Eu o sinto como uma queimadura de terceiro grau por toda parte. Minha pele forma bolhas com a lembrança. Meus ossos

carbonizados chacoalham enquanto se transformam em cinzas novamente. Seu nome, um pensamento em seu rosto, um pesadelo, me empurra para um incinerador todas as vezes.

A pior parte é que ele é o único alívio para a dor.

A chama e o extintor.

— O que eu saberia sobre um Hollow Boy? — Meu interesse é despertado, mas guardo isso para mim.

— Easton teve a gentileza de nos informar sobre seu... relacionamento com ele no ano passado. Sabemos que estava envolvida.

Maldito idiota.

— Mesmo que estivesse... — enfio minhas mãos no bolso da minha jaqueta. — Não vejo o que isso tem a ver com vocês dois ou com suas vidas fodidas.

Se eles descobrissem sobre Rook, eu teria que ser esperta. Não podem descobrir o quanto me importava com ele. Eles o usariam como vantagem, e ele é a última coisa que eles têm. É a última coisa pela qual tenho qualquer consideração.

— Certos membros das Halo...

— Os Halos? Está brincando né? Chamou uma organização de tráfico sexual de Halo? — Choque está no meu rosto, mas nenhum deles pisca um olho.

Todas aquelas garotas desaparecidas, suas vidas acabaram por dinheiro e não há ninguém procurando por elas, enquanto esses idiotas andam por aí a chamando de Halo como se fosse apenas mais um negócio.

— O nome é trivial, Sage. Membros desapareceram. Um deles acabou de aparecer morto. — Ele pigarreia, me empurrando uma pasta de creme para olhar. — Greg West, seu corpo completamente desmembrado e embebido em alvejante, deixado no mesmo lugar onde o corpo de sua irmã foi encontrado. Quem fez isso está tentando enviar uma mensagem.

Levo alguns momentos para realmente ouvir o que ele está tentando me dizer.

Estou confusa por que isso tem algo a ver comigo, por que estão me dizendo isso. Uma parte de mim está feliz por ele estar morto, é o mínimo que merece.

Abro a pasta, estremeendo um pouco com as fotos. Acha que está insensível a coisas suficientes para que a morte não a incomode até que veja do que certas pessoas são capazes.

O corpo de Greg está no chão de madeira podre, perfeitamente disposto, embora seus membros não estejam presos ao torso. Pernas, braços, coxas, cabeça, tudo cortado em seções.

Estremeço com os olhos, como são apenas órbitas vazias com manchas vermelhas escuras, completamente arrancadas.

Mais do que o estado macabro do corpo, percebo como tudo isso é metódico. Cortado perfeitamente, não cortado com um machado. Parecem quase cirúrgicos. E não há sangue; o corpo é quase branco.

Eles demoraram e sabiam o que estavam fazendo, menos o trauma nos olhos, que parece ter sido feito com agressividade.

É então que tudo se encaixa.

Eu mudo meus olhos para o meu pai.

— Eles descobriram, não é?

Ele não diz nada, apenas me encara com olhos que estão inchados de medo. Quanto mais largos se tornam, mais se assemelham a frutas maduras para serem colhidas.

Minha língua formiga com antecipação, meu corpo incapaz de parar o sorriso que se espalha em meus lábios.

Aposto que ele passou cada segundo olhando por cima do ombro. Coração batendo forte, mãos suando de ansiedade. A espera o está matando, constantemente se perguntando quando vão tirar o quilo de carne de seu corpo.

Nada é mais agradável do que ver um homem que sempre pensou em si mesmo como um lobo se tornar o cordeiro assustado no pasto.

Lobos de verdade estão vindo atrás dele agora.

— Oh, realmente está fodido — acrescento, rindo quase alegremente.

— Sim, acreditamos que seus amigos descobriram sobre a organização e isso representa um problema para nós. — Caim parece querer começar a discutir a logística do que precisa de mim, mas não o deixo chegar tão longe.

— Não. — Balanço a cabeça, rindo. — Eles descobriram o que fez com a Rose. Não há nada que eu possa fazer para ajudar qualquer um de vocês agora. Silas Hawthorne não é apenas um namorado de coração partido. Ele matará qualquer um que tenha uma fração de envolvimento e seus amigos estarão logo atrás dele.

— Passo minha língua em meu lábio inferior, encontrando o olhar de meu pai. — Matou a gêmea errada, pai.

Uma labareda de esperança acende em meu estômago, sabendo que mesmo que não possa fazer nada dentro deste lugar, há alguém lá fora fazendo justiça por minha irmã.

Silas sabia. Ele conhecia Rosie, e ela não teria apenas uma overdose, e agora poderia provar isso.

— Ninguém teria piscado se você tivesse me escolhido. Easton teria casado com Rose. Ainda teria o dinheiro dos Sinclair. Mamãe não teria deixado seu traseiro arrependido. Você nunca estaria nesta posição se tivesse me escolhido — continuo, o calor em minha voz aumentando.

O ciúme se apodera da boca do meu estômago, inveja por não poder ajudá-los a dar a ele o que é devido. Que não posso ser aquela que acaba com o homem que me deu a vida.

— Agora tem cães do inferno atrás de sua garganta, pai. E eles não pararão, não importa o que faça. — Olho para Caim, para me fazer entender. — Não até que todos que machucaram Rose estejam mortos.

Ambos me encaram, um com medo da morte que sabe que virá para ele em breve e o outro com cautela, sem saber se minhas palavras são verdadeiras ou um blefe.

— Boa sorte — termino, afastando-me da mesa para que possa pedir a minha enfermeira para me levar de volta ao meu quarto para passar o dia. Não há mais nada que precise ser dito.

— Não tão rápido, Sage — Caim fala — Eles não matarão mais ninguém. Porque você nos ajudará a colocá-los atrás das grades.

Eu balanço minha cabeça. — Oh, acha?

Eles devem ser estúpidos para pensar que ajudaria a detê-los. Estão fazendo o trabalho que eu gostaria de estar fazendo.

— Se você quiser sair daqui, então voltará para Hollow Heights e trabalhará para nós. Fará com que eles confiem em você e descubram o plano deles. Você nos fornecerá as evidências de que precisamos para condená-los e pronto. É livre para fazer o que quiser com sua vida. Podemos nos ajudar aqui — ele oferece, me subornando com uma liberdade que não quero mais.

— Não te ajudarei. Aceitei meu destino de ficar aqui.

A pressão se torna demais. Ele se levanta abruptamente, a cadeira rangendo e as enfermeiras o olhando de forma estranha. Ele tenta sorrir para elas, mas está muito irritado para controlar os danos. Caminha até mim, envolvendo os braços em volta do meu corpo e me puxando para seu peito, um abraço unilateral que me dá vontade de vomitar em toda a sua camisa.

— Então vamos tirá-la e a colocarei em leilão — ele resmunga, em tom baixo e perigoso. — De qualquer forma, vai cooperar. Ajude-nos em nossa investigação, ou vou vendê-la barato para aqueles que não se importam com a aparência das garotas. Aqueles que só se preocupam com a tortura. A escolha é sua.

Pode ser isso.

Meu caminho para vingar Rose.

Tudo o que tenho a fazer é agir, fingir, enganá-los para que acreditem que estou cooperando.

Quando, na realidade, tenho a chance de trabalhar com quatro pessoas igualmente ressentidas. Tenho a oportunidade de ajudá-los, de ajudar Rosie.

O único problema é...

— Ele não confiará em mim. Nunca vai confiar em mim.

— É uma garota esperta, Sage. Descubra.

QUINZE



DEZ DE ESPADAS

Roof

Paciência nunca foi minha virtude.

Nunca tive uma virtude ativa, para ser honesto. Eu me relaciono mais com o lado oposto que inclui coisas como luxúria, ira e orgulho.

Esperar é algo que detesto. Sou um animal que trabalha por instinto e adrenalina. Alguém que não para *pra* pensar sobre a ação, apenas opera com o desejo primordial de destruir as coisas.

No entanto, meu primeiro semestre na faculdade me ensinou menos sobre equações químicas e mais sobre quando planejar uma série de assassinatos e assaltos, esperar é a chave.

Especialmente agora.

Todos nós sabíamos que uma vez que isso começasse, não haveria como parar até que todas as pessoas envolvidas na morte de Rosie estivessem sangrando ou despedaçadas. Sabíamos também do perigo, das consequências que vinham disso.

O FBI tem farejo muito ultimamente, fazendo perguntas, reunindo informações. Ainda não entrevistaram ou prenderam nenhum de nós, mas não somos estúpidos. Sabemos o que esta cidade pensa de nós e, quando nos perguntam — *Quem vocês acham que é capaz de matar?* — a resposta de todos seria nós. É a reputação que construímos ao longo dos anos que nos ajuda e nos prejudica.

Mesmo com o aumento da conscientização da polícia, ainda não me importo.

Por quase um ano, observei meu melhor amigo se tornar cada vez mais parecido com um cadáver. Para começar, Silas nunca foi muito animado, mas todos nós sabíamos que havia algo dentro dele, mais do que deixava transparecer.

Agora, tudo isso se foi. Arrancado diretamente de sua alma e triturado no liquidificador.

Mordo o interior da minha bochecha ferida, tentando não lembrar como foram aqueles primeiros meses. Aqueles em que ele se recusava a sair do quarto e eu passava dias deitado no chão do lado de fora de sua porta.

Quando pude ouvir sua mãe chorando, com medo de perder o filho mais velho para o suicídio porque a luz dentro dele havia morrido.

Nem tive tempo de chorar por Rose. Não do jeito que eu queria.

Estava tão ocupado tentando manter Silas vivo que não havia aceitado totalmente o fato de que ela havia partido. Que havia sido tirada dele, assim como de mim. De todos nós.

Não havia mais ninguém para me chamar de RVD e ninguém que eu pudesse bagunçar o cabelo.

Perdi uma irmãzinha e um irmão no dia em que ela morreu.

A raiva me invade, ainda mais do que quando isso começou, porque sei quem estava envolvido, de quem era a culpa.

Quando Alistair nos contou o que havia na fita que encontrou com Briar, quis agir imediatamente. Queria cortar Greg West como um peixe e transformá-lo em comida de cachorro, depois tirar um dia para pensar na maneira mais dolorosa de torturar alguém antes de testar teorias sobre Frank Donahue.

Estou assombrado, para sempre, pela maneira como ele escolheu Rose com tanta facilidade. Como tão egoisticamente foi capaz de escolher entre dois seres humanos que ele criou, que viu crescer.

Greg teve o que merecia. Admitiu ter sido quem injetou nela as drogas que causaram sua reação alérgica. Foi ele quem causou a sua morte, e nós lidamos com isso de acordo.

Frank porém, ainda está lá fora, respirando.

Andar por aí, sorrindo, agindo como se suas ações não mataram sua filha. Ele é a razão pela qual todas essas pessoas têm que morrer.

Minhas mãos começam a tremer por causa de tentações irracionais. Se não tomar cuidado, deixarei minha raiva aumentar tanto que acabarei com Frank sozinho, e sei que ainda não posso fazer isso.

Como Alistair disse, precisamos ser pacientes para ficarmos seguros.

Houve momentos em que quis dizer a ele para enfiar em seu traseiro controlador, só porque não me importava com minha própria segurança. A prisão não me assusta - o que poderiam fazer comigo que já não tivesse passado aqui?

Os meninos, porém, não quero isso para eles.

Por isso, permaneço paciente por eles.

Sempre por eles.

Eu me inclino para frente, pegando a mangueira que está sobre a mesa e colocando a ponta dentro da minha boca.

Estou no Vervain, um bar de narguilé em *West Trinity Falls* que é tão modesto quanto a cidade onde fica. Não há ninguém que odeie Ponderosa Springs mais do que os habitantes de Wasteland. Algo que temos em comum.

Dou uma tragada longa e constante no narguilé, sentindo a fumaça correr pelos meus pulmões. Quando expiro, uma densa nuvem de fumaça sai de meus lábios e dou outra tragada antes de colocar a mangueira.

Eu teria preferido ter nascido deste lado dos trilhos, para começar.

Aqui é comer ou ser comido, matilhas de cães selvagens lutando por restos, sangrando por uma chance de uma vida melhor. É assim que o caráter é construído, como os fracos são eliminados.

Fui criado entre os ricos, onde era corromper ou ser corrompido.

Vervain porém, é a personificação de West Trinity.

É sujo, arenoso e me dá uma folga da dor de cabeça do prestígio constante. A limpeza ofuscante e a estética moderna.

A música vaza dos alto-falantes antigos, uma combinação de se jogar de um penhasco e rap.

Apenas o que gosto.

Através da névoa de fumaça com cheiro de *Fumari Ambrosia*, vislumbro minha garçonete.

Eu me inclino para trás na cabine, afundando mais no assento e descansando meus braços nas costas. Meu olhar semicerrado a segue enquanto ela serve mesas e homens com o dobro de sua idade olham para sua bunda.

O sangue corre para o sul e minha mandíbula aperta.

Seu rosto está escondido na iluminação escura, mas, ocasionalmente, entra em um fluxo de luz baixa, expondo a cor de seu cabelo.

Não é natural - sei porque desaparece logo antes de ela retocá-lo, expondo suas raízes.

Esta noite porém, está recém-tingido da cor de champanhe e cobre, chamas loiras como morango que caem em cascata por suas costas, balançando enquanto ela anda e gira.

Não há uma única característica que tenha notado sobre essa garota. Acho que nem li o seu crachá. Não sei a cor dos seus olhos ou se tem dentes faltando. Nada disso importa.

Só preciso do cabelo.

Meu zíper marca meu pau de forma tão agressiva que chega a doer. Lateja, torcendo minhas entranhas enquanto implora por liberação. Minhas bolas doem por causa do peso, minha ereção é tão dura que faria alguns homens chorarem.

Há meses que não me dou o prazer da liberação.

Meu pau não esteve dentro do corpo ou da boca de ninguém. Mal havia tocado minha própria mão.

Se meu pai fez uma coisa nesta vida, foi instilar a necessidade de repercussões.

Disciplina.

Penalidades para quando se faz as coisas fora do normal.

Ele me bate e prega as escrituras pelo que fiz com minha mãe.

E faço isso como uma forma de me punir por Sage e pelo que me permiti ser com ela. Permiti-me acreditar que o mundo não era um lugar cruel, que não era a porra de uma fossa.

Eu mereço isso por acreditar nela.

Então, aqui, no canto escuro deste bar sombrio e cheio de fumaça, observo essa garçonete com cabelo loiro avermelhado e penso em Sage.

O único lugar onde me permito pensar nela.

A maneira como ela era incrível contra o meu corpo, toda pequena e calorosa. Como meu pau parecia dentro de suas bochechas ocas e de suas paredes apertadas. Pensei no cheiro dela nas minhas roupas depois, açúcarado como doce.

Doce como xarope.

Ela sempre falava sobre como sentia como se constantemente se afogando. Agora sou eu quem a empurra para baixo da superfície da minha memória.

Bloqueio-a quando estou perto dos rapazes, quando estamos planejando um homicídio ou nos esgueirando pelo campus. Deixo esta forma de tortura para quando estou sozinho.

Venho aqui, sabendo que a ruiva trabalha, e a observo das sombras como uma espécie de predador. Eu me forço à beira da insanidade até ficar tão excitado que mal consigo respirar, e fico ali sentado naquele sofrimento, até achar que já chega. Até que meu corpo pare de jogar meus jogos mentais doentios.

— Não pode fumar maconha aqui — ela diz, seus braços dobrados atrás das costas enquanto se balança desconfortavelmente para frente e para trás como se a última coisa que quisesse fosse me dizer o que fazer. Ela aponta para o narguilé que normalmente é apenas tabaco aromatizado, no entanto, coloquei o meu com um pouco de alface do diabo.

Aparentemente, se cansaram de eu quebrar as regras e mandaram o cordeiro para a cova dos leões.

Inclino-me para frente, levantando uma sobrancelha para ela, oferecendo um desafio.

— Mh, vai me impedir... — baixo meus olhos para o seu peito
— Emma?

Meu castigo está arruinado agora que tenho que olhar para outra coisa que não seja o seu cabelo. Embora seu rosto seja bonito, não é o que preciso ou o que eu quero.

Fazemos contato visual direto por talvez dois segundos, e acho que ela pode enfrentar meu confronto. Eu me pergunto se vai me criticar por encará-la constantemente. Se ela me dirá que secretamente gosta.

Em vez disso, ela faz o que todos fazem. Recua, olhando para longe de mim.

— E-eu, hum... eu.

— Desembucha — exijo.

— Desculpe. Meu chefe odeia o cheiro. Eu não me importo, é le-legal. — Ela gagueja suas palavras como se a resposta fosse a diferença entre a vida e a morte.

— Diga ao seu chefe que se ele tiver um problema, pode resolver comigo da próxima vez, sim?

Ficando de pé em toda a minha altura, enfio a mão no bolso de trás para pegar meu dinheiro e jogo uma nota de cinquenta na mesa para a gorjeta.

Isto é apenas um lembrete brutal de como este último ano me deixou vazio e entediado.

Não consigo ficar com nada. Parece que nunca consigo manter ou agarrar-me as pessoas de quem gosto. Toda vez que deixo

mulheres entrarem, elas morrem ou me fodem. Nunca mais farei isso.

Rose sendo morta. O desastre com Sage. Matar aqueles caras.

Não sei se sou só eu, mas quanto mais sangue derramamos, mais vazio me sinto. Não porque me importe, mas porque ainda não diminuiu a dor de perder Rose.

Toda vez que olho para Silas, é outro soco rápido no estômago.

Ela está morta e não voltará, não importa quantas gargantas ou corpos que cortemos.

E odeio admitir o quanto essa merda dói.

Ela era boa demais para este mundo, pura demais, e a vida a engoliu com seus dentes podres e nojentos.

Preciso de erva mais forte.

Preciso de outra coisa para me tirar da cabeça.

Esquecer.

Eu me movo pelas outras mesas e passo pela fumaça, empurrando a porta da frente apenas para encontrar uma chuva fria caindo em gotas pesadas.

— Fantástico porra — xingo, sabendo que a chuva parecerá balas no meu corpo quando estiver voltando para casa, mesmo através das minhas roupas.

Jogando meu capuz na cabeça, começo a correr pela rua até onde estacionei. Piso na calçada e olho para a esquerda por um momento antes de começar a andar na direção oposta.

Meu corpo colide com outro, minha atenção voltada para a pessoa que encontrei porque não estava prestando atenção.

— Merda — resmungo, olhando para baixo vendo que algumas de suas coisas que caíram de sua bolsa.

A erva me faz rir um pouco quando me abaixo para ajudá-la. Sou bom o suficiente para ser educado, mas ainda capaz de matar pessoas.

Que ironia.

Meus dedos pegam alguns itens aleatórios – *Chapstick*, Advil e uma pedra vermelha, mas ela me interrompe, suas botas marrons molhadas estalando enquanto levanta a mão para mim, silenciosamente me pedindo para interromper minhas ações.

— O quão longe está disposto a viajar no escuro antes de ver que nada de bom permanece lá?

Eu recuo, sobrancelhas franzidas. — Huh?

— Diabo — ela diz um pouco mais alto, pegando três cartas que caíram de seus pertences no concreto molhado. — Você permitiu que o mundo colocasse a maldade em seus ombros, querido, transformando-se nesta imagem porque é o que eles queriam, mas é isso que realmente quer? É quem você é?

Ela segura uma carta decorada em dourado e preto, a imagem central representa um homem com chifres no topo de um trono em ruínas.

A confusão atormenta minha mente chapada até que meus olhos localizam a vitrine da qual ela estava saindo. O letreiro em

néon diz *Trinity Spiritually*. Leituras de mãos, tarô, necessidades espirituais.

Volto meu olhar para seu cabelo loiro, massivamente encaracolado saindo de seu gorro e seus olhos espirituosos que parecem saber exatamente como reagirei ao que ela me disse.

— Não pagarei por uma leitura psíquica — murmuro, pegando o resto de seus pertences antes de me afastar, pronto para deixar sua bunda louca em paz.

— Não posso evitar com quem as cartas falam ou sobre quem falam. Não estão perguntando - estão avisando você.

Eu tenho um sinal na minha testa que diz forçar sua religião e espiritualidade?

— Bem, pode dizer a elas que não estou interessado em nada do que têm a dizer. Talvez deva manter essas coisas para si mesma de agora em diante, certo? — Eu não deveria estar entretendo isso. Não quero estar.

Olho para ela. O xale enrolado firmemente em volta dos ombros, ela fica abertamente na chuva, sem se incomodar com isso.

— Garoto teimoso. — Ela arqueia a sobancelha. — Estou lhe dizendo que a alta sacerdotisa... — bate na carta do meio — vem atrás de você. Só pode correr até certo ponto antes de mergulhar de cabeça no seu passado. Você terá que enfrenta-la, essa dor, essa mágoa. Em breve. Encobrir isso é apenas enterrá-lo ainda mais em seu túmulo. Enfrentá-la pode lhe dar a redenção que precisa.

Como diabos vim parar aqui? Por que diabos atraio coisas assim?

Meu estômago arde de irritação. Ouço o suficiente sobre essas coisas em casa, apenas em um formato diferente.

Espiritualidade, religião. É tudo a mesma coisa com suas profecias razoáveis. Não é usado para o bem ou para ajudar as pessoas, apenas para controlar as mentes, para manter as pessoas na linha.

Foi criado para assustar as pessoas e fazê-las seguir regras que não cumpririam se não tivessem medo de um grande homem no céu.

Ela vem atrás de você? Está brincando comigo.

— Estou farto disso. — Eu me afasto de seus olhos, colocando as mãos na minha moto e jogando minha perna sobre o assento.

Aparentemente, ela não recebeu o memorando, porque me segue, caminhando ao meu lado.

— Não quero sua besteira de bruxa. Não acredito — eu digo com um pouco mais de força para que possa transmitir meu ponto de vista. Tiro o capacete pela cabeça, mexendo nas alças.

— E eu não estou vendendo. — Em um movimento calmo, ela me estende a última carta junto com um cartão de visita, deixando ambos cair no meu colo.

— Dez de espadas, garoto. Se não repensar o caminho que está seguindo, prepare-se para um final doloroso. Um cheio de perdas, traições - será brutal e desagradável. Você não conseguirá. Tome isso com cuidado, e se você se curar do que a religião fez com você,

apareça e me deixe ler sua palma. Tenho a sensação de que tem uma ótima história para contar.

E depois desaparece, como se não tivesse jogado a porra psicopata em mim, indo embora na chuva, suas botas estalando enquanto desaparecia.

Olho para o meu colo. O único retângulo branco tem o seu nome impresso com um número de telefone.

Bliss St. James.

E o outro ao lado é o mesmo padrão de preto e dourado que as outras cartas.

Este tem um homem de braços na terra, várias espadas perfurando-o nas costas, levando-o mais para o chão. Seus braços estendidos enquanto busca uma ajuda que não parece vir.

O vento aumenta e a chuva começa a cair mais forte. Arrepios percorrem meus braços com a água amarga que encharca minhas roupas.

Rapidamente racionalizo que a única maneira de ela saber como me sinto em relação à religião é por causa da minha linguagem corporal. Pessoas como ela são boas em ler esse tipo de coisa, captando as pequenas coisas. É assim que conseguem enganar os clientes.

Bem, não acredito.

Jogo ambas as cartas no chão sem consideração, permitindo que a água as absorva em uma bagunça encharcada.

Rapidamente viro a chave da minha moto e deixo o motor roncar entre minhas coxas. O poder que surge através de mim enquanto zumbe aquece meu corpo.

Puxo a viseira do capacete sobre o rosto, escurecendo ainda mais a área ao meu redor.

Foda-se a intervenção divina. Não preciso de redenção.

Se Deus tem algum problema comigo, sabe onde me procurar.

Até lá, continuarei arrancando cabeças até que todos os malfeitores de Rose estejam assando vivos no Inferno.

DEZESSEIS



SEU PASSADO ESTÁ CHAMANDO

Gage

Universidade de Hollow Heights.

Eles convidam o sucesso.

A faculdade de todas as faculdades.

Se você frequentar e se formar aqui, não há emprego que não consiga. Não importa se seus concorrentes são oradores graduados em Harvard, sempre conseguirá a posição antes deles.

Porque aqui, é sobre legado. É sobre dinheiro.

Apenas entrar significa que vale mais do que a maioria.

É uma universidade infame que as pessoas sonham em frequentar por toda a vida e o único lugar que nunca quis acabar. Tinha esquecido o quão bem isso borrava as linhas do distinto e do macabro.

O enorme campus é uma confusão de torres e prédios, todos isolados e cercados por pinheiros verde-escuros. A névoa parece ser um membro da escola, sempre pairando por perto, por cima.

É estranho usar minhas roupas normais, que ficam um pouco mais largas por causa do peso que perdi. Porém, quase nua envolta em roupas que condizem com a imagem de uma menina que antes era uma abelha rainha e agora é apenas uma história de fantasmas. Arranham minha pele em lugares estranhos, muito diferentes das batas que usei antes. Meus sapatos estalam embaixo de mim, machucando meus ouvidos enquanto sigo pelos corredores em busca de minha primeira aula.

Minha cabeça gira ao ver os tetos altos e a arquitetura gótica, sobrepostos com padrões sinuosos emoldurando vitrais escuros que estilham a pouca luz que entrava.

Odeio estar aqui, mas não estou nervosa.

Tenho um trabalho a fazer. Tenho um plano, um papel a desempenhar.

Não se trata de dever de casa ou educação; é sobre foder idiotas que me deixaram sair da minha prisão psiquiátrica. Sou impulsionada pela imagem da morte de meu pai, vendo toda a vida desaparecer de seus olhos enquanto o encaro na sepultura.

É a última coisa que posso fazer por Rose. A única coisa boa que posso fazer por ela, e é o mínimo que ela merece. Depois de tudo que fiz enquanto estava viva, posso pelo menos garantir que seu assassino seja levado a algum tipo de justiça. Não importa o quão sangrento.

A sua morte, e aquele hospital psiquiátrico, me mudou.

Costumava me olhar no espelho e ver uma garota esperando para abrir suas asas. Esperando para viver sua verdade.

Agora não vejo nada.

Apenas uma concha de uma pessoa.

Não tenho ideia de quem sou. O que gosto, o que me faz feliz. Estou apenas respirando, passando pelas fases da vida como uma pequena ondulação em um lago. Insignificante.

Meus sonhos desapareceram tão rapidamente que comecei a me perguntar se estavam lá em primeiro lugar. Estou perdida e me contentado com esse sentimento.

— Esta é sua primeira aula do dia. Se precisar de ajuda com agendamento ou problemas para encontrar algo, basta passar no meu escritório, está bem?

Meu conselheiro escolar, Conner Godfrey, é legal. Passei a maior parte do nosso tempo juntos ignorando-o, mas ele é legal, no entanto.

— Obrigada. — Dou um pequeno sorriso antes que ele desapareça pelos corredores.

Olho para as placas ao lado de cada porta, lendo o número da sala e o nome do professor abaixo delas. Olhando para o meu horário, respiro fundo e paro na frente da sala de aula vinte e quatro.

Latim I é minha primeira aula do dia. Felizmente, não preciso começar no primeiro semestre devido aos créditos universitários que adquiri no ensino médio. Poderia voltar ao semestre da primavera do meu primeiro ano junto com todos os outros alunos que retornaram.

A blusa branca de colarinho parece apertar em volta do meu pescoço, e já me arrependendo da decisão de usar esta saia preta. O ar parece muito perto de minhas coxas nuas e sinto muito frio, mesmo com o blazer vermelho cobrindo meus ombros.

Respiro fundo, um pouco, apenas o suficiente para me preparar para os olhares e encaradas que receberei.

Sage Donahue está de volta, e se pensavam que eu era ruim antes, eles terão um rude despertar.

Porque agora? Não dou a mínima.

Abro a porta, meus sapatos preenchendo o silêncio que tomou conta da classe. Posso sentir todos olhando para mim, a maioria deles, alunos com quem me formei, mas alguns rostos novos na multidão.

Esses são os que sussurram e fazem perguntas, imaginando o que há em mim que aparentemente congelou uma classe inteira.

Até a professora, que deveria manter o profissionalismo, parou o que fazia para me encarar. Deixo todos boquiabertos, permitindo-lhes chegar a qualquer conclusão que quiserem, construindo histórias em suas cabeças sobre onde estive e o que aconteceu.

Posso garantir que nada que seus cérebros de ervilha formassem seria pior do que a verdade.

— Senhorita Donahue. — Nossa professora limpa a garganta.
— Por favor, sente-se e evite se atrasar da próxima vez para não atrapalhar nossa aula.

Isso parece trazer todos de volta à Terra, lembrando-os de onde estamos e o que estão fazendo. Eles voltam para suas conversas e seus olhos baixam para suas mesas. Aproveito esse momento para procurar um assento na sala, procurando nas fileiras de cadeiras cheias uma única vazia. De preferência uma isolada do resto.

Em vez disso, deparo-me com olhos semicerrados e ardentes.

Aqueles que me mantêm acordada à noite.

Eu sabia que o veria. Sabia que meu trabalho era me colocar no seu caminho e pensei que estaria pronta para isso.

Pensei que havia me preparado para a sua aparência, para ver o que os últimos meses haviam feito com ele. Passei por tantas situações na minha cabeça, mas não há nada que realmente possa me preparar para Rook.

Nunca houve.

O tempo tinha sido bom para ele.

Ele era magro antes, mas agora, agora está muito maior. Seu peito é mais largo, esticando o material de sua manga comprida preta. Os braços cobertos com tecido parecem mais grossos, e adicionou tatuagens nas mãos à sua lista de autodecoração.

Meu peito tem espasmos, olhando para a maneira como seu cabelo sai de baixo de sua conta achatada para trás, que só ele pode tirar. A luz atinge o pequeno piercing de prata em sua sobrancelha, criando uma fenda no cabelo.

Está chapado - posso dizer pela lentidão com que seus olhos se movem sobre mim. Não com interesse ou luxúria, mas sim com desgosto. Ódio.

Mesmo a erva não pode amenizar o que ele sente por mim.

E é isso que faz isto doer. Não é ver o seu rosto ou que ele mudou.

É vê-lo me encarar com tanta animosidade que posso senti-la fisicamente tocando minha pele. Estou revivendo aquela separação mais uma vez, passando pelo desgosto de quebrar sua confiança mais uma vez.

Sei o que está pensando, como gostaria de nunca ter me conhecido, nunca se permitiu fazer o que fizemos. A dor que me percorre é quase insuportável porque sei que, por mais que me odeie, ele se odeia ainda mais por confiar em mim. E eu nunca quis isso para ele.

Subconscientemente, levo a mão a minha clavícula, esfregando minha cicatriz sob minhas roupas. Tinha feito isso tantas vezes antes para me confortar, tentando ver se eu poderia evocar boas memórias e sentimentos tocando a marca que agora compartilhamos.

Ele me observa fazer isso por um segundo, e parece um tapa na cara quando levanta os olhos. Estão assustadoramente vagos, vazios de todos os sentimentos em relação a mim. Não consigo mais detectar aversão ou ódio dentro deles. Perdeu toda a emoção em relação a mim, e isso dói mais. Saber que ele não sente absolutamente nada por mim.

O Rook que conheci.

Aquele que tão desesperadamente queria ficar comigo.

O garoto que pensei que poderia me amar...

Foi-se.



É incrível como as coisas mudam enquanto se está longe.

Como o mundo continua girando e se movendo mesmo depois que as pessoas morrem ou, no meu caso, são enviadas para o exílio.

A aula desta manhã foi estranha por talvez dez minutos depois que me sentei, mas Rook rapidamente pediu licença para ir ao banheiro e nunca mais voltou. Então comecei a abafar a aula, caindo em um buraco de conspiração.

Tentando entender como diabos vou colocá-los do meu lado. Como farei com que acreditem em mim quando disser que estou do seu lado e quero fazer parte de sua vingança. Eles nunca me deixarão ajudar se não confiarem em mim, mas tenho que tentar.

Minha melhor aposta, minha única aposta, é ir para Silas.

Se eu pudesse falar com ele por tempo suficiente, poderia lhe explicar que tudo que eu quero é arruinar meu pai. Para esmagá-lo sob meus pés até que não exista mais. Para ajudar a acabar com a sua vida, e depois não o incomodarei. Nunca mais incomodarei nenhum deles.

Ele entenderia mais do que qualquer um dos outros meninos o quanto isso é importante para mim.

Eu me tornei o assunto do campus, assim como suspeitava que aconteceria, mas enquanto eles estão ocupados participando do boato, estou ouvindo as coisas.

Ouvindo todas as coisas que perdi quando as pessoas pensavam que apenas sussurravam. É incrível a merda que as pessoas dirão quando se está com fones de ouvido, pensando que ouvimos música quando apenas esperando que eles falem.

Eu tinha ouvido em uma das minhas aulas que Jason Ellis organizou a festa de boas-vindas do ano passado e teve seu cartão black levado porque sua casa foi fodida depois. Houve também uma arma que disparou no jogo de orientação dos calouros, e o inferno congelou porque parecia que um dos Hollow Boys estava fora do mercado.

Anos atrás, essa última informação teria me feito rir. Como alguém poderia querer namorar rapazes tão psicóticos? Essa porra cheia de caos e má reputação. Não faria sentido para mim.

Agora, porém, não parece tão difícil de acreditar. Se eles são como Rook, todos têm segredos por trás de seu exterior. Aqueles que, uma vez que se vê pedaços, uma vez que entende um pouco, é difícil não se apegar a eles e à escuridão que carregam.

O triste fato é que eu nem sabia todas as coisas que Rook guardava dentro de si. Ainda havia traumas e segredos que ele escondia de mim, e mesmo assim me apaixonei por ele.

É um pensamento assustador, saber que a única pessoa em Ponderosa Springs que tem sujeira sobre mim é Rook Van Doren, um Hollow Boy notoriamente cruel. A informação que ele possui

não só me deixaria aleijada se alguém descobrisse, mas partiria meu coração novamente.

Puxo meu longo sobretudo em volta dos meus ombros enquanto ando rapidamente pelo terreno. Janeiro no Oregon significa neve, e hoje não é exceção. O campus coberto de branco é assustador, mesmo com o retorno dos alunos das férias de inverno.

As gárgulas que nos olham, que alguns acreditam serem na verdade câmeras. As fontes de água congelada na frente de alguns dos corredores. Neve cobrindo as pontas afiadas das torres e ventos fortes soprando em sua pele com a brisa do mar, por estarmos na costa, enquanto caminhamos por espaços abertos.

Cheguei ao Salvatore Dining Hall pouco antes de meus mamilos congelarem, pressionando minhas mãos nas portas e sentindo o calor do interior roçando minhas bochechas. Coloco as mãos em concha na frente da boca, soprando nelas enquanto passo por alguns outros alunos que não reconheço.

Pensaria que estaria acostumada com os prédios exagerados e o que continham, mas cada espaço em que entrei em Hollow Heights me lembra por que é tão procurado. O refeitório é enorme, o teto incrivelmente alto com candelabros circulares com dois níveis, cada um segurando lâmpadas transparentes que quase parecem velas. Fileiras e fileiras de mesas horizontais com seis cadeiras estão espremidas dentro do espaço.

Levando um segundo para olhar para o teto que é pintado de forma semelhante à Capela Sistina em homenagem ao edifício histórico, caminho através da fila para pegar comida para o

almoço. Tento desesperadamente me misturar com todos os outros, algo que nunca teria feito antes, mas agora parece que tenho que fazer isso para sobreviver.

Baixo minha cabeça e toco minha orelha direita para que meus *AirPods* toquem música para bloquear os sons de risadas e alegria dos amigos. Os *Righteous Brothers* tocam suavemente dentro da minha cabeça, aquecendo o pouco de alma que me resta.

Depois de reunir minha comida, rapidamente encontro uma mesa vazia no canto, longe de olhares indiscretos, e me acomodo antes de começar a enfiar minha comida em diferentes cantos da minha bandeja. Estava tão acostumada com as divisórias da enfermaria que só de pensar em tocar na minha comida me dá vontade de vomitar.

Estive fora por muito tempo, tanto tempo que a enfermaria parecia mais um lar do que este lugar. Só espero que isso não demore muito para que eu possa finalmente ir embora. Não tenho certeza para onde iria, mas sei que quero sair.

Antes, eu sonhava com Hollywood ou Los Angeles, mas quando penso em ir para lá agora, me sinto vazia. Não parece certo. Nada parece mais certo.

— Sage?

Foda-se minha vida.

— Ouvi dizer que estava de volta, mas na verdade não acreditei! Não acredito que você voltou! Sentimos sua falta.

Ergo meus olhos para Mary, espetando uma uva com meu garfo simultaneamente antes de enfiá-la em minha boca enquanto me

inclino para trás em minha cadeira. Lizzy está ao seu lado, acenando sem jeito.

As palavras de Mary não combinam com o olhar em seu rosto. Está cheia de triunfo, como se tivesse conquistado meu lugar no trono de Ponderosa Springs e, até certo ponto, ela definitivamente conquistou.

— Isso é doce. — Mastigo a fruta. — Mesmo aqui. Tudo o que eu pensava enquanto estava trancada dentro de uma ala psiquiátrica eram minhas duas melhores amigas. — Sorrio docemente, piscando muitas vezes do que o necessário.

— Eu queria visitá-la — Liz começa, e Mary rapidamente bate nela com o quadril como se eu não fosse notar. Lizzy solta um suspiro frustrado antes de continuar. — Queríamos visitá-la, mas seu pai disse que era melhor deixarmos você melhorar primeiro.

Lizzy, acredito que teria sido uma boa amiga para mim se eu tivesse dado a ela a chance, mas como ela me seguiu cegamente, agora está sob nova direção.

Escarneço um pouco. — Tenho certeza que sim. Diria que funcionou, né? Não pareço melhor? — Pergunto, realmente não querendo uma resposta. — Além disso, tenho certeza de que vocês estavam ocupadas com a formatura.

— Ouça, Sage — Mary começa, jogando seu cabelo perfeitamente cacheado sobre o ombro, me fazendo querer arrancar aquela faixa de sua cabeça e bater nela — Queria falar com você sobre East. Foi muito difícil depois de tudo o que aconteceu, e nós meio que encontramos consolo um no outro. Sentimos sua falta. Foi...

Esta era a parte pela qual estava mais animada - não ter que cobrir como eu realmente me sinto sobre as coisas.

Interrompo seu pedido de desculpas que não preciso. — Não dou a mínima para foder meu ex. Estou muito feliz por você ter meus segundos desleixados, Mary. Dessa forma, ele me deixará em paz.

Não poderia me importar menos com Easton Sinclair. Não me importo com quem ele está fodendo, desde que não seja eu.

— Quero dizer, foi isso o que sempre quis, não é? Por que você era minha amiga? Para que pudesse ter o que eu tive? — Adiciono.

Eu sabia que Mary estava ansiosa pela atenção que adquiri tão facilmente no ensino médio. Esperando o momento em que bati e queimei para que ela pudesse se levantar e tomar meu lugar.

E não a culpo. Este lugar te cria para ser um abutre. Fazemos o que temos que fazer para sobreviver, e é mais fácil sobreviver quando se vive no topo da cadeia alimentar.

— Não fique com a calcinha toda emaranhada porque caiu em desgraça. Ninguém quer ficar perto de uma garota que precisa de uma camisa de força.

— Ah, o que farei sem a aprovação dos moradores decadentes. — Exagero colocando as costas da mão na testa como se fosse verificar minha temperatura. — Tenho medo de não conseguir!

Não sei o que a irrita mais, meu sarcasmo ou o fato de eu simplesmente não dar a mínima para o que ela diz.

— Sabe, sinto muito por você. — Ela me dá um sorriso desdentado. — Perdeu a cabeça, perdeu a mãe, perdeu a irmã. É

por isso que acha que pode ser tão desagradável comigo, porque o que mais tem a perder? Você não tem mais nada.

Ranjo meus dentes com tanta força que posso ouvi-lo. — Tem razão. Não tenho.

Ela parece orgulhosa de si mesma, me derrubando e mostrando quem está no comando aqui agora.

— Minha roupa suja está toda arejada e pendurada na varanda da frente. Isso significa que não tem nada para usar contra mim — continuo, lambendo meu lábio inferior enquanto inclino minha cabeça. — Mas a sua, por outro lado, ainda está escondida, e sei disso. Conheço cada escândalo e segredo que ambas têm. Por isso, se você falar sobre minha irmã novamente, farei mais do que contar às pessoas. Vou acabar com você. Entendeu, garotinha? — Termina de forma encantadora.

Minha ameaça paira no ar entre nós, ambas examinando a lista de sujeira que tenho pendurada acima de suas cabeças. Elas sabem que também não estou blefando - não há nada que me impeça de expor ambas. Seus olhos se arregalam um pouco, o suficiente para me deixar saber que o que eu disse a atingiu.

Elas não estavam na minha lista de coisas com que lidar - tenho coisas mais importantes para resolver - mas se ficarem no meu caminho, se Mary começar a falar coisas que não entende, vou adicioná-los à lista.

Mary abre a boca, pronta para cavar sua cova ainda mais fundo, apenas continuando a enfiar o pé na garganta, mas é rapidamente interrompida.

— Tudo bem por aqui?

Olho para a pessoa de onde veio a nova voz e percebo que não a reconheço nem à garota que está ao seu lado.

Lizzy tenta puxar Mary pelo braço. — Vamos, vamos embora — ela murmura.

Mary porém, não terminou; ela ri sarcasticamente. — Isso é realmente perfeito. Está nos substituindo pela aberração dos insetos e a nova prostituta dos Hollow Boys. Deve ter cuidado, Briar - a última garota que esteve perto deles acabou morta. Não é, Sage?

Pressiono minhas mãos na mesa, minha cadeira rangendo quando me levanto. — Cadela, não falarei novamente. Mantenha minha irmã fora de sua boca.

Nunca na minha vida estive em uma luta física. Por isso, poderia levar uma surra.

Não tenho ideia de como socar alguém sem quebrar minha própria mão no processo, mas sei puxar cabelo, morder e jogar sujo.

— Já chega, pessoal. As pessoas estão olhando. Vamos embora. — Lizzy puxa Mary com mais força, forçando-a para longe de mim e desta situação acalorada.

Elas desaparecem para o seu lado no refeitório, e fico com essa queimação no peito. Este doloroso lembrete de que Rosie se foi, e todo mundo sabe disso. Todo mundo aceitou, menos eu.

Caio no assento, abaixando minha cabeça e passando minhas mãos pelo meu cabelo com irritação. O que estou fazendo aqui?

Não pertenço mais aqui, e isso é muito claro. Não há como Silas ou qualquer um dos outros garotos me ouvirem por tempo suficiente, muito menos confiar em mim.

Meu primeiro dia e tudo isso parece inútil. Está apenas me mostrando que o mundo inteiro seguiu em frente enquanto estou presa na água.

— Bem, isso foi divertido.

— Pergunto-me quando elas receberão o memorando de que as garotas más saíram de moda há dez anos.

Briar - acho que é esse o seu nome - senta-se à minha frente, e sua amiga morena ao seu lado, ambas colocando a comida na sua frente como se fossem convidadas.

Uma parece uma versão feminina de um lenhador, em sua camisa xadrez e gorro cinza cobrindo seu cabelo loiro sujo, enquanto a outra me dá sérias vibrações de Coraline. Não tenho certeza de quando usar botas de chuva e chapéus de balde passou a ser uma coisa, mas ela está arrasando. Ambas parecem um par estranho, mas tão diferentes em suas próprias maneiras que realmente se misturam perfeitamente. Parecem quase se equilibrar. Do jeito que boas amigas deveriam.

Levanto uma sobrancelha para ambas. — Posso ajudar? — Sai muito mais ríspido do que queria, mas um tigre nem sempre pode mudar suas listras, e estou ainda mais cautelosa com as pessoas do que nunca.

— Oh, desculpe, sou Briar. — A lenhadora aponta para o seu peito. — A prostituta dos Hollow Boys.

— E eu sou Lyra, aberração de insetos. — Seus cachos crespos balançam um pouco enquanto fala, e isso me faz olhar para seu rosto um pouco mais de perto do que antes, agora que o drama se acalmou.

— Espera, eu te conheço. É Lyra Abbott, certo? Acho que estudei inglês com você no primeiro ano. Você se sentou perto da janela?

Ela acena com a cabeça. — Na verdade, você teve muitas aulas comigo, mas tudo bem. Estou surpresa que se lembra desse. Não sou notada com frequência.

A maneira como diz não é triste; é apenas um fato. Um que ela aceitou.

Guardo minhas palavras para mim, porque a verdade é que a única razão pela qual a notei naquela aula de inglês foi porque descobri o que aconteceu com sua mãe quando ela era criança.

Minha atenção se volta para Briar. — E você? Namorando Alistair Caldwell? É incrivelmente corajosa ou apenas ingênua?

Ela não é de Ponderosa Springs. Provavelmente está ciente de sua história com seus amigos, mas não estava por perto enquanto eles faziam isso.

Uma parte dela se torna defensiva. Posso ver na forma como seus ombros se contraem e sua mandíbula se contrai um pouco. A garota tem luta, posso ver. Ela não tinha medo de intervir com Mary e Lizzy, seu status não a afetava. E agora, ela não desistirá de defender seu relacionamento.

Foi isso que fez o infame e colérico Alistair Caldwell cair? Ou há algo mais?

Ela estala a língua, balançando a cabeça um pouco. — Ouvi isso algumas vezes desde que me mudei para cá. A resposta é nenhum dos dois. Encontrei-me por acaso em seu caminho e nunca mais saí. Às vezes, não sabe o que quer até que esteja bem na sua frente. Ele não é como todo mundo diz, não comigo.

— Sim, isso é o que... — paro no meio da frase.

É o que Rose tentou me dizer sobre Silas. O que eu tinha aprendido sobre Rook. Se alguém entende o que é se apaixonar pelas coisas que permanecem no escuro, sou eu.

Olho para elas novamente quando começam a comer, imaginando o quanto Briar sabe sobre o que Alistair está tramando. Se Lyra estiver envolvida. Estou tão por fora que não tenho como saber.

— Escute, não estou realmente à procura de amigos — digo honestamente, não precisando adicionar amizade ao meu prato vazio. Eu tinha me acostumado com o quão leve era sem nada nele.

— Não perguntamos se estava à procura — Lyra fala. — Não se encaixa mais nos espaços de Ponderosa Springs. Você caiu dos padrões deles e agora é um dos esquecidos, mas não significa que tem que ficar sozinha. Os solitários também precisam de amigos.

Ela está certa. Não me encaixo mais, e uma parte de mim odeia ouvir isso em voz alta, mas a outra parte de mim sabe que nunca pertenci, em primeiro lugar.

— Ela fica profunda às vezes. Você se acostuma com isso. — Briar ri. — Mas ela está certa. Você não tem amigos e poderia fazer pior do que nós. A faculdade é conhecer novas pessoas, criar novos laços, certo?

— Eu...

Não sei ser amiga. É o que eu queria dizer.

Não sei como ser amiga de alguém, não mesmo. Essas duas não são algo superficial criado para se encaixar em uma determinada imagem. São o tipo de amigas que compartilham segredos e lágrimas. Nunca fiz isso. Nunca fui isso para alguém, e não tenho certeza se posso, mas mesmo que não consiga, isso pode me ajudar.

Elas seriam capazes de me atualizar sobre tudo o que havia mudado. Mais importante, Briar seria capaz de me aproximar o suficiente de Alistair para falar com Silas.

E talvez, não sei, talvez pudesse...

Não, Sage.

Você tem um objetivo, e construir relacionamentos não é isso. Nem estará aqui o tempo suficiente para ganhar a confiança deles. Irá embora e sairá do caminho de todos assim que seu pai parar de respirar. É isso.

— Sou Sage. Sage Donahue — ofereço a elas, ciente de que já me conhecem, mas sinto que preciso dizer isso em voz alta para mim.

— Prazer em conhecê-la, oficialmente — diz Lyra. — Bem-vinda à Loner Society³⁰, Sage.

³⁰-Em português: Sociedade dos Solitários.

DEZESSETE



PONTO DE EBULIÇÃO

Rook

— Existe uma razão para estar extremamente mal-humorado hoje, Rook?

A ponta do machado divide o centro da madeira, enviando duas peças separadas voando em direções opostas. O suor escorre pelas minhas costas expostas enquanto levanto os olhos para Thatcher, que está sentado em sua bunda excessivamente vestida.

Largo a arma no chão, esfregando as mãos molhadas na calça jeans para secá-las. Estava trabalhando duro rachando a lenha para a porra dessa fogueira que teríamos. Sentado como se tudo tivesse voltado ao normal e estivesse bem. Como se estivéssemos de volta ao ensino médio fazendo isso todo fim de semana apenas para passar o tempo, como se nossas vidas não tivessem mudado drasticamente desde então.

— Não estou mal-humorado — resmungo, pegando as toras e jogando-as na cova. — Só preciso desabafar. Esperar e mexer nossos polegares aparentemente só está me incomodando.

— Isso não é verdade, e sabe disso — Alistair entra na conversa, levantando-se de seu lugar. — Queremos a cabeça dele em uma estaca tanto quanto você. Pare de agir como se não quiséssemos.

Passo a mão pelo meu cabelo úmido, balançando a cabeça em desacordo. — Então por que não conversamos sobre isso? Pensou em um plano? Nem uma maldita vez desde que Thatcher cortou Greg em pedacinhos. Já se passaram dois meses e as férias acabaram. Dois malditos meses, Alistair.

Meu temperamento está fervendo acima de seu limite, atingindo sua capacidade, e pronto para explodir no alvo mais próximo. Há muitas coisas acontecendo dentro de mim. Muitas coisas que me levaram a uma espiral descendente de raiva ultimamente.

— Ou esteve muito ocupado com sua cabeça enfiada na boceta de Briar para perceber?

Três segundos.

Isso é tudo o que preciso antes de um dos meus melhores amigos estar na minha cara, sua altura um pouco acima da minha provavelmente fazendo com que se sinta superior, tão próximos um do outro que nossos peitos batem com a força.

Cruzei uma linha. Eu sabia o que estava fazendo quando disse, e era exatamente isso que eu queria. Que ele fizesse alguma coisa, batesse no estômago ou socasse minha cara. Quero isso. Preciso disso agora.

— Cuidado com a porra da sua boca, Rook. Estou te avisando.
— Ele grita, olhos castanhos virando um tom impossível de preto.

— Não estou balançando sua merda porque sei que estamos todos no limite sobre isso, e aposto que uma parte de você quer que eu faça isso. Não pense que se importa mais em obter justiça para Rose do que eu.

Flexiono minha mandíbula, colocando minhas mãos em seu peito e empurrando-o para trás com força suficiente para sacudi-lo. — Pare de tentar microgerenciar tudo. Estou ficando muito cansado de receber ordens suas, Caldwell.

Um tornado de emoções gira dentro de mim, muitos para controlar. Não sou bom nisso, em manter tudo à distância e sob controle. Sou uma criatura de explosão e baixo impulso. Não posso continuar com isso. Está tudo se tornando demais, porra.

— Tem certeza que é comigo que está realmente chateado aqui? Ou está cansado de ser o maldito capacho do seu pai?

A represa dentro de mim se rompe. Arrebenta-se ao meio, e toda a minha raiva descontrolada flui, pronta para causar estragos em tudo no meu caminho. Eu o ataco, envolvendo meus braços em volta de sua cintura e enterrando meu ombro em seu estômago. Uma lufada de ar sai de sua boca enquanto o jogo no chão e nossos corpos na neve gelada.

O frio toca minha pele nua enquanto Alistair usa seu peso para nos rolar. Os cortes nas minhas costas ardem de dor quando me pressiona contra o chão. Nossas respirações são visíveis conforme caímos um no outro, mas ele ainda não deu um único soco em mim, o que só piora as coisas. Quero que ele me machuque. Preciso disso agora.

— Rook — ele resmunga, mas apenas continuo, empurrando seu corpo, meu punho dando o primeiro soco sólido na lateral de suas costelas.

Havia falhado com minha mãe e agora estou falhando com Rosie. Estou falhando com Silas. Por que não posso simplesmente ajudar aqueles de quem gosto? Por que não posso ficar com eles?

Todos os dias, Silas se afasta cada vez mais, e tudo que posso fazer é observar. Não importa quantas vezes diga a ele para tomar seus remédios, ele ainda se afasta de mim, e isso está me matando.

Estão todos... me deixando.

— Rook! — Desta vez é mais alto e, usando ambas as mãos, ele agarra meus ombros e me levanta da neve antes de me jogar de volta no chão. Meu corpo estremece, ossos chacoalhando dentro de mim e minha cabeça quicando no chão duro.

— Ah — tusso quando sinto meus cortes começarem a se abrir, gotas de sangue e neve derretida escorrendo pelas minhas costas. Esses cortes foram feitos apenas alguns dias atrás, e só demorarão mais para cicatrizar agora.

Uma mão grande agarra minha nuca e me puxa para frente. Minha cabeça bate em seu peito, e ele me segura. Meu corpo está rígido e tenso. Luto contra seu aperto, mas ele apenas aumenta sua força.

— Droga! — Vocifero.

Antes de vir para o Peak, parei no posto de gasolina para pegar fluido de isqueiro, e aquele idiota monstruoso do Frank Donahue teve coragem de falar comigo na fila. Perguntando se a faculdade

ia bem, tendo a coragem de murmurar o nome de Silas a respeito de como está.

Tudo o que eu conseguia imaginar era arrancar sua língua da boca por pensar em Silas ou Rose. Nunca pratiquei autocontrole assim antes, e foi quase impossível ir embora sem explodir aquele posto de gasolina com ele dentro.

Tinha sido a cereja no bolo de merda.

Não aguento mais isso. Não posso esperar mais.

— Entendo. Sei o que está sentindo — ele murmura. — Também sinto falta dela. Sei que parece que não estamos fazendo nada e apenas deixando aquele merda andar por aí despreocupado, mas teremos nosso tempo. A hora dele chegará, prometo a você, Rook.

Nos anos em que conheci Alistair, ele nunca quebrou uma promessa para mim. Nunca. Mesmo quando fui até ele e pedi que fosse duro comigo no ringue quando estávamos lutando. Nas primeiras vezes no tatame, percebi que ele pegava leve comigo, e eu não queria isso.

Não precisava disso.

E ele foi o primeiro a notar isso. O único que sabia do que eu precisava era de dor e punição para sobreviver aos dias. Especialmente agora, não importa quantos socos leve, não há como parar a culpa constante que inunda meu sistema a cada momento que estou vivo e ela não.

Alistair sempre parece saber o que todo mundo precisa, mas o que ele não sabe é que, além de tudo isso, alguém que deveria ter

permanecido morta e enterrada acaba de ressuscitar - entrou direto na minha aula de latim com seu cabelo ruivo e sardas salpicadas de canela, parecendo cinco quilos mais magra e vinte vezes mais mortal.

Ela não tem nada aqui, por isso a questão é por que diabos ela voltou? Eu sabia que ela foi internada na *Monarch Mental Health Institution* - não que me importasse, foi apenas o que soube através da videira., mas se ela foi solta, por que diabos voltou aqui?

Ela não deveria estar em LA agora? Por que diabos não podia simplesmente ir embora?

— Vocês dois já se deram bem? — Thatcher intervém.

Coloco minhas mãos em seu peito, pressionando-o, e ele desliza do meu corpo. Ele me estende o braço e o pego, permitindo que me ajude a levantar. Testamos um ao outro com frequência, mais do que os outros rapazes. Nossas emoções estão altas demais, nosso sangue muito quente.

Silas e Thatcher podem facilmente esconder suas emoções. Inferno, Thatch nem os sente. Alistair e eu vivemos na raiva. No sentimento. Nós o usamos como combustível.

— Na verdade não, mas funciona — digo. — Desculpe — dirijo-me para Ali.

Ele balança a palma da mão aberta para mim, batendo na minha cabeça. — Nunca mais diga algo assim sobre Briar. Ela está realmente começando a gostar de você.

— Ao contrário de quê? De mim?

Nós dois olhamos para Thatcher, que tem a audácia de se fazer de bobo quando sabe que Briar Lowell não consegue suportá-lo e, por algum motivo, não tem nenhum problema em garantir que continue assim.

Ouçõ passos se aproximando atrás de mim, ciente de quem é antes que apareça na minha visão periférica.

Silas se levanta, olhando para a cadeira a leste da fogueira, aquela onde costumava se sentar com Rosemary no colo. Suas mãos estão enfiadas nos bolsos enquanto olha vagamente para o espaço. Eu diria que daria qualquer coisa para saber o que ele está pensando, mas todos sabemos.

É sempre ela.

— Ei, cara — chamo. — Você esteve com seus pais?

É então que ele volta sua atenção para nós, tirando o capuz de sua cabeça e expondo sua cabeça raspada. — Sim.

— Ainda tentando suborná-lo para sair daqui?

— Nunca pararam. Só piorou desde Rose.

Sei que o amam, principalmente o pai, mas ele não precisa ir embora. Nem precisa de apoio. Só precisa que eles entendam que ele não vai a lugar nenhum agora e aceitem. A constante insistência de que ele vá para um estado ou escola diferente só piora as coisas.

Só o machuca mais. Ele sabe que, eventualmente, terá que deixar Ponderosa Springs, mas partir agora é como deixá-la. Considerando que não pode mover o túmulo dela com ele - acredite em mim, ele tentaria - ela ficaria aqui enquanto ele se mudasse.

Essa é a última coisa que ele quer agora. Não está pronto para isso.

Ninguém está.

— Tudo bem, Deus do Fogo, nos dê um pouco de luz — Thatcher pressiona, sentando-se agora que os ânimos se acalmaram.

Aceno, respirando fundo. Começo a caminhar em direção à pilha de madeira que empilhei, usando o fluido do isqueiro e o fósforo da minha boca para acender o fogo. Observar as chamas subindo mais alto acalma as bolhas dentro de mim, mesmo que seja apenas por alguns segundos.

Inclinando a cabeça para trás, deixo o fogo aquecer minha pele, inalando a fumaça espessa da madeira que sai da cova. De pé, tão perto, posso sentir as pequenas brasas crepitando contra ele, pequenos beijos de gasolina contra meu peito que fazem meus dedos dos pés se curvarem.

Nós quatro nos sentamos e ficamos ali em silêncio. Não precisamos conversar - nunca precisamos. Não viemos aqui para conversar sobre nossos dias ou falar de fofocas de cabeleireiro.

Vemos aqui para existir.

É o único lugar nesta cidade onde podemos simplesmente estar. Uma pequena porção de como será o mundo fora deste lugar. Quando sairmos, as pessoas não pararão na rua para olhar e cochichar. Os pais não apertarão as mãos de seus filhos com mais força quando nos virem. Ninguém se importará, porque eles não nos conhecem.

Para todos os outros, somos apenas rapazes aleatórios vivendo a vida. Aqui, não somos nada além de maçãs podres nas quais podem culpar seus problemas.

E no final das contas, tudo o que realmente queremos é existir em um mundo que não nos pinte como vilões.

Faróis se espalham por entre as árvores, lançando um brilho sobre Thatcher, que está sentado na minha frente. Eu me viro na cadeira como se fosse conseguir ver a pessoa saindo do veículo e vindo em nossa direção no escuro.

— Convidou o animal de estimação? — Thatcher pergunta a Alistair.

— Disse a você que se continuasse a chamá-la, eu partiria seu crânio, Thatch. Pare com isso — ele resmunga. — E não, ela está com Lyra estudando em seu dormitório esta noite.

Eu me levanto e encaro a floresta por onde terão que passar, minha mente entrando em modo de defesa. Não se tropeça aleatoriamente neste lugar. Teria que saber que está aqui para encontrá-lo. O que significa que quem vem nessa direção sabia que estaríamos aqui.

Esperamos, meu punho se fechando no silêncio. Apenas o crepitar do fogo enche o ar até ouvirmos o estalar da neve, e logo nosso visitante atravessa por entre as árvores para a luz e deixando as sombras.

— Bem, não esperava por isso — Thatcher respira, provavelmente tão chocada quanto o resto de nós.

Cabelo ruivo claro surge das árvores, seu penteado estiloso balançando logo abaixo do queixo. Suas mãos enfiadas nos bolsos da jaqueta enquanto se aproxima da borda do Peak, onde todos estamos, quase atordoados demais para falar.

Logo esse choque se desvanece, e rapidamente fico aquecido com a irritação.

— Como diabos chegou aqui?

Sage nem se encolheu com a voz de Alistair, apenas manteve a cabeça erguida e continuou a caminhar em nossa direção.

Depois de tudo que ela passou, o hospício ainda não destruiu aquele espírito de luta. Aquele que se recusava a deixá-la recuar de qualquer um.

Bom. Fico feliz que ela ainda tenha sua espinha dorsal.

Será mais satisfatório quando eu arrancar direto de sua carne, destruindo esse espírito de uma vez por todas. Vou esmagá-la completamente sob meus pés até que não seja nada além de pó que eu possa enfiar na terra.

— Preciso falar com Silas — diz ela simplesmente.

— Isso não responde à minha pergunta.

— Sua namorada, Briar, me disse que vocês estariam aqui, mas ela não sabe que vim. Essa é uma resposta boa o suficiente, Alistair?

Quando ninguém lhe responde, ela se vira para Silas, que ainda está sentado em sua cadeira, olhando para ela. Seus olhos estão vidrados, presos em algum tipo de transe.

— Sei o que estão fazendo — murmura, como se fosse um alívio finalmente dizer isso em voz alta. — E quero ajudar.

Abro minha boca para protestar, para vomitar algum comentário desagradável sobre como ela não tem a menor ideia do que está falando, mas não sou rápido o suficiente.

— Não vai acontecer — Silas murmura com um aceno de cabeça apertado. — Vá embora, Sage.

— Não. — Ela se ergue. — Eu sei sobre a rede sexual. Sei o que realmente aconteceu com Rosemary, e sei que vocês quatro estão cortando corpos em retaliação. Sei o que meu pai fez e mereço fazê-lo sangrar por isso.

Meus dentes rangem até quase quebrarem.

— Aperte a porra dos freios, Nancy Drew. Merece isso? — Alistair cospe, um escárnio áspero em sua garganta. — Tratou Rose como merda quando tudo o que ela fez foi se importar com você. Você não merece isso só porque se sente culpada.

— E você não acha que isso não me come viva? — Sua cabeça chicoteia em sua direção, os olhos ardendo como aquelas chamas azuis que uma vez queimaram minha pele. — É claro que me sinto culpada, mas isso não significa que conhecia meu relacionamento com minha irmã. Não tem ideia do quanto eu me importava com ela. Ela era a porra da minha irmã gêmea.

— Desculpe, você esqueceu de mencionar, como exatamente sabe sobre tudo isso? — Os olhos penetrantes de Thatcher analisam cada movimento dela, apenas esperando que ela minta.

— Vi a fita — ela sussurra. — Estava no computador dele para chantagem, presumo. Acidentalmente vi, e eu... — Sua voz gagueja, enquanto seus dedos alcançam sua clavícula, esfregando acima do local onde fica sua cicatriz, no mesmo local onde tenho uma cicatriz.

— Você, você, o quê? Não tenho o dia todo.

— Ameacei contar à polícia e, no dia seguinte, fui presa e encaminhada para uma ala psiquiátrica. Frank é um covarde, mas é inteligente. Ele sabia que se as pessoas pensassem que eu era louca, mesmo que saísse, nunca acreditariam em mim. — Seus olhos se movem de volta para Silas, e se suavizam enquanto imploram a ele.

— Por favor, posso te ajudar. Posso aproximar você do meu pai, e é disso que precisa agora, certo? Uma maneira que não levanta bandeiras para todos os policiais por aqui? Posso ajuda-los se vocês estiverem dispostos a me ajudar.

Fico de pé minha mandíbula tensa.

Uma vez caí nessa - outra encenação, outra máscara que ela colocou sobre si mesma para conseguir o que quer das pessoas. Nada disso é genuíno. Não existe uma Sage real, porque ela nem sabe quem é para começar.

Isto é ela tentando tecer sua teia em volta de Silas, em torno de todos nós, mas sei melhor agora, e não importa o que Silas diga a ela, não vou deixá-la se aproximar dos rapazes, de mim, nunca mais.

— Não precisamos da sua ajuda, e você não precisa se envolver — ele responde, olhando fixamente para ela.

— Mas eu...

— Eu disse não, Sage.

— Por que? — Ela grita, sua postura firme, mesmo com os olhos úmidos, recusando-se a chorar.

Há uma pausa antes de Silas se levantar, olhar para o céu e para baixo novamente.

— Porque não é o que Rose gostaria.

Ninguém diz mais nada, e ela rapidamente percebe que não o fará mudar de ideia. Desvia sua atenção para os outros rapazes, implorando sem dizer as palavras, mas todos permanecem firmes, não cedendo aos seus desejos.

Então, ela olha para mim pela primeira vez.

Até este ponto, ela me evitava completamente, por um bom motivo. Sou eu que preciso falar com ela. Eu fui muito duro e muito brusco, e os rapazes teriam notado que algo estava acontecendo.

Eu mantive o que Sage fez comigo perto do meu peito. Ninguém sabia porque não queria que soubessem que eu tinha sido enganado. Que eu tinha sido traído, porra.

— Rook? — Ela diz gentilmente, e meu estômago revira.

Sua boca está ligeiramente entreaberta e o vento bate em seu cabelo, e juro por um segundo que posso sentir o seu cheiro. Ela se parece com a da casa do lago.

Apenas uma garota com sonhos. Uma garota com asas que esta cidade cortou, mas sei o que está por baixo.

Quão tóxica e podre ela realmente é.

— Por que ainda está aqui? Você só está se envergonhando. — Tento manter minha voz nivelada, monótona, tentando não demonstrar nenhuma emoção.

Ao contrário de sua reação a Silas, a Alistair, sua armadura racha. Observo como minhas palavras marcam seu rosto e a dor escorre pelas fissuras. Minhas palavras fizeram exatamente o que eu queria - a machucaram.

Quero que uma onda de excitação me atinja, adrenalina bombeando em minhas veias. Quero me sentir bem em retaliar, em dar a ela apenas um pouco do que fez comigo.

Não sinto nada disso.

Sinto o mesmo que senti ao ver aquela casa do lago queimar.

Vazio e muita dor *pra* caralho, mas foda-se isso.

Foda-se ela. Eu sei que ela tem uma motivação escondida - sempre tem - e não deixarei que ela estrague o que trabalhamos.

— Dê o fora daqui. Volte para o lugar de onde diabos veio. Você não é bem-vinda aqui.

DEZOITO



RESPIRAR

Gage

Sempre gostei da neve.

É fria, mas gentil, e as pessoas não associam essas coisas.

Coisas que são frias nunca são consideradas gentis. São sempre vistas como brutais e amargas, ao contrário do sol, que sempre é descrito como alegre e radiante.

Coisas frias mordem sua pele, ferroando com suas baixas temperaturas e nos deixa com uma sensação de vazio, mas sempre gostei disso.

Gosto da forma como o frio mantém tudo gelado, deixando-o numa memória permanente.

Quando eu era jovem, acordava antes de todo mundo. Pouco antes de o sol nascer acima das nuvens, entrava na ponta dos pés no quarto de Rosemary, acordando-a gentilmente com um simples pedido: *vamos lá fora brincar na neve.*

Secretamente, me sentava a janela esperando desesperadamente que o primeiro floco de neve caísse e derretesse

no chão e eu pudesse correr para fora da casa da minha família e sair no frio. A sensação crua em minhas bochechas enquanto o vento cortava, a dor em meus dedos quando o frio encharcava minhas luvas. Era algo que eu esperava todos os anos, ou talvez fosse por causa de Rose.

Ela sempre tornava coisas assim melhores, transformando pequenos momentos em grandes lembranças.

A neve não parece mais a mesma.

Observo-a cair do céu no para-brisa aquecido e se dissolver quase imediatamente. O brilho das luzes de néon perfura os flocos brancos que se derramam na minha janela traseira. No meu espelho retrovisor, posso ver o Tilly's em toda a sua glória do país das maravilhas do inverno.

É fevereiro e garanto que ainda têm luzes acesas lá dentro e Jingle Bells ainda tocando nos alto-falantes. O proprietário acredita que o Natal vai de primeiro de novembro até que os clientes comecem a reclamar de toda a merda de azevinho.

— Ouviu o que perguntei, Pip?

Concordo com a cabeça, ainda olhando para a lanchonete no meu espelho, me sentindo mal o suficiente por estar no mesmo carro que este homem. Olhar para ele pode ser o dedo na minha garganta que desencadeia meu reflexo de vômito. O cheiro de sua loção pós-barba está grudado no meu carro; terei que passar horas limpando isso daqui.

— Sim. Só não senti necessidade de te responder. Já te disse, só estou aqui há um mês. Não vi nem ouvi nada. Nem um maldito pio. — *Como se diria a você se o tivesse, seu idiota de merda.*

Quero que ele pare de me chamar de Pip. Odiei esse maldito apelido na primeira vez que falou em voz alta, dando-o nojentamente para mim porque eu era pequena. Não o via desde os treze anos, e agora o vi duas vezes em menos de dois meses.

— Está mentindo pra mim? Ninguém falou sobre vê-los perto de Greg West antes de sua morte? Ou Chris Crawford, que ainda está desaparecido? Esta é uma cidade muito pequena e cheia de mexericos, Sage. Sei, também cresci aqui e acho difícil de acreditar...

— Não houve nada, Caim. Não continuarei me repetindo. Ou acredite em mim ou não. Não me importa — interrompo, precisando que essa conversa termine.

Ele me enviou uma mensagem pedindo para me encontrar aqui para verificar meu progresso e, como acabei de dizer a ele, não houve nenhum.

Depois que Silas me mandou embora como um cachorro com o rabo enfiado entre as pernas e Rook basicamente me disse para ir me foder, não fui mais longe.

Eu me pergunto se seus amigos perceberam como ele foi hostil comigo. Quão duras foram suas palavras, como se estivessem enraizadas em algo mais profundo. Foi o primeiro lampejo de emoção que ele me mostrou desde que voltei. Aqueles olhos ardiam e crepitavam. Despertei todos os sentimentos que tinha por mim, mesmo que fossem ruins.

Era como o riscar de um fósforo. Uma pequena chama, mas melhor que nada.

Eu me odeio por me agarrar ao seu ressentimento. Isso me faz sentir fraca e patética, mas não posso negar - pelo menos não a mim mesma - que aceitaria sua raiva e seu ódio por nada. Porque mesmo isso, só isso, significa que existo dentro dele, mesmo que seja só um pouquinho.

Depois daquela noite, não houve outra oportunidade de falar com nenhum deles, não de verdade.

Silas está sempre com um dos rapazes, e sei que os outros três não me darão atenção. O que também significa que estar perto de Lyra e Briar é inútil, mas não parei esse relacionamento.

Eu comecei a gostar da companhia delas. Mesmo que Lyra seja um pouco... estranha. Lyra tem uma coleção de insetos, de borboletas a besouros. Estão presos dentro de caixas de vidro que ela expõe na parede ou dentro de cúpulas transparentes em suas prateleiras. Há fotos de gafanhotos e louva-a-deus espalhados pelas mesas. É o seu hobby e o respeito, mas não mentirei, eles meio que me assustam. No entanto, também tenho uma visão melhor das pessoas depois de estar dentro daquela enfermaria. Todo mundo tem algo que ajuda a lidar com o dano que sofreu.

Além disso, gosto que ela seja estranha. Ela abraça o quão diferente é. Ambas o fazem, e às vezes não consigo deixar de sentir ciúmes. Quando se sentam e conversam sobre as coisas que gostam, o que querem da vida, sempre se virando para me fazer as mesmas perguntas, e eu fico ali sentado com pensamentos vazios.

O que gosto? O que quero? Eu ainda me lembro como é aproveitar as coisas? Estar apaixonada?

— Desta vez, aceito a resposta, Sage. Da próxima, porém, é melhor ter algo para mim, ouviu? Você não está no controle aqui. Eu estou.

Posso senti-lo se mover, sentindo quando sua mão se aproxima do lado do meu rosto. Seus dedos alcançam uma mecha solta do meu cabelo. — Odiei vê-la cortar o cabelo. Era sempre tão bonito quando comprido.

Eu me afasto dele. — Dê o fora do meu carro antes que eu te mate. — Ainda me recuso a olhar. — E pare de me chamar de Pip ou arrancarei suas bolas.

Ele ri cruelmente. — É uma flor gentil, Sage. Uma boneca de porcelana. Só ladra e não morde. Você não seria capaz de machucar uma mosca, não importa o que diga.

É aqui que a conversa termina. Ele sai do meu carro, fechando a porta e atravessando o estacionamento até seu veículo escuro.

Não é até que ele saia do estacionamento que libero minha respiração. Pressiono minhas mãos em meu couro cabeludo, enterrando meu crânio no encosto de cabeça de pelúcia, e começo a sentir as lágrimas geladas escorrendo pelo meu rosto. Toda vez que ele sai, fico tremendo.

Nunca o deixaria ou qualquer outra pessoa ver isso, mas ele está certo. Eu poderia atacar as pessoas, ameaçá-las, mas por dentro, sou muito mole. É por isso que quero manter todos o mais longe possível - sei como seria fácil me machucar.

Vê-lo sempre me leva direto para quando não tinha ninguém para me ajudar. De volta às noites solitárias olhando para a porta, esperando que alguém, qualquer um, entrasse e o parasse, apenas para ser decepcionada.

Agora, estou tentando desesperadamente pegar os minúsculos cacos de mim mesma, cortando meus dedos, deixando os pedaços presos em minhas mãos. Não há mais cola ou fita adesiva para me recompor. Por isso, apenas reúno tudo em minhas mãos e pressiono os fragmentos em meu peito. Podem ter sido inúteis para qualquer outra pessoa, mas estou tão desesperada para me agarrar ao que resta de mim, o que resta de quem eu era, porque sem essas farpas quebradas, não tenho nada.

Dizem que o fundo do poço é o melhor lugar para reconstruir sua fundação. Onde se reconstrói quando não há fundo do poço? Quando é apenas uma queda constante, mais fundo no esquecimento sem fim, afundando por toda a eternidade na água sem limites.

O que se faz, então?

Thud. Thud.

Viro a cabeça para olhar pela janela do lado do motorista e vejo uma mão enluvada sem dedos acenando. Abro-a, deixando uma rajada de ar gelado roubar minha respiração.

— Feliz Dia dos namorados. Aquele era o seu namorado? — Briar me cumprimenta com um pequeno sorriso, balançando as sobrancelhas, acolhedora e gentil. Se isso é mesmo uma coisa.

— Sabia que o Dia dos Namorados é realmente uma coisa por causa de um romano chamado Valentine que achava injusto que o imperador proibisse o casamento, por isso começou a arranjar casamentos em segredo, casando amantes nas sombras até ser descoberto. Depois, pouco antes de ser morto, adivinhe, 14 de fevereiro, ele escreveu uma última carta para sua amante e a assinou “de seu namorado” — Lyra nos informa, a neve grudada em seu cabelo despenteado. — Portanto, basicamente todos comemoramos a morte de um homem. É como um grande memorial. Meio deprimente quando se pensa sobre isso.

Ela balança para frente e para trás enquanto a olhamos abertamente, franzindo os lábios antes de falar sobre isso. — O quê? Por que está olhando assim para mim?

Eu rio quando Briar começa a rir. — Não tenho certeza de onde guarda tudo isso. Você é como uma enciclopédia.

Dando de ombros, ela responde — Gosto de pensar nisso como um arquivo e meu cérebro apenas envia trabalhadores para pegar as informações de que preciso.

— Claro que sim — digo, sorrindo, — E não, ele não era ninguém — respondo à pergunta anterior de Briar.

— Bem, deixe-me comprar um hambúrguer ou... — me olha de cima a baixo no carro. — Você é um tipo de pessoa que gosta de salada?

— Dia dos Namorados para as meninas! — Lyra dá sua opinião.

Brinco com meus dedos no meu colo. Não porque queira fugir, mas porque realmente quero dizer sim. Eu quero, e isso me deixa

nervosa. Querer coisas. Quando queremos coisas, nos deixamos vulneráveis a ser feridos quando nos são tiradas.

Talvez não doa muito quando eu for embora. Seria bom pelo menos aproveitar a amizade antes que tudo isso acabasse, não é?

— Como hambúrgueres. — Levanto a janela, tiro as chaves da ignição e abro a porta. — Não está passando este dia sentimental com Alistair? — Quando penso nisso, ele não parece ser o tipo de rapaz que gosta de rosas e chocolate.

Juntas, entramos no Tilly's. Assim como suspeitava, o Natal ainda está em pleno vigor lá dentro. O calor bate no meu rosto, e Lyra geme com o calor, esfregando as mãos e procurando uma mesa.

— Alistair não gosta muito de feriados — Briar diz, sorrindo um pouco. — Em vez disso, jogamos jogos.

Ergo minhas sobrancelhas enquanto deslizamos em nossa mesa. — Jogos?

Amo o jeito que ela nem fica vermelha. É a dona do relacionamento deles em todos os aspectos. Não há nada para se envergonhar; ela se orgulha deles. Quero perguntar se ela sabe o quão sujas as suas mãos estão agora. Será que sabe o que ele está fazendo? O que todos têm feito?

— Sim. Esconde-esconde desta vez. E ele me deixou ser o buscador por aí.

— Que cavalheiresco da parte dele. — Lyra revira os olhos de brincadeira, empurrando o corpo de Briar com o cotovelo.

Esse movimento divertido chama minha atenção para a metade inferior de Briar, pegando a tinta escura marcada em seu dedo médio. As iniciais de Alistair estão esculpidas em seu dedo fino. A cicatriz na minha clavícula dói enquanto olho para ela.

— Então, presumo que ele já tenha contado sobre a *Gauntlet*³¹?
— Pergunto, tirando minha jaqueta dos meus ombros e colocando-a ao meu lado. — Vocês jogam este ano?

— O quê?

Levanto meu olhar. — *Gauntlet*? Ele nunca te contou? É como o se fosse o maior jogo do ano. Os Hollow Boys jogam todos os anos - espere, não, eles *ganham* todos os anos.

Quando ela ainda parece confusa, continuo. — No primeiro dia da primavera, West Trinity Falls e Ponderosa Springs entram em guerra. É chamado de *Gauntlet* desde que eu era criança. Normalmente, os alunos do ensino médio e universitário interpretam aqueles que vivem pela rivalidade que existe entre nós. Basicamente, se estiver hospedando, poderá escolher o local do jogo e, se não for, poderá escolher o jogo. Acho que foi no ano passado. Lyra, não acredito que não mencionou isso.

Ela tira o boné, o cabelo voando em um milhão de direções, a estática fora de controle. — Tem sido um... ano agitado. Não estava na minha lista de prioridades. Provavelmente porque nunca joguei.

Ano agitado.

³¹-Em português: Desafio, manopla.

Quero que ela elabore, para ver o quanto Alistair confia em Briar - se elas sabem sobre o que aconteceu com minha irmã, se sabem sobre os assassinatos e as meninas desaparecidas. No entanto, sei que não posso simplesmente perguntar diretamente, não sem parecer suspeita.

— Também nunca joguei. Só ouvi falar disso.

— Devemos todas jogar este ano, então. Será a primeira vez para cada uma de nós — Briar diz, sorrindo. — Alguém conhece o jogo deste ano?

— Essa é a melhor parte - ninguém sabe até aparecerem na noite. No entanto, estamos hospedando este ano. Eu, uh, estive fora por um tempo, então não ouvi muito sobre o local.

— Lochlan Daniels. Ouvi-o se gabar em biologia de ter conseguido as chaves de *Roaring Spring* com o pai. Bem, as roubou, mas pelo que ouvi, é aí que acontece — conta Lyra, sempre tão boa em perceber as pequenas coisas. Sempre ouvindo, sempre observando.

— Faremos isso então. No primeiro dia da primavera, enfrentamos a Gauntlet. — Briar sorri, já animada para o desafio.

— Tem certeza? Ouvi dizer que as pessoas em Wastelands jogam sujo. As pessoas acabam no hospital devido a ferimentos nessas coisas.

Ela dá de ombros. — Depois do ano passado, acho que podemos lidar com praticamente qualquer coisa.

Seus olhos encontram os meus, e sei que quando ela disse “nós”, quis dizer todos nós. Elas sabem sobre a morte de Rosemary

e sobre minha internação em uma ala psiquiátrica, mesmo que seja tudo o que sabem.

— Estou dentro — digo.

— Percebem que se este jogo requer corrida, estou ferrada, certo? — Lyra olha para nós duas, antes de suspirar — Tudo bem, faremos isso.

Comemoramos sua decisão pedindo comida demais. Mergulho minhas batatas fritas no meu milk-shake, olhando para os grupos de adolescentes dentro deste lugar. Meses atrás, estaria em uma cabine com aqueles que eram mais influentes, que me faziam parecer bem, cercado por conversas nas quais não tinha interesse e amigos que passavam mais tempo julgando outras pessoas do que realmente se relacionando.

Isso parece tão diferente. Melhor.

É um vínculo genuíno que está se formando, e estou com medo por mim mesma, com medo de machucá-las como machuquei Rook, de machucar a mim mesma. Porque sei do que sou capaz de fazer com pessoas que se aproximam demais.

— Por isso, disse a mim mesma que não perguntaria, mas não posso evitar. É estranho guardar isso para mim quando você está mais envolvida do que eu ou Lyra. Não precisa responder se não quiser, mas... — Briar diz, colocando seu hambúrguer na mesa. — O que aconteceu no penhasco na outra noite com os rapazes? Alistair me disse que você apareceu.

Um momento de silêncio se passa e olho para as duas.

— Vocês duas sabem, não é?

Lyra morde a parte interna da bochecha, algo que notei que ela faz quando se sente ansiosa ou desconfortável.

— Sim. Sabemos.

— Como?

— Foi um acidente. Estávamos no lugar errado na hora errada, ou acho que dependendo de como olha para isso, no lugar certo. Assim que vimos, porém, o que eles fizeram, fomos envolvidas, quer gostemos ou não. Não foi bonito no começo. Pensei - pensamos - eles estavam por trás do desaparecimento das meninas. Que estavam apenas matando. Quero dizer, quem poderia nos culpar com sua reputação?

Colocando uma mecha de cabelo atrás da orelha, ela continua.
— Mas uma vez que descobrimos sobre sua irmã, o que realmente aconteceu com ela, as coisas mudaram. Os sentimentos mudaram e...

— E eu tive que participar da queima de uma árvore. Por isso, Briar está ligada ao amor, e eu ligada ao incêndio criminoso assistido — Lyra se intromete, arrancando a cereja da minha bebida e colocando-a na boca.

Briar revira os olhos. — Nem sempre é ótimo. Principalmente porque tenho que aturar Thatcher, mas estamos nisso agora. Não há como voltar atrás, e tem sido difícil não dizer isso a você, mas estamos aqui. Tenho certeza que tem sido solitária, Sage. Guardar tudo isso, sabendo de todas essas coisas e não tendo ninguém para quem contar. Parecia errado não contar a você.

E pela primeira vez desde que voltei, sinto que posso respirar. Não é muito, um pouco de ar, mas é o suficiente. O suficiente para me lembrar que a superfície está fora do meu alcance e, se eu tentasse, se nadasse o suficiente, poderia vencê-la. Esse sentimento de ser compreendida, de ter pessoas ao meu redor que não apenas sabem da minha situação, mas de alguma forma podem se relacionar com ela, nunca tinha experimentado isso fora de Rosemary e Rook. Eles foram as pessoas que se conectaram ao meu verdadeiro eu. Quem quer que fosse essa pessoa, se apegaram a ela, e agora essas duas garotas estão se envolvendo com a pessoa que sou agora.

— Obrigada — murmuro, minha voz crua. — Fui ao penhasco para perguntar se poderia ajudá-los de alguma forma. Quero dizer, foi meu pai quem fez isso conosco. Por Rose, Silas, eu. Queria entrar. Queria fazê-lo pagar pelo que fez.

Mantenho as informações sobre Caim e meu pai para mim, só por mais um pouco. Não quero que se preocupem, e eu tenho tudo sob controle por enquanto. É melhor que ambos os lados não saibam o que o outro está fazendo. Além disso, não importa porquê de jeito nenhum os rapazes – e Rook – me deixarão fazer parte disso.

Eles não confiam em mim.

Ele não confia em mim.

— Mas Silas disse que não, e os rapazes o apoiam. Não há como influenciar a opinião deles. Ele diz que é porque Rosemary não queria que eu me envolvesse, mas sei que é porque não confiam em mim e não os culpo.

— Sei que provavelmente não acredita nisso, mas talvez seja o melhor. Esta pode ser a sua hora de se curar, e percebo que não te conheço muito bem, mas não quer assassinato em sua consciência — diz Briar.

— Não vou me curar. É uma ferida aberta para sempre, mas poderei seguir em frente, uma vez que meu pai esteja morto — digo honestamente.

O ar que elas me deram tinha um gosto bom para meus pulmões cansados, mas nada seria melhor do que saber que Frank Donahue está há sete palmos abaixo do solo.

DEZENOVE



FERIDAS AUTOINFLIGIDAS

Roof

Fui batizado em gasolina quando criança.

Nascido para inflamar. Nascido para viver e cair em chamas.

Criado na casa do Senhor, mas batizado com um toque de rebeldia.

O boato sobre minha linhagem, de eu ser filho do Governante do Inferno, veio depois de um dia aleatório na escola dominical. Eu tinha idade suficiente para entender, mas muito jovem para compreender o que os rumores fariam com minha vida.

Pediram-nos para compartilhar algo com a turma - um fato interessante, um talento legal, uma estranha combinação de comida que gostamos. Uma amostra de nós mesmos para que nossos colegas nos conhecessem melhor e pudéssemos fazer amigos.

Havia uma criança que tinha um peixe de estimação chamado Flipper com uma barbatana. Um menino que era daltônico e uma menina que gostava de comer sanduíches de manteiga de

amendoim e maionese, o que acho que foi mais blasfemo do que qualquer coisa que eu disse.

Quando chegou a minha vez, levantei-me e ergui minha camisa, expondo a parte inferior das costas onde estava minha marca de nascença. É menor agora, mas no meu corpo minúsculo, era bem grande. A coloração criou uma forma de X ou o que pensei que era essa forma.

Pra mim era bem legal, tipo o X marca o lugar, sabe? E como uma criança que adorava *Piratas do Caribe*, achei que esse fato divertido seria legal de compartilhar com meus colegas de turma, mas eles não o viam como o marcador de um tesouro enterrado ou mesmo a vigésima quarta letra do alfabeto.

Eles viram como uma cruz de cabeça para baixo.

O Anticristo. A marca da besta.

Nosso professor da escola dominical tentou abafar os cochichos das crianças e as piadas que faziam, mas o estrago estava feito. Depois dessa lição, aquelas crianças correram para seus pais e contaram tudo sobre minha marca de nascença.

Cresceu, crescendo e crescendo, até se tornar o monstro que é hoje. Até que me tornei o monstro que sou hoje.

De uma simples coloração da pele para minha mãe tinha rezado para a divindade errada. Falavam sobre isso como se fosse algum folclore ou história assustadora ao redor de uma fogueira.

Por isso, quando cedi ao caos e me tornei exatamente o que queriam, todos agiram como se previssem isso. Fui marcado pelo diabo; só fazia sentido agir como ele.

Como meus amigos, chegou um ponto em minha vida em que desisti de tentar ser outra coisa senão seus rumores. Cedi à fama e me transformei em algo muito pior do que poderiam imaginar. Não apenas me tornei o filho do diabo. Não, eu me recusei a me curvar aos pés de qualquer um. Não mais.

Eles queriam isso, certo? Queriam derrubar o que restava de um menino sem esperança e transformá-lo em um monstro que pudessem odiar. Queriam o mal, por isso me tornei o rei dele.

O governante de tudo. Eu me tornei o próprio Lúcifer.

Fiz chover o fogo do inferno e vivi em pecado.

— Muda a porra da música, mano. Isso é pior do que o grito de Alistair — reclamo, apertando a frente da cadeira de madeira que estou sentado. Minhas unhas curtas cravam no material.

Thatcher aumenta a pressão nas minhas costas. Ele acerta com golpes duros. A dor feroz faz meus dentes latejarem. É aguda, e posso sentir minha pele se abrindo, o sangue escorrendo. É estranha a sensação de calor.

— Meu porão. Minhas regras. Minha música — afirma.

Respiro pelo nariz, fechando os olhos. A onda de êxtase da tortura infligida me faz tremer de satisfação, finalmente atingindo o ponto final da punição.

Cada novo corte é um pagamento. A restituição jorra da pele rasgada em forma de sangue. Todo o arrependimento e culpa reprimidos saem de mim. O estresse da minha vida, a culpa, meus fracassos, Sage. Descem pela minha espinha e sai do meu corpo.

Há anos pensei em fazer isso comigo mesmo.

Corte. Automutilação. Seja lá o que diabos um terapeuta chamaria.

Poderia ter feito isso sozinho, com uma lâmina de barbear nas minhas coxas ou meus pulsos, mas sabia que Thatcher precisava se cortar. Teria sido egoísta da minha parte guardar isso para mim. O impulso que alimenta minha alma para queimar coisas é o mesmo que flui dentro dele. Em vez de precisar de fogo, ele precisa ver carmesim.

Ele precisa colocar suas música clássicas de merda em seu porão *do American Psycho* que cheira a hospital e corte. Então, por que eu faria isso sozinho quando poderia dar isso a Thatch?

Todos nós temos motivações diferentes para explicar por que precisamos dessas coisas para lidar com nossas vidas.

Não se trata de saber o motivo ou mesmo entendê-lo. Não é sobre nada disso. É sobre estar lá um para o outro. Sendo o que o outro precisa para sobreviver. Fizemos um juramento tácito quando éramos jovens. Que não importava quão longe ou quão escuro tivéssemos que ir, se um dos rapazes precisasse de algo, sempre estaríamos lá. Seríamos isso para eles, custe o que custar.

O resto do mundo cagou em nós. Jogaram-nos fora como lixo. Esqueceram-se de nós. Deixou-nos para deteriorar e apodrecer.

Tudo o que temos é um ao outro, e isso sempre será suficiente.

— Tudo bem, isso é dez — diz ele, levantando a lâmina do meu corpo. Posso ouvi-lo empurrar sua cadeira de rodinhas para longe de mim.

— Mais dois.

— Terei que ir mais baixo. Os que estão em cima ainda não cicatrizaram da nossa última sessão.

— Então desça. Apenas me dê mais.

Eu vinha fazendo isso em menor escala desde que comecei a treinar com Alistair. Expondo-me à agonia e angústia, ainda faço isso, mas no ano passado, era vital que eu tivesse mais.

Procurei Thatcher naquele dia, depois de Sage, depois de me colocar estupidamente em uma posição em que nunca deveria estar, procurando me disciplinar para nunca mais confiar em alguém assim.

Os socos de Alistair não teriam me dado o que eu precisava. Eram apenas superficiais, assim como os de meu pai. Machucavam apenas o exterior. Não liberei nada e preciso ter certeza de que liberei *tudo*.

Meu corpo estava desesperado. Precisava purgar minha corrente sanguínea completamente de Sage Donahue, e ele era o homem para o trabalho. Conheço Thatcher e sei do que é capaz.

Ele é capaz de perfurar meu corpo e extraí-la. É um cirurgião habilidoso que usa bisturis para remover um vírus que tomou conta de todo o meu sistema e, a cada sessão, ele a puxa mais e mais, mas ela é um maldito tumor. Cada vez que ele arranca um pedaço dela de mim, cresce dez vezes mais.

— Sempre tive curiosidade de saber por que apareceu na minha porta naquele dia, Van Doren — ele diz de repente, começando outra linha larga de um lado das minhas costas. — E acredito que

tenho uma teoria sólida agora. Quer que eu compartilhe? Ou você mesmo quer me contar?

Viro minha cabeça um pouco, olhando por cima do meu ombro.
— Não venho aqui para conversar, Thatcher. Não sobre isso. Essa é a regra: sem perguntas.

— Oh, isso não é uma pergunta. É uma declaração. — A música muda para outra melodia com tema de piano, nublada e sombria.
— Só estou dando a você uma chance de admitir isso para si mesmo primeiro.

— O que quer dizer, cara?

— Bem — ele começa, atingindo um ponto particularmente sensível e me fazendo sibilar de desconforto — nunca fez sentido. Não havia nada para jogá-lo sobre a borda. Você estava contente em ser o saco de pancadas de Alistair e de seu pai. Qual foi o prego no caixão que te trouxe até mim? A isto?

O sabor da vodca de morango e da traição.

Deixo cair minha cabeça em meus braços a minha frente, olhando para o chão de concreto. Minha última esperança na humanidade foi incendiada por um par de olhos azuis neon e uma boca bonita e venenosa.

— Não fazia sentido. Não até a outra noite.

Meu corpo congela, fica sólido. Não tem como ele ter notado. Não poderia.

Atrás de mim, o ouço jogar o bisturi em uma tigela, fazendo barulho ao redor do metal. O corte está feito e agora começa a

limpeza. O som de papel sendo rasgado ecoa enquanto ele se prepara para me enfaixar.

— Querida Sage Donahue — diz ele com entusiasmo, sempre tão presunçoso, especialmente quando sabe que está certo sobre alguma coisa. — Quanto tempo planejou mantê-la longe de nós?

Fico pálido e não apenas pela perda de sangue.

Ele passa um pano molhado nas minhas costas, me fazendo sugar o ar entre os dentes. Curvo minha coluna um pouco, deixando minha cabeça cair para trás enquanto me limpa com álcool, desinfectando a ferida.

— Não sei do que está falando — eu digo friamente, balançando minha cabeça um pouco, esperando que minha natureza calma o desanime.

— Não insulte minha inteligência ou meus instintos, Rook. Vi o jeito que olhou para ela quando apareceu no penhasco. A forma como ela teria continuado a nos pedir, sem se importar com seu orgulho ou nossa oposição, mas assim que você disse algo, ela terminou. Sei como é para uma pessoa ser destruída, e suas simples palavras a desintegraram.

Thatcher conhece o corpo humano e suas reações melhor do que a maioria da população. Conhece as artérias e veias que percorrem os membros pelo nome, órgãos e suas funções, mas também é a única pessoa que não entende isso além do nível químico.

É observador; não há nada que ele perca. Capta a linguagem corporal, mudanças de tom, como certos maneirismos diferem de

peessoa para peessoa. Observa e pode replicá-lo quase perfeitamente, mas não é real.

Ele pode fingir. Pode até fazer os outros acreditarem. No entanto, a realidade é que Thatcher não tem empatia.

Aparentemente não recebeu o memorando, porque ele não sente absolutamente nada. Não entende nada sobre emoções do coração ou emoções em geral. Ele não tem ninguém com quem comparar.

Por isso, embora ele pudesse falar por horas e horas sobre como o sistema respiratório funciona nos mínimos detalhes, nunca entenderia como é respirar por outra pessoa. Nunca seria capaz de compreender o quão poderosos são a traição e o desgosto.

É por isso que, sim, acho que ele valorizava Rose como humana, assim como valoriza a nós. É obrigado pela lealdade e apenas isso. Ele é o mais lúcido nessa situação porque não tem apego emocional. É simplesmente uma transação comercial. Rose foi levada e ele fará o que for necessário para substituir esse ativo ou pelo menos preencher sua lacuna.

Por isso, ele é a última pessoa com quem quero ter essa conversa. No entanto, de alguma forma, sabia que seria ele.

— Então, pergunto de novo, e apenas mais uma vez, Van Doren — ele adverte, tom frio e distante. — O que Sage tem a ver com isso? Por que está se punindo desta vez?

— Foda-se isso, cara. — Eu me afasto dele, explodindo da minha cadeira e jogando-a para frente. — Não tem ideia do que está falando, e não me inscrevi para sua besteira psicológica.

Pego minha camisa que está sobre a mesa de aço brilhante no meio da sala, puxando-a sobre meus ombros e fazendo a fita adesiva puxar contra minha pele, as feridas por baixo pulsando com uma dor silenciosa.

— Se ela será um problema para nós, se nos colocar em risco pelo que estamos fazendo, se ela é *o seu* problema, então é da minha conta saber. Não quero que estrague tudo porque não consegue controlar seus hormônios impulsivos.

Eu me viro, avançando em seu rosto, mas ele mal pisca, enrolando as mangas brancas de sua camisa pelos braços. Tão técnico, tão preciso que não há uma gota de sangue nele.

— Não vá por aí, sua vadia pretensiosa — digo. — Nunca faria nada que colocasse todos vocês em risco. Ela não é nada, sempre foi nada.

O ácido come minhas entranhas, o jeito do meu corpo de me chamar de mentiroso. Mentir para alguém que chamo de amigo, um dos meus amigos mais próximos.

Quero acreditar... que ela não é nada. Porra, eu daria qualquer coisa para ela não ser nada, mas ainda vive dentro de mim como um parasita, alimentando-se de mim.

A calma em seus movimentos quase me irrita mais. A maneira como arrasta seus olhos preguiçosamente até os meus, fazendo contato direto.

— Não estou dizendo que faria, Rook. — Ele faz uma pausa. — Não intencionalmente.

— O que isto quer dizer?

— Significa que é impetuoso. Age apressadamente e é movido por seus desejos. Eu confio em você. Não confio nas suas emoções.

Passo minha língua em meus dentes, balançando a cabeça sarcasticamente. — Vá comer outro dicionário, filho da puta — resmungo. — Não preciso ser um robô para estar no controle.

Estou farto desta conversa. Terminei esta sessão.

Afastando-me, me viro, indo para os degraus que levam à parte superior da casa, onde tudo é quente e acolhedor, ao contrário do que vive abaixo dela - este lugar frio e sem emoção que Thatcher habita dentro.

— Se eu descobri, não demorará muito para que os outros descubram. Não deixe que eles, nós, descubramos por outra pessoa, Rook. Se não tivermos confiança, então não temos nada — ele diz as minhas costas, me fazendo parar no topo da escada.

Giro minha cabeça, apenas o suficiente para olhar por cima do meu ombro, descendo a inclinação para o homem bem-arrumado lá embaixo.

— Thatcher, por que diabos se importa? — Pergunto. — Sejamos honestos aqui – não se importa com nada. É lealdade para você, é isso. Então, por que diabos se importa comigo e com minhas coisas pessoais?

Não sou o único com segredos, e estou cansado de ele agir como se eu fosse. Alistair os tem, Silas, e também Thatch. Ele provavelmente tem mais do que qualquer um de nós. Uma vez em nossa amizade, ele abriu o cofre e nos contou sobre seu pai. Sobre como ele descobriu, o que viu quando criança.

Como tropeçou na garagem de seu pai e todas as coisas dentro. E uma vez que isso aconteceu, uma vez que seu pai o pegou, Thatcher se tornou um protegido. Henry Pierson é um homem inteligente e criou uma maneira de ele e seu legado viverem para sempre - transformando seu filho inocente em um prodígio assassino em série.

Thatch nunca nos contou o que seu pai o obrigou a fazer, o que o obrigou a assistir, mas posso garantir que não eram desenhos animados.

O silêncio continua até que ouço sua voz, calma e firme — Posso te machucar. Alistair pode te machucar. Até Silas pode, mas ninguém mais. — Ele para, apenas um momento antes de continuar. — Ninguém mais pode te machucar, Van Doren. Ninguém.

VINTE



O GAUNTLET

Gage

— Alistair vai me massacrar.

Não me incomodo em discordar dela. Quando ele descobrir que ela mentiu sobre onde estava, pode simplesmente matar todos nós.

— Ele ficará bem. Não é problema seu que ele esteja fugindo este ano. Não significa que temos que perder a diversão. — Digo.

De acordo com Briar, os Hollow Boys optaram por não participar do jogo deste ano. Briar teve coragem de mentir para ele, dizendo que ficaria em seu dormitório com Lyra a noite toda. Espero que, para o seu bem e para o meu, ele nunca saiba diferente.

— Vocês têm certeza disso? — Lyra pergunta. — No ano passado, as pessoas acabaram no hospital.

— Não surte. É apenas um jogo. Quão ruim pode ser?

Deixei a pergunta de Briar pairar no ar.

Não tenho certeza de como responder, porque sei que assim que os Wastelands descobrirem que os rapazes não estão participando, serão ainda mais cruéis em sua busca pela vitória.

O vento me bate forte no rosto, me fazendo tremer. Pode ser o primeiro dia da primavera no calendário, mas não haverá flores desabrochando neste clima frio. A neve parou semanas atrás, mas o frio persistiu e permanecerá por mais algumas semanas. A primavera significa cores vivas e sol fresco. Aqui significa apenas um tom diferente de cinza.

Caminho no meio entre Briar e Lyra, todas agasalhadas em roupas quentes: botas, gorros - Lyra até está usando um cachecol vermelho escuro. Não temos ideia de quanto tempo duram esses jogos, mas sabemos que a temperatura só baixará quanto mais tempo estivermos fora.

Observamos enquanto várias pessoas à nossa frente se amontoam nos portões de segurança inativos que normalmente, passam um scanner em busca de objetos ilegais. Hoje à noite, são apenas mais um obstáculo. Pressiono minhas mãos no metal frio, saltando sobre os eixos e para o outro lado, pronta para seguir a pequena multidão dentro do parque.

Sou atingida com força na lateral por um grupo indisciplinado de rapazes que estão pulando e empurrando uns aos outros. — Cuidado, idiota — sibilo.

Um deles se vira para mim, sorrindo enquanto dá uma olhada lenta no meu corpo. — Essa vara na sua bunda não te ajudará esta noite, princesa. Se esse cutucão for demais para você, acho

melhor ir embora antes que você e suas amigas ricas acabem feridas.

Semicerrou os olhos. — É uma pena que vocês, rapazes tenham aparecido só para perder. De novo.

Ele cacareja, cheio de maldade, de promessas. — É um cheque bem grande que está descontando aí. É melhor ter algo para apoiá-lo. Não gostaria que essa merda saltasse.

Eles recuam ainda mais no escuro, seus corpos desaparecendo, mas suas palavras permanecem. Este é um jogo, mas no final das contas, é uma batalha. Uma que será disputada com sangue e agressão, ressentimento acumulado que alimenta uma rivalidade centenária.

Os ricos contra os pobres. Os Wastelands contra o dinheiro do papai.

— Odeio idiotas arrogantes — Briar bufou enquanto pula.

— Está literalmente namorando um — brinco, sorrindo um pouco.

Lyra ri alto, aliviando o clima, aliviando o peso da situação. Odiava que Briar tivesse que mentir para Alistair. Sei que isso a matou, mas ele não a teria deixado ir. E acho que ela sente o que eu sinto, o que todas sentimos.

Isso é especial. É diferente. Nossa maneira de solidificar nosso vínculo. Algo para nós e só nós.

— Eles estão certos, sabe. — O som de unhas em um quadro-negro enche meus ouvidos. — Não deveria estar aqui.

Não preciso me virar para saber quem é ou mesmo perguntar a quem foi dirigida aquela afirmação. Ouvia aquele mesmo barítono pomposo desde que estava no jardim de infância. Uma das únicas coisas boas de estar trancada em uma instituição mental era ficar longe de Easton.

Há uma emoção singular que sinto por ele: raiva pura e sem filtro. Não há nada que eu queira mais do que vê-lo desmoronar debaixo de mim. Tenho uma lista de pessoas que destruirei antes de deixar Ponderosa Springs desta vez, e logo abaixo do meu pai está o meu ex-namorado e sua coroa corrupta.

— Que inconveniente para você, então, porque estou aqui — digo, virando-me de modo que estou de frente para East pela primeira vez em quase um ano. — E pretendo ficar.

Ele não tem mais nada sobre mim. Nem Rook, nem Rose. Cedi a seus desejos, aos desejos de seu pai, para salvar minha irmã. Para proteger Rook. Agora que não preciso mais fazer isso, recuso-me a me curvar a um idiota que está abaixo de mim. Quem sempre esteve abaixo de mim.

— Prazer em vê-la de novo, Sage. — Ele me olha cuidadosamente, me deixando fisicamente mal por ter deixado ele me tocar. Deixá-lo entrar no meu corpo.

— Muito cedo, na minha opinião. — Respondo.

Eu quase rio dele, pois mesmo de jeans e camiseta ainda exala aquela atitude de prestígio da qual tanto se orgulhava. Seu pequeno grupo de amigos segue logo atrás e, por um segundo, me odeio por me permitir fazer exatamente a mesma coisa uma vez.

Seguir. *Nunca mais*, acho. *Nunca*.

— Vejo que fez novas amigas. Seu pai sabe com quem anda? — Ele levanta uma sobrancelha, perfeita demais para ser natural. — Acho que não importa mais agora, não é? Você já é uma mercadoria contaminada - pode muito bem sair com aqueles que compartilham essa característica.

— Mercadoria contaminada que estava tentando foder no semestre passado — Briar se intromete, de pé ao meu lado. Lyra se aproxima, com o maxilar tenso e os olhos duros.

Parece que não sou a única pessoa com um gosto ruim na boca depois de lidar com Easton Sinclair. O calor se espalha pelo meu corpo sabendo que tenho pessoas que me protegem, mesmo nesta pequena situação de confronto. Sei que poderia lidar com isso sozinha, mas ainda é bom tê-las lá. Para ter alguém lá.

— Seu pai sabe que está invadindo, prestes a violar Deus sabe quantas leis esta noite? Sei que ele gosta de manter uma rédea curta sobre você.

Ele range os dentes. — Tenha cuidado.

— O quê? Atingi um ponto sensível com o papai querido, East? — Faço beicinho maliciosamente.

Ele dá passos decididos e bruscos antes de se aproximar, olhando-me de nariz empinado. Eu mantenho minha posição, levantando meu queixo. Nunca tive medo dele antes, e não pretendo fazer isso agora. Homens poderosos não precisam provar nada, mas homens fracos atacam quando sua reputação é

ameaçada. E Easton sempre foi fraco, cumprindo as ordens de seu pai, cuidando de sua roupa suja, ditando-o.

— Deveria ter ficado longe — ele sibila. — Terei que garantir que acabe morta como sua irmã para que eu possa me livrar de você?

Minha reação instintiva é dar um tapa nele por trazê-la à tona. Estou farta e cansada de pessoas usando o seu nome em vão assim. Falando sobre ela tão descuidadamente, usando sua morte como uma arma contra mim. Daria qualquer coisa para arrancá-lo de suas bocas, para retaliar contra todos eles, até que não passem de pó.

Só queria que os rapazes vissem isso. Que temos o mesmo motivo.

Alistair, Thatcher, Silas e Rook.

Anos atrás, teria argumentado que éramos uma espécie totalmente diferente e, agora, não poderíamos ser mais parecidos, mas eles nunca acreditarão nisso - acredite em mim.

Reúno toda a minha fúria, toda a minha raiva desenterrada, todas as coisas que nunca disse a ele antes e cuspo em seus sapatos. Minha saliva branca gruda em seus caros tênis de grife.

— Quer se livrar de mim? Então faça isso, seu covarde — sibilo. — Mas é melhor se certificar de me matar primeiro, Sinclair. Porque vou atrás da porra da sua cabeça.

Esperei anos para expressar minha aversão pelo menino de ouro de Ponderosa Springs, ao ar livre, onde qualquer um poderia me ouvir. Quero que todos saibam o quanto odeio aquele que eles

adoram. Quero que todos saibam que ele não passa de chiclete sob meus pés. Que não passa de um peão no jogo de xadrez de seu pai.

Mais pessoas inundam os portões, causando uma comoção ao nosso redor, mas continuamos enraizados, olhando um para o outro. Minha ameaça paira no ar como um pêndulo balançando para frente e para trás.

Briar agarra meu antebraço gentilmente. — Ele não vale a pena. Não o deixe arruinar esta noite. Vamos.

Eu o encaro um pouco mais antes de deixá-la me afastar, não porque não ficaria ali frente a frente com ele o dia todo, mas porque ela está certa. Ele não estragará isso.

— Deus, eu o odeio. Adoraria alimentá-lo com as formigas de fogo — diz Lyra, balançando a cabeça.

— Lyra, quero dizer isso como um elogio — digo gentilmente — mas às vezes você me assusta.

Ela levanta um pouco a boca, me dando um sorriso de lado. — Obrigada.

Damos os braços, deixando Easton e seus filhotes para trás. Tento não pensar em como estamos todos no mesmo time e, em algum momento, podemos ter que trabalhar em conjunto eles esta noite.

Esta é a marca de algo novo, algo bom. O acender de um fogo que não sentia há muito tempo. Briar e Lyra parecem uma conexão real, amigas de verdade, e tenho vergonha de admitir que nunca tive isso antes. E quanto mais estou perto delas, mais quero isso.

É estranho como as coisas eram normais, como parecia simples nas últimas semanas – caminhar juntas para a aula, sessões de estudo, noites de cinema. Até me inscrevi em uma aula de teatro, uma paixão que enterrei, pensando que morreu quando me mandaram embora, apenas para descobrir que estava esperando que eu voltasse o tempo todo. Eu me tornei um membro de sua *Loner Society* e me senti bem.

Sigo vivendo, existindo, e tento não me sentir culpada quando me divirto, sem medo de saberem ou não dos meus segredos, porque basicamente tudo em mim foi revelado.

Não consigo passar dois dias sem pensar no quanto Rose adoraria isso. Como ela teria florescido na faculdade e com essas garotas. Elas a teriam amado. Ela as teria amado. Há tantas coisas que Rosie não teve a chance de amar.

Easton, Caim, minha família, arruinaram coisas boas o suficiente em minha vida, e me recuso a deixá-los me tirar qualquer outra coisa.

A música ricocheteia dentro do parque, algumas das atrações se iluminando, despertando de sua hibernação. Isso apenas aumenta a empolgação de todos, lembrando a todos nós do motivo pelo qual viemos em primeiro lugar.

Ganhar. O pensamento por si só faz minha adrenalina disparar. Os nervos zumbem em meu estômago enquanto tento adivinhar qual jogo faremos. Estou pronta para jogar; mesmo sabendo que West Trinity joga sujo, estou preparada.

Mesmo com as luzes iluminando partes do parque, ainda está escuro. Sem água corrente durante o inverno, este lugar parece

estéril e misterioso, preparando o cenário para um jogo notoriamente traiçoeiro que não podemos deixar de jogar. O vento uiva como o aviso de uma sirene, as árvores se erguem acima e a névoa começa a se dissipar.

Durante o verão, transborda de moradores e seus filhos, mas agora parece mais uma peça esquecida que Ponderosa Springs deixou de lado. Outro fantasma.

Juntas, chegamos ao local onde o resto do grupo se reuniu, reunindo-se em torno de um pequeno palco de madeira onde às vezes realizam shows com temas aquáticos para crianças pequenas. Esta noite é o ponto de partida, onde descobriremos o que vamos enfrentar.

Ficamos perto dos fundos e, quando a música diminui e o som de botas a substitui, observamos quatro figuras encapuzadas subirem na plataforma. Ficam parados, todos de frente, enquanto um deles segura uma tocha na mão direita.

Eles nos espiam, esperando. Todos calam suas vozes, o silenciamento em massa. Estão todos usando máscaras de gás, suas identidades protegidas de nós. Meu coração bate dentro dos meus ouvidos, o sangue correndo rapidamente pelo meu corpo.

— Bem-vindo ao Gauntlet — um deles fala, sua voz carregada. Não é algo alto ou desagradável; é opaco e ameaçador. É um aviso tácito de que, embora possa ser divertido, não será fácil.

A apreensão escorre em minha corrente sanguínea, meus olhos olhando em volta para nossos oponentes e companheiros de equipe. Alguns deles estão equipados com mochilas que têm sabe-se lá o quê dentro, fazendo-me sentir despreparada. É aquela

sensação de logo antes de entrar em uma casa mal-assombrada - parece uma ideia divertida quando se está no final da fila, mas agora que é o próximo, parece muito mais assustador.

Uma das figuras acende um fósforo, o assobio da chama ecoando, pouco antes de acenderem a ponta da tocha e a erguerem no ar com propósito.

— Como manda a tradição, Ponderosa Springs selecionou o local e agora West Trinity deve compartilhar o jogo que selecionaram — diz ele.

Outro fala desta vez. — O jogo deste ano será pegue a bandeira.

— Vamos porra!

— Isso aí!

Cânticos e gritos reverberam. A energia na área é carregada, eletrizante como se estivesse segurando um fio energizado. Passa por todos nós.

Olho para Briar e Lyra. — É bem simples, não é?

— Fácil — Briar tranquiliza.

— As bandeiras foram escondidas em suas áreas direcionadas. Pode jogar como uma unidade ou separadamente, mas o objetivo é o mesmo. Pegue a bandeira do outro time antes que eles peguem a sua. West Trinity começará no norte e Ponderosa Springs no sul. Quando chegar ao ponto de partida, uma sirene avisará quando o jogo começar.

Trinta e cinco acres de passeios aquáticos cercados por pinheiros - tudo limpo. Podem estar em qualquer lugar. Era muito espaço para cobrir. Quase demais.

— Vale tudo. Sem regras. Sem regulamentos — afirmam. — O vencedor leva tudo e, como sempre, tente não morrer.



— Gente — Lyra bufa — não consigo respirar. — Ela segura seu lado, curvando-se um pouco enquanto suga o ar profundamente.

— Shh — sussurro, uma fina linha de suor grudada na minha testa, meu peito doendo de puxar o ar frio.

Estamos escondidas atrás de um tanque de imersão, a cabine nos protegendo pela frente. Estamos no território deles há vinte minutos, sem sucesso em encontrar a bandeira. Um assobio agudo perfura meus ouvidos à medida que observo outro sinalizador pousar alguns metros à nossa frente.

Meus olhos estão coçando com a fumaça que soltam - aparentemente, trouxeram todo um arsenal de coisas para nos impedir de vencer: granadas de fumaça, sinalizadores, armadilhas de todos os tipos. Vi um cara levar spray de pimenta.

Estou com medo porque é evidente que eles farão de tudo para vencer. Mesmo que isso signifique causar danos. Meu corpo inteiro dói de tanto correr. Tínhamos seguido o plano: ficar quietas, fora de vista. Não somos fortes o suficiente ou equipadas com nada que possa afastar nossos oponentes. Por isso decidimos que pegar a bandeira deles era um plano melhor do que encontrar a nossa e protegê-la.

Manobramos nosso caminho pelo parque, desviando dos jogadores do West Trinity.

— Todas as atrações internas estão bloqueadas. Não tem como ficar dentro. Tem que estar em algum lugar alto — Briar murmura, mantendo a voz baixa.

— O único lugar elevado nesta área é a Drop Zone. Está um pouco à nossa frente, mas tudo o mais aqui é baixo.

— Vamos nessa direção, então. Precisamos nos apressar, duvido que Easton e seu pelotão consigam se defender de West Trinity por muito mais tempo.

Examino a área mais uma vez antes de sairmos do esconderijo, andando devagar e tentando não fazer barulho. Gritos e sons sinistros ressoam à distância. Cada rangido ou uivo do vento me deixa nervosa.

A adrenalina mascara meu medo, mantendo-me em movimento mesmo quando meu cérebro começa a entrar em pânico. Somos três garotas separadas do grupo em território inimigo. Inimigos que estão prontos para ir tão longe quanto precisam para nos derrotar.

Tento não pensar sobre isso, deixando o desejo de vencer me alimentar.

Minha respiração sai em baforadas visíveis, e essas camadas de roupa só me fazem suar mais. A Drop Zone está à vista, as escadas sinuosas de madeira que levam ao enorme escorregador se destacam do resto dos brinquedos. Tem que estar lá.

— Ei — Briar sussurra. — O que é isso?

Ela aponta para a nossa esquerda, onde a piscina de ondas fica estagnada. É provavelmente a única coisa com água dentro deste lugar durante esta temporada. A estrutura começa larga, afinando conforme se aproxima da parede de concreto que retém toda a água dentro e armazena o maquinário que faz as ondas. Quase não resta água na entrada rasa da piscina; tudo isso se juntou à porção mais profunda, onde fica escuro e sombrio.

É então que percebo a grande placa que fica no topo da parede de concreto, onde se lê Wave Lagoon. Flutuando no topo da placa está um banner com fitas balançando no ar e no centro está uma bandeira laranja amarrada.

— Puta merda, encontramos — sussurro, com um sorriso no rosto, muito orgulhosa para perceber o perigo que se aproxima.

— Graças aos deuses — Lyra ofega.

— Deuses? — Rio.

— Sou agnóstica. — Ela dá de ombros. — Parece errado dizer apenas um.

Antes que possamos começar em direção à bandeira, ouço um apito agudo perfurar o ar, seguido por uma luz vermelha brilhante voando pelo céu antes de rolar na nossa frente. A chama lança faíscas e fumaça que queima meus olhos.

O grupo de rapazes de antes caminha das sombras, cada um de uma direção diferente, nos rodeando em um círculo. Mais dois sinalizadores são acesos e enviados em nossa direção. A fumaça irritante me faz tossir enquanto cubro o nariz com o braço.

— Esperava encontrá-la novamente esta noite — um deles diz, balançando um taco de hóquei ameaçadoramente em um círculo.
— Avisamos vocês, meninas.

Estávamos tão perto e agora parece tão distante.

— O que fazemos? — Lyra diz, sua voz nervosa enquanto eles se aproximam.

Odeio não ter uma resposta. O que *poderíamos* fazer? Há três deles e três de nós, mas eles também estão armados. Não há muito que possamos fazer a não ser correr.

— Temos que nos separar. Temos que correr — Briar diz, tossindo enquanto faz isso. — Sage, vá para a bandeira. Lyra, corra na direção oposta.

— E você? — Pergunto, nervosa por sua resposta.

— Não se preocupe com isso. Apenas vá.

É uma jogada arriscada, uma aposta, e não gosto disso. Eles podem nos pegar antes mesmo de fugirmos - podem nos pegar em geral, mas temos que arriscar. Temos que fazer alguma coisa.

Cada uma de nós respira fundo, este momento parado no tempo, os predadores se aproximando.

Corro primeiro, atingindo o espaço entre dois deles, enquanto Lyra faz o mesmo na direção oposta. Meus pés me empurram para frente, minhas botas batendo no chão conforme ignoro qualquer lógica e apenas deixo meu corpo me impulsionar. É pura adrenalina, e só consigo pensar em segurar aquela bandeira.

Acabar com isso. Ganhando isso.

É só quando estou a vários metros de distância que me viro, vislumbrando Briar, que não tinha corrido. Ela ficou lá como isca. O cara com o taco de hóquei puxa para trás, acertando-a na parte de trás das pernas com a ponta romba. Seu grito de dor me faz parar e imediatamente quero correr de volta para ela.

Quando ela cai de joelhos, seu cabelo loiro balançando na frente de seu rosto, ela grita — Sage, *vá!*

É uma injeção de motivação, saber que se eu conseguir alcançar a bandeira, tudo isso acabará. Um dos outros caras vem em minha direção, e é então que começo a correr novamente.

— Não a deixe pegar a bandeira!

Balanço meus braços, forçando minhas pernas a trabalhar mais rápido, para superar a queimação em meus pulmões. Corro pela lateral da piscina, escalando o portão que me coloca do lado onde só os funcionários são permitidos. Ouço seus passos se aproximando, suas mãos se movendo contra o portão enquanto se aproxima de mim. Olho em volta, tentando descobrir meu próximo movimento, o que farei a seguir.

— Para onde agora, garota? — Ele murmura sombriamente.

— Para cima — sussurro.

Agarro-me à parede, erguendo-me sobre ela, vendo que há espaço suficiente para ficar com os dois pés, mas apenas nesta área. Terei que andar de lado, de costas para a piscina de ondas abaixo, sem nada para me segurar.

Eu me viro para o homem que se aproxima de mim e volto para a piscina cheia de lodo. A água é escura, preta como carvão com

pedaços de gelo flutuando no topo por causa do frio. Ou perca e seja espancada até a morte ou arrisque cair.

A queda não me matará - não é alto o suficiente para fazer isso - mas meu medo de água torna tudo pior.

Arrepios percorrem meus braços quando coloco meu pé direito na borda, pressionando minhas mãos e rosto na placa fria. Queima minha pele quente, mas não ousa me mover com muita pressa. O vento bate forte em mim, fazendo com que me incline mais para a placa, tentando não deixar que me afaste.

Minha garganta está tão seca que é impossível engolir, respirar de verdade.

Meu outro pé balança, mas segue, e logo estou deslizando, meus pés balançando sobre a borda enquanto meus dedos tentam me manter equilibrada.

Não caia. Não caia. Não caia.

Aproximo-me do centro onde a bandeira está pendurada, balançando descontroladamente.

Meu coração bate forte contra meu peito quanto mais perto chego, a pressão pesando fortemente em meu ombro, tentando trabalhar com nada além de instinto e não sobre Briar, sobre Lyra.

Alcançando o centro da placa, olho para cima, o material laranja diretamente acima de mim. A linha de chegada está logo ali, a vitória tão perto que posso sentir o gosto. Meus dedos formigam quando me inclino na ponta dos pés.

Dentro da minha cabeça, estou atrasada. Tudo está atrasado - sinto-me lenta como se estivesse me movendo em câmera lenta.

Minha mão se enrola em torno do material, sentindo-a na palma da minha mão. Puxo-a de seu lugar fixo, trazendo-a para o meu peito, segurando-a lá como se fosse um recém-nascido.

Eu fiz isso. Conseguimos.

— Droga! — Alguém grita, pouco antes de uma mão bater na placa, fazendo-a tremer. Isso tira meu equilíbrio, e não há nada que eu possa fazer para me impedir de cair para trás. Meus braços se agitam, procurando desesperadamente por algo para me agarrar.

Não há nada, contudo. A queda não é gradual como nos filmes.

Não, caio rápido, forte, batendo na água gelada como uma estrela do céu a um milhão de quilômetros por hora e queimando viva quando bato.

Pedaços de gelo sólido batem nas minhas costas antes que a água me pegue. Submerge-me quase instantaneamente, me engolindo como um animal faminto.

Estou envolta nas mãos geladas da morte, enrolando-se ao meu redor como um abraço indesejado, e sou dominada pela intensidade do frio. Está ao meu redor, afundando em minha pele, penetrando em meus ossos, e continua afundando a cada segundo.

E não há nada além de escuridão. Mesmo quando abro meus olhos sob a superfície, está preenchida com nada além de tinta preta.

Quero nadar até a superfície. Quero que a ardência nos meus pulmões desapareça, mas minhas extremidades... quero lutar,

fazer alguma coisa, mas nada está funcionando. Meu cérebro parou e meu corpo não tem ideia do que fazer. Não sinto nada em lugar nenhum.

Estou paralisada. Congelada demais para me mover, para me salvar.

O medo tomou conta. O medo de morrer e não poder prevenir. Está completamente fora do meu controle.

Medo de não saber o que me espera a seguir. O medo do desconhecido.

De repente, posso ouvir música. Música de Rosie.

As músicas que ela tocava em seu quarto quando trabalhava em uma escultura, e me pergunto se era isso que ela sentia antes de morrer.

Quero chorar por ela porque espero que não tenha sentido medo, mas sei que sentiu. Estava sozinha, imaginando quando apareceríamos para salvá-la, mas nunca chegamos, não a tempo. Morreu pensando que seria resgatada, e nem sabíamos que ela estava desaparecida. Não até que fosse tarde demais.

Ela morreu sozinha e assustada.

Deixou a terra exatamente da maneira oposta de como viveu.

Ela sempre foi a corajosa, aquela cercada de felicidade e pessoas que a amavam.

E agora morreríamos iguais. Sozinhas sem ninguém para nos salvar.

Estou ingerindo muita água pelo nariz e pela boca. Há conforto em saber que a verei novamente. Pontos preenchem minha visão, tudo de repente se tornando nebuloso e me sinto chapada. Estou perdendo a consciência, ficando cada vez mais longe de mim mesma.

Finalmente cedendo à dor, na água que eu sabia que viria para mim eventualmente.

O calor me envolve, e acho que é isso. Estou morrendo.

Encontro-me, porém, brutalmente com o ar vicioso. Estala contra a minha pele, essa sensação abrupta de energia correndo por mim, e uma vontade violenta de tossir toma conta.

Meu corpo treme por causa da respiração ofegante e do frio. Não tenho certeza se estou feliz por estar viva ou apenas chocada.

Eu me agarro ao que quer que esteja me segurando, minhas mãos agarrando-se a isso, agarrando-me a isso com tudo o que tenho porque parece o oposto da morte. Parece a vida, como o ar.

— Não pode morrer — ouço. — Não tão facilmente.

Mesmo com meus sentidos confusos, mesmo atolados em água, posso sentir o seu cheiro. Como maconha e fumaça. Gasolina e couro velho. Ele se sente firme sob meus dedos, quente sob a camada de umidade que cobre nós dois.

Meus olhos se abrem e, através da minha visão turva, o vejo.

Rook.

Seu cabelo molhado está grudado no rosto, as bochechas coradas e o maxilar quadrado contraído enquanto tenta parar de tremer.

Ele parece tão arruinado, mas tão bonito.

Um menino tão bonito, mas até Lúcifer já foi bonito.

O mais bonito.

Um anjo.

VINTE E UM



O QUE É DEVIDO ESTÁ FEITO

Roof

Sabia que a sua volta não seria nada além de um perigo.

Não faria nada além de nos distrair e nos colocar em maior perigo. Sage sempre foi um curinga. Um veneno lento que o corrompeu antes mesmo de saber que estava infectado.

Dificuldade.

— Alistair, espere, Alistair, por favor, estou bem... — Briar implora, tentando sem sucesso atrasá-lo. O sangue pinga de suas mãos, os nós dos dedos rachados e escorrendo. O dano que ele fez no rosto daquele cara será permanente.

Sage está sentada na calçada, com uma jaqueta enrolada nos ombros enquanto tenta lutar contra o frio. Seu cabelo molhado roça seu queixo enquanto levanta a cabeça para o trem de carga vindo em sua direção.

Alistair puxa Sage pela frente de sua jaqueta, as mãos apertando o material com força enquanto a pressiona contra a lateral do carro de forma agressiva.

— O que diabos estava pensando? — Vocifera, sacudindo o corpo dela enquanto fala. — Não passa de uma egoísta fodida. Você quase a matou.

Seus olhos azuis estão tão desbotados, lábios da mesma cor. Ela provavelmente nem entende o que está acontecendo agora, ainda tonta com a falta de oxigênio. E agora tem um monstro fora de controle em seu rosto. Quando Briar não estava em seu dormitório como ela disse a Alistair, ele entrou em modo de guerra.

Depois de tudo o que aconteceu no semestre passado com seu irmão Dorian e Briar sendo sequestrada, ele presumiu o pior. Alistair nunca tem medo, nunca, a menos que tenha a ver com a perda de Briar. Essa é a única coisa que ele teme na vida. Nem mesmo a morte tem precedência sobre ela. Felizmente, Silas colocou um rastreador em seu telefone para a paz de espírito de Alistair, e quando ele viu onde estavam, nada o impediu de encontrá-la.

Aparecemos logo depois que Briar levou um taco de hóquei na parte de trás de suas pernas e um gancho de direita na boca. Foi brutal assistir, não apenas para mim, mas para meu amigo. Estava planejando agarrar um dos idiotas que bateram nela para ajudá-lo, mas me distraí.

Por uma garota com asas cortada. Ela caiu forte, tão rápido que nem tinha certeza se tinha visto.

Observei, meu punho cerrado, esperando que ela ressurgisse, e quando não apareceu, fui atrás dela.

Ela parecia tão pálida quando chegamos à superfície, tão destroçada. Como se já tivesse cedido à morte quando afundou na

água. E isso me irritou - ela não tem permissão para morrer. Não assim, não sem luta. Não podia vê-la morrer, não naquele momento. Porque tudo o que vi foram falsos momentos.

Tudo o que podia ver era a garota que ela fingia ser quando estava comigo, debaixo de mim, ao meu redor, e não quem ela realmente era. Cedi a essa fraqueza, a sua fraqueza. Eu cedi à sua tentação mais uma vez e estupidamente mergulhei atrás dela.

Tinha desistido assim como fiz quando descobri que ela estava internada. Quando dirigi ao acaso a *Monarch Mental Health Institution* e me certifiquei de que ela estava lá. Que estava viva e não morta.

Eu era patético. Uma desculpa lamentável para um homem, porque não conseguia me livrar da mentira. Mesmo quando ela me mostrou suas verdades, cada verdade desagradável e feia, ainda queria aquelas mentiras. Todas aquelas mentiras venenosas - eu as queria e não podia deixá-las morrer.

E porra, me odiei por isso.

— Desculpe. E-eu não esperava...

— Não esperava o quê? Minha namorada levar uma surra enquanto você se preocupa em ganhar um jogo?

— Alistair! — Briar grita, puxando sua jaqueta de couro. — Coloque-a no chão! A culpa foi minha. Eu é que queria ir! Fui eu, não Sage.

Sua mandíbula fica sólida, o músculo pulsando algumas vezes. Seus olhos escuros perfuraram os azuis vazios de Sage.

— Se você colocá-la em perigo novamente, vou te matar.

Meus pés se movem antes que meu cérebro possa realmente alcançá-los, e me aproximo deles. A ameaça não é leve - Alistair nunca diz nada que não queira dizer. E não gosto do jeito que isso me faz sentir agora.

Fazendo-me sentir algo diferente de respeito pelo meu melhor amigo. Fazendo-me sentir hostil em relação a ele.

Aproximo-me dele, colocando a mão em seu peito. — Relaxe. Briar está bem. Concentre-se na sua garota.

Ele olha para mim, inclinando a cabeça com desconfiança. Mantenho minha posição, pressionando seu peito para que ele receba a mensagem de que precisa deixá-la ir.

Com um último olhar acalorado para Sage, ele à solta e imediatamente se vira para Briar, afastando-se do carro e segurando o rosto dela com as mãos. Ainda há tanta raiva saindo dele que praticamente posso ver fumaça saindo de suas orelhas, mas se acalma um pouco quando olha para ela. Levantando o polegar ensanguentado, passa no lábio inferior inchado.

— Isto não acabou, Ladrazinha.

Ela acena com a cabeça, aceitando sua ira antes de envolver o braço em volta da sua cintura e afundar em seu corpo. — Sinto muito — eu a ouço sussurrar antes de sua voz desaparecer em algo que só eles podem ouvir.

Eu me viro para Sage, que está caída contra o carro, olhando para o chão. Enfio minhas mãos em meu jeans molhado, esperando que o material pegajoso impeça meus dedos de fazer algo que não quero que façam.

Algo idiota como alcançá-la.

A maneira como ela se agarrou a mim na água, como estava me procurando desesperadamente, roubando minha energia. Como se ela fosse morrer se eu a deixasse ir. Isso me fodeu da cabeça.

Os meses de celibato que suportei não foram nada comparados à dor daquele momento. Só tenho que continuar lembrando a mim mesmo e ao meu coração de pássaro que é tudo uma miragem. Ela estava noiva de outro cara o tempo todo que a fodia, aprendendo com ela, inalando-a. Eu tinha sido uma experiência.

Você era um jogo, Rook.

Era isso.

— Parece que teve toda a diversão sem nós. — Thatcher bate à porta do passageiro de Silas, caminhando em nossa direção.

— O que aconteceu? — Silas questiona, olhando para Briar, então faz uma pausa para olhar para Sage. Olhando por muito mais tempo do que eu diria que é necessário.

A sua volta foi difícil para mim, mas também sei que foi difícil para ele por um motivo totalmente diferente. Sage e Rosemary eram gêmeas, então a semelhança existe. Sempre existiu, mas quando uma delas está morta há quase um ano, as semelhanças são mais óbvias.

— Elas jogaram o Gauntlet. Sage caiu na piscina de ondas e Briar foi atingida — informo a ambos, rangendo os dentes. Quão ingênuas elas eram? Deveriam saber melhor. Todos os anos, as pessoas saem do Gauntlet feridas. Não é algo que joga sem experiência.

Nós saberíamos. Geralmente somos nós que causamos danos.

— E você? — Thatcher se dirige a uma Lyra sentada. Escondida no asfalto com a cabeça apoiada nos joelhos, se encolhe quando ele fala com ela. A sua voz a arranca de seu próprio mundinho no qual ela estava, e os olhos dele penetram os dela. — O que aconteceu com você?

— Nada. Uh — ela gagueja. — Estou-estou bem.

Ele continua a olhar antes de dar um breve aceno e chupar os dentes. — Pelo menos ganhamos?

— Thatcher, cale a boca.

— Sim — Briar e Alistair respondem ao mesmo tempo, provando mais uma vez por que combinam tão bem.

— Bom. — Thatcher caminha em direção a Briar, pairando acima de seu corpo. Uma mão gelada avança, agarrando seu queixo e inclinando sua cabeça para a esquerda e de volta para a direita. — Gelo nisso e deve viver... infelizmente — acrescenta para garantir.

A conversa deles fica em segundo plano porque é nesse momento que Silas se aproxima de Sage. Olha para ela, encarando-a por um momento longo demais, e começa a tirar o moletom. Uma vez que está fora de seus braços, ele faz uma pausa.

— Levante os braços — ele resmunga.

A inquietação se instala em meu estômago quando ela finalmente levanta o olhar para ele. Por que diabos está olhando para ela assim? Sei que provavelmente ele está fazendo isso por

respeito a Rosie, mas está me deixando ansioso. Está me deixando com raiva.

Por mim mesmo. Por ela. Por ele.

— Não quero — ela responde, olhando fixamente.

— Vai congelar até a morte. Vista-o. — Ele enfia o moletom no seu peito, insistindo. No entanto, ela se recusa a reagir.

Só consigo assistir isso. Não consigo dizer uma única palavra, pois meu melhor amigo fala mais com ela do que com qualquer pessoa em um ano. Ciúmes borbulha no meu estômago.

Veem o que ela está fazendo comigo? Destruindo minha vida novamente. Virando-me contra meus próprios malditos amigos. Por sua causa, fiquei com raiva de Alistair, menti para Thatcher e agora estou com ciúmes de Silas.

Inveja de que eles tenham uma conexão que nunca poderei entender, e não há nada que eu posso dizer sobre isso.

O que eu deveria fazer? Caminhar até eles e mijar em cima dela como um cão territorial?

Sage Donahue tinha sido muitas coisas, mas a minha nunca foi uma delas. Não tenho o direito de falar sobre o que estou assistindo, mas isso não significa que não queira.

— Por que? Então pode me salvar? Sentir-se melhor? — Ela diz friamente sem nenhum traço de emoção em seu tom. Aqui está ela, a vadia de coração cruel que eu conhecia tão bem. Aquela que poderia destruí-lo logo após construí-lo. — Então pode compensar por não estar lá para Rose?

— Só estou tentando garantir que não morra — ele responde.

— Sim? E por que não fez o mesmo por minha irmã?

Eu sabia do que ela era capaz quando se tratava daquela língua de prata. Como era imprudente com suas palavras quando estava chateada. Com que facilidade poderia ferir alguém apenas com sua voz. Não deixarei isso acontecer com ele. Não quando ele não merece.

— Sage, pare — aviso, me aproximando mais de seu espaço, ficando logo atrás deles.

— Não. — Ela me ignora. — Você deveria estar lá, mas a deixou voltar sozinha da biblioteca.

Lá vem ela arrastando memórias destroçadas, aquelas das quais Silas não precisa ser lembrado porque nunca esquece. Quando Sage sofre, ela tem que fazer todos os outros sofrerem ao seu redor.

— Você deveria estar lá! — A sua voz se transformou em um grito quando ela o cutucou no peito. No entanto, ele permanece duro como uma estátua, imóvel, deixando que as suas palavras penetrem seu exterior duro.

— Deveríamos protegê-la! — A primeira lágrima escorre por seu rosto, uma dor vazando de seus olhos que ninguém pode curar.

E se alguém entende isso, é Silas. Poderiam encontrar um terreno comum em sua dor, tendo perdido a mesma pessoa. Seriam capazes de compreender as emoções um do outro, algo que nunca poderei fazer por nenhum deles. Principalmente Silas.

Não importa o quão perto eu era de Rose; não tinha um vínculo com ela como ele tinha. Não posso ajudá-lo do jeito que quero. Não

posso fazer isso melhor para ele, não importa quantas vezes por dia cheque.

Não há nada que eu possa fazer para ajudá-lo a se curar dela, mas o que posso fazer é garantir que ele se vingue por isso.

— E agora veja, ela está morta! Ela morreu, Silas, sozinha! Por que não a protegeu? Por que não pudemos salvá-la?

Sua armadura quebra - uma das balas duras penetra no metal e afunda no osso. Vejo isso na maneira como ele se encolhe como se fosse mais do que um trauma emocional. É um desconforto físico que circula por ele.

Fechando os olhos por um breve segundo antes de reabri-los, ele estende a mão para tocar Sage. — Rosie, eu...

— O quê? — Ela se encolhe, impressionada com as suas palavras. — Você acabou de me chamar de Rosie?

Um sinal de socorro é enviado ao meu cérebro. Um pânico universal. Tento afastar o pavor. Tento dizer a mim mesmo que foi um erro honesto, uma confusão. Ele está tomando seus remédios - eu o observei todos os dias.

Ele está bem. Foi só um erro. É isso.

Com o seu diagnóstico, porém, é difícil ignorar coisas assim quando estou constantemente ciente de seus sintomas e quando as coisas estão piorando. Quero que isso seja uma coincidência. Quero acreditar que foi um erro.

— Isso é o suficiente — interrompo, caminhando entre os dois. Só não tenho certeza de quem estou protegendo. Estou bloqueando o Sage? Ou estou protegendo Silas?

Tudo o que sei é que Sage está com vontade de machucar alguém. Quando ela está em perigo, desconta nas pessoas ao seu redor. Nunca quer se machucar sozinha.

Por isso, se ela quiser machucar alguém, pode fazer isso comigo, não Silas. Silas nunca.

— Foda-se — ela cospe, olhando para mim. — Dane-se todos vocês. Agindo como se merecessem vingança mais do que eu. Como se ela não significasse nada para mim. Como se ela não fosse minha maldita irmã gêmea!

— Não tem nada a ver com isso. Sabemos que não merecemos isso, mas também sabemos que não confiamos em você, porra — argumento, não recuando de sua indignação.

Se ela quer ser desagradável, tudo bem, podemos ser desagradáveis.

— Não, você... — ela cutuca meu peito com o dedo indicador — não confia em mim, Rook. O que é muito bom vindo de alguém que mente para seus amigos. — Ela me olha bem nos olhos, me avisando. Avisando-me que, se eu não tomar cuidado, pode causar danos graves.

Ela poderia acabar conosco aqui e agora. Eu não duvidaria dela - não se importa o quão fundo ela tem que cavar para arruinar alguém. Está brincando com fogo voltando aqui e tentando foder minha vida de novo.

Não deixarei isso acontecer de novo. Desta vez, não queimarei uma casa no lago. Será sua pele pastosa deixada em uma pilha de cinzas.

Respiro pelo nariz, minha mandíbula apertando. — Eu sabia que salvá-la era uma perda de tempo. Eu deveria apenas tê-la deixado se afogar.

— Se sabia disso, então por que salvou? Huh? — Ela vira o nariz para mim, as mãos fechadas em punhos apertados ao lado do corpo. — Para um cara que age como o vilão, com certeza adora bancar o herói, não é? É disso que gosta, certo, Rook? Salvar os destroçados? Você quer ser o herói?

— Pareço um maldito herói? — Agarro sua cintura com ambas as mãos, pressionando sua carne com força enquanto a puxo para cima ao longo do meu corpo, em seguida, coloco seu corpo úmido em meu ombro para que ela fique pendurada nas minhas costas.

— Isso acabou — digo a ela enquanto ela luta comigo o tempo todo como eu sabia que faria.

Ela precisa calar a boca rosa, para saber que seus comentários têm consequências.

Eu a deixei bater nas minhas costas, empurrando para escapar do meu aperto, deixando as marcas sob minha camisa doloridas.

Com um braço ao seu redor, uso o outro para agarrar a maçaneta da porta do carro, abrindo-a e jogando-a bruscamente no banco de trás. Seu corpo se espalha pelo material macio, seu peito subindo e descendo com uma emoção desenfreada que estou pronto para absorver.

Fico com sua raiva, seus sentimentos irracionais – fico com tudo.

Eu coloco ambas as minhas mãos no batente da porta, me preparando, tentando desesperadamente ignorar a memória da última vez que a vi assim. Deitada no banco de trás, nua. Fumando meu baseado, olhando para mim com aqueles olhos foda-me.

Agora são apenas olhos de foda-se.

É difícil dizer qual gosto mais.

Como um gato selvagem, ela se move rapidamente, sentando-se de joelhos e usando as palmas das mãos para empurrar em meu peito, usando força de nível moderado para tentar me mover.

— Deixe-me sair — ela grita, ficando cada vez mais agitada com meu corpo imóvel.

Sim, é isso. Deixe sair, Sage. Faça doer.

— Não — resmungo, apenas piorando as coisas. Eu olho para baixo em seu cabelo molhado enquanto balança para frente e para trás com seus movimentos.

Sua pressão se transforma em batida, seus pequenos punhos não me fazendo nada enquanto ela bate no meu peito, desejando que me mova. Ela só consegue se cansar e me fazer desejar mais. Isso é uma brisa em comparação com o que preciso. Uma prévia do que é preciso para curar minha fome.

— Isso é o melhor que tem? Você realmente só ladra e não morde, não é? — Eu a conduzo. — Venha, me bata.

Digo exatamente o que diria se fosse Alistair, empurrando-a ainda mais para sua própria raiva, desferindo socos mais violentos. Começam a gerar mais força, e ela desce mais, atingindo-me na carne macia do meu estômago algumas vezes,

aproveitando o ar de meus pulmões. Não é nada que não possa lidar. Não é o suficiente para me fazer mover.

— Bata em mim! — Eu grito na sua cara, cheio de loucura tóxica e emoções reprimidas com as quais ainda não lidei totalmente. Coisas que enterrei bem fundo quando terminamos. Estão todas sendo desenterradas, me fazendo querer fazer a única coisa em que não paro de pensar desde que ela voltou.

Arruiná-la. Destruí-la.

Fazê-la questionar quem ela é, assim como fez comigo.

— Bata-me, porra!

A barragem se rompe. É o fósforo no barril de pólvora. A gota d'água para ela.

Ela me dá um soco sólido em minha mandíbula, prendendo meu lábio no processo. Minha cabeça é jogada para a direita com a força, e sinto o sangue escorrer em minha boca imediatamente. O gosto metálico picante cobre minhas papilas gustativas, e a sensação do corte faz meu lábio doer.

Jogo minha cabeça para trás, fixando em seus olhos, vendo-os arregalados e cheios de lágrimas enquanto suas mãos cobrem sua boca. Ela está chocada por ser capaz de algo assim, de ser levada a esse ponto. Todo mundo é capaz de algo desprezível. É tudo sobre o momento certo, a motivação e as emoções certas.

— O que há de errado com você — ela murmura. — Por que me deixou fazer isso?

Não espero que essa pergunta vá provocar uma reação minha.

Não espero que isso corte minha garganta como lâminas de barbear e queime tudo dentro da minha alma, deixando nada além de honestidade não filtrada.

Há muitas coisas erradas comigo, mas agora, só há uma coisa que realmente está me fodendo.

Meus dedos agarram a parte de trás de sua cabeça, juntando uma mecha de cabelo em minhas mãos e puxando seu rosto para perto do meu. Nossos narizes se chocam amargamente, tão próximos que não tenho escolha a não ser cheirá-la, inalá-la pela primeira vez em meses.

— Você... — sibilo, odiando o gosto dessa verdade na minha língua. — É o que há de errado comigo. Você estar de volta aqui. Andando pelo campus, aparecendo no penhasco. Você existindo, porra.

Minha respiração sopra em seu rosto, fazendo-a ofegar. Uma carga de atrito estala entre nossas bocas.

— Não pode fazer isso. Você acabou — digo a ela — quer ficar triste? Quer lamentar sua irmã? Pode fazer isso, mas não pode causar estragos em todos os outros, Sage. Não pode machucar Silas ou ninguém porque está com raiva e magoada. Nós também a perdemos. Todos nós a perdemos.

Não deixo tempo nem espaço para ela me responder. Quero que ela se sente com isso, para sentir isso, para que da próxima vez que sentir falta de Rose, não desconte em pessoas que não merecem.

Porque ela é melhor que isso.

Sei o que é ser alvo da dor e luto de alguém. Sei como é ser o bode expiatório, ser o saco de pancadas de alguém que perdeu um pedaço de si mesmo. Eu me recuso a deixá-la se transformar em meu pai porque ela é melhor.

Ela cai no assento quando a solto, saindo de seu espaço. Olho para o moletom de Silas em seu colo, suas mãos nervosamente brincando com ele.

— E você não vestirá isso — acrescento por nada além de ajudar meu ciúme irracional, capturando o material de suas mãos e fechando a porta com força.

Estou irritado, com frio e quero dar o fora deste lugar. Preciso ficar longe dela, da merda louca que ela me dá vontade de fazer e do jeito que me faz sentir. Inspirando profundamente longe dela, esfrego a parte de trás da minha cabeça com força.

Sei o que preciso. Preciso libertar alguma agressividade. Queria treinar com Alistair. Dar uma volta. Ser cortado por Thatcher. Qualquer coisa que a faça ir embora, mesmo que seja apenas por um segundo.

Briar e Lyra se despedem, levando a si mesmas e Sage de volta para os dormitórios e nos deixando aqui para absorver tudo o que acabou de acontecer.

— O que diabos foi aquilo, Van Doren? — Alistair acusa enquanto ligo minha moto, deixando o motor esquentar neste clima frio.

— Era eu protegendo Silas, o que mais seria? — Retruco, muito nervoso para adicionar sua atitude à lista de coisas com as quais tenho que lidar.

— Não preciso que me proteja.

— Sim? Assim como não precisa de mim para ter certeza de tomar seus remédios? Ou está bem chamando alguém pelo nome de sua namorada morta? — Meus olhos se concentram em Silas enquanto jogo seu moletom para trás.

Ele não percebe que tudo o que tenho feito desde que Rose morreu é protegê-lo? Observá-lo? Passar cada segundo que estou acordado me certificando de que está bem, que ele está vivo?

— Todo mundo se acalme — interrompe Thatcher. — Foi uma longa noite e todo mundo só precisa relaxar, certo?

Ele tem razão. Como sempre. A única voz da razão quando nossos temperamentos começam a explodir, mas é impossível me controlar quando se trata dela. É como se cada sentimento, cada emoção que tenho aumenta quando ela está por perto, quando é mencionada. Não importa quantas vezes eu tente arrancá-la do meu sistema, ela apenas encontra uma maneira de rastejar de volta, transformando-me em alguém que não reconheço, alguém que fica irritado com seus amigos porque olham para ela de uma certa maneira ou a ameaçam.

Era para ser um jogo para mim, para destruir a linda líder de torcida. E fui eu que me ferrei no final.

Foda-se os sentimentos. Foda-se tudo isso.

— Aqui. — Alistair me joga um maço de cigarros. — Todos nós precisamos de um.

Puxo um dos bastões brancos de dentro, colocando-o em meus lábios antes de entregá-lo a Silas. Acendo a ponta com meu Zippo e inalo a fumaça para aliviar o estresse em meus pulmões.

— Seis minutos — diz Thatcher. — Cada cigarro tira seis minutos da sua vida, sabia?

Não posso deixar de rir um pouco. — Seis minutos mais perto do gol.

A fumaça sai em anéis, rodopiando na noite. Minha cabeça está abafada por causa do leve zumbido causado pela onda de nicotina. Há momentos em que penso em quando éramos mais jovens, quatorze anos e fumando no penhasco, pensando em todas as coisas caóticas que queríamos fazer em Ponderosa Springs antes de partirmos.

Pensando, como diabos viemos parar aqui?

Todos nós estamos ainda mais atormentados e distorcidos do que antes, passando todos os dias chegando cada vez mais perto do túmulo.

— Um pouco atrasado para o jogo esta noite, rapazes. A única coisa em que eram bons, e olha, podemos vencer sem vocês agora. Parece que é a maneira deste lugar dizer que é hora de dar o fora.

Justamente quando pensei que a noite estava começando a se acalmar, o rei da agitação decide erguer sua prestigiada cabeça.

A última pessoa que precisa falar merda comigo esta noite.

Nossa história é longa e confusa, remontando à escola primária e, sim, ele era tão irritante quanto é agora.

Olho por cima do meu ombro para ver Easton valsando para o estacionamento como se também fosse o dono disso. Ele anda assim por toda parte, como se tudo o que pisa fosse seu, como se já o possuísse.

A sensação de direito que ele carrega fede a quilômetros de distância.

— Parece que a única razão pela qual ganhou foi por causa de uma garota. Não apenas precisa de seu pai para apoiá-lo, mas agora precisa de mulheres para lutar em suas batalhas? Se quer parecer um patético desperdício de espaço, está conseguindo, Sinclair — Thatcher comenta, encostado no carro de Silas e enfiando as mãos dentro de suas calças.

Easton zomba, não gostando de alguém ameaçando seu ego. — Isso mesmo, esqueci de perguntar, como está Sage? Tivemos sorte e ela nos fez um favor ao se afogar? Ou o que ouvi é verdade - Rook pulou para salvar sua donzela em perigo?

E é aí que começa a tremer na minha mão. O desejo persistente e irresistível de fazer algo imprudente. Algo violento.

Isso mexe com meu estômago, tomando conta de mim, o impulso de causar sérios danos à sua medula espinhal ou gravar seus gritos enquanto o queimo vivo para o meu novo toque.

Aquele mal com o qual fui amaldiçoado quando criança começa a se misturar com meu temperamento instável, transformando-se em uma mistura assustadora.

Dinamite apenas esperando o fusível acender.

Ele não é o alvo principal da nossa retaliação, nunca foi, mas de alguma forma, sempre se encontra bem no meio de tudo, enfiando o nariz em um lugar que não pertence, falando merda sobre coisas que não deveria.

Olho para ele, sem saber se ele sabe sobre Sage e eu. Sabendo que se os garotos descobrissem por meio de um canalha como ele, Thatcher estaria certo de novo - eles não confiariam em mim. O que significa que terei que contar a eles em breve ou continuar esperando que aqueles que sabem fiquem de boca fechada, mas isso é o que acontece com Ponderosa Springs - nada fica enterrado. Nada porra.

— Sozinho esta noite, East? Nenhum idiota para apoiá-lo? — Pergunto, não convencido de como ele pode estar confiante em sua segurança quando está entrando direto na cova de um leão. Um grupo de leões que não come há meses e está pronto para se alimentar de qualquer coisa.

Até idiotas mauricinhos de tênis.

— Não preciso viajar em um grupo constante como adolescentes indo ao banheiro, sabe. Ao contrário de você. — Ele começa a passar por nós, clicando no botão de destravar em seu carro que está estacionado perto da minha moto, mas decide adicionar outra observação espertalhona — Em breve, limparei esta cidade de você. De todos vocês. Tirar o lixo, como fizemos com a vadia da sua namorada. Rose.

Meus dedos dos pés estão formigando, meu tremor piorando. Mordo o cigarro na minha boca enquanto meu polegar bate

rapidamente na minha coxa. Meus desejos impulsivos estão começando a dominar, começando a vencer.

Ouvi-lo dizer o seu nome, ouvi-lo aludir a algum tipo de envolvimento, faz nosso plano de espera voar pela porta para mim. Só consigo me controlar por um certo tempo antes de explodir.

Silas se move em sua direção silenciosamente, carregando o peso de seus negócios inacabados e culpa em seus ombros. Eu o sigo, não porque precisa de reforços, mas porque quero um pedaço de qualquer carne que Si arranque dele.

Eles ficam frente a frente. — Se eu descobrir que teve algo a ver com Rose, Easton, farei você implorar de joelhos para eu te matar.

O pomo de adão de Easton balança em sua garganta enquanto ele engole, sua boca não combinando com sua estatura nervosa. — Ameaças vazias de merda. Vocês todos estão cheios delas. Sempre estiveram. Quando farão algo além de falar mal de sua bunda? — Ele se inclina para perto do rosto de Silas, fazendo a pedra dentro de mim bater. Não há como apagá-lo agora, não até eu conseguir o que preciso.

— Sabe, se eu tivesse algo a ver com a morte da pequena Rosie — ele sussurra — teria pelo menos provado o produto primeiro para ter certeza de que ela valia a pena.

Tick, tick, boom.

Não penso muito nas consequências ou repercussões de minhas ações quando agarro a nuca de Easton, segurando-o como um coelho preso em uma armadilha, sentindo seu batimento cardíaco disparar pelas pontas dos meus dedos.

Tudo o que posso ver são chamas laranjas brilhantes e escuridão cativante, controladas por nada além do instinto primitivo.

Um rolo de filme de tudo que ele já disse ou fez para mim, para meus amigos, pisca dentro da minha cabeça. A crueldade com Rose, os comentários idiotas, as vezes que o vi apalpar Sage bem na minha frente. São gasolina para minha fogueira.

Agora, o mundo o verá pelo que ele realmente é. Ele será tão nojento por fora quanto por dentro. Chega de se esconder atrás de sua imagem de menino de ouro. É hora de Easton ser punido.

— Que porra está fazendo? — Ele grita alto o suficiente para quebrar o vidro, tentando me afastar, mas o agarro.

— Cumprindo todas aquelas malditas ameaças vazias.

Enfio meu joelho em seu estômago, fazendo-o dobrar com um grunhido de dor. Não faço para machucá-lo, apenas o suficiente para obter uma vantagem.

Ele agarra meu antebraço, suas unhas cravando em meu corpo, sua fraca tentativa de se defender. Aproximo seu corpo mais perto da minha moto, praticamente arrastando-o pelos poucos centímetros que preciso que ele ande. Para alguém tão duro, ele com certeza é fracote.

— Rook.

Não tenho certeza de quem diz meu nome, mas é tarde demais para isso. Tarde demais para falar. Já passei dessa fase, e não há como me parar. Não terminarei até alimentar o mal dentro de mim. Até eu dar a ele o que merece.

O diabo está recebendo sua correção, entregando a punição.

Empurro o lado esquerdo de seu rosto direto para o meu escapamento, colando-o ao lado do metal quente e fumegante. Meu corpo vibra de prazer quando o sinto tentar se afastar e o ouço começar a gritar em desespero.

O cheiro me faz inalar profundamente e inclino minha cabeça para o céu enquanto fecho os olhos, deleitando-me com essa sensação de poder. Músculos e tecidos consumidos pelo calor emitem uma fragrância como nenhuma outra. Carvão e cabelo queimado se misturam, formando esse cheiro de enxofre da pele derreta.

Posso ouvir o chiar da carne em uma frigideira logo abaixo de seus gritos de miséria enquanto ele implora incoerentemente por qualquer forma de misericórdia, mas não receberá nada disso aqui. Não essa noite.

Eu dou a ele mais alguns bons segundos antes de soltá-lo, seus pés falhando e ele cai no asfalto com um baque forte. Observo seu rosto se arrancar do escapamento, pedaços de sua carne ainda grudados no metal brilhante. Faço uma nota mental para limpá-lo.

Com as mãos trêmulas, ele tenta avaliar os danos. Sua pele parece plástico pegajoso derretido, o tecido desajeitado e o líquido amarelo escorrendo da gordura sendo dissolvida. Grandes queimaduras de terceiro grau cobrem toda a bochecha. Dano incorrigível já foi feito.

Ele usará aquela cicatriz para sempre, um lembrete de quão maldito é abaixo da superfície. Verá e saberá que não há mais ameaças vazias.

E sem mais nem menos...

A contração para.

VINTE E DOIS



PESADELO DE UMA NOITE DE VERÃO

Gage

Por alguma razão, pensei que quando a temperatura começasse a esquentar, este lugar se tornaria menos assustador. Acho que quanto mais tempo fico aqui, mais suspeito fica. Os rangidos nas paredes à noite, as sombras que parecem aparecer nos corredores quando o sol se põe - é difícil não acreditar que este lugar seja assombrado ou que existam passagens secretas que levam a alguma sala de reunião de culto.

Ando pelo pátio, pisando no gramado úmido e bem cuidado onde os alunos se reúnem entre as aulas ou para o almoço. Meus olhos passam pela árvore cortada no centro, aquela que foi cortada depois de misteriosamente pegar fogo no semestre passado.

Assim que meus pés atingem o caminho de paralelepípedos novamente, sigo para o teatro. O lugar que, a certa altura, parecia um lar.

Meus ataques de pânico foram ruins nos últimos dias, meus pesadelos ainda piores. Agora que sei como é realmente se afogar,

minha mente está usando isso contra mim. Tudo parece muito mais real agora.

Levei um minuto para encarar Briar e Lyra, e embora Briar insistisse que estava bem, que o que aconteceu não foi minha culpa, ainda sinto uma forte pontada de culpa no estômago toda vez que vislumbro seu hematoma amarelado.

Estou tentando esquecer completamente aquela noite, mas não parece possível.

— Apenas a garota de quem estava falando — ouço enquanto agarro a porta do prédio. — Finn, conheça Sage Donahue. Esta é a filha de Frank. E, Sage, este é Finn, meu parceiro.

Caim caminha ao meu lado, aproximando-se mais do que eu gostaria que estivesse. Agarro meu roteiro firmemente ao meu corpo enquanto o homem ao seu lado se dirige a mim.

— Prazer em conhecê-la — diz ele, estendendo a mão. — Lamento saber da morte de sua irmã.

Aceito seu aperto de mão, curiosa se, como em todos os programas policiais, ele está irritado por estar emparelhado com um detetive mais jovem. Seu bigode branco roça o topo de seu lábio, curvando-se quando chega às bordas e me lembrando do homem do amendoim.

Ele tem esse tipo de presença de couro desgastado. Como se tivesse visto muito, passado ainda mais, mas ainda é bom no que faz. Ele sabe que seu parceiro não é apenas sujo e trabalha com uma rede sexual, mas também é pedófilo? Ainda trabalharia com ele? Esse policial é tão desonesto quanto o que está ao seu lado?

— Obrigada. Prazer em conhecê-lo — digo simplesmente, sem saber o quanto ele sabe, se está envolvido.

— Tenho certeza de que está indo para a aula, mas queria lhe dar meu cartão. — Ele enfia a mão no interior de seu terno. — Caso ouça ou veja algo que possa nos ajudar na morte de Greg West e no desaparecimento de Chris Crawford.

Pego o retângulo branco, olhando para as palavras impressas e mordendo o lábio inferior, tentando manter meus pensamentos para mim, mas não consigo evitar.

— Coloração esbranquiçada sutil, espessura de bom gosto. Tem até marca d'água. — Torço o cartão entre meus dedos, colocando-o no bolso. — Paul Allen ficaria impressionado.

Finn tem um exterior severo, mas suaviza quando um sorriso assume o controle, fazendo-o parecer menos com o *Miami Vice*³² e mais com o avô de alguém.

— Fã de *American Psycho*?

Eu balanço minha cabeça. — Pessoa de cinema. As liberdades tiradas do romance foram necessárias, o que não acontece com frequência nas adaptações para o cinema. A sátira estava além de seu tempo, uma comédia estilizada ambientada na cidade traiçoeira e caçadora de lucros que é Manhattan. — Giro minhas mãos ao redor. — E Christian Bale, bem, preciso dizer mais sobre seu portal de *Patrick Bateman*³³?

³²-Série estadunidense de 1984.

³³-Protagonista e narrador no romance *American Psycho*.

— Garota esperta.

Dou de ombros. — Assim como os filmes. Vou avisá-lo se souber de alguma coisa.

Mentira.

— Obrigado, Sage — ele responde.

Olho para Caim, acenando com a cabeça em reconhecimento.
— Caim.

— Antes de ir, Pip. — Ele agarra meu antebraço, e minha reação instintiva é me afastar, mas fico imóvel. — Seu pai me disse que você não ligou desde que começou a escola. Sei que está ocupada, mas ele sente sua falta. Ligue em breve, está bem?

Eu me abstenho de revirar os olhos. — Sim, vou resolver isso.

Soltando-me de suas mãos, desapareço dentro do salão do teatro, pressionando minhas costas contra a porta fechada e respirando fundo algumas vezes. Entrando pelo nariz e saindo pela boca, tomando meu tempo e reagrupando meus pensamentos.

Este é o meu tempo hoje, e não deixarei que essa sujeira estrague tudo. Estava tendo aulas de teatro, mas fazia meses que não entrava em uma. Aprender sobre roteiros e peças teatrais em uma mesa não é nada comparado à coisa real.

Jogo meus ombros para trás, caminhando silenciosamente pelo corredor, passando pelas fileiras de assentos de madeira. Os tetos altos são esculpidos com desenhos complexos, construídos para transportar sons até o fundo do auditório. Chego as escadas laterais do palco, meus passos ecoando enquanto caminho pelo chão. A iluminação é fraca, apenas o suficiente para ver as

primeiras fileiras de onde estou, mas isso não importa. Não se trata dos holofotes ou mesmo do teatro em si.

É a sensação do piso de vinil sob as solas dos meus pés. A forma como minha voz vibra na madeira quando mergulho no personagem. Sendo absolutamente ultrapassado por um papel, pela escrita. Suga você para um mundo totalmente novo, longe da realidade.

Jogo minha bolsa para o lado e tiro minha jaqueta, deixando-me exposta em meu vestido preto com um decote recortado que combina muito bem com minhas botas de camurça vermelha. Amei esses sapatos uma vez. Eram minha cor de assinatura, e Rosie os havia comprado no meu aniversário anos atrás.

Ela sempre foi tão boa em dar presentes, capaz de perceber e lembrar as pequenas coisas que as pessoas gostavam sem que sequer falassem sobre isso.

Fico no meio do palco, mexendo os dedos dos pés nos sapatos, deixando a cabeça cair para a direita e de volta para a esquerda e me espreguiçando antes de olhar para o meu roteiro, vendo onde parei a leitura na noite passada.

Sonho de uma noite de verão. Shakespeare.

Um rei dentro das paredes do teatro, ele é o projeto. Aquele que as pessoas aspiram ser, superar quando se trata de dramaturgia.

Reli a cena algumas vezes, absorvendo a estrutura, querendo abarcar toda a emoção, todo o personagem. Fechando os olhos, despejo os pedaços de mim mesma e me reconstruo como *Hérnia*.

Esqueço que Sage existe e me torno a garota que está apaixonada por Lysander, embora seu pai deseje que ela se case com outro.

Incorporo essa emoção de uma garota tão ferozmente apaixonada por um homem que ela vê como perfeito, que não tem permissão para desejar. Sinto aquela dor no estômago, a saudade da alma de uma pessoa, mais do que apenas seus atributos físicos ou o que ela me dá materialistamente.

Quando reabro os olhos, não sou mais a gêmea insana. Sou a Hérnia.

E agora, meu amor? Por que sua bochecha está tão pálida? Como é possível que as rosas desapareçam tão rápido?

Ouçõ Lysander em minha cabeça, fazendo seu papel, seu corpo mais uma figura solta do que uma pessoa real.

— Talvez por falta de chuva, o que eu poderia muito bem detê-los a partir da tempestade de meus olhos.

O inglês antigo é simples, quando se lê o suficiente. É tão simples para ela dizer que *a cor se foi porque estou dizendo que sim, mas eu poderia fazer as rosas crescerem de novo com as lágrimas que chorei por nosso amor*, mas é muito mais divertido codificá-lo, ler nas entrelinhas do vocabulário romântico.

Ai de mim! Por mais que pudesse ler, ouvir em contos ou histórias, o curso do amor verdadeiro nunca foi tranquilo, mas ou era diferente no sangue...

— Ó cruz! Alta demais para se deixar encantar por baixo. — Jogo minhas mãos dramaticamente, com um sorriso malicioso no rosto, enquanto brincamos de um lado para o outro sobre os

requisitos de amor de todos os outros. As regras para o coração, quando na verdade a única coisa que nunca deveria ter regras é o amor.

Ou então maltratado em relação aos anos.

Oh despeito! Velho demais para estar noivo de jovem

— *Ou então dependia da escolha de amigos.*

Oh inferno! Escolher o amor pelos olhos do outro.

A cena é mais profunda, falando sobre a rapidez com que o amor pode ser destruído por aqueles que nos rodeiam. Pelas expectativas estabelecidas por sua família e amigos. Como se espera que nos casemos dentro de nossos próprios padrões sociais. Que se deve estar com alguém que é certo para você aos olhos do mundo. Nem muito jovem, nem muito velho.

É a história de amantes infelizes em um cenário diferente, um espaço diferente, mas a dor, ainda é a mesma. A dor de querer o que nunca se pode ter.

É uma picada que conheço. Uma picada tão forte que começo a romper o caráter de Hérnia. Minha dor, como Sage, flui dentro do ato.

Roube a casa de seu pai amanhã à noite; E na floresta, uma légua fora da cidade, Onde te encontrei uma vez com Helena, Para celebrar uma manhã de maio – ali ficarei para ti.

Lysander planeja se encontrar comigo para fugirmos juntos. Livres para estarmos um com o outro pelo resto de nossas vidas, longe do que todos querem, longe de meu pai que precisa que eu

me case com Demétrio, o homem que me dará riqueza e status. Um homem que minha alma se recusa a amar.

Não estou mais neste palco. Ainda estou em um auditório, mas é o da minha escola. Estou lá com Rook, sendo confrontada por sua raiva depois que ele descobriu sobre mim e Easton, sobre o noivado. Está tudo igual, as facadas no peito enquanto ele me implorava para dizer que eu estava mentindo, que era algum mal-entendido. Todos esses sentimentos estão aqui e vivos, girando ao meu redor.

Exceto que é diferente. Desta vez, em vez de mentir, em vez de despedaçar seu coração em pedaços com minhas mentiras perversas, digo a verdade. Digo a ele o que sempre quis dizer - que fui forçada a um noivado para proteger minha irmã, tudo por nada.

— Meu bom Lysander! Eu te juro, pelo arco mais forte de Cupido, por sua melhor flecha com a ponta dourada, pela simplicidade das pombas de Vênus, por aquilo que une almas e faz prosperar amores, e por aquele fogo que queimou a rainha de Cartago. — Faço uma pausa, a cena tão visceral, muito real. Está me tirando o fôlego.

Balanço a cabeça, respiro fundo e continuo. — Quando a falsa Troia foi vista navegando, por todos os votos que os homens já quebraram, em número maior do que nunca as mulheres falaram. Naquele mesmo lugar você me designou. — Paro de novo, minha voz embargada — Amanhã realmente te encontrarei.

Hérnia promete encontrá-lo para que possam fugir juntos, uma promessa que eu gostaria de ter feito a Rook. Palavras que

gostaria de ter dito. Dói não poder dizer como realmente me sentia, não poder lhe contar minhas verdades quando mais importava.

Dizem que nunca se percebe verdadeiramente o quanto se importa com uma pessoa até que ela se vá.

E quando ele se foi? Levou-me com ele, mas a fumaça ficou.

Demorou, preenchendo os espaços vazios.

O eu que sempre quis ser, ele o possuía, e sei que nunca vou recuperá-lo.

Pensar nele, me colocar de volta lá, faz meus sentidos formigarem. Posso sentir o seu cheiro de novo, ou melhor, a fumaça. Eu posso sentir o cheiro de maconha, frutado e almiscarado, assaltando meu nariz.

Ouçõ um estalo repentino, um som alto e estrondoso que me tira da cena, do passado, e me joga de volta na realidade.

— Fico feliz em saber que ainda sabe mentir. — Sua voz me faz estremecer. — Desculpe, atuar.

Aperto os olhos, procurando seu rosto nos assentos, encontrando sua sombra perto do fundo, mas ele está subindo pelo corredor, aproximando-se da luz.

Meu estômago revira quando vejo o corte em seu lábio. Um que não é de Alistair ou de seu pai, mas de mim. Eu tinha feito isso com ele. Enquanto me afogava em autopiedade e raiva, descontei nele, em Silas. E Rook, ele me deixou. Deixou-me machucá-lo.

Um baseado enrolado está em seus lábios, a fumaça girando em torno de sua cabeça enquanto fica na frente do palco, olhando para mim. A forma como seu cabelo cresceu me dá vontade de

medi-lo com os dedos. Está bem atrás das orelhas, mas ainda parece selvagem.

— O que quer de nós?

Simples e direto ao ponto.

Tolice da minha parte pensar que ele estaria aqui por qualquer outro motivo que não fosse para questionar meus motivos.

— Eu já te disse. Quero ajudar a apanhar o Frank. Farei o que precisarem. Quero que ele desapareça. Assim que terminar, sairei daqui — respondo com sinceridade.

— E o quê? Só devo acreditar na sua palavra?

— Silas acreditou.

Isso o faz parar.

Depois do Gauntlet, Silas apareceu no meu dormitório para conversar. Eu me desculpei pelas coisas que disse sobre Rose. Sei que não foi sua culpa, mas precisava culpar alguém naquele momento. Tinha sido egoísta da minha parte fazer isso. Ele passou a me dizer que eu já estou envolvida, mesmo que ele não goste. Que prefere que eu os ajude do que fazer isso sozinha e ser morta. Porque, obviamente, as pessoas que enfrentamos não se importam em matar mulheres inocentes.

Ele concordou com meus termos, permitiu que eu fizesse parte dos planos futuros, mas deixou bem claro que depois que Frank morrer, eu tenho que ir embora. Ele não me quer aqui; também não me quero aqui.

E embora tenha certeza de que Thatcher e Alistair não ficaram felizes com isso, eles apoiaram sua decisão, mas não Rook.

— Silas está deixando sua culpa obscurecer seu julgamento — ele me garante. — Silas não sabe que é uma cobra na grama. Que está sempre desempenhando um papel. Ele não te conhece. Não como eu.

Eu sei que não há como consertar o que foi quebrado entre nós dois - o estrago foi feito, mas estou cansada de fingir odiá-lo, mesmo que ele realmente me despreze. Ainda estou com raiva por nunca ter conseguido mais dele, e por ter dado a ele tudo de mim, mas não o odeio. Eu nunca odiei.

Não há nenhuma maneira que poderia. Por muito tempo, pensei que odiá-lo seria mais fácil. Era uma maneira de manter seu fogo perto do meu coração. Uma maneira de evitar o luto pela sua perda, de nós. Agora, estou cansada demais para fingir. Para fingir qualquer coisa.

Não quero estar na garganta um do outro o tempo todo em que estou envolvida, especialmente considerando que ele ainda é inflexível em esconder o que éramos de seus amigos.

Suspiro pesadamente e caminho até a beira do palco, onde me sento. Minhas pernas balançam para o lado e esfrego minhas mãos para cima e para baixo em minhas coxas antes de dizer — O que precisa ouvir de mim, Rook? O que preciso dizer para que isso seja o mais indolor possível?

Ele puxa o baseado da boca, molhando a boca seca com a língua. — Nada entre nós jamais será indolor, Sage. — Seus olhos me queimam. — Mas poderia começar me dizendo com quem você falava antes de entrar aqui.

Escarneço, balançando a cabeça. — Perseguindo-me agora? — Arqueio minha sobrancelha em pergunta.

— Não, eu estava por perto. Só acho suspeito que você apareça aqui, magicamente liberada de uma ala psiquiátrica onde seu pai a internou. — Ele sopra um anel de fumaça em minha direção, inclinando a cabeça. — Agora está conversando com dois caras que se parecem muito com federais.

Penso em lhe contar, agora mesmo, mas mesmo se eu contasse, não acreditaria em mim. Acho que ele acreditaria menos nessa história do que na mentira que estou prestes a contar. Tudo que eu disser a Rook Van Doren nunca será considerado verdade.

Nunca mais.

— São amigos do meu pai. Acho que eles estão no conselho. Acabamos de nos encontrar e eles disseram olá. Está tudo bem com você? Posso cumprimentar as pessoas? Ou está apenas com ciúmes?

Eu não deveria ser tão sarcástica com ele, não quando sei por que ele está perguntando, mas não posso evitar. Não posso deixar de testar essa teoria irracional de que a sua pergunta venha de alguma forma de ciúme.

Ele morde sua bochecha, respirando profundamente pelo nariz enquanto se aproxima um pouco mais de mim. Seu corpo roça nas minhas rótulas.

— Ciúmes? Do que exatamente? De uma garota que eu costumava foder? Se fosse esse o caso, eu ficaria com ciúmes de quase todas as mulheres do campus.

Através da névoa da fumaça, vejo suas íris. Olhos de fogo do inferno.

Tão porra brilhante e sempre ardendo.

Isso torna seu comentário ainda mais irritante. Sabendo que ele olhou para outras garotas com aqueles olhos, esteve dentro delas, e mais do que isso, elas o tocaram. Isso me deixa doente.

Pensando nelas passando os dedos em sua clavícula e perguntando onde conseguiu aquela cicatriz. Eu me pergunto se ele lhes diz a verdade. Que, a certa altura, pensou que éramos almas gêmeas e tentou forçar o destino a concordar conosco. Que há um correspondente em uma garota com quem ele costumava se importar.

— Bem, se isso é tudo, então pode ir embora. Respondi sua pergunta. — Pressiono minhas mãos no chão, pronta para me levantar e pegar minhas coisas, mas ele me faz parar.

A palma da sua mão bate contra a minha coxa, os dedos enganchando no meu vestido e afundando na minha pele. Suspiro com o quão chapado ele está, seu dedo médio roçando a parte interna da minha coxa nua sob o meu vestido.

Perigosamente perto de um lugar que ele não toca há quase um ano.

— Vou embora quando eu quiser, e você vai embora quando eu mandar, certo? — Ele aperta o maxilar, colocando o baseado desbotado ao meu lado. — Vim aqui para avisar que estou de olho em você.

— Observa todas as garotas que você fodeu?

— Apenas aquelas que são uma ameaça para minha família.

Há um pulsar indescritível em meu peito. Eu o destruí com tanta força que ele realmente acredita que eu faria algo para machucar seus amigos. Quando diz família, ele está se referindo aos rapazes. Eles são a única família que ele já conheceu.

E eu sou um perigo para eles.

— Rook...

— Pyro, lembra? — Ele intervém, olhando-me de cima a baixo lentamente. — É assim que costumava me chamar quando pensava que eu era uma psicopata com problemas de mãe que te mataria.

Isso ainda pode ser verdade, penso comigo mesmo. Na verdade, isso definitivamente ainda é verdade.

— Sei melhor agora — murmuro. — Eu te conheço melhor.

Seu aperto aumenta com raiva, seu corpo se fechando no meu enquanto abre caminho entre minhas coxas. Apertam-se por instinto, meu núcleo começando a doer com o calor que ele irradia. O clarão de seu Zippo capta a luz e, em segundos, uma chama laranja quente dispara do topo.

Eu tensiono. Com Rook, nunca se sabe o que está passando pela sua cabeça, o que ele fará por capricho só porque tem vontade.

— Acha que não te mato? — Ele pergunta retoricamente, sua mão esquerda subindo pela minha coxa, empurrando o tecido do meu vestido para cima e revelando minha calcinha vermelha. O material de renda frágil é a única coisa que esconde dele meu

centro já molhado. — Acha que não te queimo viva se sentir um pingo de traição de sua parte?

— Eu...

— Não hesitarei em enterrá-la para sempre desta vez, Sage. Em um buraco tão profundo que nunca será capaz de rastejar para fora — ele continua, com todas as palavras.

Eu me afasto dele ou tento quando ele puxa o tecido lateral da minha calcinha para longe do meu corpo. Ele fica no lugar, sua mão me segurando dolorosamente imóvel. Está tão perto, seu cheiro ao meu redor. E Deus, seus olhos - estão me incinerando, nunca vacilando do meu olhar preocupado.

O que ele está fazendo? O que está fazendo comigo?

Minha mente e meu corpo estão em desacordo. Meu corpo, que não recebeu nada além de prazer dele no passado, confia nele, mas minha mente sabe o quão longe ele está disposto a ir por vingança.

— O que está...

Meu coração pula para minha garganta enquanto ele arrasta a chama abrasadora do Zippo em direção ao material, mal tocando-o com o fogo antes de se partir em dois. Sinto o calor do fogo contra a pele sensível do meu quadril. É acalmado quase instantaneamente quando ele o afasta, o ar frio ajudando na dor.

— Se você nos trair, se colocar meus amigos em risco, se os colocar em perigo, vou arruiná-la. Assim como eu deveria ter feito um ano atrás. Eu deixei você sair ilesa da última vez. Nunca mais.

Acho que ele acabou. Quero que ele termine - está me matando tê-lo tão perto. Posso saboreá-lo na minha língua e, ainda assim,

não posso tocá-lo, mas também senti falta de tê-lo tão perto. Pensei tantas noites em tê-lo tão perto.

— Eu... — engasgo quando ele move seus dedos para o outro lado do meu corpo, mergulhando um dedo entre meu corpo e minha calcinha, brincando. — Não sou a mesma pessoa que era naquela época. Eu mudei lá dentro. Foi...

Snap. Ele solta o tecido, fazendo-o estalar contra mim. Eu chupo meu lábio inferior dentro da minha boca, mordendo-o com força.

— Poupe-me da história triste. Pobre queridinha Sage trancada num hospício - supere isso. Bem-vinda ao clube do trauma. — Suas palavras quase dão um soco mais forte do que suas ações.

Ele está brincando comigo, me puxando apenas para que ele possa me deixar cair de cara no chão.

Eu sei. Sei o que ele está fazendo, mas ainda quero.

Quero tudo o que ele me dá porque isso é bom. Mesmo quando sei que acabará com ele indo embora, ainda amargo comigo.

É tão bom. Bom demais.

A maneira como sua respiração raivosa espalha em meus lábios, como seus dedos voltam para minha calcinha, roçando minha carne apenas o suficiente para me deixar toda quente e ofegante.

Ele pode pensar que não me conhece, que menti, mas Rook, conhecia meu corpo. Essa é a única coisa que nunca poderia mentir para ele, mesmo que quisesse, mas também não sou a

garota que se deitaria e aceitaria. Quando se trata dele, minha luta sempre sai para brincar com seus demônios.

— Não tem ideia do que passei dentro daquele lugar, Van Doren. Não aja como se eu fosse fácil. Enquanto você estava fora, livre, tentando foder para me tirar sua memória.

Aquele Zippo se aproxima perigosamente perto da minha pele, tão perto que a queimadura começa a doer. Ele pressiona o rosto na minha testa agressivamente, rolando a língua entre os dentes.

— Agora, quem está com ciúmes?

Sinto o tecido da minha calcinha ceder, e agora ambos os lados estão flácidos no palco. Meu núcleo está nu e muito perto de seu corpo. Estremeço quando o ar roça meu clitóris extremamente sensível.

— Chorou quando estava lá? — Ele pergunta. — Foi assustador para você, TG? Cercada por todas aquelas pessoas malucas, presa em algum lugar ao qual não pertencia? Foi horrível?

Agora ele está me tratando com condescendência. Sendo um idiota condescendente.

Cerro os dentes, levantando um pouco a cabeça, escovando o nariz dele com o meu.

— Aposto que queria sair. Implorou para escapar e quando não conseguiu. Ficava deitada dentro daquelas quatro paredes brancas, olhando para o teto, fantasiando sobre todas as vezes que eu enfiei dezenove centímetros na sua boceta, não é?

Seu corpo se move, fazendo contato com meu centro, e tento abafar o gemido, mas não funciona muito bem. Um pequeno

gemido sai de meus lábios, meus quadris se contorcendo, buscando mais fricção dele, precisando de alguma forma de liberação.

— Sim, eu sei que sim. Aposto que até enfiou esses dedos entre suas coxas pálidas e se forçou a gozar pensando na minha língua em sua boceta.

A maneira como ele fala é tão vulgar, mas vindo de sua boca soa como música. Acariciando todo o meu corpo, envolvendo-me com paixão, Rook é um afrodisíaco. De seu olhar duro a seu cheiro fumegante, ele é inebriante.

Sexo ambulante.

Olha-se para ele, e ele não precisa dizer isso, mas se sabe que ele sabe exatamente como te foder. Como chegar a esse ponto ninguém mais pode. Tento levantar meus quadris para me aproximar mais, mas é então que ele escolhe recuar, afastando-se completamente de mim, deixando-me sentindo oca novamente. Ele pega o baseado ao meu lado, reacendendo antes de colocar o Zippo no bolso.

— Bom — ele diz enquanto inala, — Estou feliz que se lembra. Fico feliz que tenha pensado nisso, porque é tudo o que você conseguirá de mim, Sage.

Liberando a fumaça de seus pulmões, ele me encara fixamente, recuando pelo corredor.

— Recordações.

Não é até que ele saia pelas portas que respiro novamente.

E também percebo que minha calcinha rasgada?

● Não está em lugar nenhum.

VINTE E TRÊS



A ESPINHA DO DIABO

Roof

— Vamos, Silas, atenda.

O tom de discagem continua até que eu obtenha o mesmo resultado - uma mensagem de correio de voz me dizendo que sua caixa de entrada está muito cheia.

— Droga.

Olho para as várias mensagens de texto que enviei e que ainda não foram respondidas. O pavor ferve dentro de mim.

Quando saí da aula e fui ao nosso dormitório para descobrir que ele havia sumido, sabia que algo estava errado. Algo não estava certo e, embora para algumas pessoas seja normal seus amigos se tornarem fantasma de vez em quando, ele sempre me avisa para onde vai.

Ele sabe o que faz comigo quando não sei. Quando fico com minha própria cabeça por muito tempo.

Nem Alistair nem Thatcher tiveram notícias dele durante todo o dia, e com o aniversário da morte de Rosemary a apenas alguns

dias, estou convencido de que ele está fazendo algo que não deveria. Algo que pode não se arrepender, mas seria o meu fim.

E talvez isso me torne um amigo egoísta, sabendo que ele quer morrer, mas não deixando. Eu só... não posso fazer isso.

Não posso deixá-lo ir assim.

Ponho meu chapéu para trás, enfiando o capacete embaixo do braço enquanto corro em direção à minha moto. Percebo imediatamente que há duas pessoas paradas perto dela, inspecionando-a, e não deveriam estar. Odeio quando as pessoas tocam na minha motocicleta.

— Posso ajudar, porra? — Eu digo, irritado com o mundo.

Preocupado com Silas. Irritado com Sage.

Esses idiotas pegarão o fim da minha frustração.

Ambos se viram para mim. Um é nitidamente mais velho que o outro, exibindo um estoque de material cinza e um terno cinza sem graça que não lhe cai bem. Salários do governo - são uma merda.

Ele parece endurecido, como se não estivesse muito interessado na atitude que pretendo dar a ele. O que, claro, me faz querer aumentar a aposta.

O outro parece ter a idade do meu pai, talvez um pouco mais novo, com uma arma na cintura. Um garoto de fraternidade adulto com uma arma - que charme. Embora, eu teria mais medo de uma criança faminta do que dele.

— Apenas admirando suas rodas — diz o mais novo. — Sou o detetive McKay e este é meu parceiro, o detetive Breck.

Ele enfia a mão na jaqueta, recuperando um distintivo chamativo, “FBI” escrito em letras grandes no topo.

Pode haver uma infinidade de razões pelas quais estão aqui me esperando. Eu fiz muitas coisas ilegais nos últimos anos, mas se eu tiver que adivinhar, é porque Easton não manteve a boca fechada.

Depois que queimei o lado de sua bochecha, ele chorou e gritou sobre contar a seu pai. Como todos nós apodreceríamos na prisão, mas Alistair o informou que se ele contasse a alguém, toda a cidade descobriria que a mãe de Easton ainda visita o pai de Alistair.

Um segredo da família Sinclair que não tinham ideia de que sabíamos, e se isso vazasse? Arruinaria a reputação do reitor para sempre. Eles não poderiam ter um homem que mal controlava sua esposa no comando das grandes mentes do futuro, poderiam?

Ele perderia sua posição. O dinheiro. O seu nome. Tudo derreteria como a carne de Easton, e isso era a última coisa que ele queria, mas, aparentemente, não foi o suficiente para assustá-lo.

— Então um distintivo significa que pode revistar minha propriedade sem um mandado? — Arqueio minha sobrancelha.

Ter um advogado como pai tem suas vantagens. Eu seria o primeiro a admitir isso. Essas regalias valeram o que aconteceu a portas fechadas com meu velho? Absolutamente não.

— Não sabia que estudava Direito, seguindo os passos do velho?

Meu maxilar estala quando olho para McKay com cuidado. Isso foi uma brincadeira? Não é como se ele soubesse sobre meu relacionamento com meu pai, mas o jeito que está me olhando me diz que foi mais do que um comentário aleatório. Não estou com disposição para bancar essa besteira de policial bom/policial mau. Não tenho tempo para isso. Se vão me prender, precisam fazer isso.

— Se tem algo a me perguntar, sugiro que pergunte.

— Gosta de fogo, Rook? — O cara mais velho, o detetive Breck, se dirige a mim pela primeira vez. Posso sentir seus olhos queimando em meu crânio, depois volto minha atenção para ele. Encontro seu olhar, imóvel, dando a ele o que quer, um desafio.

Se ele pensa que me intimida, pode pensar de novo.

Arqueio minha sobrancelha, rolando o fósforo em minha boca para o lado esquerdo. — O fogo é uma das descobertas que mais mudam vidas. Reconheço quando algo precisa de uma certa... apreciação.

— Acho que você faz um pouco mais do que apreciá-lo. — Ele enfia a mão no interior de seu terno, tirando um pequeno saquinho *Ziplock*. — Quer me dizer por que encontramos isso na igreja de São Gabriel?

Olho para o conteúdo, contendo o que costumava ser meu Zippo favorito. O fogo transformara o metal brilhante em uma mancha de carvão. A roda derreteu completamente e a parte superior está solta, mas ainda posso ver vagamente *RVD* esculpido na frente.

— Então foi aí que foi parar — digo sarcasticamente. — Quero dizer, eu frequento regularmente aquele lugar desde que era criança. Deve ter caído do meu bolso.

Encaro a gravura um pouco mais. RVD.

Faria qualquer coisa para ouvir Rose me chamar assim de novo. Mesmo que fosse apenas uma vez.

Eu queimei aquela igreja depois da morte dela. Após seu funeral, onde foi realizado. Onde se recusaram a cumprir os desejos de Rosie. Ela nunca quis ser enterrada; queria ser cremada e entregue às pessoas que a amavam, mas seus pais foram convencidos por São Gabriel de que era um pecado eterno. Então seu pai hipócrita de merda, que tinha sido a razão pela qual ela morreu, enterrou-a no chão. Todas aquelas pessoas amontoadas dentro da catedral, segurando lenços, chorando lágrimas falsas. Eles nem mesmo a conheciam. Nem gostavam dela.

Todas aquelas pessoas dentro daquela igreja não tinham ideia do quão especial Rosie era porque metade delas não tinha falado uma palavra com ela. No entanto, seus amigos, aqueles que conheciam seus medos e sonhos, não foram autorizados a entrar. Fomos banidos de seu funeral, de seu enterro. O homem que a amava mais que a vida não foi capaz de dizer adeus.

Meu polegar estremece.

Aquela dor, aquela amargura, começa a me encher de novo, e se tivesse a chance, incendiaria aquele lugar novamente. Eu só queria que todos tivessem pegado fogo com isso.

Sinto meus dedos dos pés se curvando. Sinto o cheiro do tecido derretendo. Observando como a fundação se desfez peça por peça sob o calor do fogo. Eu me senti como uma criança parada na frente de uma fogueira, deixando-a me aquecer. Cada memória que tinha da Rose dançava na fumaça como um holograma. E quando a fumaça se dissipou, ela também. Quando o fogo atingiu o Peak, joguei o isqueiro junto, porque não queria outro lembrete de que nunca mais ouviria — RVD.

— Então você simplesmente deixou cair? Não teria nada a ver com o incêndio que aconteceu lá há um ano?

— O FBI está investigando incêndios agora?

Então eles não estão aqui por causa de Easton, mas duvido muito que estejam aqui apenas para falar comigo sobre um incêndio. Estão me provocando.

— A maioria das pessoas como você teria usado gasolina. — Breck escolhe suas palavras com cuidado. Tudo o que ele diz é metódico, e estou hiperconsciente de que ele quer me irritar.

Ele quer que eu seja impulsivo, me pressione além do ponto de me importar. Porque, por mais que odeie, os piromaníacos são previsíveis em sua imprevisibilidade.

— Pessoas como eu? — Mordo a isca, como um peixe no anzol, dando a ele o que quer de mim.

— Menininhos com problemas de mãe que acham que o mundo é o culpado por todos os seus problemas e lidam com isso ateando fogo. Quantos anos tinha quando sua mãe morreu? Seis ou sete? Os impulsos começaram antes ou depois?

Há algo que respeito em um homem disposto a falar como se sente sem medo de repercussão. Eu sorrio, gostando do jeito que ele fica parado pensando que me entendeu.

Meu fascínio pelo fogo é algo que sempre tive - sempre muito perto da lareira, brincando com fósforos. Nasci com esse desejo; a morte de minha mãe foi apenas a confirmação disso, mas o que ele não leva em consideração é que não há ninguém que faça piromania como eu.

— Uau, inventou isso sozinho?

Breck me repreende com os olhos, provavelmente irritado com minha falta de reação, com minha atitude.

— Incendiário é três anos de prisão, espertinho, sabia disso?

Suspiro, pegando meu capacete debaixo do meu ombro e colocando-o na minha cabeça. Aproximo-me da minha motocicleta, na direção deles. Quanto mais fico aqui mexendo com eles, mais tempo Silas fica sozinho.

— Ainda bem que não fiz nada, então.

— Escuta. — McKay põe a mão no meu ombro enquanto passo a perna por cima da motocicleta, sentando-me escarranchado no assento. — Não nos importamos se fez isso ou não. Não queremos você. É um bom garoto com um futuro brilhante, nota máxima em seu primeiro semestre. É uma coisa difícil de fazer em Hollow Heights.

Olho para a sua mão, rolando minha língua no interior da minha bochecha enquanto olho de volta para ele.

— Não nos importamos com você. Queremos saber sobre Thatcher Pierson.

O fósforo em minha boca se parte em dois, o ranger abrupto de minha mandíbula força demais o galho fraco.

Thatcher?

Se eles quiserem vir atrás de mim, tudo bem. Aguento esse tipo de pressão, especialmente quando sei que eles não têm uma perna para se sustentar, mas vir atrás deles não vai acontecer.

Eu assumiria a culpa por tudo antes que algo acontecesse com qualquer um deles.

— Não somos todos — digo, encolhendo a mão do meu corpo.
— Que tal agora. Você e seu velho parceiro vão para o inferno, certo?

Viro a chave da minha moto, mas ela funciona apenas por alguns segundos antes de Breck se inclinar e apertar o botão, fazendo minha mandíbula apertar.

— Corta essa merda, filho da puta. Quer ir para a prisão por incêndio criminoso, estou bem com isso. Estamos lhe dando uma saída aqui. Uma testemunha se apresentou, dizendo que Thatcher estava envolvido no assassinato de Greg West, e tudo o que queremos saber é se há alguma verdade nisso.

Uma testemunha? Por um crime que cometido no meio do nada?

Merda do caralho.

Se isso fosse verdade, eles teriam visto todos nós lá. Não quereriam apenas saber sobre Thatch. O que me leva a acreditar que estão jogando um jogo de adivinhação.

Encontraram um corpo todo esquartejado e foram com o rapaz cujo pai era conhecido pelos mesmos crimes, tentando ver se a maçã caía perto da árvore.

Espere. Espere um minuto. A compreensão me atinge como um ônibus.

Levei mais tempo do que gostaria, mas conheço esses dois. São os mesmos homens com quem vi Sage conversando fora do teatro outro dia.

Testemunha? Quer dizer um maldito sujo e fodido. Uma vez mentiroso, sempre mentiroso.

— Quer a verdade? — Ofereço, balançando a cabeça. — Se você tocar em mim ou na minha moto de novo, quebrarei a porra das suas mãos. Não tem nada contra mim ou qualquer outra pessoa. Você me pegou em incêndio criminoso, então aqui. — Estendo minhas mãos. — Prenda-me.

Pode-se ouvir um alfinete cair enquanto ambos ficam parados me olhando, duros como estátuas conforme tentam descobrir outra maneira de me fazer falar.

— Foi o que pensei. Acabei por aqui. Da próxima vez que quiser conversar, fale com meu advogado.

Viro a chave, acelerando o motor ruidosamente e puxando meu pulso para trás para aquecer o motor antes de sair do estacionamento, deixando-os para trás.

Minha mente está acelerada, a raiva pulsando em minhas veias. Sabia que não deveríamos ter confiado nela. Sabia que não parecia certo, que ela estava mentindo. Tentei convencer Silas a não deixá-la fazer parte de nada, mas ele insistiu.

Aperto o acelerador com força quando saio dos portões de Hollow Heights.

Preciso ter certeza de que Silas está bem agora, que ele está bem.

E depois lido com a Sage.



Não acredito em Céu ou Inferno.

O que é uma revelação estranha para o cara que todos acreditam ser produto da adoração a Satanás.

Acredito que quando morremos, morremos. É isso.

Deixamos de existir e começamos a decompor até não passarmos de outro pedaço da Terra.

Não há condenação eterna ou portas celestiais. Apenas escuridão.

É nisso que acredito. No entanto, minha mãe não achava isso.

Ela me arrastava ao Graveyard todo feriado, aniversário, para prestar homenagem aos avós que nem conhecia. Porque ela

acreditava que visitar os túmulos era uma forma de avisar os mortos que não os havíamos esquecido na terra dos vivos.

Ao obrigar-me a ir, era a sua forma de transmitir a memória deles, na esperança de que um dia eu fizesse o mesmo com os meus filhos, para que, embora já tivessem partido há muito tempo, a sua memória continuasse a respirar.

Ela ficaria triste em saber que não visito mais meus avós. Parei quando ela morreu, mas eu a visito, e visito Rosie.

Minha mãe foi enterrada no Graveyard da família de meu pai, mas Rose foi enterrada no Graveyard local de Ponderosa Springs. Onde deixam todos os corpos desta cidade para se decompor. Está tudo úmido.

O chão é denso sob meus sapatos, e o ar parece úmido quando inspiro, toda a névoa que parece grudar em minhas roupas deixando resíduos de água. A névoa rola com as colinas, entrando e saindo das sepulturas esquecidas como um cobertor de lã.

Os visitantes são escassos durante esta hora do dia, pouco antes do anoitecer, quando o sol está começando a se pôr. Pessoalmente, acho que é a melhor época para ir. É quase como se a terra dos vivos estivesse recuando e os que estavam longe estivessem acordando.

Silas está de costas para mim, apoiado em sua lápide, um buquê de peônias no chão ao seu lado.

A preocupação sai dos meus ombros porque sei que ele está respirando. Está vivo, mas a dor não passa porque sei que está sofrendo.

— Há dias que está aqui — eu o ouço sussurrar, sua voz embargada de tristeza. — Posso sentir você, sentir seu cheiro no ar. Ouço sua risada em meus ouvidos e me viro esperando que esteja lá, mas não está. Não do jeito que eu quero que esteja. Às vezes, à noite, te vejo e conversamos, mas sei que não é você de verdade. É a minha mente pregando peças.

Engulo nervosamente, sabendo que não é hora de interrogá-lo sobre sua medicação, mas não deixarei esta doença levá-lo. Não quando sei que com o tratamento certo ele pode viver uma vida longa.

— Eles gostam de me ver sofrer. Por isso, me mandam visões suas. Alimentam-se da minha dor, baby. E ficam mais fortes a cada dia que estou aqui sem você. Estão tentando sair. — Ele pressiona as mãos nos lados da cabeça. — E eu não sei mais como pará-los. Então, preciso que volte, está bem? Por favor, só preciso que volte. Baby, preciso que me salve.

Sua cabeça cai e seus ombros tremem, vibrando com o peso de sua tristeza.

É então que me aproximo dele, caindo no chão molhado e deixando-o encharcar meu jeans. Ele não precisa olhar para cima para saber que estou aqui. Ele sente minha presença.

Olho para sua lápide, meus olhos ardendo de emoção.

Rosemary Paige Donahue

Amada filha, irmã e amiga.

Foi limpa recentemente, o mármore branco brilhante em comparação com os marcadores mais erodidos pelo tempo. Um

pequeno vislumbre de quanta luz ela colocou no mundo quando estava nele.

Como foi um ano sem ela?

Acho que enchemos nossas vidas com tanto caos para evitar a dor de sua perda, e hoje fomos forçados a parar, para refletir sobre a pessoa que perdemos.

Agora, sou compelido a retirar as bandagens que coloquei sobre aquela ferida emocional, apenas para encontrá-la ainda crua e desagradável. Não há cura, apenas um corte sujo em minha alma. É difícil pensar em outra coisa que não seja a dor. Não consigo pensar em Frank ou Sage, apenas nessa sensação melancólica que me sufoca.

A morte é inevitável, e sempre soube disso. É um rito de passagem, mas pensamos que isso acontecerá quando for mais velho. A morte quando se é tão jovem, não passa de uma tragédia doentia. É uma forma totalmente diferente de luto.

Silas levanta a cabeça, olhando para o céu, e vejo as lágrimas em seu rosto.

— Rose, volte! — Ele grita um grito que faz arrepios subirem na minha pele. É o seu coração implorando por ela. Suplicando por ela. — Por que não me levou com você? — Ele grita. — Eu teria ido com você.

Coloco meu braço em volta de seu ombro, puxando-o para junto de mim e envolvendo-o em meus braços. Sinto seu corpo tremendo com os gritos, os gritos que ricocheteiam em meu corpo repetidamente. E eu absorvo cada um deles.

É tudo que posso fazer. Tudo o que posso fazer é segurá-lo enquanto ele fica ali sentado, revivendo o pesadelo de um ano atrás. Um do qual todos ainda estamos esperando para acordar.

Lembro-me da agonia que senti quando ajudei Alistair a puxá-lo para longe de seu corpo, observando-o carregá-la uma última vez para a ambulância.

Como depois só piorou. *Muito* pior, porra.

Sentei-me do lado de fora de sua porta, sentindo-me inútil, apenas ouvindo desesperadamente o som de sua respiração. Qualquer coisa que me dissesse que ele estava vivo. Eu não aguentava mais. Estava lá fora esperando que ele morresse.

Quando arrombei a porta, estilhaçando as dobradiças, encontrei-o deitado de costas. Nada em seu quarto havia sido tocado; ele apenas entrou e se deitou no chão. Era lá que estava, no chão com uma das jaquetas dela enrolada no peito. Ele nem havia trocado as roupas que usava quando a encontramos.

E estava apenas resmungando, sobre tudo e qualquer coisa. Murmurando para si mesmo, como se estivesse conversando com sua própria mente.

Eu o forcei a entrar no chuveiro. Obriguei-o a comer e enfiei os remédios em sua garganta. Fiz isso por semanas, até que ele conseguiu fazer sozinho novamente. Faria de novo, faria tudo de novo por ele porque também não vou perdê-lo.

Ficarei com ele. Ficarei com todos os meninos. Perdi muitas pessoas com quem me importava e não perderei mais.

— Há quanto tempo está aqui? — Pergunto, falando pela primeira vez quando seus ombros param de tremer.

— Desde que saiu para a aula. Eu queria ver o nascer do sol com ela, mas me atrasei. — Ele engole. — Sempre chego tarde demais, porra.

— Silas, sabe que eu nunca mentiria para você, por isso não direi que fica mais fácil a partir daqui, mas sei que com o tempo, você se curará. Não será tão nítido como agora.

— Acho que pode ser pior. — Ele levanta a cabeça, olhando para mim. — O tempo não cura. Isso te ajuda a esquecer, e ela não merece ser esquecida. Daqui a dez anos, me lembrarei de como ela cheirava? Ou como parecia quando sorria? Não. Ela se tornará uma lembrança, e ela era mais que uma lembrança, Rook.

O luto é isso. É uma faca de dois gumes.

— Eu sei que ela era. E sempre será mais para nós. Vamos superar isso, juntos. Sempre superamos.

O silêncio passa, uma brisa sopra ao nosso redor, e observo uma das pétalas das peônias ser apanhada pelo vento.

Flutua no ar, fluindo com a corrente.

Livre e com asas.

E acho que essa é a maneira de Rosie nos dizer que vamos superar isso e que ela está bem.

VINTE E QUATRO



A FACA DE DOIS GUMES

Gage

Cada dia do ano é um dia ruim para alguém.

Vinte e quatro de junho pode ser seu aniversário, o melhor dia da sua vida e, em algum lugar do mundo, alguém está sendo assassinado.

Dez de outubro pode ser o dia em que se casou ou ficou noivo. Um dia que não poderia sonhar melhor. No entanto, três casas abaixo, há uma garotinha que perdeu os pais em um acidente de carro.

Seu melhor dia sempre será igual ao pior de alguém.

Nunca tinha pensado nisso antes. Não acho que muitas pessoas pensam até que experimentem por si mesmas.

Vinte e nove de abril passou de um dia normal, geralmente ensolarado, passado principalmente na escola, um dia que passaria voando e seguiria em frente sem pensar duas vezes, para ser um dia que nunca esquecerei.

Hoje, a divisão em minha alma dói um pouco mais. Os nervos que foram cortados latejam por conexão. Meu cérebro me lembra com um pouco mais de persistência que a pessoa com quem vim a este mundo se foi.

Fui ao seu túmulo hoje de manhã e vi que já havia deixado peônias, sua flor preferida, mas resolvi deixar também as que comprei. Ela merece todas as flores. Queria sentar, ficar e conversar. Para atualizá-la sobre minha vida, mas tudo parecia tão negativo e não queria sobrecarregá-la com isso. Que bobo. Não queria sobrecarregar uma lápide com meus problemas.

Queria ficar ali, fechar os olhos e sentir como se estivéssemos debaixo das cobertas da sua cama. Conversando sobre nossas vidas, rindo, sonhando com nosso futuro. Queria sentir aquela conexão que tive quando ela estava viva, mas simplesmente não conseguia. Não podia senti-la lá.

Era apenas uma lápide com o seu nome. Não havia Rose.

Pensei, talvez eu esteja quebrada? Deveríamos sentir algo no Graveyard, certo? Então, se eu não podia senti-la ali, para onde eu iria? Nunca mais sentiria aquele vínculo?

Foi assim que me senti hoje. Constantemente procurando por ela e sabendo que nunca iria encontrá-la.

Empurro a porta do meu dormitório, grata por minha colega de quarto estar na aula. Isso significa que poderei me enrolar na minha cama e chorar sem ninguém fazer perguntas. Tirando meus sapatos descuidadamente, ando para minha cama e rastejo sob meus cobertores. Viro meu corpo em direção à parede e solto uma respiração trêmula que não percebi que segurava. As lágrimas

caem lentamente, pingando nos lençóis brancos. Sou um amontoado de emoções diferentes, todas girando dentro de mim como uma criança pintando com os dedos.

Culpa. Tristeza. Raiva, mas a que mais me afetou foi indignidade.

Fui uma gêmea de merda. Era a única com a bagagem, a que estava cansada e mesquinha. Eu não merecia a vida, e Rose merecia. Ela teria feito muito mais com seu futuro do que eu. Seus sonhos eram mais brilhantes, mais realizáveis do que os meus.

O mundo parou quando ela morreu. E se fosse eu, teria continuado a girar. Deveria ter sido eu.

Foi o que gritei para meu pai depois que assisti aquele vídeo. Quando o vi escolher Rosemary tão facilmente em vez de mim. Deveria ter sido eu.

E porque ele escolheu errado, decidi que ele não conseguiria manter seu vale-refeição. Ele a tirou de mim, então eu tiraria o dinheiro dele. Originalmente, planejei matá-lo depois de vê-lo, mas queria que ele sofresse. Queria que ele conhecesse essa dor, que vivesse seus dias falido, faminto e vazio.

Por isso, o confrontei em nossa sala de estar e fiz o que me mandou embora. Era conveniente para ele, a desculpa perfeita para me trancar e me manter quieta, mas não esperava viver. Li que se fizesse de uma certa maneira, não haveria como sobreviver.

As cicatrizes verticais em ambos os meus pulsos pulsavam.

Aparentemente, não tinha feito o suficiente porque os médicos conseguiram me suturar pouco antes de me mandarem amarrada

a uma maca. Queria morrer porque Rose não estava aqui, porque parecia injusto não estarmos aqui juntas, porque meu pai não tinha o direito de escolher algo assim.

Agora, fico com essas cicatrizes como um lembrete de que nem consegui morrer corretamente. Passei muito tempo na ala psiquiátrica planejando sair e pagar meu pai pelo que ele havia feito, inventando maneiras de destruí-lo, porque percebi que ele faria qualquer coisa por dinheiro.

Mesmo que eu tivesse conseguido me matar, ele ainda teria continuado a fazer coisas horríveis para ficar no topo da cadeia alimentar de Ponderosa Springs. A única maneira de detê-lo era matá-lo, e mal podia esperar por esse dia.

Um soluço irrompe do meu peito, saindo de mim como veneno. Queima e rasga minha garganta conforme aumenta. Coloco minha mão sobre minha boca, tremendo enquanto choro, e as lágrimas vazam um pouco mais rápido. Essa dura realidade que nunca quis aceitar bateu como um trem hoje.

É essa percepção de que se é mais velha que sua irmã gêmea. Essa facada monumental no estômago porque já se passaram 365 dias sem ela. É um aniversário, um Natal, todas essas memórias que nunca conseguiu criar. Outro lembrete de que quando ela morreu, eu também morri. Aconteceu de eu continuar existindo.

— Sage?

Viro-me na minha cama, olhando para a porta. Lyra e Briar estão de pé no arco, segurando um saco de doces e filmes nas mãos.

— Disse que gostava de *Sixteen Candles*, certo? Não conseguimos lembrar se você disse Skittles azeda ou normal, por isso pegamos os dois — diz Lyra, balançando a sacola no ar.

— Como entrou aqui?

Briar tira um grampo do bolso. — Essas fechaduras são fáceis e...

Enfiando a mão na frente de sua camisa xadrez, ela puxa um baseado. — Peguei isso de Rook outro dia.

Mesmo que realmente não queira, eu sorrio um pouco.

— A ladrazinha está começando a fazer sentido agora — digo a ela.

Ela dá de ombros. — Meu roubo começou a se tornar bastante útil por aqui.

Passo a mão embaixo do nariz, limpando o ranho e as lágrimas que caíram ali. Ambas parecem tão esperançosas, vindo aqui com a intenção de me animar, ou pelo menos me dar uma folga da tristeza.

Elas sabem o que hoje é.

— Obrigada, pessoal, mas não estou com humor. Achei que todas estariam com os rapazes.

— Eles passarão o fim de semana na cabana dos pais de Silas em Portland. Precisavam de um tempo, precisavam de um espaço para estar em algum lugar com Silas. E nós pensamos... — Briar olha para Lyra em busca de ajuda.

— Pensamos que poderíamos fazer o mesmo por você — ela termina por ela.

— Eu só... — murmuro, tentando não chorar mais, odiando essa sensação de ser muito vulnerável. — Só acho que preciso ficar sozinha hoje. Não há muito que acho que vai melhorar isso, não hoje.

Acho que é por isso que gosto de atuar. Estando no palco, posso liberar minhas emoções livremente através de um personagem, e ninguém questiona isso porque acha que faz parte do roteiro. Posso ser vulnerável, suave, gentil. Não essa pessoa constantemente sarcástica e amarga.

— Sabemos que não podemos melhorar. Essa não é a questão. — Lyra avança para dentro do meu quarto. — É sobre não deixá-la ficar triste, sozinha. Sobre torná-la mais suportável. Não sei como é perder uma irmã gêmea, mas perdi minha mãe.

Olho para ela, para a compreensão em seus olhos. Não pena ou simpatia, mas um conhecimento mútuo de dor semelhante.

— Ninguém pode trazê-las de volta. Não importa o quanto queremos, mas não precisa sentir isso sozinha. Não precisamos falar sobre ela, ou podemos. Faremos o que quiser hoje, mesmo que queira apenas que nos sentemos aqui com você em silêncio. Passei pela morte de minha mãe sozinha, sem ninguém para me apoiar, e me recuso a deixá-la fazer isso consigo mesma. Não quando você nos tem aqui.

Amizade. Sempre foi um conceito estranho para alguém como eu.

Uma garota que foi ensinada que os relacionamentos que mantemos perto de nós são apenas para nos empurrar ainda mais na vida. Nunca é sobre a conexão real. Sempre fui apenas um peão na vida das pessoas, usado para o que eu pudesse trazer.

Ninguém nunca esteve comigo porque eu era Sage.

Ninguém nunca foi meu amigo porque eu era Sage.

Estavam envolvidos comigo pelo meu status, pelo meu nome, pelo meu dinheiro. E aqui estou eu, sem nenhuma dessas coisas, e essas duas garotas estão escolhendo ser minhas amigas de qualquer maneira. Apesar do que estar perto de mim fará com que as pessoas digam sobre elas.

Alguém está me escolhendo por mim. Elas me veem da mesma forma que Rosemary sempre me viu - como a garota que era mais do que sua reputação.

— Disse que trouxe *Sixteen Candles*? — Pergunto gentilmente.

Briar sorri. — E *Can't Buy Me Love*!³⁴

Decidimos que seria melhor irmos para o quarto delas, considerando que minha colega de quarto poderia entrar a qualquer momento e tentar nos expulsar, mas faço algo que nunca faço - deixo-as entrar.

Deixo-as estar lá para mim a sua própria maneira.

Juntas, movemos as camas de Briar e Lyra juntas, mudamos a TV para o meio do quarto e abrimos uma janela. Todos nós nos

³⁴-Telenovela filipina de 2023.

amontoamos nos colchões, ligamos o primeiro filme e acendemos o baseado roubado de Rook.

Não fumo desde a última vez que saí com Rook, há mais de um ano. Os efeitos da erva me atingiram fortemente. Como mais comida do que em meses, e Deus, eu rio.

Uma gargalhada de verdade que não sentia desde muito pequena.

A gente ri porque Lyra é aquela pessoa filosófica quando está chapada. Fala sobre insetos, é claro, sobre como suas vidas afetam nosso dia-a-dia, que se transforma na criação da vida humana e da religião. Descubro muito sobre as duas nesses momentos.

A maneira como elas veem o mundo, como se sentem sobre certos assuntos, suas paixões.

É estranho ter um dia como este. Como em meio a toda essa escuridão e caos, somos capazes de criar algo bom e leve. Há momentos em que a culpa me ataca, tentando mostrar sua feia cabeça.

Como eu poderia aproveitar este dia? Quando sabe tudo o que representa?

Tento, porém, pensar em Rosemary, em como ela não gostaria que eu ficasse deprimida sozinha em meu quarto. Penso no que ela queria para mim na vida, que gostaria que eu fosse feliz mesmo que fosse sem ela. Penso em como me sentiria se os papéis fossem invertidos.

Não gostaria que ela sofresse. Gostaria que ela experimentasse alegria, riso, amor, mesmo no dia em que eu morresse.

— Então escute — Briar anuncia, rolando de bruços e colocando um pedaço de chocolate na boca. — Não precisa me dizer, mas realmente preciso saber. O que há com você e Van Doren?

Estou chapada, e a última pessoa no mundo em quem quero pensar agora é ele.

Engulo um bocado de Skittles que tenho, olhando para ela com indiferença. — O que quer dizer?

Ela levanta ambas as sobrancelhas para mim. — Eu nasci à noite, mas não ontem à noite, Sage.

— Aquela pequena conversa estimulante que ele deu a você no banco de trás depois do Gauntlet parecia bastante acalorada pelo que poderia dizer — Lyra acrescenta, girando o caule de sua cereja no ar.

— Ele estava apenas... — Faço uma pausa. — Estava apenas me afastando de Silas. Eu disse algumas coisas fodidas para ele. Se não fosse Rook, teria sido Alistair ou Thatcher.

Não quero mentir para elas sobre ele, mas o que diria a elas? Não tenho palavras para descrever o que Rook e eu éramos. Nunca falei sobre nós em voz alta para ninguém e nem saberia como começar.

Elas se olham por um momento antes de Briar falar.

— Ele olha para você como se estivesse com dor física. Não acho que ele percebe que faz isso, mas dói olhar para você.

Tenho certeza que para ela, parece dor. Como dor retorcida.

A certa altura, ele olhou para mim com saudade e necessidade, com desejo e paixão, mas agora é só ódio.

— Não é dor — digo. — É nojo. Rook me odeia, e essa é a única emoção que ele sente por mim agora.

— Agora? Então houve um antes?

Solto um suspiro, passando ambas as mãos pelo meu cabelo e deixando-as embalar meu pescoço enquanto olho para a cama. Poderia dizer a elas, certo? Elas não dirão nada. Quero dizer, a única pessoa que estou protegendo neste momento é Rook.

Defendendo o diabo.

Mesmo depois de toda a merda que ele disse, ainda estou protegendo-o, mantendo nosso segredo para que seus amigos não se sintam traídos por ele ter escondido a verdade deles. Ele me deu tanta merda sobre mentir, e agora, há apenas um de nós que está mentindo.

E não sou eu. Não mais.

— No ano passado, antes de Rosie morrer, Rook e eu, nós... — Nós o quê? Fodemos? Caímos em algum tipo de amor tóxico infundido com maconha? — Brincamos por alguns meses. Era para ser apenas uma pequena aventura secreta. Nem era para ser isso. Ele seria apenas uma noite de liberdade que ninguém sabia. Não esperava que isso se tornasse o que foi. Não esperava...

— Apaixonar-se? — Lyra intervém, suas pupilas escuras e dilatadas.

Foi amor? Acho que foi o mais perto que cheguei disso. Sei que quando as coisas ficam escuras dentro da minha cabeça, revivo o

tempo que passamos juntos. Penso em todas as coisas que nunca conseguimos fazer e em como seria minha vida se eu tivesse ficado com ele.

Dou de ombros. — Nem tenho certeza se foi isso. Só sabia que no final, eu queria estar com ele. Queria mais, e não tinha permissão para tê-lo. Na época, namorava Easton ou, devo dizer, noiva de Easton.

— Desculpe. Você disse sim para uma vida com Easton Sinclair? — Briar olha para mim, visivelmente se encolhendo, me fazendo rir um pouco.

— Não de bom grado. Seu pai armou tudo, e minha família concordou para que Stephen Sinclair continuasse pagando nossas contas e financiando meu pai. Eu ia embora depois da formatura. Não continuaria com isso. Tinha planejado contar tudo a Rook e partir com ele, mas...

Seu rosto pisca na minha cabeça, sua voz, o cheiro dela. Era tudo tão real.

— Mas Easton descobriu e ameaçou levar Rose em meu lugar. Disse-me que eu tinha que terminar com Rook, ou ele arruinaria Rosie. Tinha uma escolha a fazer e não podia deixar que nada acontecesse com minha irmã. Não quando o futuro dela era muito mais brilhante que o meu. Ela não teria sobrevivido se tivesse que viver uma vida assim. Acabei com Rook para salvar Rose e, no final, perdi os dois.

Ambas ficam sentadas com diferentes versões de choque. Esse peso saiu do meu peito com as palavras, ao dizê-las em voz alta.

Briar é a primeira a dizer algo. — E ele ainda não sabe a verdade?

Eu balanço minha cabeça.

— Tem que dizer alguma coisa, Sage. Está apenas deixando que ele odeie você!

Vale a pena neste momento? Depois de tudo que eu disse, tudo que aconteceu, valeria a pena?

Duvido que ele acreditasse em mim. Poderia lhe dizer que o céu é azul, e ele ainda pensaria que eu estava mentindo para ele. Um relacionamento sem confiança é um desastre prestes a acontecer. Tudo o que havíamos construído naqueles meses foi destruído, e acho que não podemos recuperá-lo.

Somos duas pessoas que nunca deveriam ter se tocado. Somos ambos teimosos demais, muito cabeças-duras, duas chamas constantemente tentando queimar mais alto que a outra. Não fomos feitos para a longevidade.

Eu o queria muito rápido. Demais. Não teria sido saudável; nunca teria funcionado. Não importa quantas vezes meu coração tente me dizer o contrário. Talvez tudo o que deveríamos ser fosse isso.

Dois amantes malfadados que conseguiram escapar antes que Shakespeare tivesse tempo suficiente para nos matar. Toco a cicatriz na minha clavícula, um lembrete, um presente.

— Acho que é melhor que ele não saiba. Há muito dano feito para reconstruir qualquer coisa. Seria um desperdício.

— Só acho difícil acreditar que ele só sinta hostilidade por você. Rook é... — Lyra balança os braços no ar, tentando encontrar as palavras. — Ele não presta atenção em coisas com as quais não se importa. No entanto, toda vez que estão perto um do outro, a única coisa em que ele pode se concentrar é em você.

Respiro fundo, puxando meus joelhos em direção ao meu peito e relembrando a conversa que tive com Rose pouco antes de cair no fogo de Rook.

Rook Van Doren não dá atenção a coisas que considera chatas. Se ele notá-la, se você o interessar, você saberá. Seus olhos olharam para mim. — E eu diria que ele notou você.

Eu me perguntei se ela sempre teve uma inclinação por nós dois, mas não disse nada com medo de que eu negasse ou ficasse com raiva por ela assumir algo assim.

— Ele só está me observando porque não confia em mim. Acha que a qualquer momento farei algo que colocará vocês em perigo. Sou um risco para ele, só isso.

Sinto meu celular vibrar ao meu lado, a tela acendendo me mostrando que tenho uma nova mensagem. Pegando-o, abro-o para encontrar a última coisa que quero ver.

Pip, encontre-me em St. Gabriel's, amanhã ao meio-dia. E desta vez, é melhor ter informações.

— Então é isso? Você nem pensa em falar com ele?

Desliguei meu telefone, mastigando o interior da minha bochecha, meu estômago nadando de ansiedade. Uma brisa fria

bate em mim pela janela aberta, rastejando pela minha pele e gelando meus ossos.

— Não. Nós morremos naquele dia, e ele pretende continuar assim. — Eu me empurro para fora da cama. — Posso pegar emprestado um moletom de uma de vocês?

Espero que isso seja o suficiente para me afastar deste tópico. O dia de hoje me tirou bastante energia emocional, e continuar falando sobre Rook é apenas uma lembrança amarga de tudo que perdi e nunca recuperarei.

— Sim, pegue um dos meus. Os de Briar consistem nas roupas de Alistair, e ninguém quer cheirar como sua colônia almiscarada — diz Lyra. — Bem, quero dizer, além de você — ela oferece para Briar com um sorriso.

Eu rio, abrindo a pequena porta do armário muito desorganizado de Lyra. Já está entreaberto pelo número de roupas que estão empilhadas no fundo, e percebo que prefiro usar o moletom de Alistair do que explorar o armário de Lyra. Seja porque estou chapada ou porque simplesmente acho engraçado, fico imaginando que é aqui que ela guarda seu espécime vivo que não quer que descubramos. Eu começo a rir um pouco, pensando nisso.

Pondo-me na ponta dos pés para pegar o moletom roxo escuro no topo da prateleira, puxo a manga e cai junto com alguns outros itens pesados que se espatifam no chão.

— Merda, Lyra, me desculpe — peço desculpas enquanto me abaixo, tentando ter certeza de que não quebrei nada.

Rapidamente tento reorganizar as roupas e a caixa que caíram para que possa colocá-la de volta onde a encontrei.

A caixa de sapatos de tamanho médio está de lado na minha frente. A princípio, acho que são lembranças de sua mãe ou até mesmo de suas experiências positivas até agora na faculdade, mas então vejo o caro pulôver de tricô esbranquiçado que parece grande demais para Lyra.

Há também um frasco de sabonete líquido Armani meio vazio, várias notas manuscritas que não combinam com a caligrafia do minha amiga, fotografias espontâneas e a peça mais contundente do quebra-cabeça é uma abotoadura – um alfinete de lapela projetada para manter as bordas de um terno juntas no pulso, e foi desenhado com a forma das letras *T. P.*

— Não é... — Ela se levanta, seu rosto se tornando fantasmagórico. — Não é o que parece.

Pego um lenço branco com uma mancha vermelha manchada no meio.

— Não são os pertences de Thatcher em uma caixa dentro do seu armário?

Lyra sempre se descreveu como uma nerd tímida que gostava de sua vida de invisibilidade, mas estava começando a perceber que isso era apenas o que ela queria que as pessoas pensassem.

— Apenas — ela respira — deixe-me explicar.

VINTE E CINCO



PERDOE-ME PAI

Roof

Diz-se no folclore ocidental, que se pode usar uma encruzilhada para convocar o diabo ou um demônio. Depende do acordo que está tentando fazer.

São saudados por itens rituais que dizem estar enterrados no centro de onde as estradas se cruzam. É lá que se pode barganhar um desejo pelo custo de sua alma. Pode receber qualquer coisa que seu coração desejar, mas em uma data fixa de escolha do demônio, cães infernais sairão do submundo, prontos para reivindicar aquela alma.

Eu tinha sido convocado por vingança, para lidar com o carma de alguém com quem esperava o meu tempo. Alguém com quem fiz um acordo uma vez, e os deixei ir intocados, impunes, mas agora, é hora de coletar.

Encosto-me a um pinheiro alto, o som do meu cigarro queimando perturbou o silêncio.

Por um ano inteiro, tentei tirá-la da minha corrente sanguínea. Tentando eliminá-la como uma doença carnívora, tentando me penalizar por ter fé em alguém como ela. Percebo agora, eu não posso eliminá-la. Terei que curar a raiz da infecção.

Eliminar o vírus na sua origem.

E é exatamente isso o que planejei fazer quando me encontro aqui no cruzamento em frente à igreja de St. Gabriel, olhando para o vidro traseiro do carro de Sage que fica ao lado de um sedã preto.

Não tenho certeza do que ela convidou para o mundo quando decidiu negociar com os federais. Quando decidiu se tornar um dos inimigos.

Meu maior inimigo, mas isso desencadeou um grau inteiramente novo de perversidade dentro de mim.

Tentei racionalizar depois de deixar Silas no Graveyard. Tentei me acalmar e dar a ela alguma margem de manobra. Talvez eles realmente fossem amigos de seu pai e ela não soubesse o que estavam tramando.

Mais uma vez, dei a ela o benefício da dúvida. Meu coração foi contra o meu instinto e tentou me convencer, mais uma vez, de que era tudo um mal-entendido. Algo nela continua se contorcendo sob minha pele, virando todos os meus parafusos ao contrário e me fazendo depositar nela uma confiança que não merece.

Quando alguém nos mostra suas verdadeiras cores, temos que acreditar.

E Sage está mostrando suas cores hoje.

Eu não a estava perseguindo; Na verdade, tinha planejado confrontá-la sobre isso, mas quando a vi saindo do dormitório sozinha, decidi segui-la. Dirigi atrás dela por uma boa distância, em um ritmo lento, mas rápido o suficiente para manter as luzes traseiras à vista.

Quando ela estacionou no que restava da igreja onde um carro já esperava por ela, foi então que eu soube o que ela realmente tinha feito esse tempo todo. Por que ela decidiu voltar, seu plano o tempo todo.

Estou parado aqui há cerca de trinta minutos, começando a ficar impaciente, quando vejo o detetive McKay sair pelas portas queimadas da igreja onde estavam conversando. Onde ela falava com sua boca rosa sobre tudo o que tínhamos feito, relatando de volta, sendo a boa ratinha que é.

Minha boca saliva com veneno, minhas mãos coçam por retaliação. Passo para as árvores mais longe enquanto ele entra em seu veículo, girando a chave e lentamente saindo do espaço.

Espero até ter certeza de que ele não voltará, feliz em ver que Sage ainda está dentro do prédio que ateei fogo uma vez. Jogo o cigarro no chão, pisando nele enquanto caminho em direção à entrada.

Uma sensação estranha toma conta de mim. Não estou me contorcendo nem com raiva. Estou calmo; Não sou dominado pelo impulso. É como se meu corpo soubesse exatamente o que viemos fazer aqui. Do que estamos aqui para cuidar.

A porta geme ao se abrir, lançando um raio de sol no que resta do interior da catedral. Cinzas e fuligem estão grudados no chão,

bancos queimados e decorações quebradas. Parece exatamente como sempre quis.

Como o inferno.

Este lugar de solo sagrado queima meus pés. Eu o sinto chiar através dos meus sapatos, queimando minhas solas. Gosto dessa sensação, pisando em um lugar que sei que não pertence só porque estou com vontade. Talvez seja porque sempre me senti mais confortável no caos.

Sage está parada na frente, com as mãos apoiadas em um dos únicos bancos restantes, a cabeça enfiada entre os ombros. A essa distância, quase parece que ela está rezando.

— Deus não fala com pessoas que fazem acordos com o diabo — eu exclamo. — Não sabe disso?

Ela se encolhe como se minhas palavras a ferissem e muda seu corpo para ficar de frente para mim. Todo o pigmento de seu rosto desaparece quando seu pior pesadelo ganha vida. Eu a peguei em flagrante. Não há mentira; não há nada para ajudá-la a sair dessa situação.

— O que está fazendo aqui? — Ela pergunta, as sobrancelhas franzidas.

Avanço lentamente, olhando em volta para o dano que minhas chamadas causaram a este lugar sagrado. O lugar que começou o boato sobre minha linhagem demoníaca. O primeiro lugar que me transformou em um monstro.

— Eu lhe disse, Sage, que estaria de olho em você, não disse? E ainda bem que o fiz — eu rio cruelmente — ou teria perdido sua

reunião com o *detetive* McKay. Desde quando seu pai começou a fazer amizade com o FBI?

O pânico toma conta dela. A teia que ela teceu está desmoronando ao seu redor, e está tentando encontrar algo para dizer, uma mentira para conjurar.

— Rook, deixe-me explicar. Não sou...

— Não é o quê? — Grito, meu lábio superior se curvando, cheio de raiva por ela ter a porra da coragem de mentir na minha cara depois que eu a peguei em flagrante.

— Não contará nosso planos aos federais? — Meus passos são baques pesados. Cada movimento ponderado para frente apenas aumenta minha fúria.

— Não, não é isso que está acontecendo. Sei que é assim que parece, mas não é. Meu pai veio até as instalações com Caim, o detetive McKay, e eles tentaram me fazer um acordo.

— Foi assim que saiu, não foi? Fez a porra de um acordo? Para fazer o quê? Bisbilhotar, aproximar-se de nós, só para nos apunhalar pelas costas? Mandar a todo nós para a prisão antes de colocarmos a cabeça de seu pai em uma estaca?

Estou me aproximando dela enquanto ela balança a cabeça para frente e para trás rapidamente, afastando-se de mim a cada passo em sua direção. O medo borbulha em seus olhos, me deixando com água na boca. Não importa. Ela pode recuar o quanto quiser. Pode correr se quiser. Não importa, porque ela está em minhas garras agora.

E de jeito nenhum vou deixá-la escapar.

— Não! — Ela grita. — Quero dizer, sim, mas eu não faria isso. Só precisava que eles me deixassem sair para que eu pudesse ajudá-los a chegar ao meu pai. Eu ia traí-los, não a você. Só precisava que eles acreditassem em mim o suficiente para me deixar sair. É isso.

Mordo meu lábio inferior, sorrindo. — E você é boa nisso, não é? Fazer as pessoas acreditarem em você.

Suas costas batem na frente do confessionário. A madeira robusta de que é composta lutou contra o calor do fogo, deixando a maior parte intacta. Posso praticamente sentir seu batimento cardíaco acelerado em seu peito.

— Não estou mentindo, não para você. Eu juro que é a verdade. Caim está trabalhando com um grupo chamado Halo. Todos eles são... são as pessoas a quem meu pai devia dinheiro. Eles levam garotas para Ponderosa Springs e as vende. — Ela estende as mãos para a frente, com as palmas para fora, como se isso fosse me impedir, me impedir de fazer o que quero fazer.

— Só quero parar meu pai, e depois vou embora. Eu juro para você. Assim como naquela primeira noite na casa do lago, estou dizendo a verdade. Você sempre teve todas as minhas verdades, todas elas.

Tantas perguntas passam pelo meu cérebro, sobrecarregado com a informação que ela acabou de vomitar. Que porra é o Halo? Os dois federais são corruptos? Ela está mesmo me dizendo a verdade? Tento absorver as informações. Tento processar, pegar o que ela diz e ouvir suas palavras, mas fisicamente não consigo.

A temperatura do meu corpo está tão quente que está prestes a derreter minhas roupas. Está fervendo meu cérebro, e a cor carmesim começa a vazar pelos cantos da minha visão. Esperei um ano para fazê-la sentir essa dor que ela me deixou. Esta traição. Quero machucá-la. Para fazê-la pagar, mas lampejos da garota naquela doca, destruída e dilacerada por seu passado, me atingiram. Passam pela minha memória em alta velocidade, o órgão dentro do meu peito tentou se conectar a ela. Estou de volta lá, sendo o tolo de novo.

No entanto, me recuso a fazer isso.

Eu me aproximo dela, batendo minha palma com tanta força na frente do confessionário que dói minha mão.

— Você. Porra. Só. Sabe. Mentir — grito, meus dentes à mostra como um lobo raivoso faminto por comida.

Suas mãos pressionam meu peito enquanto ela balança a cabeça agressivamente. — É por isso que não te disse nada, seu filho da puta! Não importa o que eu diga, você não acredita em mim! Não há nada que eu possa dizer para fazê-lo confiar em mim!

Estou no meu limite. Estou começando a funcionar mal.

Por causa dos seus olhos. Estão brilhando *pra* caralho. Azul brilhante como chamas escaldantes, brilhando do jeito que faziam quando estávamos juntos. Quando pensei que ela era algo mais. Quando as palavras que saíam de sua boca eram aquelas banhadas em água benta.

São tão lindos, e isso dói.

Dói mais do que os cortes de Thatcher, mais do que os golpes de Alistair, as palavras de meu pai. Sofro tanto que me impede de respirar. Cada inspiração parece agulhas na minha garganta. E pela primeira vez na minha vida, quero que a dor pare. Preciso que isso pare, porra.

Não, não, não, repito para mim mesmo.

— Porque tudo o que você é, um veneno traiçoeiro. Eu confiei em você, e olha o que essa porra fez.

Não a deixe fazer isso com você de novo, Rook. Não caia nessa. É um maldito truque. Belo veneno - é o veneno que ainda bombeia em suas veias.

Agarro seu pescoço frágil em minhas mãos, usando a alavanca para puxá-la com força para mais perto de mim. O seu cheiro chega bem perto do meu nariz, fazendo-o formigar. Pressiono minha cintura na dela, sentindo o quão suave ela é contra mim. Sentindo o quão fácil seria destruí-la.

Meu pau endurece, lutando contra meu jeans.

Uma vez pensei que ela se sentia angelical em meus braços. Um anjo que se afastou muito de casa e se viu nas garras de algo sinistro.

Agora, ela se sente como um pecado.

O pecado. Primal, quente e imoral.

Essa é a única coisa da qual venho privando meu corpo há um ano. Recusando a tentação, me punindo pelo que está bem na minha frente agora. E não sei como manter o controle.

— Nunca menti para você, Rook. Não da maneira que pensa. — Ela suspira por ar contra o meu aperto. — Eu queria que você mantivesse...

— O mais baixo, mais negro e mais distante do Céu — eu a interrompo, apertando meus dedos para que ela cale a boca. — É para lá que vão os traidores. Sabia disso? É para lá que mandarei você, porra.

Não quero ouvir as suas desculpas. Não quero ouvir mais mentiras. É a minha vez de machucá-la. É a sua vez de ser punida.

— Vagabundas traidoras como você merecem ser punidas — vocifero, minha mão se movendo para seu rosto, forçando seus lábios a franzirem enquanto meus dedos cavam em suas bochechas.

— Você parece terrivelmente hipócrita para um homem que chamam de Lúcifer. Não deveria recompensar o pecado? — Ela brinca, sua voz grossa e pegajosa como xarope para tosse, me deixando amargo.

Lutando comigo como quero que ela faça. Não quero que ela já esteja destruída. Quero que ela seja uma fodida lutadora para que se sinta ainda melhor quando eu fizer uma bagunça com ela.

Meu cinto cava na carne macia de seu estômago enquanto pego minha mão livre, espalmando sua bunda, fazendo com que aquela saia jeans curta suba. Meus dedos avançam entre suas pernas, pairando sobre sua boceta logo acima de sua calcinha. O calor que irradia entre suas pernas deixa meus joelhos fracos *pra caralho*.

— Não, Sage, este é o meu inferno. Meu reino. Minhas malditas regras. Eu recompenso apenas boas prostitutas.

Assim como eu sabia que ela faria, ela arqueja, abrindo a boca. Eu cuspo diretamente em sua língua rosa, usando minha mão em seu rosto para fechar sua mandíbula para que ela seja forçada a engolir. Meus lábios se chocam com os dela, o desejo se acumulando em minhas entranhas. É tudo dentes e língua. Seu veneno tem um gosto doce, muito doce, porra. Ela empurra contra mim, movendo sua boca contra a minha, encontrando minha fome selvagem.

Despejo todo o meu ódio nisso, curando-a com minha língua, amaldiçoando-a com minha boca. Mordo com força seu lábio inferior, puxando-o um pouco enquanto levo minha mão entre suas coxas, regando-a com os sucos que grudam na minha pele.

— Patética, porra. Olha como está molhada. Há quanto tempo você está pensando nisso? Em mim?

Seu rosto aquece, as bochechas brilhando com uma mistura de prazer e vergonha.

Eu deixo cair minha mão de seu rosto para a frente de sua camisa decotada, agarrando o material e puxando-o para baixo. O rasgar do tecido ecoa no ar, e fico olhando para seus seios leitosos que estão derramando sobre seu sutiã preto.

Minha cabeça cai e inspiro profundamente, enchendo meus pulmões com o seu cheiro. Dou uma lambida longa e lenta do vale de seus seios até a cicatriz que corre ao longo de sua clavícula. A correspondente no meu corpo começa a pulsar.

Um ano me privando disso, e agora o fruto proibido está derretendo em minhas mãos. Só consigo pensar em festejar. Meu autocontrole é inexistente neste momento.

Giro seu corpo, girando-a e prendendo sua frente contra o confessionário. Ela estende a mão e agarra as barras de madeira que separam as duas cabines. Uso ambas as minhas mãos para levantar sua saia, empurrando-a até sua cintura até que todo o seu traseiro esteja visível.

— Rook... — ela respira.

— Isso é confessionário, Sage. Não é assim que isto começa — sibilo, passando uma mão por sua espinha e pegando um punhado de seu cabelo curto em minha mão, puxando-o para trás para que ela arqueie sua bunda no meu pau. — Ou caiu tão longe da graça que não se lembra?

Amassei minha palma em sua bunda, dando-lhe apenas alguns momentos para responder antes de puxar minha mão para trás, batendo em sua carne. Minha mão arde com o impacto, e olho para baixo para ver o sangue já correndo para a superfície de sua pele pálida. Ela grita de surpresa, o pequeno ruído atirando direto para minha virilha, fazendo-me esfregar nela com mais força.

— Responda-me.

— Vá para o inferno. Não importa o que eu diga, quer tanto me foder que faz você parecer estúpido — ela resmunga, embora eu saiba o que ela quer.

Eu sorrio, embora ela não possa ver.

Ela me quer tanto que nem consegue enxergar direito, mas nunca cede tão facilmente. É por isso que é mais divertido.

Conheço o seu corpo, o que o faz vibrar, o que o faz explodir. Os prós e contras de sua boceta. Ela pode enfrentar tudo o que quiser, por mim, tudo bem. Só tornará o resultado final muito melhor.

— Vivo no inferno, TG. Lembra? — Eu cantarolei. — Você ajudou a me mandar para lá.

Volto a puxar minha mão para trás, dando-lhe outro tapa forte em sua pele, fazendo-a pular. Eu a sinto tentando se afastar da dor, mas a prendo no lugar pelos cabelos, não a deixando se mover.

Ela sentirá essa dor. Sentirá isso enquanto eu mandar.

Passei um ano me punindo por ela, e agora é a sua vez.

— Não se mexa, porra, a menos que eu diga.

Smack. Smack. Smack.

Mais três golpes contundentes em sua pele sensível, deixando-a tremendo em meus braços. Minha boca saliva ao ver sua bunda gorda toda inchada e latejante. Levanto minha mão para desferir outro golpe, mas ouço sua voz doce, açucarada e errática.

— Eu... — ela gagueja. — Perdoe-me, pois pequei.

Passo minha mão sobre a pele dolorida, esfregando suavemente em círculos lentos. — Mmmm, essa é uma boa putinha.

Serpenteando meus dedos em seu centro, descubro que ela está encharcada completamente através da sua calcinha. Pingando para liberar, pingando para mim. Empurro o material

para o lado, usando as pontas dos meus dedos para massagear seu clitóris.

Ela geme alto, moendo seus quadris contra a minha mão. Afasto-as para trás, introduzindo dois dedos dentro de seu canal apertado suavemente. Meus dedos bombeiam dentro e fora dela, curvando-se enquanto desaparecem dentro de sua boceta, roçando aquele ponto tão profundo dentro dela que ninguém jamais será capaz de tocá-lo como eu.

É aqui, enquanto ela está curvada sobre um confessionário dentro dos restos de uma igreja chamuscada, que percebo que ela nunca foi Eva.

Eu não tinha deslizado para o Jardim do Éden e a roubado, coagido com a fruta. Não, isso teria sido muito fácil.

Ela sempre foi minha Lilith.

A razão pela qual caí em desgraça, caindo nas nuvens e jogado nas profundezas do inferno. Condenado a viver uma eternidade nas chamas por causa dela.

— Confesse — resmungo, minha mão trabalhando para desfazer o cinto e o zíper. — Diga- me o que já sei. Que você adora ser minha vadia suja e fodida.

— Rook, por favor. Eu preciso...

— Eu sei. Sei o que você precisa, mas me dará o que eu preciso primeiro.

Diminuo o ritmo dos meus dedos, provocando-a, dando-lhe apenas o suficiente para sentir prazer, mas não o suficiente para realmente aproveitar a sensação.

Puxando meu pau para fora da calça jeans, uso minha mão livre para me acariciar enquanto a coloco em uma tortura deliberada. O pré-sêmen pinga da minha ponta latejante, caindo em sua bunda.

— Amo ser sua vagabunda suja — ela choraminga. — Quero que você me foda, me destrua, me use.

Não há mais como me segurar. Substituo meus dedos pelo meu pau, penetrando-a sem aviso prévio. Nós dois gememos quando a penetro, deslizando todo o caminho dentro de suas paredes sedosas até que não possa ir mais longe. Ela pulsa ao meu redor, me sugando como um torno.

— Sua boceta me leva tão bem, porra.

Suas costas se curvam, a coluna se alongando enquanto ela empurra mais para dentro de mim.

Tão apertada e tão quente.

Começo a acelerar o ritmo, grunhindo enquanto faço isso. Golpes violentos enchem o ar abafado de dentro enquanto meu pau desliza tão facilmente para dentro e para fora. Minhas mãos ásperas se aproximam para agarrar ambos os seus braços, mantendo o meu esticado, usando esse novo aperto para penetrá-la com mais força.

Seus miados e ganidos são combustível para o fogo. Observo sua bunda balançar com o poder das minhas estocadas. Cada vez que deslizo para dentro dela, parece outra injeção dela em minhas veias. Injeções diretas de adrenalina em meu sistema. Ela é tão intoxicante, porra.

— Rook, eu... — geme, tentando formar palavras, mas já sei o que ela quer dizer.

Este ângulo faz com que minhas joias frias façam cócegas em seu ponto G repetidamente.

— Eu sei. Goze em todo o meu pau. Seja uma boa prostituta para mim e goze.

Ela estala, desmoronando em mim. Sua boceta está confortável em torno de mim, apertando e recusando-se a me deixar ir. Sage encharca meu pau, encharcando meu comprimento em seus sucos. Continuo forçando em seu corpo, mesmo que ela esteja tremendo em meus braços, choramingando com a sobrecarga de prazer. O suor cai da minha testa, meu corpo perseguindo essa alta.

Minha própria liberação rasga meu corpo, me atingindo como uma onda.

Gemo alto enquanto a estática me atravessa, torturando meus ossos conforme me derramo em seu calor, enchendo-a de mim até a borda, tanto que estou escorrendo de seu corpo.

O corpo de Sage cai frouxo em meus braços, estremecendo com a onda de seu clímax. Respiro pesadamente, recuperando o fôlego por um momento antes de me afastar de seu corpo. Saio dela, deslizando sua calcinha de volta no lugar para pegar meu gozo que começou a pingar de seu buraco sensível.

Sinto meu pau começar a endurecer novamente só de pensar nela andando por aí com meu gozo manchando sua calcinha.

Afivelo meu cinto antes de perceber que ela se virou para mim, seu corpo relaxando contra o confessionário, olhos azuis ardentes em minha direção.

Ela espera que eu diga alguma coisa, espera que explique o que acabou de acontecer entre nós dois.

— O quê? — Grito.

Há um estalo de dor que atravessa seu rosto, mas ela o esconde rapidamente. Assentindo com a cabeça, ela leva o lábio inferior entre os dentes. Ajeita a camisa o melhor que pode, puxando a saia para baixo de volta onde pertence.

— Então pode me foder, mas não confia em mim?

— Bem, sua boceta não mente para mim. Sua boca sim.

O silêncio cai no espaço. Nossa adrenalina baixando, nossa tensão desaparecendo.

Enfio a mão no bolso, pego meus cigarros, coloco um nos lábios e acendo.

— Tem razão. Eu menti para você — ela diz, colocando o cabelo atrás das orelhas, expondo suas bochechas coradas.

— Poupe-me...

— Não, é minha vez de falar — ela me interrompe. — Eu menti. No dia do teatro, quando disse que Easton e eu éramos perfeitos um para o outro. Quando disse que só estava te usando. Tudo isso foi mentira.

Isso era o que eu queria quando aconteceu. Essas palavras eram o que eu esperava quando ouvi pela primeira vez sobre o

noivado deles. Agora, não poderia dar a mínima. Não mudaria nada agora. Todo aquele dano foi causado.

Sage se aproxima de mim — O noivado era para benefício do meu pai. Stephen Sinclair estava lhe dando dinheiro e, para continuar recebendo, Stephen queria um casamento entre mim e Easton. Presumo porque ele queria estar no controle de tudo. Quando comecei a me apaixonar por você, juro pela minha irmã que deixaria toda essa merda para trás depois da formatura e ficar com você.

Uma fina corrente de água delineia o fundo de seus olhos enquanto ela segura os últimos pedaços de seu orgulho.

— Queria tanto estar com você, Rook. — As primeiras lágrimas caem, sua voz embargada. — Mas Easton descobriu sobre nós. Descobriu e deixou bem claro que, se eu não continuasse com o casamento, eles iriam forçá-lo a Rosie, e eu não poderia fazer isso com ela.

Ela tenta enxugar as bochechas, mas estão caindo muito rápido, não adianta.

— Eu já estava arruinada. Caim havia me arruinado. Acostumara-me com o que acontece nesse tipo de vida. Rosemary não estava - ela era livre e feliz. Não havia razão para estragar isso porque eu queria ser egoísta. Já tinha feito isso o suficiente. Só estava tentando protegê-la. Tentando protegê-lo.

Estou duvidando de tudo. Meu instinto, meu coração, meu cérebro.

As linhas de honestidade e decepção são borradas, maldade e retidão confusas mais uma vez pela sujeira que vaza dos terrenos de Ponderosa Springs. Isso me faz questionar se ela realmente mentiu para mim, se passei um ano da minha vida odiando a única mulher que despertou meu interesse e o manteve.

Eu não ligo. Não ligo.

Eu...

— Caim fez o quê? — Eu estalo, franzindo as sobrancelhas, pisando o resto do caminho até lá. Deixei minha raiva tomar conta, sombreando a dor em meu peito por enquanto. Não querendo enfrentar o que poderia ser a verdade. Não agora.

É muita coisa para assimilar de uma só vez, e nem tenho certeza se acredito nela. Nunca sei no que acreditar dela.

— Isso é o que você...

— Sage — resmungo. — Se você alguma vez se importou comigo, responda a porra da pergunta. O que Caim fez com você?

Há uma dormência que se instala em seu rosto. Como se ela estivesse separando suas emoções de sua mente para dizer isso.

— O homem de quem falei na casa do lago, aquele que me tocou quando criança. — Ela acena com a cabeça. — Foi Caim.

Sinto-me como se óleo quente fosse derramado diretamente sobre minha pele, fazendo-a chiar e assobiar. Minha corrente sanguínea corre tão rápido que estou começando a ficar tonto. Quanto mais minha raiva aumenta, menor minha dor fica e preciso que ela desapareça.

Porque essa dor, essa que sinto por ela, eu quero que passe. Preciso que pare.

Todo esse tempo, eu tentava afastá-la de mim quando, na realidade, estava apenas tentando cortar a conexão que criei com ela. Todas as vezes que Thatcher cravou aquela lâmina em minha pele, era apenas eu tentando não sentir a dor dela. A sua dor. Sua tristeza. Sua raiva.

Senti tudo como se fosse meu e, até certo ponto, era.

E a odiei por arruinar algo tão poderoso. Um vínculo que meu coração tentou desesperadamente discutir não poderia ser falsificado. Que o que tínhamos era real, e embora Sage permaneça impassível a seu trauma, eu não sou.

— Todas as noites, dos dez aos treze anos, quando ele foi para a academia. — Ela faz uma pausa. — Mas ele não é o que importa. Eu não me importo mais.

Ela ficou tão cansada de seu próprio trauma que não se importa com o que acontece com quem a machucou, apenas com o homem que levou sua irmã. Ela sucumbiu à aceitação, forçada a trabalhar com um homem que tirou sua inocência antes mesmo que soubesse o que era.

O homem que roubou suas asas.

Estou inseguro de quase tudo agora, exceto que quero usar as entranhas de Caim como um colar.

— Você vem comigo.

— Por que? Onde vamos? — Ela pergunta.

Encontro seus olhos, vendo uma mulher que se construiu a partir da última centelha de suas brasas moribundas.

Uma fênix. Aquela que não dá desculpas para em quem se transformou, sem desculpas se chegar muito perto dela e se queimar.

Eles arrancaram as asas de suas costas, mas ela as substituiu por cinzas e asas eternas feitas da mais quente chama azul.

E para que ela voe, cortarei as correntes que a prendem ao chão.

Primeiro, porém...

— Há uma teoria que preciso testar.

VINTE E SEIS



TODOS OS NOSSOS SEGREDOS

Roof

— Precisamos conversar.

A porta que abri com um empurrão bate na parede.

Olho para Thatcher, que está empoleirado em cima de sua cama, pernas cruzadas e quieto enquanto levanta uma sobancelha por cima de seu livro.

— Não há necessidade de bater as portas — Alistair diz enquanto se inclina para trás em sua cadeira, virando-se da mesa sobre a qual estava curvado antes de fazermos nossa entrada ruidosa. — Porque ela está aqui?

Olho para o meu lado, vendo Sage de pé com os braços cruzados, um olhar de frustração e confusão em seu rosto.

— Eu gostaria de saber — ela murmura.

Depois que ameacei cortar todos os quatro pneus dela e arrastá-la até aqui contra sua vontade, ela concordou em vir comigo.

Ela sabe que eu não blefo, e não aceitaria um não como resposta.

Eu preciso disso. Preciso ver se sou apenas imune à sua desonestidade ou se ela estava realmente dizendo a verdade. Não posso correr outro risco com ela. Não sobreviveria a outra traição nas suas mãos, não de novo, e ela também não.

— Está bem? — Silas murmura, examinando seu rosto antes de olhar para cima e para baixo em seu corpo. Não é sexual; está apenas verificando se ela tem algum ferimento, mas isso me irrita. Ele dá passos deliberados na sua direção e, como por instinto, dou um passo à sua frente.

Ele para, seus sapatos tocando as pontas dos meus. Nossos olhos se conectam e há um desafio tácito que ocorre entre nós dois. Não lutaria com ele, não por algo assim, porque sei que não veio de um desejo, mas de saudade.

No entanto, ainda não vou deixá-lo embalar Sage porque ela o lembra de Rose.

— Ela está bem — resmungo. — Está tomando seus remédios? — Eu não sou capaz de me parar. Não pude perguntar a ele no Graveyard - as emoções eram muito cruas, muito frescas.

Este, porém, não é ele.

Ele mantém meu olhar, imóvel. — Não preciso de uma babá, Rook.

— Eu não perguntarei de novo. Está...

— Sim.

Isso ainda não acabou. Sei que não é, e pretendo resistir a isso assim que o que vim fazer aqui terminar.

Olho por cima do ombro para Sage. — Quero que você diga a eles exatamente o que me disse sobre Caim. Tudo.

— Porque deveria...

— Sage — eu sussurro o seu nome como um feitiço mortal e bonito. Uma maldição sombria e solitária. — Por uma vez, apenas faça o que eu digo.

Eu sei que ela quer lutar comigo; é o que ela faz de melhor, mas sempre quer provar a si mesma, provar a mim que finalmente está dizendo a verdade. Leva um momento, mas ela faz o que peço.

Dou um passo para o lado e observo a maneira como sua boca se move. Como sua língua estala quando diz palavras com a letra A. Tentando captar uma mudança na cor dos seus olhos - qualquer coisa que me mostre o que posso ter perdido na primeira vez.

Nunca me senti tão calmo. Tão calculado. Esta não é uma decisão pela qual poderia agir explosivamente. Mesmo que queira. Mesmo que tudo o que eu queira fazer seja acreditar nela para arrancar o coração de Caim McKay de dentro do peito e comê-lo cru.

Esta é a teoria que eu queria testar.

Queria ver se Alistair seria capaz de detectar traição em seu tom ou se Thatcher poderia ver através das paredes que ela construiu ao seu redor para ver seu verdadeiro motivo. Até mesmo Silas - talvez ele notasse um hábito genético em Sage que Rose também notava quando contava uma mentirinha inocente.

Preciso ver se fui só eu que perdi os sinais. Se estava tão cego pelas sardas salpicadas de canela em suas bochechas ou seu arco de cupido curvo, tão distraído por nossa conexão que nunca tive a chance de sentir suas mentiras.

Eles têm uma visão imparcial dela. Não compartilham o vínculo que fiz com ela, e talvez isso seja o suficiente para eles saberem se ela está realmente falando a verdade ou se está nos enganando.

Jogando comigo.

Ela conta a eles tudo sobre Caim. Sobre o seu pai. E quando chega na parte da infância, aquela dor volta.

— História triste, realmente. — Thatcher é o primeiro a falar, reajustando os óculos enquanto se senta na beirada da cama branca. — Mas triste não significa que eu tenha que acreditar em você. Esta pode ser uma grande teia que está tecendo, por isso confiamos em você, e enquanto meus amigos, para sua discordância, têm corações... — Ele faz uma pausa. — Eu não tenho.

Sage se mantém firme. Forte. Inabalável, mesmo quando Thatcher tenta questioná-la.

— Não estou contando por pena ou porque é triste. Não preciso disso de nenhum de vocês. — Ela faz questão de olhar para mim por último depois de dizer isso. — Estou dizendo a vocês para que eu possa ajuda-los. Então, todos nós podemos conseguir o que queremos no final disso. Justiça para minha irmã.

— Por que nos ajudaria? Por que você simplesmente não aceitou o acordo, nos denunciou e se escondeu?

É a pergunta em todas as nossas mentes. O que tenho pensado desde que ela me contou. Não éramos exatamente amigos no ensino médio, e ela sempre expressou seu desgosto por nós e nossa anarquia.

— Por causa de Rosie. — Ela suspira. — Ela viu algo em cada um de vocês, mesmo que tentasse enterrá-lo profundamente. Mesmo que eu mesma não consiga ver. Ela era boa nisso, vendo coisas sob os escombros. Fez isso comigo, e não foi nenhuma surpresa que fez isso com vocês. Em várias ocasiões, ela pediu que eu visse essas coisas por mim mesma e eu a ignorei. Ouvia o que a cidade e seu povo de merda diziam, em vez de ver as coisas por mim mesma. Não estou aqui para ser sua amiga ou fazer laços. Estou aqui porque é o que ela gostaria, e sou obrigada a fazer isso. Devo a ela as reparações que ela merece, e devo a ela proteger aqueles com quem ela se importa, e são vocês. Todos vocês.

A dor da lembrança é aguda. Vibra no ar, cortando cada um de nós de maneira diferente. A memória de Rosemary está viva e respirando na sala. Sua energia, sua presença, é a razão pela qual estamos fazendo tudo isso. Porque é um maldito crime essa energia ter sido tirada deste planeta.

Uma das últimas coisas boas neste mundo doentio e distorcido, desapareceu em um piscar de olhos.

Olho para sua irmã, seus olhos vidrados e coluna reta, tão forte, embora possa ver o quanto ela quer desmoronar. E minhas mãos tremem porque querem pegá-la. Quero negar, mas não posso.

Estou desesperado para ver a garota por trás da máscara novamente. Para descascar essas camadas endurecidas e mergulhar nela, mas não posso. Não agora.

— Caim tem que ir — digo. — Eu o quero morto.

— E você precisa ficar protegida até lá — Silas acrescenta, olhando para o rosto de Sage.

Minha mandíbula aperta. Silas não precisa protegê-la. Ela não é dele para proteger.

— Não preciso de ninguém para me proteger. Eu posso lidar com Caim. Envolvê-lo só colocará mais calor em você do que o necessário.

Thatcher se levanta. — Se houver sangue, conte comigo.

Meu sangue começa a bombear quente. A calma que antes me abraçava está se diluindo. Minha raiva começando a vir à tona, minha necessidade de punir. Todas as maneiras que poderia quebrá-lo começam a se filtrar em minha mente.

— Não faremos nada irracional agora. — Alistair intervém, fazendo o que faz - controlando. — Não estou dizendo que não precisa acontecer. Só precisamos ter certeza de que faremos isso com a cabeça limpa e não alimentados por nossas emoções.

Seus olhos escuros piscam em minha direção.

É nesse momento que percebo o quão fundo na minha própria merda estou. Porque, embora Alistair esteja fazendo sentido, não quero ouvir. Mesmo que tenha que ir atrás daquela escória sozinho, eu farei isso. Mesmo que não queira, mesmo que eu precise deles.

Vou torturar aquele homem miserável até que ele chore por sua mãe e me implore para lhe dar a misericórdia da morte. Mesmo que isso signifique cair sozinho. Eu faria isso.

Porque ninguém, nem mesmo eu, merece o tipo de dor que Sage guarda em sua alma pelo que ele fez com ela.

— Nós faremos — Silas persiste — e quero que você fique na casa dos meus pais até terminar.

A sala fica silenciosa e minha pressão arterial dispara.

— Não está acontecendo, porra — vocifero. — Ela não ficará com você.

Sua cabeça se vira para mim, tão rápido que quase posso ouvi-la estalar.

— Não se esqueça, Rook. É minha namorada que morreu, minha namorada que estamos vingando.

Ando em sua direção, tentando me lembrar que ele está de luto. Que está passando por algo incrivelmente infeliz, mas não funciona.

— Não se esqueça, Silas — sibilo — sua namorada não é Sage, e ela não precisa de você para protegê-la.

— Sim? Você fará isso?

Eu me afasto dele. Que porra ele está dizendo agora?

Eu sei que ele perdeu Rose e está tentando agarrar os pedaços dela que ainda restam, mas isso, isto está cruzando uma linha que não sabia que tinha. Há uma ferocidade em seu olhar, uma que

não me lembro de ter visto antes, e fazendo com que ele se sinta mais uma ameaça do que um irmão.

Sage pode não ser uma amiga - podemos nos odiar - mas é nossa.

E ela é minha.

— Seu porra...

— Parem — Sage diz em voz alta, olhando para nós dois. — Deixem-me esclarecer isso para todos. Não sou uma donzela em perigo e não deixarei vocês se arriscarem por algo que possa lidar. Posso matar meus próprios demônios e não preciso que vocês ou qualquer outra pessoa me dê uma faca para fazer isso.

A Fênix.

Lá está ela, brilhante, luminosa, destrutiva. Tentaram transformá-la em pó, e olhe para ela agora.

Uma maldita força.

— Todos se acalmem, porra. Podemos conversar sobre isso quando todos tiverem a chance de processar — Alistair diz — acho que você ficar com Silas é uma boa ideia. É a melhor maneira de ficar de olho em você.

— Eu não preciso...

— Não se trata de protegê-la — ele diz, olhos escuros. Eu sei que é porque ele não superou o que aconteceu com Briar. — Isso está no fundo das minhas malditas prioridades. Ainda não sei se devemos confiar plenamente em você. Esta é uma apólice de seguro. Podemos observar cada movimento seu, então, se pensar em trabalhar com aquele federal, saberemos.



A chuva caía forte do céu, derramando-se do céu escuro como breu. Observei-a cair do meu lugar no pátio coberto de Thatcher. Relâmpagos iluminaram as nuvens por um segundo singular, transmitindo o imersivo jardim de esculturas logo após a piscina no solo antes que a escuridão tomasse conta mais uma vez.

Fechei os olhos no momento em que o trovão sacudiu a terra, permitindo-me sucumbir ao suave tamborilar.

— Vamos, doce menino. Vamos dançar.

Olhei para a forte chuva, depois para minha mãe. Seus olhos enrugaram nos cantos como sempre acontece quando ela sorri. Ondas escuras de cabelo castanho caíam bem abaixo dos ombros, roçando a parte inferior das costas.

Eu não queria dançar hoje. Estava triste, e tudo que eu queria era ficar dentro de casa, longe do resto do mundo.

— Mas mamãe, está chovendo — murmuro.

Ela se agachou, abaixando-se à minha altura. Colocando uma mecha do meu cabelo atrás da orelha, esfregou a palma da mão na minha bochecha. Isso me deixava com sono quando ela fazia isto porque era o que ela fazia antes de dormir todas as noites.

— Teve um dia difícil hoje, certo?

Eu balancei a cabeça.

As crianças na igreja tinham sido muito más hoje. Ficaram todas ao meu redor, gritando coisas desagradáveis sobre minha marca de nascença, implicando comigo porque eu era diferente deles. Se eu soubesse que eles seriam tão cruéis, não teria compartilhado nada na escola dominical. Teria apenas ficado quieto.

— A chuva lavará tudo isso. Toda a tristeza e dor desaparecerão de seus ombros, limpando você. A melhor hora para dançar é na chuva.

— Papai diz que eu só preciso endurecer.

Ela riu. — Seu pai deve ter esquecido como é ser atormentado porque vou lhe contar um segredo, doce menino. Seu pai nem sempre foi tão duro. Ele era um rapaz, igualzinho a você, e usava esses óculos que as crianças zoavam. Só porque ele era diferente, mas era isso que eu gostava nele, o que amo em você. Ser diferente significa que se sentirá sozinho às vezes, mas quando encontrar as pessoas que aceitam essas diferenças, elas estarão com você por toda a vida.

E então dançamos na chuva. Deixamos a chuva cair sobre nossa pele e me lembro de sentir como se nadasse em vez de tomar uma chuva. Não entrei até que estivesse encharcado até os ossos.

Senti muitas coisas quando minha mãe morreu, mas solidão não era uma delas.

Porque eu os tinha e, desde o momento em que todos nos conhecemos, senti que fui compreendido. Nunca tive que me explicar para me encaixar; eles me compreendiam; me aceitaram. Cicatrizes, traumas e tudo. E assim como minha mãe disse, eles estariam comigo por toda a vida.

— Quanto? — Alistair pergunta enquanto caminha para o pátio, com Thatcher e Silas logo atrás.

— Dezenove centímetros. — Puxo o cigarro dos meus lábios. — Isso é difícil. Você precisa saber medições suaves também ou?

Ele revira os olhos, arrancando o cigarro da minha mão e dando uma longa tragada antes de falar novamente.

— Há quanto tempo está fodendo com Sage.

Eu deixo cair minha cabeça contra a parede, sabendo que essa conversa precisava acontecer. Sabendo que é hora de contar a eles, mas simplesmente não sei por onde começar. Mantê-la longe deles nunca foi com intenção maliciosa ou porque não queria que eles soubessem. Acho que foi porque eu estava com medo de dizer isso em voz alta. Se eu falasse da nossa história, dela, então tornava real.

E isso torna a sua perda ainda mais real.

— Queríamos esperar que nos contasse em seu próprio tempo, mas precisamos saber o que isso significa para você antes de matarmos alguém por causa dela. Não estou adicionando outro corpo à minha lista por causa de uma transa rápida.

Não estou surpreso que eles já soubessem. Quando se conhece no nível que conhecemos, não perde muito.

Conhecemos a linguagem corporal um do outro, as falas, nossas emoções. Está tudo conectado – sentimos um ao outro. Tem sido assim desde que me lembro.

— Não mataremos alguém por ela. Como Silas disse, isso também é por Rose.

— Mas não é para você — diz Thatcher — isso é por Sage e, por favor, não tente negar. Estou cansado de fingir que não sei.

Olho para Silas, seu comportamento moderado acomodado em seus ombros. Aquele olhar desequilibrado em seus olhos de antes se foi, mas a sensação em meu estômago não.

Eu o observei levá-los no aniversário de Rosie e todas as manhãs antes disso nos dormitórios. Ele estava no horário, mas algo ainda está errado, e convencê-lo a ir ao médico para um novo medicamento não será fácil, mas nada com ele tinha sido.

— Quanto tempo? — Alistair diz novamente, mas desta vez não é uma pergunta.

Respiro fundo, coço a nuca, sabendo o que preciso dizer, mas sem saber como explicá-lo.

— Início do último ano. Não era para ser nada sério, eu só queria transformar a princesa em um pequeno caos. Mostrar a ela que não era melhor do que eu, do que nós, mas aí ela começou a mudar, tudo começou a mudar. Ela era diferente do que eu esperava. Melhor.

Tentar consolidar o que fomos é difícil. Como explicar que alguém era tudo e nada ao mesmo tempo? Que ela tinha sido a primeira pessoa desde os rapazes e Rose que eu que me visse. Para ver tudo de mim, saber tudo. Porque eu pensei que ela aceitaria.

Pensei...

— Ela não estava noiva de Easton durante o último ano?

Cerro os dentes. — Sim, mas eu não sabia disso até o final. Sabia que ela ainda namorava com ele e deixei passar porque ela precisava esperar até a formatura para terminar. Os seus pais teriam perdido a cabeça, eu só não sabia por quê. Achei que era

por minha causa. Eu não tenho exatamente a reputação de Easton.

— Então é por isso que o pau na bunda dele tem sido tão irritante. — Alistair zomba. — O que aconteceu?

Tudo. Nada.

— Descobri sobre o noivado, e ela... — Porra me destruiu. — Ela terminou as coisas comigo. Cuspindo alguma merda sobre eu ser apenas uma fase, que nunca planejou deixar Easton.

— É por isso que você apareceu na minha porta? Estou te cortando por causa dela? — Thatcher diz, em um tom próximo à raiva, mas com ele, nunca sei.

— Sim. — Arrasto minhas mãos pelo meu rosto em frustração. — Eu tentei cortá-la. Queria me punir por ser tão estúpido, por confiar nela, mas ela é como um veneno, um maldito tumor, cara. Continua crescendo de volta. — Deixei escapar um suspiro pesado. — Agora não sei no que acreditar ou pensar. Ela confessou tudo sobre Caim e me disse que foi forçada a aceitar o noivado. Aparentemente, seu pai estava recebendo dinheiro de Stephen e, em troca disso, ele queria uma esposa para seu filho. Depois, Easton descobriu sobre nós e ameaçou levar Rose em seu lugar. Por isso ela fez uma escolha e estamos nos odiando desde então.

E aí está. Minha verdade para queimar virando fumaça.

Meu belo veneno exposto.

Dizer isso em voz alta faz exatamente o que pensei que faria. Faz-me sentir ainda mais idiota.

O tolo que se apaixonou por uma garota que não dava a mínima para ele, e a pior parte é que eu sabia. Sabia que Sage era uma criatura perigosa. Que estava enrolada em fita isolante.

Feita sem costura. Projetada para enganar.

O sapo de cores requintadas com padrões de néon, água-viva deslumbrante com um brilho bioluminescente, a lagarta exótica. Tudo pensado para chamar a atenção e afastar o perigo.

Eu sei o que ela é, mas a persigo de qualquer maneira, sem ter ideia de quanto dano isso causaria em mim.

— Qual era o sentido de esconder isso de nós? — Alistair pergunta.

Pego o cigarro de Alistair, enchendo meus pulmões com alcatrão.

— Qual é o sentido de você mentir sobre Dorian?

Eles não são os únicos que podem ver através de mentiras.

— O que você fará quando ele sair da reabilitação por um problema com drogas que nunca teve? Seus pais não podem mantê-lo trancado para sempre. O que vai dizer a Briar quando ela descobrir a verdade? Todos nós temos nossos segredos, e eles aparecem quando estão prontos, mas não fique aí parado e aja como se também não tivesse nenhum.

— Não seja um idiota — diz ele. — Não estou chateado com você e Sage. Estou chateado por você achar que precisava esconder isso.

— Só não achei que fossem entender.

— Não precisamos, Rook. Nunca precisamos.

A chuva cai mais rápido, baldes de água caindo do céu. Esta tempestade estava se formando o dia todo e finalmente chegou com raios e trovões.

— Se eu disser não, ainda matará Caim, não é?

Olho para eles, todos eles. Cada um deles representa uma parte da minha vida sem a qual eu não saberia o que fazer.

É disfuncional e nem sempre concordamos. Discutimos mais do que qualquer outra coisa provavelmente, mas eles são a minha casa. Uma casa escura, mal-assombrada e sangrenta, mas ainda assim meu lar.

Parando junto a Alistair, eu o encaro fixamente. O irmão mais velho nunca tive.

— Se fosse Briar?

— Ele já estaria morto.

Concordo com a cabeça, sabendo que essa seria a sua reação, sabendo sua resposta antes que ele a dissesse.

— Isso significa que o problema será meu. Eu assumiria a culpa se a merda fosse para o sul. Protegerei todos vocês do golpe, se houver algum.

— Não matará ninguém sozinho — diz Thatcher. — Compartilhar é cuidar, mas só para deixar claro, não gosto de Sage e não confio nela.

— Existe alguém de quem goste? — Eu levanto uma sobrancelha, divertida.

— Não. A espécie humana me enoja.

Eu rio por um breve momento antes de olhar para Silas, que não para de me encarar desde que saiu.

— Si, eu sei...

— Você a ama? — Ele pergunta sem rodeios.

Eu sei o que é amor. Senti isso por minha mãe e, a certa altura, por meu pai - às vezes ainda sinto. Sinto isso pelos rapazes, embora nunca tenha falado essas palavras em voz alta para nenhum deles. Estou ciente de como é.

Nada se parece com Sage. Nunca experimentei nada parecido com ela na minha vida, e isso torna essa pergunta difícil.

— Não sei o que sinto por Sage. — Um relâmpago cai com força, sacudindo o chão. — Mas seja o que for, é meu.

VINTE E SETE



O QUE O DIABO MERECE

Gage

— O que está fazendo aqui?

Giro da minha mala aberta para ver dois sócias de Silas mais baixos, com pele morena clara e cabelos escuros com penteados diferentes em cada um. Um deles tem uma bola de basquete debaixo do braço, enquanto o outro olha para mim com os braços cruzados.

— Bem, parece que estou invadindo seu quarto de hóspedes — digo com humor, esperando que minha piada de alguma forma quebre o gelo entre mim e esses adolescentes que me observam como um falcão.

Quando eles não riem ou sorriem, coloco uma mecha de cabelo atrás da orelha.

— Eu sou, uh — tropeço — amiga do Silas. Só ficarei aqui até o meu dormitório ser arrumado. Mofo é uma merda.

Decido que contar a eles a mesma mentira inocente que contamos aos pais de Silas é o melhor caminho. Tenho certeza de

que não entenderiam se eu dissesse que ficarei aqui para ser monitorada. Que fui considerada um risco e agora eles estão tomando precauções quando se trata de meus motivos.

— Silas não tem amigos — diz aquele com a bola de basquete.
— Não amigos como você, de qualquer maneira.

— Touché — admito. — Recentemente nos tornamos amigos. Tem sido um processo lento.

— É a gêmea de Rosie, não é? — O outro pergunta. — Você se parece com ela.

Acho que é aquele chamado Caleb, e o outro é Levi, mas não tenho certeza porque são muito parecidos, apenas que um é alguns centímetros mais alto que o outro.

Fazia muito tempo desde que alguém me fez uma pergunta como essa.

É uma gêmea? É a gêmea de Rosemary?

Eu concordo. — Sim, sou.

Seus ombros parecem relaxar, deixando-os menos tensos como se tivessem percebido que não sou uma ameaça por causa da minha irmã.

— Ela costumava nos levar ao ferro-velho com ela quando procurava materiais de que precisava para suas esculturas.

— E então teríamos iogurte congelado. O que é muito melhor do que sorvete — acrescenta Levi, abrindo um sorriso deslumbrante com a memória.

— Ela mostrou a você nossa combinação ultrassecreta de *froyo*?

Seus olhos se iluminam um pouco. — Não!

— Bem, acho que isso significa que temos que ir em breve para que eu possa transmitir a tradição.

Nosso segredo é uma combinação bastante comum, acho, mas para nós, como garotinhas, pensávamos que éramos geniais. É iogurte congelado com sabor de massa de bolo com ursinhos de goma. Costumávamos comer galões dessas coisas.

Esta casa me lembra tempos mais simples entre mim e Rosemary. Quando éramos crianças e as possibilidades do mundo eram infinitas.

Tudo na casa de Silas é uma surpresa para mim. Ele é um homem quieto, taciturno e raivoso, enquanto sua casa é exatamente o oposto. Sua mãe estava na cozinha fazendo o jantar quando entrei, e seu pai descendo as escadas para tirar o terno. Foram calorosos e acolhedores.

Zoe e Scott sempre foram legais comigo de passagem. Em eventos, na escola quando estavam por perto, jogos de futebol. Eu tristemente pensei que eles eram como todo mundo, representando um papel, fingindo, mas posso sentir que há amor verdadeiro nesta casa.

E me senti mal por Silas ter mentido para eles sobre o motivo de eu ficar aqui. Foram informados de que minha colega de quarto ficou doente e meu pai estava tão ocupado no trabalho que eu não queria ficar sozinha em casa. Acho que eles pensaram que era por

causa de Rose e minha mãe. Que eu estava triste porque era solitário lá dentro, não porque estivesse tramando a morte do meu próprio pai.

— Sente falta dela? — Levi me pergunta.

— Sinto. — Aceno com a cabeça suavemente, um sorriso no meu rosto. — Bastante.

Levi franze os lábios. — Nós também.

Parecia que todos os meninos da família Hawthorne tinham duas características em comum. Eram homens de poucas palavras. E também como seu irmão mais velho e todos os outros, gostavam de Rosemary.

O que não é inesperado. Nunca foi.

Rose sempre foi o tipo de pessoa pela qual não se pode deixar de apaixonar. Sua energia empática e alma calma pareciam chamar as pessoas. Quem a conhecia, realmente a conhecia, sabia o quanto ela era especial.

— Caleb, Levi, deixe-a em paz.

Silas sobe as escadas, chegando atrás deles e se elevando sobre seus corpos em crescimento, e a maneira como eles olham para ele é mais do que apenas por causa de sua altura.

Eles realmente o admiram. Admiram-no.

— Vejo você por aí — os dois dizem ao mesmo tempo antes de desaparecer no corredor.

Silas segue o rastro deles enquanto saem antes de se concentrar em mim. Caminhando apenas alguns passos para

dentro do quarto, ele se inclina contra o batente da porta, os braços cruzados na frente do peito. Nunca soube que ele tinha tatuagens porque na maioria das vezes ele usa mangas compridas. Muito parecido comigo recentemente.

Exceto que estou escondendo cicatrizes, e ele está apenas, bem, se escondendo.

Estou desconfortável com o silêncio constrangedor que se instala entre nós, por isso tento manter uma conversa simples. Preciso que isso seja um processo indolor. Algumas semanas dentro de sua casa para provar que não sou uma informante, algumas semanas até que meu pai morra, e todos nós podemos seguir caminhos separados.

Vai acabar.

— Eles são gêmeos? — Pergunto, referindo-me a seus irmãos, pegando algumas das minhas roupas da minha mala e levando-as para a cômoda encostada na parede.

— Não, eles têm um ano e alguns meses de diferença. Caleb é o mais velho, nunca age como tal.

— Levi é aquele que gosta de basquete? Ou isso é apenas para mostrar? — Deslizo as roupas para dentro da gaveta, olhando por cima do ombro para encontrá-lo já olhando para mim.

— Sim, e ele é decente. Vai melhorar quando aprender a se disciplinar e perceber que bater no irmão descoordenado não o torna grande.

Eu rio, sem realmente pensar antes de falar.

— Sabia que Rosemary tentou ser líder de torcida quando éramos pequenas? Ficamos acordadas a noite toda revisando coreografia e ela ainda esqueceu cada um dos movimentos no dia seguinte.

Não sei por que esperava que ele risse ou mesmo sorrisse. É bom falar sobre ela, de uma forma positiva. Lembrar dela pelo que era e não pelo que aconteceu com ela.

No entanto, é sempre um assunto delicado, uma ferida aberta, e falar sobre ela provavelmente piora as coisas para ele.

— Desculpe, eu não queria trazê-la à tona.

— Tudo bem. Não me importo. Eu gosto de ouvir as memórias de outras pessoas sobre ela.

Não é tão simples, porém, não é? Nunca é tão simples.

— Sei que provavelmente é difícil para você — digo. — Ter-me aqui. Vendo-me. Não ignoro nossas semelhanças. Eu poderia ter ficado em um hotel ou no dormitório. Não preciso estar aqui se for demais para você.

Ele não diz nada imediatamente, me deixando louca imaginando o que diabos está passando por sua cabeça agora. Sou a lembrança viva do que ele perdeu e, para um homem de luto, não sou alguém que ele queira ver todos os dias. Eu sei disso.

— Tudo é difícil. Acordar. Respirar. — Ele suspira. — Tê-la aqui não é difícil. É a única coisa fácil na minha vida. Porque olho para você e sei que um pedaço de sua alma sobreviveu. Que uma parte dela vive em você.

Minha garganta seca como se algo estivesse sendo enfiado em minha boca. Estou meio sem palavras e meio preocupada. Sei que essa mentalidade não pode ser saudável, não para ele, mas não tenho coragem de dizer nada diferente.

— Eu...

Paro abruptamente quando me viro, encontrando Silas ali. Seus movimentos furtivos me surpreenderam, mas sua distância de mim me deixa desconfortável. Minhas costas batem nas maçanetas da cômoda, sentindo a madeira cavar em minha pele enquanto tento colocar algum espaço entre nós.

Ele está perto. Muito perto.

— E farei qualquer coisa para proteger essa peça. — Sua voz faz cócegas em meu rosto e tento decidir o melhor caminho para sair dessa situação em que me encontro.

— Silas, o que está fazendo? — Pergunto baixinho, apreensiva com ele, preocupada com ele.

Aqueles olhos endurecidos derretem, as feições em seu rosto se suavizam visivelmente, e por um momento acho que é porque ele pode chorar por minha irmã.

Estava errada.

— Baby — diz ele, e a própria palavra soa como se fosse arrancada de dentro de seu peito. Tão gutural e doloroso, mas não sou a sua baby. — Senti tanto sua falta.

Ele se inclina para mais perto do meu corpo, afastando-se da realidade e mergulhando mais fundo em uma fantasia que nunca será real. Entro em pânico quando coloco minhas mãos

firmemente em seu peito, empurrando-o para longe de mim com toda a força que consigo.

— Silas! Não sou a Rose! — Grito.

Parece cruel dizer em voz alta para ele; me sinto cruel apenas existindo no mesmo espaço que ele agora. Não fingirei que entendo o que ele está lutando por dentro, mas sei que não é ele. Esta é sua mente pregando peças, seu cérebro colocando-o em uma forma lenta de tortura.

Ele pisca algumas vezes, agarrando sua cabeça e apertando com muita força para ficar confortável.

— Pare, pare, pare — ele murmura. — Não! Isso não está certo. Não está certo. Você não pode fazer isso...

Eu sei que não é comigo que ele está falando; é algo muito mais sombrio.

Nunca pensei que minha estada nas instalações Monarch seria outra coisa senão um pesadelo. Quero esquecer que até fiquei lá, mas agora, estar lá me ajuda nessa situação.

Porque penso em Eddison, o velho que estava sentado perto da janela.

Quando ele sofria de alucinações severas, as enfermeiras faziam algo chamado aterramento. Tentavam ajudá-lo a se concentrar nas coisas que eram reais, em vez das coisas que não eram, a fim de evitar um episódio psicótico. Mantenho minha distância para que ele não se sinta mais preso do que já está.

— Silas, sou eu, Sage — digo suavemente — Estamos na sua casa, e você está seguro. Sei que parece real, mas não é. Eles não são reais.

Sua respiração é irregular quando ele cerra os dentes, começando a andar.

Sei o quão prejudicial um episódio completo seria para ele. Ele poderia ficar preso dentro dela por alguns meses, anos até. Não quero que chegue tão longe, mas tudo que posso fazer é tentar trazê-lo de volta. Para lembrá-lo de que esta é sua doença e não o mundo real.

— Estamos na sua casa, Silas. Com sua mãe, seu pai, Caleb e Levi. Somos reais e estamos aqui para você, entendeu?

Silas Hawthorne é o principal exemplo de que o amor não é suficiente. Se o amor fosse suficiente, ele não procuraria problemas e escuridão. O amor de seus pais deveria ter sido suficiente para mantê-lo com os pés no chão. Mantê-lo na linha, mas não é.

Se o amor bastasse, Rosie ainda estaria viva. Porque mesmo se tirasse todo o amor do meu coração por ela, todo o amor de Rook, Thatcher e Alistair, Silas teria o suficiente armazenado dentro dele para durar uma quantidade infinita de tempo.

Teria sido o suficiente para salvá-la. Se apenas o amor fosse suficiente.

Dói-me fisicamente vê-lo lutar contra isso. E não posso fazer nada além de observar e esperar que ele consiga se livrar disso.

Que pode dar a volta por cima e não aceitar sua ilusão como realidade.

O ritmo diminui e ele inspira pelo nariz, expira pela boca, repetidamente até que sua respiração se regule. A exaustão mental em seu rosto é evidente, e posso ver o quão cansado está.

— Silas — digo suavemente, as sobrancelhas franzidas.

— Estou bem — ele suspira. — Estou bem. Só, eu preciso... — Ele para de esfregar as têmporas.

— Posso ajudar? O que precisa?

— Dormir. Só preciso dormir um pouco. Que horas são? — Ele enfia a mão no bolso da frente, tirando o telefone e acendendo a tela. — Tenho que tomar meus remédios.

Solto a respiração que segurava, aliviada por ele ainda estar tomando a medicação. Eu sabia que as alucinações faziam parte de sua vida cotidiana, e às vezes eram piores do que outras, mas ainda estou preocupada.

— Talvez você deva pensar em conversar com seu médico sobre um novo medicamento ou um cronograma diferente? Ou até mesmo conversar com seus pais sobre isso. Rook?

Ele vira a cabeça em minha direção, fazendo contato visual. — Não é a medicação.

— Então...

— Só estou cansado. Faz um tempo que não durmo. As alucinações pioram quando não descanso. Não é o remédio, Sage. Funciona bem. Estou bem — ele me assegura. — Desculpa por

isso. Não foi... — faz uma pausa. — Sei que você não é Rose. Eu sei.

As bolsas pesadas sob seus olhos parcialmente confirmam essa história, e não tenho ideia dos detalhes de seu diagnóstico. Sei que o estresse avassalador de tudo isso pode fazer com que piorem e quero aceitar que ele está bem, mas temo por ele.

Só é preciso uma alucinação ruim.

— Está tudo bem, entendo — eu digo, sentindo o quão rápido meu coração está batendo dentro do meu peito. — Vá dormir um pouco.

Ele acena com a cabeça, enfiando as mãos nos bolsos e caminhando em direção à porta. Faz uma pausa, agarrando a moldura.

— Sage — ele murmura. — Gostaria que isso ficasse entre nós. Todo mundo já tem o suficiente em seu prato agora, e não quero que eles se preocupem comigo por causa de uma alucinação. Especialmente Rook. Ele enlouquece o suficiente.

Não parece certo esconder isso dele. Guardei segredos suficientes de Rook, e não quero fazer isso de novo.

Ele mal acredita em mim do jeito que está agora. Não preciso dar a ele outro motivo para não confiar em mim. Não me perdoaria se algo acontecesse com Silas, sabendo que não fiz nada para evitar. Rosie nunca me perdoaria por isso.

— Eu não direi a ele — digo. — Você dirá. Vou te dar alguns dias, Silas, mas se não contar a ele. Eu conto.



— Vamos, Sage!

Sua voz faz cócegas em meus ouvidos, sua risada ecoa por entre as árvores. Eu me viro, olhando para a pesada camada de neve cobrindo o chão.

— Rosie? — *Sussurro, semicerrando meus olhos tentando me ajustar ao brilho da luz refletida na neve. Envolver meus braços ao meu redor, uma camisa de manga curta e shorts são as únicas coisas que cobrem meu corpo dos elementos.*

Minha respiração sai em baforadas visíveis quando olho um pouco além da linha das árvores para ver Rosie parada no meio do rio Tambridge. Estive aqui apenas algumas vezes, principalmente durante o verão em festas diurnas quando estava no ensino médio.

Tropeço até a beira do rio, vendo uma espessa camada de gelo sobre o rio normalmente caudaloso. Minhas sobancelhas franzem em confusão, e olho para cima. — Ro! Volte aqui. Não é seguro lá fora!

Ela, porém, não diz nada. Fica imóvel, os braços balançando ao seu lado. Seu cabelo escuro se destaca do vestido de cor clara que está usando. Logo, começa a girar em um círculo, lentamente no início, mas ganha velocidade.

— Rosemary! — *Volto a chamá-la, mas ela ainda não me ouve.*

Inspiro fundo quando o chão cede sob seus pés girando, e ela cai na água abaixo. Posso ouvir seu corpo cair no riacho, e a adrenalina corre em minhas veias.

Sem me importar com minha própria segurança, atravesso o rio congelado, percebendo apenas agora que meus pés estão descalços. O ar frio queima meus pulmões a cada respiração enquanto balanço meus braços mais rápido para me impulsionar para frente.

Sinto que estou correndo no lugar. Não importa o quanto me esforce, ainda estou tão longe dela.

Ela se afogará. Vai morrer.

— Rosie! — Grito, finalmente chego ao buraco no gelo, não encontrando nada além de água escura como breu. Meu coração bate dentro dos meus ouvidos, suor escorrendo pela minha testa. Ajoelho-me, rastejando freneticamente, procurando para onde a corrente pode tê-la arrastado.

O pânico se instala, espetando minha pele como agulhas.

Minhas mãos queimam enquanto as passo pelo gelo, procurando por ela sob a superfície.

Não deixe que ela se afogue. Não a deixe morrer.

Esperança cintila quando vislumbro seu cabelo. Uma de suas mãos se estende e pressiona contra o gelo como se ela estivesse presa do outro lado de uma parede de vidro.

Começo a bater meus punhos compulsivamente na água congelada. O sangue escorre dos meus dedos, o vermelho carmesim um contraste ousado com o branco puro, e continua a derramar.

— Você consegue. Pode salvá-la.

Ergo ambos os meus punhos acima da minha cabeça, depois os abaixo. Meus braços começam a doer e ter espasmos. Meus pulmões não são capazes de inspirar rápido o suficiente, e as bolhas de dor em minhas

mãos vibram por todo o meu corpo, mas continuo, batendo minhas mãos repetidamente, até que finalmente se despedaça.

A água borbulha, e eu imediatamente me abaixo no riacho gelado, me virando para alcançá-la. Eu a deixei saber que estou aqui e vou salvá-la. Que ela ficará bem, mas nunca sinto o seu corpo.

Não até que ela saia da água, o cabelo emaranhado no couro cabeludo com olhos que não parecem humanos. Estão apodrecidos e pretos, vazando lama escura das órbitas, e tudo que posso fazer é gritar quando as suas unhas cravam em meus braços como adagas.

— Deveria ter sido você — ela sussurra com a boca cheia de fuligem preta, escorrendo como alcatrão.

— Rose! — Suspiro, pulando dos travesseiros, minha mão segurando minha camiseta logo acima do meu coração.

Minha respiração está irregular e sinto o suor escorrendo pelas costas. Chuto agressivamente o cobertor do meu corpo, pressionando as palmas das mãos nos olhos e esfregando o sono. Não tenho pesadelo desde que estava na ala psiquiátrica.

Eu olho para o relógio, vendo os números verdes piscando, deixando-me saber que são três da manhã.

Pensei que meu subconsciente finalmente tinha me dado uma pausa. Que meu cérebro estava farto dos pesadelos repetitivos, que não importava quantas vezes os tivesse, ainda não estava preparada.

Aparentemente, eu estava errada.

Jogando meus pés sobre a borda, mexo meus dedos no chão frio de madeira. Minha boca parece que gargarejei areia, e estou

precisando desesperadamente de água. Só espero não ter acordado nenhum dos Hawthornes.

Pego o cardigã que usei hoje cedo, para o caso de mais alguém estar acordado. Estou exausta demais para tentar explicar as cicatrizes em meus pulsos para o pai de Silas se ele estiver trabalhando.

Minha porta range quando a abro, me fazendo estremecer. Passo pelo corredor, pelas escadas e atravesso a sala de estar até chegar à cozinha aberta. O mais silenciosamente que posso, abro quase todos os armários tentando encontrar um copo, agarrando a porta do último antes de localizar um.

— Claro — sussurro. Por que tudo na minha vida tem que ser tão difícil? Não consigo nem encontrar copos sem um desafio.

Abro a torneira, certificando-me de que está fria antes de encher o copo até a borda. Levando a borda aos lábios, olho pela janela à minha frente enquanto engulo metade da água. A chuva está fazendo ruídos suaves contra o vidro, e espero que continue porque sempre durmo melhor quando está chovendo.

Encho novamente o copo e giro na ponta do pé para dar um passo, mas então o vejo parado ali. Rook está envolto na escuridão enquanto se inclina contra a porta da geladeira, olhando para mim. Meu aperto no copo afrouxa, o copo caindo e batendo no chão de ladrilhos. Cacos de vidro grandes e minúsculos se espalham pelo espaço, e o som junto com sua presença nas sombras me faz pular.

Um beliscão semelhante a uma agulha me faz levantar o pé do chão, xingando de desconforto ao fazê-lo. Com a pouca luz que há

dentro da cozinha, posso ver que um pedaço do vidro brilhante cortou o fundo da sola do meu pé.

Ouçõ seus passos se aproximando de mim, conhecendo o som de sua caminhada. Olho para cima para ver o luar lançando um brilho fraco em seu rosto, e todo o meu ser começa a doer.

Seu cabelo castanho está agitado por causa do sono, olhos semicerrados e nebulosos, mas de alguma forma seu olhar permanece afiado e penetrante. As sombras da noite contrastam com seu torso nu, destacando cada corte e sulco. As linhas estreitas de seu corpo parecem ter sido gravadas em pedra. Tudo, desde os ombros até a parte inferior do abdômen, que se flexiona toda vez que ele inspira, é rígido e definido.

Meu núcleo lateja tanto que eu poderia chorar. Passo a língua pelos lábios rachados quando ele começa a se aproximar, estendendo a mão para detê-lo antes que ele pise nos pedaços afiados que estão entre nós.

— Não — sussurro, mas ele faz o que Rook faz de melhor.

Ignora-me. Dá mais um passo, sem se incomodar com o vidro enquanto passa um braço em volta da minha cintura, puxando-me para cima e para seu corpo quente. Meus olhos seguem a tatuagem de cobra que adorna a lateral de seu pescoço e desaparece em suas costas.

Afundo meus dentes em meu lábio inferior, tendo que me impedir fisicamente de pressionar meu nariz em sua pele e inalar seu cheiro. A colônia que sobrou do dia e o cheiro terroso da cannabis grudaram nele como uma luva.

Seus moletons costumavam ser minha coisa favorita para dormir por causa do cheiro, por causa do calor, do conforto. Com uma gentileza surpreendente, ele me coloca na ilha, meus pés balançando sobre a borda.

— Fique aqui — ordena, sua voz rouca provavelmente por ter acabado de acordar ou porque estava fumando. De qualquer maneira, queria ouvir mais.

Quando ele se afasta de mim, o luar atinge suas costas, e desta vez não são os músculos tonificados que me pegam de surpresa. Nem a tatuagem que se estende de ombro a ombro. As asas do anjo beijando cada ponta de seu ombro e o corpo do homem amarrado ao qual estão presos tatuados no centro de sua espinha.

Não, não é o jeito que se encaixa perfeitamente em seu corpo. São as cicatrizes.

Algumas estão completamente curadas, afundadas e ligeiramente descoloridas. Outras são de um rosa empoeirado, indicando que acabaram de iniciar o processo de cicatrização, mas há alguns que ainda estão vermelhos de irritação, mal cicatrizadas e parecem que podem estourar a qualquer segundo. Correm logo abaixo da tatuagem, até a depressão em sua espinha. Várias, algumas que parecem ter sido reabertas muitas vezes para serem saudáveis.

Quando ele volta, carrega um kit de primeiros socorros que já foi aberto, deslizando-o ao meu lado enquanto tira alguns materiais de dentro.

— Estou bem. Não precisa fazer isso.

— Cale-se. É minha culpa que deixou cair o copo. Deixe-me consertar isso. — Ele se abaixa, enrolando os dedos em volta do meu tornozelo e levantando-o para que possa examinar melhor o dano.

O silêncio cai entre nós. Não é estranho ou tenso. É confortável.

Usando os dentes, ele abre uma compressa com álcool, o cheiro pungente imediatamente fazendo meu nariz arder. Odeio tanto esse cheiro que me faz tremer.

— Você está bem?

Concordo. — Sim. Apenas odeio esse cheiro. Lembra-me Monarch. Juro que eles encharcavam os corredores com essa merda todas as noites. — Ele esfrega as compressas contra a minha pele, causando uma ardência no meu pé. Olho para ele. — O que está fazendo aqui?

— Certificando-me de que está segura.

Meu coração bate um pouco.

— Não sabia que se importava.

— Eu gostaria de não me importar.

Ai. Acho que mereço isso.

— Você parece ser muito bom nisso. Habitado a limpar feridas?

Um sorriso aparece em seu rosto. — Alistair quebrou os nós dos dedos algumas vezes nos anos em que somos amigos. Teve que aprender em algum momento, ou ele provavelmente sangraria.

— E as cicatrizes nas suas costas? Limpa isso também? — Pergunto, sabendo que não tenho absolutamente nenhum direito de saber a verdade por trás delas, mas querendo de qualquer maneira.

Ele pressiona um pouco mais forte em minha ferida recente, me fazendo estremecer um pouco.

— Não faça perguntas para as quais não está pronta para ouvir as respostas, geek do teatro.

Meu peito tem espasmos ao ouvi-lo me chamar assim. Em um ponto, odiei ouvir isso, mas quando estava dentro daquelas quatro paredes, eu teria dado qualquer coisa para ouvi-lo dizer isso de novo.

— Quem disse que não estou pronta para elas? Implorei por elas em um ponto e quase não recebi nada de você. Sempre estive pronta para suas verdades, Rook.

Quanto mais perto chegávamos no ano passado, mais eu sentia que ele estava se escondendo de mim, apenas me dando as peças que queria enquanto eu mostrava a ele todos os meus esqueletos no armário. Não acho que ele realmente confiou em mim para começar, mas tudo o que eu queria era entendê-lo melhor. Para conhecê-lo e não apenas seu nome, como todo mundo. Queria saber o que o fazia funcionar. Seus sonhos, se ele ainda tivesse algum, neste momento. Seus pesadelos.

Eu só queria conhecê-lo.

— O que aconteceu com você? — Pergunto, esperando que ele me dê alguma coisa. Qualquer coisa.

— Não aconteceu nada comigo. Fiz isso sozinho — ele resmunga, agarrando a gaze ao meu lado — Bem, Thatcher fez o corte, mas eu pedi.

— O quê? Por que? — Franzo minhas sobrancelhas, confusa.

Quando as vi pela primeira vez, pensei que o abuso de seu pai havia escalado para mais do que apenas lábios arrebitados e olhos roxos. Não esperava que ele dissesse um de seus melhores amigos.

As relações entre eles são um enigma. Não importa o quanto eles nos digam, nunca seremos capazes de compreender as profundezas que eles estariam dispostos a ir um pelo outro.

E Rook é o mais complicado de todos.

Um quebra-cabeça que só fica mais confuso com peças adicionadas, mas mesmo assim, quero desvendá-lo. Sondar e decifrar cada parte dele, buscando respostas para o seu mistério todos os dias, porque é isso que ele merece.

Alguém que jamais desistiria da busca para encontrá-lo.

Com movimentos suaves, ele envolve a gaze em volta do meu pé algumas vezes, amarrando as pontas no topo quando termina.

— Foi um castigo — diz ele, ainda lutando comigo antes de devolver o kit de primeiros socorros para onde o pegou antes. Ele volta para a cozinha e se encosta no balcão à minha frente, cruzando os braços na frente do peito.

— Por que Thatch precisaria puni-lo? O que fez com ele?

— Além de irritá-lo *pra* caralho? Nada. — Ele inclina a cabeça para a esquerda, estalando o pescoço violentamente. — Queria me

punir. Queria que ele me cortasse. Eu poderia ter feito isso sozinho, mas parecia egoísta. Por isso, o deixei fazer isso.

Um calafrio percorre meus ossos e arrepios se espalham por minha pele.

— Por que?

Ele me olha bem nos olhos, e mesmo no escuro, ainda são luminosos.

— Você.

O vazio em meu peito lateja. Não pensei que fosse possível qualquer outra coisa dentro de mim quebrar, mas algo quebrou. Quebrou-se.

— Pedi a ele para me cortar porque eu precisava ser punido por confiar em você. Por me permitir ser fraco.

— Rook, eu não entendo — murmuro.

— Se meu pai me ensinou alguma coisa, é que todos nós temos pecados pelos quais temos que responder. Repercussão para nossas ações. Prefiro estar no controle da punição que me acontecerá pelas coisas que fiz.

Há apenas algumas coisas que não merecem perdão, Sage.

Todo esse tempo, ele se machucou por quê? Porque ele confiava em mim? Por causa das coisas que ele fez?

— É por isso que o deixou bater em você?

— Eu gosto da dor. Vivo para ela. — Encolhe os ombros, e sua admissão me corta em carne viva. Passou a vida inteira se machucando só para pagar por erros que ele mesmo nem cometeu.

Ele está tão danificado, tão destruído, que a dor foi o único alívio que ele teve.

— Não acredito nisso. Essa não pode ser a razão...

— Porque eu matei minha mãe. — Suas narinas dilatam. — É isso que quer que eu te diga? Quer essa porra de verdade feia e amarga, Sage? Eu matei minha mãe.

Ele solta um suspiro sóbrio, passando os dedos pelos cabelos. — Estávamos voltando da escola para casa. Ela estava ao telefone com meu pai falando sobre comprar comida tailandesa para o jantar. Era um dia tão normal, nunca pensei que algo ruim pudesse acontecer em um dia como aquele. — Ele balança a cabeça. — Isso não deveria acontecer. Não para pessoas como ela.

Sento-me ali, congelada, absorvendo cada palavra, sentindo cada pedaço de seu passado dentro de meus ossos.

— Eu estava sendo um idiota, chutando o encosto do seu assento. E ela se virou para me repreender por isso. — Sua voz rouca falha um pouco. — Não havia como ela ter visto o carro à nossa frente frear. Não houve tempo suficiente para desacelerar. Tudo estava confuso porque minha cabeça doía, mas lembro que alguém me puxou para fora da cadeirinha, levando-me para um local seguro pouco antes de todo o veículo pegar fogo. Foi consumido em uma chama laranja e fumaça, tanto que nem conseguia vê-la lá dentro. Pensei que ela tinha conseguido. Que alguém a salvou.

Isso é o que ele tem carregado em seus ombros a maior parte de sua vida. O pecado que ele pensou ter cometido. Essa é a raiz de toda a sua dor, culpando-se pela morte de sua mãe.

— Eu fiz isso. — Ele se cutuca no peito. — Tirei a vida da minha mãe e mereço pagar por isso. Então, sim, deixei-o me bater, mas é um pequeno preço a pagar quando sou a razão pela qual ele perdeu o amor de sua vida.

Deslizo do balcão, caminhando em sua direção, não me importando que ele não goste de mim agora. Não me importando com nada que aconteceu antes deste momento aqui.

Quando eu estava dentro das instalações da Monarch, havia uma jovem em um dos meus grupos. Ela lutou contra a depressão e a automutilação grave, usando as coxas e os pulsos para lidar com os problemas que tinha dentro de si.

É uma batalha desagradável de travar, especialmente quando se está sozinho.

Rook, ele estava indo para a guerra contra isso, nem mesmo sabendo quem era o inimigo, mas deixando seu pai bater nele, fazendo Alistair lutar com ele, tendo Thatcher o cortando, é o mesmo que ela sentada em seu quarto com uma lâmina de barbear pressionada em sua pele. Ele quer ver a dor interior refletida no exterior.

Ele se viciou em feridas autoinfligidas como forma de lidar com a morte de sua mãe, para lidar com tudo o que já havia perdido. Incluindo eu.

— Rook — quase sussurro, esticando meus dedos para tocá-lo — você não matou sua mãe. Foi um acidente horrível? Sim, mas foi exatamente isso. Um acidente.

Com reflexos rápidos, ele agarra meu pulso em sua mão, apertando com força — Não dê desculpas para mim. Sei o que fiz. — Sua mandíbula se contrai enquanto ele range os dentes, e pego uma única lágrima escorrendo pelo canto do olho. — Eu sei o que sou.

Uso minha outra mão para tocá-lo, a gota molhada encharcando a ponta do meu dedo. Um anjo desprezado, cheio de tanta raiva e ódio, mas por dentro, ainda é o mesmo anjo. Alguém que perdeu tudo quando foi expulso do céu, pelas boas graças de seu pai.

Porque Rook não perdeu apenas sua mãe, ele também havia perdido seu pai naquele dia. Tudo o que ele conheceu queimou com aquele carro, e ele fez o melhor que pôde com o que tinha.

Ele se construiu no caos e na dor, sentindo que era melhor governar na escuridão do que ser condenado na luz.

— Você é humano – isso é o que é. Aquele que sente dor e tristeza. Aquele que não merece o que tem permitido que outros o façam passar. Você não é o diabo, Rook.

As paredes desmoronam e, pela primeira vez, não vejo nada além de sua vulnerabilidade. Seus olhos são tão puros e crus que me tira o fôlego. Eu o vejo por tudo o que ele é, e é tão lindo.

Ele solta meu pulso, agarrando minha nuca. Agarra meu cabelo na base e pressiona para cima, costurando a mão ali. Com pouca força, ele me arrasta para seu peito, me segurando ali, me envolvendo em seu cheiro.

— Nunca quis ser — ele sussurra.

Está quieto.

Pela primeira vez em muito tempo.

Não há nada que precise ser dito. Nenhum argumento para vencer. Conheço a dura realidade que nos espera fora deste espaço, mas não precisa chegar até de manhã. Por enquanto, deixo-o me segurar. Eu me deixei apaixonar por ele.

Descaradamente apaixonada, mesmo que nunca seja capaz de dizer isso em voz alta.

E não é perfeito. Está feio, quebrado, e quando o sol furar as nuvens, ele pode muito bem voltar a me odiar. Sei disso.

No entanto, somos nós, e por enquanto, neste momento brutal de desespero, isso basta.

VINTE E OITO



QUANDO ABEL MATOU CAIM

Roof

O The Graveyard.

Durante os fins de semana, é animado e cheira a atividades ilícitas. É onde os garotos ricos conseguem sua dose, vivendo a vida da forma mais perigosa possível, sem colher nenhuma consequência. O caos entre a multidão ruge quase tão alto quanto os motores na pista.

É uma fera viva que respira e se alimenta de adrenalina.

Lutas. Drogas. Sexo.

O único lugar para encontrar problemas quando se está procurando ativamente por eles.

— Não me inscrevi para ser a mula de carga — Thatcher resmunga enquanto ajuda Alistair a arrastar o corpo inconsciente de Caim para a pista vazia.

— Pare de reclamar — Alistair amaldiçoa com os dentes cerrados.

Juntos, eles o jogam no asfalto, sua cabeça sem apoio batendo contra o chão duro, seus olhos se contraindo à medida que começa a ficar mais alerta. O soco que Alistair desferiu na lateral da cabeça foi o suficiente para nocauteá-lo, dando-nos tempo suficiente para trazê-lo aqui sem problemas - bem, além do fato de que ele é um peso morto e pesado.

Esta noite, o Graveyard está vazio, mas ainda tem aquele cheiro persistente de borracha queimada e óleo que tanto amo. É uma quarta-feira normal e todos estão vivendo suas vidas ordenadas, ansiosos para quando chegar a hora de fugir da anarquia, mas para nós, o caos coexiste em nossas vidas cotidianas.

Hoje à noite, o Graveyard é o altar para um monstro que responderá por seus crimes. Mesmo que não queira confessá-los voluntariamente. Ele pagará o preço por tocá-la com sua vida.

Ao acordar, ele percebe instantaneamente sua difícil situação. As cordas que amarram suas mãos e pés o mantêm no chão. E duvido que ele seja capaz de se afastar de mim rápido o suficiente. Ele já havia se safado de sua ofensa doentia por muito tempo.

Alistair caminha em minha direção, colocando a mão no meu ombro. — Ele é todo seu.

Mordo o fósforo na minha boca, meu polegar batendo na minha coxa. Não preciso de sua aprovação, mas aprecio seu apoio.

Thatcher respira fundo, depois cospe no peito de Caim antes de olhar para mim. — É melhor fazê-lo sangrar por tentar me matar.

Escarneço, sorrindo levemente enquanto balanço minha cabeça.

Tudo bem, talvez pegar Caim de seu apartamento não tenha sido tão tranquilo. Ele apontou uma arma para Thatch, pouco antes de ser nocauteado. E tenho a sensação de que Thatcher não desistirá tão cedo.

Caim tenta gritar por trás da fita adesiva na boca, só conseguindo me lembrar que ainda respira o mesmo ar que ela. Estou preso entre querer que ele morra rapidamente e prolongar sua tortura enquanto seu corpo humano aguentar.

Viro minha cabeça, vendo Silas. Ele fica parado por um longo tempo, apenas me observando antes de pegar um conjunto de correntes do chão e me estendê-las.

— Faça-o implorar por isso — diz ele simplesmente, deixando cair os elos pesados em minhas mãos.

Concordo com a cabeça, sabendo o que ele está me dizendo sem precisar de uma explicação completa. Com uma respiração profunda, estalo meu pescoço, concentrando-me no corpo de Caim.

Ele não é estúpido - posso vê-lo tentando calcular maneiras de sair dessa. Isso torna tudo ainda melhor para mim, porque não importa qual solução ele apresente, não há como escapar de mim. Eu sou o seu julgamento.

Cada vez que olho para ele, a loucura dentro de mim só se agita mais violentamente. A pressão dentro da minha cabeça aumenta, e tudo que consigo ver são imagens de uma versão pequena de

Sage. Seu corpo minúsculo enrolado em um casulo apertado enquanto chora silenciosamente em seus lençóis, sentindo-se maculada e oca. Todos os seus sonhos para o futuro, toda a alegria que advém de ser alegremente inconsciente da escuridão que nos espera na vida, tudo foi roubado dela.

Precisava de um salvador. E quando um nunca apareceu, ela se tornou sua, forjada a partir da maldade que lhe foi feita. Tornou-se o que precisava para suportar.

Eu – nós - de todas as pessoas sabemos como é isso. Melhor que qualquer um.

Sage não precisa de ninguém para matar seus demônios. Eu sei disso, mas sua criança interior sim, e mesmo que ela provavelmente tenha rezado por um anjo em vez de um homem raivoso com chifres, ainda farei o que ninguém mais conseguiu.

Protegê-la.

Meus sapatos batem contra a pista enquanto caminho até seu corpo. Demoro meu tempo a olhá-lo de cima a baixo antes de falar.

— Antes de tirar essa fita da sua boca, quero tirar algumas perguntas do caminho. — Eu me agacho à esquerda de sua cabeça. — Por que estou aqui? Bem, Caim McKay, é um pedófilo imundo.

Seus olhos se arregalam, a cabeça imediatamente balançando enquanto tenta negar minhas reivindicações contra ele.

— Não, não. — Inclino minha cabeça enquanto estalo minha língua. — Mentir não te ajudará. Nada vai ajudá-lo. Por isso, quando eu tirar isso, não desperdice suas últimas palavras tentando me convencer do contrário.

Enfio a mão no bolso de trás, tirando dois dos itens que trouxe especificamente para este momento. Um deles é meu Zippo e o outro é um alicate que tirei da coleção de ferramentas de Thatcher. Ele não ficará feliz porque estão prestes a ficar muito, muito sujos.

— Vamos ver, o que mais... Não faça isso, blá, blá. Não precisa fazer isso, blá, oh! — Bato em seu peito com o alicate. — O que você fará comigo? Boa pergunta, Caim. Esta é a minha favorita.

Agito meu Zippo, o som satisfatório preenchendo o ar, fazendo meus dedos formigarem com antecipação. A chama arde firme, nunca vacilando, paciente.

— Vou te matar. — Olho-o diretamente nos olhos enquanto digo isso, porque mesmo que ele não mereça morrer como um homem, quero que ele veja o quão negra é a minha alma. Quero que ele saiba que isso será doloroso.

— Agora que respondemos a todas essas perguntas... — arranco a fita de sua boca asperamente. — Vamos ao trabalho.

Como eu esperava, ele começa a gritar, tão alto e nasalado que faz meus ouvidos zumbirem.

— Então estamos gritando, hein? — Abro minha boca, expandindo meus pulmões e soltando um grito estrondoso. A minha está cheia de raiva e fome, enquanto a dele pinga de medo. A mistura no ar me faz sorrir.

— Você cresceu aqui, Caim – não morra estúpido. Sabe que não importa o quão alto fique no The Graveyard. Ninguém virá atrás de você.

Leva um momento para ele parar de gritar, mas estou disposto a ser paciente esta noite. Olho para o distintivo em seu peito, aquele preso a uma corrente de prata, e o levanto, puxando o colar até que se solte de seu pescoço.

— Não se pega o distintivo de homem, seu maldito filho da puta — ele sibila, a voz embargada por usá-lo demais.

— Você não é um maldito homem. É um porco nojento que se aproveita de garotinhas — digo. — Por isso, pegarei o que eu quiser.

Coloco-o no bolso do meu moletom, deixando-o lá junto com uma ideia do que farei com ele depois que isso acabar.

— Foi isso que ela disse a você? — Ele ri trêmulo. — Ela fez quase tudo para chamar mais atenção do que Rose. Incluindo mentir. É isso que ela faz, mente. Faz um grande show para ter o mundo comendo a seus pés. Você é apenas mais um peão no seu jogo.

Eu cerro os dentes, definindo o limite de falar mal de uma vítima que ele abusou. Não permitirei que ele fale sobre ela assim.

Ele nunca será capaz de murmurar o seu nome novamente.

— O que eu disse sobre mentir, Caim? — Bato minha palma em sua testa, batendo sua cabeça contra o asfalto.

— Eles virão atrás dela. Não importa se me matar ou não. Eles sabem que ela está envolvida. Não deixarão nenhum de vocês sair vivo disso.

Uso o alicate para agarrar sua língua, pressionando o cabo para que aperte a esponja molhada antes de puxá-la de sua boca.

— Deixe-os. Eles terão o mesmo destino — sibilo. — E espero que enviem mais do que você da próxima vez.

Virando meu Zippo novamente, arrasto a chama para sua língua. Naturalmente, ele começa a se debater, tentando fugir do calor, mas coloco meu joelho em seu peito, cravando minha rótula em seu corpo com tanta força que sei que é difícil para ele respirar. O Zippo queima sua saliva rapidamente, secando o tecido antes que o processo abrasador comece. A chama direta no músculo rosa o faz infeccionar, mudando a cor para um branco flácido. Ele uiva em uma miséria excruciante.

— Há milhares de terminações nervosas que estou queimando agora, e isso não é nem uma fração do que causou a ela — acrescento insulto à injúria, meu corpo permanece firme enquanto queimo sua carne.

O cheiro é rançoso, mas eu adoro isso.

Bolsões de pus começam a ferver, seu fluido amarelo começando a vazar de muito calor muito rápido. Escorre por sua garganta, sufocando-o com sua própria infecção. Lágrimas escorrem de seus olhos enquanto ele chuta as pernas, ainda lutando contra mim, mas não há nada que ele possa fazer.

Sou a chama que nunca se apaga e não pararei até que ele não seja nada além de cinzas.

Uma vez que o músculo começa a ficar preto, puxo o isqueiro para trás, sentindo o quão quente o metal está contra a minha palma, mas uso aquela pequena explosão de dor para alimentar minha busca por vingança. Pedacos de sua língua caem em seu

queixo, pedaços literais de tecido derretido pingando em seu pescoço.

Eu me levanto, jogando o alicate e colocando meu isqueiro de volta no meu jeans. Deixando-o sofrer enquanto caminho lentamente em direção às correntes e ao único cadeado, assobio baixinho conforme os pego do chão.

Eles tilintam e rangem enquanto os arrasto pela pista atrás de mim.

Caim choraminga e tenta rolar para longe, lutando contra o destino, ainda sem entender como isso acabará. Suponho que posso entender; quando se encara a morte de frente, é natural desviar o olhar.

Eu simplesmente não posso acreditar nesta cidade e nas pessoas que colocam nos tronos. Coroando os desonestos e maus.

Entretanto, me difamaram quando criança.

Escondendo um estuprador. Encobrir traficantes sexuais, pelo amor de Deus.

E ainda, o menino que viu sua mãe queimar viva bem na sua frente, era o antagonista. Ele era Lúcifer. Era o vilão.

Não essa noite.

— D-Deus, pi-pie-piedade — ele resmunga, pedindo o serviço de um espírito santo enquanto comete tais atos infernais.

É hipócrita e me irrita.

— Ele não está ouvindo — resmungo, pegando uma ponta dos ferros e começando a enrolar um oito em torno de suas pernas cruzadas. — Ele te deixou para lidar comigo agora.

Depois de girá-los várias vezes, coloco o cadeado sobre os suportes, prendendo-os no lugar. Olho para o meu trabalho como um escoteiro orgulhoso que acabou de ganhar seu primeiro distintivo de nó. Fico sobre ele mais uma vez, meus pés de cada lado de seu corpo. Apenas observando-o conforme ele treme de lágrimas, balançando a cabeça para frente e para trás, silenciosamente me implorando, minha sobrancelha se ergue, e desdenho quando vejo uma grande mancha molhada espalhada em seu jeans.

— Está pronto? — Pergunto, inclinando minha cabeça de brincadeira. — O inferno está esperando.

Afastando-me de seu corpo, me viro enquanto seguro a outra ponta das correntes em minha mão esquerda, sentindo cada pedacinho de maldade conforme caminho para minha moto.

Assim que chego lá, clico no gancho que está conectado ao final dos elos no quadro da minha moto, olhando para trás apenas para ver como ele se parece intacto uma última vez, antes de subir e ligar o motor.

A adrenalina bate no meu crânio como um tambor. Minhas pernas vibram com a força do que está sob mim. Eu rapidamente olho para o lado, vendo todos os rapazes encostados na cerca de arame, me observando com olhares inabaláveis.

Olho à minha frente, para as quatro curvas da pista, sabendo que Caim provavelmente não sobreviverá a uma volta, mas

silenciosamente esperando que ele sobreviva para que seu sofrimento seja prolongado.

Torcer meu pulso para trás atira combustível direto para o motor, e minha moto avança. Leva apenas alguns segundos para afrouxar a corrente, e posso sentir o peso do corpo de Caim sendo arrastado atrás de mim. Seus gritos duram mais do que eu esperava, mas os afogo pensando nela.

Na outra noite me permiti ser suave. No espaço silencioso daquele momento, minha guarda baixou completamente na frente de Sage, e uma parte de mim desejou poder ficar lá por mais tempo. Dentro das frestas do caos, onde havia uma sensação de paz. Ainda podia sentir sua pele quente pressionada firmemente em meu corpo enquanto estávamos na cozinha. Não foi sexual. Nem parecia físico.

Era algo profundo dentro de mim que estava sendo persuadido, confortado pelo cheiro de seu cabelo recém-lavado. Foi o mais próximo que estive do perdão. E mesmo que fosse preciso mais do que uma noite sombria em uma cozinha para curar minhas feridas interiores, para me ajudar a vencer meus demônios e aprender a me perdoar, foi o suficiente naquele momento.

No entanto, não poderia ficar ali. Não para sempre. Não vivo em um mundo onde isso fosse possível.

Não importava o que éramos. O que aconteceu naquela noite ou como fui mole. Porque agora, sou cada pedacinho da minha reputação. Uma alma grotesca e vil que está sedenta de vingança. Isso é tudo que me importa. Certificando-me de que ninguém jamais mancharia suas asas novamente.

Minha respiração está irregular no momento em que cruzo a linha de chegada, desacelerando até parar onde antes havia começado. Meu pulso salta dentro da minha garganta quando baixo o suporte, deixando o motor ronronando.

O corpo de Caim rolou enquanto eu dirigia, saltou e ricocheteou na calçada com a força do puxão. Estou surpreso ao ver todos os seus membros ainda presos ao seu torso. À medida que me aproximo, posso ver quanto dano o pagamento implacável causou.

Um rastro longo e espesso de sangue e pele marca o caminho atrás dele, contornando a pista. Partes de seu couro cabeludo são arrancadas do osso, saindo de sua cabeça. Eu me abaixo, examinando sua forma trêmula e desfigurada.

Suas roupas foram arrancadas e esfarrapadas na estrada; a carne descoberta chamuscada pelo atrito. Uma parte de sua tíbia se estilhaçou na pele, o osso carnudo e branco saindo. Extensos pedaços de tecido e músculos rasgados dispersos por todo o seu corpo, mas ainda posso ver seu peito tentando subir e descer.

Não parece o suficiente, mas o corpo humano não aguenta muito. Se eu pudesse, o consertaria repetidamente, apenas para encontrar novas maneiras de destruí-lo.

— P-Por favor... — Ele gorgoleja, sufocando e engasgando com o líquido carmesim que sai de dentro de seus pulmões. Afogando-se.

Uma onda de vitória toma conta de mim.

Silas havia me pedido uma coisa.

Faça-o implorar por isso, e foi exatamente o que fiz.

Eu o fiz passar por tanta miséria que está implorando pela morte, mas como Thatcher gosta de dizer, a morte deve ser conquistada.

— Uma última volta.

VINTE E NOVE



HORA DE ESCOLHER UM LADO

Gage

É apenas um dia. Você aguenta um dia.

Digo isso a mim mesma sabendo que já passei por coisas mais difíceis do que isso. Passei meses da minha vida presa dentro de uma ala psiquiátrica, onde fui maltratada e abusada. Perdi minha irmã gêmea em um assassinato horrível e passei pela pior coisa imaginável quando jovem.

Sobrevivi a todas essas coisas traumáticas e, no entanto, este almoço de primavera em comemoração ao meu pai parece a gota d'água para mim.

— Sage — ouço, preparada para entrar em outra conversa monótona com outra pessoa que não se importava com uma palavra que eu tenha a dizer.

É a mesma coisa para cada novo grupo de pessoas.

Como você?

Como a faculdade está te tratando? Em que está se formando?

Alguns deles contam uma piada que consideram original sobre como a faculdade é o melhor ano da sua vida. Ocasionalmente, meu pai elogiava minha excelência acadêmica e falava sobre como meu futuro seria brilhante, mas posso ver em seus olhos o que realmente querem me perguntar. Eles não se importam com nada disso.

Querem saber se estou mentalmente estável, como estou com a partida de Rosie, como a perda de minha mãe me afetou como mulher. Posso lê-los; eles são finos como papel nesta luz, mas, em vez de me perguntarem, ficam quietos, esperando para tirar suas próprias conclusões quando eu sair.

Pestanejo, virando minha cabeça para ver Conner Godfrey, meu orientador escolar, parado ao meu lado com um sorriso no rosto e uma taça de champanhe.

— Parece miserável, e eu pensei que isso poderia ajudar.

— Obrigada — eu digo simplesmente, pressionando a borda da taça de champanhe em meus lábios.

Assistir a esse evento ridículo não foi ideia minha. Tinha sido uma estipulação quando conversei com Caim na igreja. Não tinha descoberto nenhuma informação nova e, para ficar em suas boas graças, eu deveria aparecer, vestir algo bonito e fazer o papel de filha solidária.

— Não sabia que era amigo do meu pai — eu digo, puxando conversa, não querendo assumir nada sobre ele, mas também confusa sobre por que ele está aqui. Pelo que sei dele, vive tranquilo com a esposa e dois filhos, tendo se mudado para cá apenas há alguns anos.

— Conversamos de passagem. Stephen e eu fizemos pós-graduação juntos — diz ele, com um sorriso encantador. — Na verdade, ele me conseguiu o emprego em Hollow Heights. Não vim necessariamente de uma família com esse tipo de riqueza.

— Não teria pensado nisso com o sobrenome Godfrey.

— Ouço isso com mais frequência do que imagina.

Incapaz de me parar e não me importar de qualquer maneira, falo o que penso.

— Stephen sempre foi um idiota pomposo? — Olho para ele, observando enquanto ele mantém o sorriso no rosto e ri.

— Ele sempre foi... — ele pensa por um momento. — Movido, mas não, havia momentos, acredite ou não, que ele tropeçava em nosso apartamento compartilhado bêbado. Seu pai, porém, era muito rígido com ele sobre assumir os negócios da família. Acho que ao longo dos anos, fez o que todos nós nos esforçamos para fazer: deixar nossos pais orgulhosos.

Ele tem razão. Não acredito que Stephen seja capaz de nada além de equilíbrio e disciplina. No entanto, parece que ele passou essa tradição para seu filho, transformando-o em outro homem alimentado por masculinidade e direitos tóxicos.

— Nem todos nós nos esforçamos para isso — digo honestamente. — Às vezes é o contrário.

Não tenho motivos para mentir ou defender uma imagem. E embora não saia por aí gritando que meu pai está envolvido em uma rede de tráfico sexual e é a razão pela qual minha irmã morreu, para proteger Rook, não fingirei que gosto dele. Não mais.

Isso o faz parar por um segundo antes de acenar com a cabeça, aceitando minha resposta e aceitando-a muito melhor do que qualquer outra pessoa.

— Todos nós temos algo que nos move, e não importa o que seja, desde que isso nos torne pessoas melhores no final.

— Esse é um bom conselho. Já pensou em ser um conselheiro?
— Eu arqueio uma sobrancelha para ele, sorrindo, e ele sorri, mostrando seu sorriso branco.

Posso não saber totalmente quem sou ou o que quero para mim - não acho que esse seja o objetivo, porque devemos crescer, mudar, nos curar - mas sei o que me motiva.

É para garantir que nunca me torne como eles, todas aquelas pessoas que me cercam. Recusei-me a me tornar o que eles querem que eu seja. Nunca mais permitirei que ninguém tente me moldar na imagem que imaginam novamente.

E isso parece muito mais importante do que não saber quem sou.

— Aí está você — ouço meu pai dizer. — Minha linda filha. Comprei esse vestido para você em Paris no seu aniversário de dezesseis anos, não foi?

Olho para o vestido de chiffon preto estilo Hepburn. Ele se molda contra mim porque foi feito sob medida para o meu corpo e também pelo calor de ficar do lado de fora o dia todo. Sabia que as mangas compridas me fariam suar, mas suponho que quando mangas curtas e alças finas estão fora de questão, trabalhamos com o que temos.

Além disso, eu usava esse vestido por um motivo.

— Não se dê esse tipo de crédito. Rosemary me comprou isso.
— Olho de volta para ele com um olhar tão duro que poderia cortar sua garganta.

— Vou deixá-los sozinhos — Conner diz antes de pigarrear. — Sage, foi ótimo conversar com você.

Eu o vejo desaparecer na festa, deixando-me sozinha com meu pai pela primeira vez em mais de um ano.

Olho para Frank em seu blazer rosa empoeirado e calça creme, envergonhada por ser parente desse homem. Parece errado ficar ao seu lado, mostrando meu encorajamento, enquanto sei quem ele é por detrás.

Um assassino. Uma fraude. Um porco faminto por dinheiro.

Este é um papel que não quero mais representar. Minha família morreu no dia em que Rosie morreu, e quando tudo isso estiver dito e feito, quero ter todos os laços cortados com minha linhagem Donahue.

— Não precisa tornar isso tão difícil, Sage — ele respira, abrindo a porta para o quintal. — Ainda sou seu pai.

Olho para ele, incapaz de afastar meu olhar de desgosto.

— O meu pai? — Escarneço. — Um pai é um homem que faria qualquer coisa para proteger a família que construiu. Você é um homem reles, fraco, sem nenhuma espinha dorsal. Não é nada para mim, exceto o homem que assassinou minha irmã.

Procurro em seus olhos qualquer forma de arrependimento ou tristeza, mas não vejo nada. Ele não fez nada além de me dar

metade de seus cromossomos e arruinar minha vida. É isso. E logo, ele nem será isso. Será um cadáver.

— Ah, vejo que a encontrou! — Stephen Sinclair faz sua aparição, com um sorriso no rosto quando ele entra no meu espaço como se fosse permitido e me beija na bochecha. — É tão bom vê-la, já faz muito tempo. Lamento não ter parado para conversar no campus. Com todas as interrupções no semestre passado, tenho apagado incêndios a torto e a direito.

Ergo o lado esquerdo da minha boca em um meio sorriso, sem perder a declaração implícita sobre incêndios literais que foram iniciados. Não tenho certeza do envolvimento de Stephen em tudo isso, mas seria ingênuo pensar que ele não sabia o que Rook e seus amigos estavam fazendo.

— Com grandes poderes vêm grandes responsabilidades — digo zombeteiramente.

— Citando Voltaire. Sempre disse a Easton que você era inteligente demais para o seu próprio bem. Odeio que as coisas não tenham dado certo entre vocês dois. Eram tão bons juntos.

Não deu certo? É isso que ele quer?

Quer dizer, se alguém ficou grata por terminar o relacionamento com Easton, fui eu, mas não deu certo?

Ele age como se não tivesse me colocado na lista negra no segundo em que fui levada para o manicômio. Meu episódio de saúde mental teria sido uma mancha na reputação de sua família, e ele não poderia permitir isso.

— É do Homem-Aranha, na verdade. — Inclino minha cabeça, tomando um gole da minha bebida. — Mary é muito mais esperta do que eu. Acho que eles se encaixam muito melhor do que nós. Ele é muito mais dócil.

Eu sabia de onde veio a citação, mas estou com vontade de ser espertinha. Ele, junto com sua família, não merece um pinga do meu respeito.

Stephen não é a única pessoa neste espaço que pode jogar sujo. Se ele quiser cavar, é melhor pegar a porra de uma pá, porque eu garanto que meu buraco será mais fundo que o dele no final. Perdi muitas coisas este ano; minha língua afiada como navalha não era uma delas. Ele ri, e realmente soa real. Como eu, desafiá-lo fosse a coisa mais engraçada que ele experimentou em anos.

— Talvez esteja certa — diz ele, ficando um pouco sóbrio. — No entanto, tenho alguns negócios que precisam ser resolvidos na Costa Leste nas próximas semanas. Pedi ao seu pai para se juntar a Easton e a mim. Acho que deveria pensar em vir junto. Pode ser umas pequenas férias agradáveis, e talvez você e Easton possam reatar.

Meu cérebro entra em alerta máximo. Não é mais um jogo de quem pode enganar quem. O que ele está fazendo com meu pai?

Cruzo meus braços na minha frente com desconfiança. — Negócios? — Pergunto, tentando manter minha voz leve enquanto olho entre os dois. — Que negócio? Você é o reitor de uma faculdade. Achei que seu negócio consistiria em orçar as mensalidades e planejar as refeições da merenda escolar.

Ele me olha com atenção. — Não sabia que você estava tão interessada no funcionamento interno do que faço, Sage. Planeja tirar meu emprego um dia?

— Apenas mantendo minhas opções em aberto.

Estou de olho em você, quero dizer. E pela maneira como sua linguagem corporal muda, só um pouco, posso dizer que ele sabe disso.

Deus me ajude, se eu descobrir que ele está envolvido no que aconteceu com Rosie, não haverá espera como estamos fazendo com meu pai. Vou matá-lo na frente da delegacia e me algemar.

— Se quer saber — ele exala — é uma oportunidade de financiamento. Estamos analisando mais doações de bolsas de estudo para que jovens estudantes brilhantes de lares carentes possam frequentar sem se preocupar com o fardo financeiro. Como sua amiga Briar.

Semicerro os olhos quando ele diz o seu nome. Ele está tão cheio de merda que começa a sair pelas orelhas. Os homens Sinclair são um punhado de idiotas geracionais.

— Que humanitário da sua parte, Stephen — digo. — Foi bom colocar o papo em dia, mas preciso correr para o banheiro das meninas. — Eu inclino minha taça de champanhe para os dois antes de virar a ponta do pé e seguir na direção oposta.

Eu me afasto dele em direção às portas francesas, onde todos os garçons estão passando. Todos parecem infelizes andando por aí com seus coletes brancos e bandejas de prata. Reconheço um

deles como um dos caras que prendeu a mim, Briar e Lyra no Gauntlet.

Não é uma ocorrência rara que pessoas de West Trinity Falls trabalhem para as pessoas de Ponderosa Springs. Para eles, são apenas nossos servos, as pessoas que recolhem nossas bagunças. É estranho que nunca tivesse notado isso antes, quantos deles trabalhavam para os ricos, tentando prover uma vida para si mesmos.

Só posso imaginar o que eles pensam de nós. Aposto que sentam e conversam sobre como somos sortudos, como é fácil e, até certo ponto, provavelmente estão certos, mas a tragédia não discrimina os pobres e os ricos. Vem para todos, e não importa se moramos em uma mansão ou em um apartamento cheio de baratas. Corrói a todos nós.

Sem pressa de voltar para a festa, ando pelos corredores. Conheço esta casa como se fosse minha, tendo passado mais tempo aqui crescendo do que gostaria.

Entro no escritório, meus dedos deslizando pelos livros empoeirados antes de ir para o terraço. Fico parada, olhando do meu lugar no segundo andar para todos os convidados que se misturam no gramado dos fundos. Uma representação clara de tudo que eu desprezava na minha educação.

Posso sentir o cheiro dos arranjos florais frescos na brisa, buquês de hortênsias, violetas e orquídeas. Todos elegantemente dispostos em torno do gramado espaçoso e verde, o sol poente refletindo a cor de suas pétalas.

Grandes copas brancas são estrategicamente montadas para proteger os convidados enquanto comem. As mesas de jantar circulares foram decoradas com perfeição por algum designer que nunca receberia o crédito por isso. Todas as mulheres com seus chapéus enormes e os homens com seus paletós contribuem para a estética como ornamentos perfeitamente arranjados. Tudo está em ordem. Não há crianças correndo alegremente tomando banho de sol ou risos que soam muito alto.

É tudo orquestrado para soar e parecer riqueza.

Todos esses rostos familiares com os quais cresci, mas nunca tive uma única conversa genuína. Vejo Lizzy de pé ao lado de sua mãe e de seu pai e me pergunto se na noite anterior ele tropeçou bêbado e cheirando ao perfume de outra mulher. Estou curiosa para saber se ela ainda está escondendo quem realmente é por baixo daquele vestido branco sob medida.

Todos os nomes influentes de Ponderosa Springs estão presentes hoje, todos aqui para celebrar a reeleição de meu pai.

Uma que ele garantiu com pena e dinheiro encharcado de sangue.

Enquanto os observo com suas joias e roupas de grife, parece que é a primeira vez que os vejo pelo que são. Uma grande miragem de sucesso e felicidade. À distância, podemos ver uma vida com a qual as pessoas sonham, mas, na realidade, quando aproximamos, a imagem fica mais clara.

É tudo um ato. Um show que fazem enquanto estão ocupados cavando buracos de quase dois metros de profundidade para enterrar seus segredos. Enfiando todos os seus esqueletos,

caminhos tortuosos e escândalos sórdidos na sepultura, deixando o chão para absorver toda aquela maldade.

Não acredito em fantasmas ou assombrações, mas se alguma cidade é amaldiçoada pelos erros de seus civis, é Ponderosa Springs. Força o solo a absorver seu mal, enriquecendo o solo com fertilizantes sinistros. Agora é tão aparente para mim que posso senti-lo conforme ando por aí.

— Eu te beijei pela primeira vez bem ali.

A repulsa me atinge como um ônibus.

— Ameaçou cortar meu cabelo com uma tesoura se eu não o beijassem — digo enquanto me viro para olhar para Easton. Ele está usando uma camisa de botão engomada e calça azul-marinho, seu cabelo loiro penteado para trás com capricho, alcançando um tipo de beleza sem esforço, que eu seria capaz de reconhecer se já não soubesse o quão horrível ele é humano.

— Ao que parece, lembramos das coisas de maneira diferente — ele brinca, enfiando as mãos nos bolsos.

— Nós nos lembramos de muitas coisas de maneira diferente.

Há tanta história entre nós dois, combinados para um relacionamento antes mesmo de sabermos o que isso significava. Quando éramos jovens, ele era diferente. Nós nos demos bem como amigos. Era engraçado e inteligente, sempre inventando algo para fazer. Subir em árvores, andar de motocicleta, tomar sorvete.

Crescemos juntos.

E não tenho certeza de quando ele mudou, quando se tornou o que é agora. Passamos de amigos desde o nascimento para inimigos.

Talvez as coisas tivessem sido diferentes se eu pudesse amá-lo. Talvez não tivesse lutado tanto nesta vida quanto lutei. Talvez tivesse desistido e me tornado o que ele precisava, mas mesmo sendo um jovem adolescente, sabia que não queria isso para mim.

Tomo um gole da minha bebida borbulhante. — O que aconteceu com o seu rosto?

Uma bandagem berrante está presa ao lado esquerdo de seu rosto, protegendo algum tipo de ferida de infecção.

Ele range os dentes, estendendo a mão para tocar a gaze e chupar os dentes. — Pensei que tinha parado de se fazer de idiota, Sage?

Franzo minhas sobrancelhas, sem ter ideia do que ele está falando.

— Você realmente não sabe? — Ele pergunta, zombando um pouco. — Rook, seu amigo de merda psicótico, queimou metade do meu rosto. Foram necessários dois enxertos de pele para consertar e, mesmo assim, estarei andando por aí como uma aberração.

— Por que tenho a sensação de que fez algo para merecer isso?

Começo a me afastar quando sinto a mão de Easton agarrar meu antebraço, puxando-me para perto de seu espaço. Meu equilíbrio é jogado ligeiramente, fazendo-me inclinar sobre seu peito. Há flashes de nosso relacionamento passado que me

atingem como uma chicotada e, por instinto, quero quebrar seus dedos por me tocar.

Ele não tem direito. Nunca teve, e tenho vergonha de ter pensado que tinha.

Sua boca mergulha perto do meu ouvido, me deixando enjoada. — Costumávamos ser bons juntos. Éramos felizes. Ainda pode ter isso, Sage. O estilo de vida que sempre quis, a atenção, a notoriedade. Você ainda pode ter tudo isso. Tudo o que precisa fazer é voltar para mim.

Não há nada para onde voltar porque nunca houve nada que eu tenha deixado. Tudo o que eu era com Easton era falso. Uma fraude. Uma pessoa que eu tinha que ser para aguentar a pressão de viver nesta cidade.

— Solte-me, Easton. — Grito.

Por um segundo, há um breve momento em que vejo o garoto que eu conhecia. Aquele de quem costumava ser amiga. Antes de ele acordar um dia uma pessoa diferente, um homem que pensava que eu era uma propriedade, alguém que só se importava com a forma como era vista.

— Houve um tempo em que me implorou para tocá-la, Sage Donahue. Um tempo antes de Rook, antes de tudo isso. Você me conhece, cresceu comigo. Sei que poderíamos ser felizes, se apenas me deixasse entrar. Deixe-me mostrar a você.

O pânico me atinge quando ele se aproxima, meu braço tentando se livrar de seu aperto, mas só aumenta.

— É melhor tirar as mãos dela, Sinclair. — Eu conheço essa voz. — Antes que derreta o outro lado do rosto.

Rook.

Sua presença é uma nuvem escura neste dia quente, e estou surpresa com o quanto senti falta da sombra. A maneira como se inclina contra a entrada, os braços cruzados, desafiando minhas expectativas de quão longe ele está disposto a ir para causar o caos.

Embora o pai de Rook está presente, como está na maioria dessas reuniões, seu filho nunca apareceu entre esse tipo de multidão. Ele não se conforma com esta sociedade em que todos vivem. A que eu vivi.

Afasto meu braço de Easton, me afastando dele.

— Ouvi falar do seu acidente, Toasty. Precisa mais cuidado com as moto - elas esquentam. — Rook sorri, apenas derramando combustível nas chamas já crepitantes.

Meu coração salta um pouco quando olho para ele.

Seu colar de corrente de prata reflete a luz do sol, minha atenção voltada para seu peito exposto, onde alguns botões de sua camisa estão abertos. A tinta que adorna sua pele é parcialmente visível, o suficiente para me fazer lambe os lábios, o suficiente para me fazer querer mais.

Ele arqueia uma sobrancelha escura, deixando-me saber que está muito ciente de que o fodo com os olhos.

A camisa roxa escura esticada sobre seus ombros largos, a calça preta combinando contra os músculos tonificados de suas

coxas - não é algo que estou acostumada a vê-lo vestindo, mas está começando a se tornar algo com o qual poderia me acostumar.

— Ah — Easton faz beicinho. — Ainda está com ciúmes porque eu transei com ela primeiro, ou ainda está chateado por ela estar aqui, onde pertence, em vez de fingir com você?

Rook se empurra do batente da porta, movendo-se para o espaço, preenchendo a sala com sua presença. Não sinto falta da maneira como Easton recua.

— É aí que está entendendo errado, Sinclair — ele diz. — Ela nunca teve que fingir que gosta de nada comigo.

Sua rebeldia me faz doer.

Ele passou a vida inteira ouvindo que era o diabo. Era um papel que ele aceitara, que poderia protegê-lo de sua dor e do resto do mundo. Ele sempre seria isso; isso nunca mudaria. E aprendi a aceitar os demônios dentro dele.

No entanto, isso não significa que ele não é capaz de mais.

Easton se vira para mim. — É essa a vida que quer? Reduzida a isso? Uma pária? Sei que não quer isso para você, Sage. Escolha-me, sabe que sou certo. Escolha-me e todos os seus problemas desaparecem, mas se for com ele, não posso garantir que não será pega no fogo cruzado.

Desde que voltei, me disseram como caí em desgraça. Como me tornei alguém completamente diferente de quem eu costumava ser, mas acho que é porque estou me tornando a pessoa que sempre quis ser. E quero fazer isso, ao lado da pessoa com quem sempre quis estar.

Este momento é minha história de origem da condenação eterna. Em vez de esconder, reconheço publicamente pela primeira vez o que quero. Mostro a ele exatamente o que quero para mim.

Passo silenciosamente por Easton, sabendo que minhas ações serão suficientes para dar a ele sua resposta. Sinto seus olhos julgadores me atingirem à medida que sou expulsa de seu paraíso hipócrita mais uma vez, mas eles não poderiam me jogar de um lugar do qual desci voluntariamente. Não dessa vez.

Fico ao lado de Rook, sem saber o que significa meu lugar ao seu lado, mas sabendo que quero estar lá de qualquer maneira.

Olho para ele, olhos de fogo infernal em chamas, sabendo que se ele caísse dos céus novamente, caindo como um raio do céu, eu seria o trovão que o perseguiria. Eu ficaria ali com ele, em chamas eternas enquanto fosse seu fogo que lambesse meu corpo.

Ele é meu Lúcifer, e é hora de mostrar a ele que posso ser sua Lilith.

TRINTA



PUNIÇÃO

Rook

Nunca tive medo de nada.

Disse a mim mesmo que, se o medo surgisse, o enfrentaria de frente com um sorriso e um fósforo, mas assim que um pouco de apreensão veio até mim, fiz o oposto completo. Virei na outra direção e corri.

Nunca tive medo de nada. Até ela.

— O que diabos está fazendo aqui?

A porta da sala de bilhar se fecha atrás dela ruidosamente, prendendo-nos dentro do espaço com cheiro de madeira de teca. Ouço a lareira crepitar, precisando ser alimentada, mas ignorei.

— Que tipo de homem eu sou se deixo você aparecer na festa de comemoração do seu pai sem acompanhante? — Pergunto brincando.

— Rook — ela repreende, os braços cruzados na sua frente em defesa.

Eu não tinha planejado aparecer, mas o medo começou a apodrecer. É uma emoção tão rara que percebi quase imediatamente.

Pensei na presença do pai dela, em Easton, todas as pessoas com as quais ela uma vez se cercou como um escudo que lhe viraram as costas, e não tive medo do que fariam com ela. Eles são fracos. Covardes.

Eu estava nervoso sobre o que ela poderia fazer com eles.

O que aconteceria se seu pai a pressionasse demais, se Easton continuasse o que eu sei que ele queria fazer naquela sala. Conheço as ondas de emoções que estão que a atravessam, quanto de sua paciência está sendo testada por estar aqui. Bastaria uma pequena pederneira e ela se tornaria um incêndio incontrollável.

Queimando tudo e todos em seu caminho. Posso sentir isso.

Sua raiva. Seu autocontrole. Seu desespero.

Por isso pensei, que melhor maneira de alimentar a animosidade dentro dela do que dar a ela exatamente o que deseja.

— Há algo que preciso te dizer. Algumas coisas.

Ando em sua direção, sem pressa, fazendo-a se perguntar o que estou fazendo. Ela me observa com olhos céticos, o que não me surpreende. Sou conhecido por minha imprevisibilidade.

— E não podia esperar até mais tarde?

Um sorriso se abre em meu rosto, meus pés param assim que tocam as pontas de seus saltos. O cheiro do seu perfume me atinge direto no rosto, fazendo minha virilha doer.

— Isso é tudo o que estamos fazendo, TG — digo em um tom abafado, puxando o fósforo da minha boca. — Esperando para agir, esperando os federais, esperando para matar seu pai.

Eu mergulho a ponta vermelha do fósforo em sua pele, arrastando a ponta áspera em sua clavícula exatamente onde fica sua cicatriz. A mesma que uso na minha.

Aquela que me dei para que o destino soubesse que estávamos nesta vida juntos.

Ela está nervosa. Posso sentir isso rolando dela em ondas enquanto fica ali se perguntando o que eu poderia estar fazendo neste momento. Vou machucá-la? Acabarei com isso de uma vez por todas? E minha favorita, vou tocá-la?

— Cansei de esperar.

— E a polícia? E Caim? — Suas sobrancelhas franzem de preocupação, mas seus olhos estão queimando de excitação.

— Isso já foi tratado — eu respiro, desenhando uma linha de sua cicatriz em direção ao centro de seu peito. — Nada nos impedirá agora.

— É isso que veio me dizer?

— Essa é uma das coisas.

— E a outra?

Gosto dos momentos em que posso pegá-la assim.

Bochechas coradas e insegura de si mesma. Só eu posso deixá-la tão ansiosa. Quero que o mundo a veja como a mulher forte que ela é. Como uma fodida força a ser tratada.

Fico difícil de ver como as pessoas se encolhem perto dela. Mesmo que ela não veja por si mesma, eu vejo. Independentemente do poder que ela acha que perdeu, as pessoas ainda a temem, e amo isso nela.

Amo que eu sou o único que pode destruí-la. O único que é capaz de rastejar sob sua pele e me enterrar dentro dela.

Minhas mãos descem sobre seu corpo, deslizando por baixo de sua bunda e pegando-a suavemente, puxando-a até minha cintura.

Sua boca mal se abre, um suspiro saindo de seus lábios.

— O que está fazendo?

Eu a levo até a mesa de bilhar, descansando-a na beirada do macio feltro verde.

— Pedindo desculpas — murmuro, colocando um centímetro de espaço entre nós, olhando para ela com firmeza.

— Rook, não há nada que precise se desculpar.

Tomando meu tempo, deixo cair um joelho no chão com um baque, o outro seguindo o exemplo, preparando-me para o que preciso fazer. Puxo minhas mãos para baixo de suas pernas, embalando suas panturrilhas na palma da mão e usando meu polegar para massageá-la suavemente.

— Existe — digo, olhando para ela do meu lugar no chão.

Meu altar. Minha salvação.

— Por não acreditar em você, por não acreditar em nós. Por não ver através da mentira e não lutar para mantê-la, como eu deveria

ter feito. — Abro os botões da minha camisa, puxando-a pelos ombros e deixando-a cair no chão.

— Faça doer. Faça-me pagar.

Eu estava tão consumido pelo meu próprio medo de ser traído, de ser ferido, de perdê-la, que me permiti odiá-la. Não segui o que meu coração tentava me dizer o tempo todo - que ela era diferente. Que era minha.

Eu me deixei odiá-la, e ela passou pelo inferno sozinha por causa disso.

Esta é a única maneira que conheço de fazer as pazes com isso.

Espero um segundo antes de sentir a ponta de seu sapato sob meu queixo, levantando minha cabeça. Olho para ela, arqueando uma sobrancelha, meus olhos nos dela. Ela exala controle, seus ombros altos enquanto me olha.

Minha fênix.

— Não preciso da sua dor, Rook Van Doren. Quero que me dê sua palavra.

Nunca quis nada mais do que eu a quero agora. Quero devorá-la, porra. Eu faria qualquer coisa para tê-la.

— Diga-me o que é — eu digo — e é seu. É todo seu, baby.

Como uma sedutora, ela puxa ambas as pernas para cima da mesa, abrindo-as, fazendo com que seu vestido suba até os quadris, deixando-a totalmente exposta para mim.

— Quero que me prometa que parará de se machucar.

O ar é espesso e pesado em meus pulmões ardentes. Seu aroma doce é o suficiente para me afogar, me deixando tonto e zozzo. Sigo seus dedos pálidos enquanto encontram seu centro, esfregando para cima e para baixo sua fenda coberta provocativamente.

— Quer me compensar? Quer me tocar, Pyro?

Eu rezaria a Deus para poder tocá-la agora.

— Então me prometa. Sem mais cortes. Não há mais dor. — Ela pressiona mais forte em sua boceta, um pequeno gemido escapando de sua boca. — Prometa que virá até mim. Podemos ajudar um ao outro. Posso te ajudar.

Uma mancha escura e úmida aparece em sua calcinha fina, e minha boca saliva, meu peito dói. Seus seios sobem e descem em um ritmo constante enquanto sua respiração começa a sair mais irregular.

Luxúria e mágoa giram em torno da minha cabeça.

Ela poderia ser suficiente para me levar ao perdão? Poderia ser o suficiente para me ajudar a deixar ir?

Não sou bobo. Não acredito em contos de fadas e, por muito tempo, recusei-me a me entregar ao delírio distorcido de que ela me amasse de volta, mas a dor que persigo não é nada comparada à dor de não poder tocá-la. Não poder tê-la. Eu poderia aprender a me perdoar, mas não quero ficar sem ela.

De novo não.

— Não será bonito — digo, minha voz rouca. — Minha dor é uma besta feia e consumidora, Sage. Pode lidar com algo assim?

— Você não é a única pessoa que se machuca quando fica demais, Rook.

Sigo suas mãos enquanto ela as remove de seu centro, estendendo a mão para trás para abrir o zíper do vestido que a protege de mim. Ela demora a se despir, puxando os braços das mangas e empurrando o tecido preto para baixo até que esteja enrolado em volta da cintura.

Passo a língua em meu lábio inferior enquanto ela o puxa sedutoramente de suas pernas, jogando-o no chão com o pé quando termina. Meus olhos não conseguem descobrir para onde olhar primeiro. O azul brilhante de seus olhos, as curvas delicadas que rolam sobre seus quadris ou seus seios flexíveis que são o tom perfeito de rosa empoeirado, implorando por minha boca.

Ela tinha sido minha maior dor de cabeça. Aquela que abriu um buraco tão profundo dentro de mim que nunca pensei que seria capaz de preenchê-lo. Tinha me acostumado com o vale vazio dentro da minha alma, mas ela também é minha única salvação.

O único altar que ousaria adorar.

Finalmente descubro onde quero olhar, porque ela deixa cair os braços à sua frente, expondo as cicatrizes esbranquiçadas que estão ali. Começam na base do pulso, subindo verticalmente pelos braços até pararem logo abaixo da curva do cotovelo.

— Meu pai fez uma escolha, e eu também — ela sibila. — Ele queria ficar comigo, mas eu queria ter certeza de que ele não pegaria nenhuma de nós. Não precisamos sofrer sozinhos, Rook.

Eu me levanto.

Ela nunca será capaz de me conduzir ao Jardim do Éden ou aos portões perolados do Céu. É tarde demais para isso, mas poderíamos criar nossa própria paz. Nossa própria salvação em nossos termos. Nossa própria cidade celestial no reino das chamas eternas.

Agarro seus pulsos, enrolando meus dedos ao redor, examinando a pele afundada. Todos aqueles pontos, todo aquele sangue que ela deve ter perdido. Ela estava sozinha, tão miserável que queria acabar com tudo. Nunca a teria visto novamente. Eu a teria perdido para sempre.

Parece um chute rápido nas bolas, uma facada dura no meu estômago.

— Não é mais um pássaro que não voa, Sage. É uma fênix. Eles tentaram acabar com você, mas você não deixou. Construiu-se dessas cinzas sem minha ajuda ou de qualquer outra pessoa. Só você.

Enfio a mão no bolso da frente, puxando a delicada corrente dourada, e o pássaro no meio capta a luz.

— Morrer é fácil. Pode queimar para mim?

Não estou apenas pedindo. Estou implorando.

Ela estende a mão, agarrando o amuleto que está pendurado e esfrega o dedo na criatura alada com placas.

— Onde conseguiu isso? — Ela sussurra, uma única lágrima escorrendo por sua bochecha, e tenho o desejo carnal de lambê-la. Pegar sua tristeza e engolir tudo para que ela nunca mais tenha que sentir isso.

— Derreti do distintivo de Caim — eu digo. — Como um lembrete de que ele nunca mais poderá tocar em você. Ninguém tocará. Não, a menos que você deixe.

Vejo a pergunta em seus olhos. Ela quer saber o que aconteceu, o que eu fiz, mas sabe que é melhor não dizer agora.

Pego o metal e coloco em seu pescoço, prendendo-o nas costas para que caia perfeitamente no centro de sua clavícula. Ela olha para ele, fixamente por um momento, e a princípio não tenho certeza se gosta. É um presente horrível, mas quando ela me olha de volta, seus lábios ligeiramente entreabertos, ela me dá sua resposta,

— Rook, gostaria que *você* me tocasse agora.

Não preciso que ela diga mais nada. É a única permissão de que preciso.

Aproximo meu corpo do dela, rastejando em cima da mesa e montando-a. Minha cintura está entre suas coxas leitosas, e coloco minha boca na dela, absorvendo a cor vermelha de sua boca até que esteja inchada com meus beijos.

Ela geme em mim enquanto nossas línguas se envolvem, devorando uma à outra, derramando cada pedacinho de emoção crua na boca um do outro. Todo o tormento, todo o sofrimento sozinho, todo o amor.

Meu peito dói. Meu coração está pulsando, ganhando vida pela primeira vez em mais de um ano. É bom me recompensar em vez do contrário. Essas correntes quentes derretidas que estavam agarradas ao meu corpo há anos começam a se soltar.

Carente, querendo, e cada pedacinho meu.

Movo minha boca para baixo, sem saber se a pele sensível em seu pescoço tem mais gosto de morango ou mel, mas de qualquer forma, o sabor em minha língua é algo que nunca quis esquecer.

Quanto mais abaixo trabalho, mais marcas roxas e vermelhas deixo nela. Quero marcar cada centímetro quadrado dela até que esteja coberta por mim. Nunca mais passaria outro dia sem deixar o maldito mundo inteiro saber que ela é minha.

— Sua boca é tão boa — ela choraminga enquanto minhas mãos apalpam seus seios. Macio e alegre, quente e convidativo para meus dedos curiosos. Brinco torturantemente com seus mamilos.

Passei muito tempo negando a verdade de que ela sempre foi minha. E agora estou ficando louco com a ideia de possuí-la completamente, possuir cada centímetro.

— Está prestes a se ainda melhor — eu sussurro, deixando um beijo demorado logo acima de sua calcinha. — Porra, senti falta disso.

— De mim, ou?

— Você. Senti falta de prová-la — movo minha boca em torno de seu corpo nu — Senti falta de fodê-la, não pensei em mais nada desde que você partiu. Não toquei em mais ninguém. É só foder com você.

Rolo o cós para baixo, sua calcinha sai de suas pernas em uma varredura limpa.

Estou absolutamente faminto por ela. Fico com água na boca ao ver sua boceta rosa brilhante, molhada e pronta para mim. Estive me negando sua boceta na minha língua por muito tempo. Quero minha dose.

Colocando meu corpo entre suas pernas, forçando suas coxas a se abrirem para dar espaço para meus ombros, passo minha língua do topo de seu monte até sua abertura. Ela empurra contra mim, tentando empurrar seu centro vazando para o meu rosto, perseguindo a fricção, perseguindo o prazer.

Feliz em obedecer, deixo cair minha boca em seu clitóris, chupando o botão sensível com pressão suficiente para ela sentir. Lentamente passo a ponta da minha língua em torno dele, provocando nós dois. Só consigo brincar por alguns segundos antes de começar a devorar o fruto proibido entre suas coxas.

Seus dedos afundam em meu cabelo, me empurrando mais para o centro, ansiando por mais. Minha língua quente desliza e gira através de suas dobras lisas, e a inspiro como se ela fosse minha última refeição na terra.

Com dois dos meus dedos, uso seus sucos para deslizá-los facilmente dentro de seu buraco apertado, sentindo-a apertar ao meu redor enquanto os trabalho dentro e fora de seu canal.

— Todos os barulhos desleixados para mim? — Eu gemo em seu sexo, minha voz vibrando contra seu broto sensível. — Que foda doce da sua parte, baby.

Passo minha língua contra seu clitóris, deixando-a esfregar contra mim, permitindo que ela controle a pressão e o ritmo. Deixá-la me usar até que esteja pronta para ceder.

Pequenas rugas se formam em sua testa, seus gemidos saindo mais forte, seu corpo inteiro se contorcendo e enrolando, a coluna se erguendo da mesa. Meu pau está pesado e latejante, desesperado para sentir suas paredes apertarem em torno de mim.

Sei que ela está perto. Eu sempre sei.

Porque conheço minha garota.

Sinto seus sucos escorrendo pelo meu queixo, cobrindo-me com seu líquido, tão sagrado que pode ser suficiente para limpar o mundo de seus pecados. Com a mão livre, passo o lubrificante na direção de sua bunda, massageando o buraco apertado com a ponta do dedo.

— Será uma boa puta e também me deixará foder esse buraco?

Parte de mim está provocando. A outra parte de mim é feroz para reivindicar cada buraco com restrição zero.

Ela choraminga, acenando com a cabeça enquanto continuo a tocar, empurrando a ponta do meu dedo para dentro e gemendo com o quão apertado é.

— Diga. Pergunte-me.

Erguendo-se nos cotovelos, com o rosto vermelho de prazer, ela olha para mim entre as coxas.

— Quero que foda minha bunda. — Seus olhos azuis estão cheios de tanta necessidade que não consigo dizer não a ela. — Por favor.

— Foda-se — eu gemo enquanto caminho de volta até seus lábios, empurrando minha língua dentro de sua boca e permitindo que ela prove a si mesma em mim. — Sou tão fraco por você, Sage.

Desço a mão pelo meu corpo, tirando minha calça, e sento de joelhos. Envolvendo minha palma em torno de mim e bombeando meu comprimento, observo algumas gotas de pré-sêmen vazarem da ponta.

— Rook, por favor, baby. Preciso de você — ela geme, esfregando-se contra mim.

Cuidadosamente, abro suas pernas mais, puxando-a contra minhas coxas, depois deslizo minhas mãos sob sua bunda para levantá-la para mim.

Instintivamente, suas pernas descem para descansar em meus ombros, seus saltos ainda enfeitam seus pés. Aproveito sua maciez para lubrificar meu pau antes de me guiar até seu cuzinho.

— Deixa qualquer outra pessoa te foder aqui, vadia? — Pergunto, rangendo os dentes enquanto me coloco dentro dela. Sinto suas paredes tentando me forçar a sair, rejeitando meu tamanho, mas continuo empurrando.

— N-não, não, só você. — Ela balança a cabeça agressivamente, os olhos bem fechados enquanto se esforça para me encaixar. — Foda-se, isso queima.

Uso meu polegar para estimular seu clitóris, tentando abri-lo.

— Tem que relaxar, baby. Deixe-me entrar — sussurro, entrando cada vez mais, quanto mais fodo seu clitóris com meu polegar. — É isso aí, essa é a minha garota. Foda-se, você é incrível. Sente-me esticando sua bunda? Moldando suas paredes para o meu pau?

— Eu sinto... — ela é pega por um gemido que toma conta de todo o seu corpo. — Tão cheia, tão bom.

Assim que estiver totalmente dentro de sua bunda, não tenho certeza de como serei capaz de sair por causa da força com que ela me agarra.

Lentamente, porém, começo a trabalhar meus quadris, movendo meu polegar um pouco mais rápido. Não consigo evitar o sorriso que se espalha pelo meu rosto, a sensação de ela se soltando ao meu redor o suficiente para que me mova mais rápido.

— É uma prostituta tão bonita, Sage. Tomando-me tão bem.

Logo, estou empurrando dentro dela com mais força, e posso ver aquela expressão de tensão crescendo em seu rosto. Minhas coxas batem contra sua pele, uma e outra vez enquanto me empurro mais fundo dentro dela.

Minha própria liberação está correndo em meu encalço, torcendo meu estômago, mas não me importo. Eu só quero vê-la gozar.

Quero ver como a euforia irrompe em sua pele, explodindo nela da cabeça aos pés. Não me importaria se nunca mais gozasse se isso significasse que eu poderia ver aquele rosto pelo resto da minha vida.

Apenas isso seria o suficiente.

— Porra, porra — ela xinga, cravando as unhas em meus quadris. — Rook!

— Tão apertada, tão bom *pra* caralho — resmungo enquanto meus golpes se tornam mais erráticos, fora de controle, sentindo seus espasmos debaixo de mim.

Não é o suficiente. Eu quero mais. Quero tudo.

Eu a quero destruída e completamente fodida. Tão fraca que tenho que carregá-la para fora dessa festa idiota onde ninguém a entende. Cercada por todas essas pessoas que a colocaram em uma gaiola porque tinham medo do que ela poderia fazer se a deixassem ter rédea solta.

— Goze de novo — vocifero, agarrando suas pernas pelos tornozelos e separando-as para que caiam na mesa, deixando-a aberta para mim.

Enfio meu dedo médio e anular dentro de sua boceta, continuando a bater meu comprimento em seu outro buraco.

— Demais — ela engasga. — Merda, é demais.

Trabalhando meus dedos para dentro e para fora, acelerando meu ritmo à medida que faço isso, me certifico de esfregar aquele ponto esponjoso dentro dela.

— Eu disse goze — ordeno, sentindo meus órgãos me cortando assim que ela começa a gritar silenciosamente, o prazer dominando-a completamente.

Suas costas arqueiam para fora da mesa, tentando se afastar de mim, mas continuo a bombear minha semente em suas profundezas, ainda movendo meus dedos.

Fluido claro jorra na parte inferior do meu abdômen, sua boceta me lavando enquanto seu segundo orgasmo a despedaça. Gemo asperamente enquanto ela aperta.

A sala está cheia de respirações irregulares enquanto nós dois permanecemos neste estado de êxtase, o seu corpo cavalcando o tremor secundário de seu clímax.

Eu me mantenho dentro dela enquanto me inclino, pressionando beijos suaves na pele machucada de seu pescoço. A emoção se mistura com o alto da minha luxúria conforme minha língua gira ao redor das marcas que deixei, saboreando o suor salgado em sua pele.

Em vez de perguntar como fiz da última vez, faço uma declaração que não está em negociação.

— Eu fico com você — digo com uma voz seca em necessidade desesperada de hidratação.

Seus dedos afundam em meu cabelo, puxando levemente as pontas, e consigo sentir seus lábios se inclinarem em um sorriso.

— Você sempre me teve, Rook. Sempre.

TRINTA E UM



A FÊNIX

Gage

Mais um dia.

Tínhamos um plano e finalmente chegou a hora de executá-lo.

Isso demorou muito para chegar, e sua finalidade gruda no ar como carne podre. Segue-me, me importunando.

Queria que fosse feito hoje, mas tivemos que esperar por Alistair, que estava passando o dia com Briar na casa do tio dela, no aniversário dele. Tinha que garantir que houvesse um equilíbrio entre vingança e amor.

Aprendi ao longo do meu tempo com eles que Alistair precisava estar por perto quando as coisas aconteciam. Não apenas porque ele tinha problemas de controle ou precisava estar no comando, mas porque se as coisas corressem mal, ele queria ser o culpado. Ser aquele que os livrou de problemas e de qualquer mal. Isso é quem ele é para eles.

O protetor mais velho. O protetor.

Sua sombra constante.

E eu o respeito por isso, mesmo que ele ainda não tenha gostado de mim. Na verdade, nenhum deles realmente se aqueceu, especialmente Thatcher. Ele deixou bem claro que não é meu fã, mas não faz mal, porque Rook gosta.

Rook está ardendo por mim, e pretendo ser o oxigênio para continuar alimentando essas chamas.

Passaram-se alguns dias desde o Almoço de Primavera, e não acho que houve um momento que ele passou fora do meu corpo. E eu estava mais do que bem com isso.

Mesmo em meio a toda a turbulência e caos que acontecia ao nosso redor, encontramos nosso pequeno refúgio entre as fendas, vivendo e respirando nos momentos em que éramos apenas nós.

Não tinha percebido o quanto estava perdendo antes por não podermos sair juntos em público. Agora posso olhar abertamente para ele quando entra em uma sala ou sentar ao seu lado na aula, se eu quiser.

Estamos juntos.

E nunca me senti tão viva, mesmo numa época em que passava por tanta dor. Sei que o tenho e não preciso mais enfrentar a escuridão sozinha, porque ele é a luz que nunca se apaga. E é tudo meu.

Espanta-me como ainda estamos vivendo vidas tão normais, enquanto planos tão sinistros estão sendo feitos. Que apesar da maldade que está acontecendo, somos capazes de fazer algo bonito a partir dela.

— É só um minuto, prometo. Só preciso trocar de roupa — digo a Lyra, que caminha atrás de mim pela calçada até a casa de Silas.

Rook ainda quer que eu fique lá, só até Frank encontrar seu fim.

— O que há de errado com a roupa que está vestindo? Só vamos para a casa da Tilly.

— Tenho usado esta saia o dia todo e estou desesperada por um par de leggings. Levará dois segundos no máximo.

O que encontrei no armário de Lyra foi algo que eu sabia que levaria para o túmulo. Era seu segredo para manter, sua verdade para queimar. Sabia que acabaria revelando, mas até que chegasse a hora, manteria sua obsessão perto do meu peito, como havia prometido.

Tudo estava indo tão bem nos últimos dias que eu deveria ter esperado que algo desse terrivelmente errado.

Eu deveria ter previsto isso, mas não havia nada que pudesse me preparar para o que nos esperava ou o quão drasticamente isso mudaria o curso de tudo.

Quando a porta se abre, três coisas acontecem.

Um.

A mãe de Silas, Zoe, está sentada no sofá com Caleb e Levi flanqueando-a, consolando-a enquanto grandes lágrimas escorriam por seu rosto.

Dois.

Scott Hawthorne, um pai sofisticado e de temperamento brando, está abrindo um buraco no chão. Quem quer que esteja do outro lado da ligação está enfrentando uma tempestade da qual não quero fazer parte.

Três.

Há sangue no chão levando à porta. Não o suficiente para justificar a morte de alguém, mas o suficiente para nos deixar preocupado.

— Sage! — Zoe engasga, levantando-se. — Teve notícias de Si?

— Não, o que está acontecendo? Ele está bem? — Pergunto, a preocupação tomando conta.

Oh não. Não, não, não.

É agora que percebo que Scott está usando uma bandagem branca em sua mão, uma que permite que o sangue vaze por ela.

— O que aconteceu? — Eu digo, quase com medo de ouvir a resposta.

— Silas está no meio de um episódio psicótico, um dos primeiros desde que era um menino. Ele cedeu à sua psicose e começou a acreditar que essa é a sua realidade.

— Mas seus remédios, pensei que estava ajudando...

— E estava — Zoe soluça. — Mas ele parou de tomá-los. Não tínhamos ideia até hoje, quando seu pai o confrontou sobre o agravamento de seus sintomas, e ele admitiu que havia trocado os comprimidos por um suplemento vitamínico. Não havia como sabermos.

Eu me viro para Lyra. Meu primeiro instinto é ligar para Rook - ele saberia o que fazer, certo?

A culpa nada em minhas entranhas.

Isso é parcialmente minha culpa. Eu dei a ele muito tempo para confessar a Rook sobre o que aconteceu entre nós, mas ele estava bem nos últimos dias. Ele parecia bem, e agora estamos aqui.

Bastou um estalar de dedos.

— Eu tentei impedi-lo de sair, mas ele estava muito dentro de sua cabeça. Lutei com ele, tentando mantê-lo em casa tempo suficiente para chamar uma ambulância, mas ele... — Scott levanta a mão ferida, dizendo isso com ações em vez de palavras. — Continuou falando sobre como as vozes estavam lhe dizendo o que ele precisava fazer para que pudesse... — Ele engasga com as palavras, a tristeza de um pai preocupado tomando conta dele. — Para que ele pudesse trazer Rose de volta.

Há tantas coisas que podem significar e, ao mesmo tempo, não poderíamos ter ideia, porque o que quer que esteja acontecendo dentro de Silas agora é entre Silas e seus demônios, algo que nenhum de nós é capaz de compreender. A esquizofrenia é uma doença mental imprevisível, que não tem piedade de suas vítimas, e Si não é exceção.

Minhas mãos estão tremendo quando tiro meu telefone do bolso.

— Não sabemos onde ele está, para onde foi, o que é capaz de fazer consigo mesmo. — Scott passa a mão frustrado pelo rosto.

— Meu menino — Zoe chora, as lágrimas continuam a fluir enquanto ela caminha até o marido em busca de um conforto que só pode vir de Silas estar em casa em segurança. — Scott, nosso bebê.

Ele a puxa para seu peito, segurando-a firmemente contra seu corpo como se seus braços pudessem protegê-la da dor fora deles.

— Vou ligar para Rook — digo nervosamente. — Talvez ele tenha uma ideia melhor de onde pode estar.

Clico em seu nome no meu telefone, ainda intitulado Lúcifer.

— Já ligamos para ele. Foi a primeira pessoa que contatamos — Scott diz assim que ouço o fim do tom de discagem.

Posso ouvir a respiração de Rook do outro lado. Posso sentir seu pânico. Sua preocupação. Sua dor.

— Vamos trazê-lo de volta — digo a eles, sem saber o que mais posso dizer para melhorar isso.

— Não diga a eles coisas das quais não tem certeza, TG — Rook diz em meu ouvido, fazendo meu peito pulsar.

Lyra e eu saímos de casa e vamos em direção ao carro.

— Rook, tenho que te dizer uma coisa — murmuro — deveria ter dito algo antes, eu sei, e isso é minha culpa. Sei que isso é minha culpa...

Tenho medo de dizer o que preciso. Porque sei que quando eu fizer isso, ele vai me odiar.

E não posso fazer isso de novo. Ele não pode me odiar. Acabei de trazê-lo de volta.

Uma das últimas coisas que Rose falou comigo foi seu medo de Silas a odiar, e pensei o quão louco é isso. Que ela tem medo de algo tão bobo, mas entendo agora.

— Sinto muito, mas Silas...

— Ele me disse.

Alívio e confusão tomam conta de mim.

— Sobre tudo? — Eu digo.

— Tudo. Ele até incluiu a parte sobre você ter dado a ele um ultimato. — Ele expira. — Não é sua culpa.

Eu deslizo para o banco do passageiro do carro de Lyra, querendo nada mais do que estar na sua frente para que ele pudesse me ver dizendo isso.

— E não é sua culpa, Rook. Pensou que ele estava tomando os remédios. Não havia como você ou qualquer outra pessoa saber que ele os trocou.

Sei onde ele está mentalmente. Sei que tudo o que ele está fazendo é se culpar pelo que não poderia ter previsto. Ele está se punindo, querendo se machucar por não ver os sinais ou reconhecer isso antes.

— Não é sua culpa — murmuro no alto-falante, esperando que ele possa entender isso por si mesmo.

— Ele é meu melhor amigo, Sage. Eu sabia que algo estava errado, mas simplesmente não queria aceitar. E agora...

Há uma batida forte ao fundo, como um punho contra algo duro, seguido pela voz de Thatcher murmurando algo sobre se acalmar.

— Não há nada que possamos fazer sobre isso agora, Rook, mas você está certo, ele é seu melhor amigo. Você o conhece melhor do que ninguém. Para onde ele vai? Para onde ele iria agora?

É um tiro no escuro porque não sabemos quem é Silas quando está dentro de sua psicose, mas se alguém soubesse, seria Rook. Eu aceitaria o que quer que viesse da dor que Rook precisa agora, mas preciso que ele se concentre em encontrar Silas primeiro.

Porque sim, ele é seu melhor amigo, mas também é o único amor da minha irmã. Ela nunca me perdoaria se algo acontecesse com ele, e eu nunca me perdoaria.

— Rook — eu digo com um pouco mais de força. — Para onde Silas iria?

Há uma batida de silêncio.

— Frank. Ele vai para o Frank.

Rook

Sabia que ele não estava bem.

Sabia muito antes deste momento.

Eu sabia muito antes de ele me contar que tentou beijar Sage no meio de uma alucinação.

Sabia que ele não estava bem e não fiz nada porque o vi tomar o remédio. Eu o vi pegá-los e confiei neles para fazer seu trabalho. Para protegê-lo das vozes das quais eu não poderia protegê-lo.

No entanto, ele estava tomando malditas vitaminas por quem sabe quanto tempo. Não conseguia entender por que ele faria algo tão imprudente. Por que arriscaria cair ainda mais na sua doença, pra além de estar de luto pela Rose. Eu pensei que tinha feito o suficiente, lido o suficiente sobre isso. Achei que estava preparado para esse possível resultado da esquizofrenia.

Não estava.

— Silas...

— Cale a porra da boca! Cale a boca — ouço meu amigo gritar. — Eu sei o que você fez. Eles sabem. Nós sabemos. E tenho que fazer algo sobre isso. Se eu fizer isso, vou trazê-la de volta, entendeu? Posso trazê-la de volta.

Ele está de costas para mim, mas posso ver Frank deitado no chão da sala, sangue pingando de sua testa. Ele levanta as mãos quase em posição de oração.

— Ela se foi. — Sua voz está trêmula — Sinto muito pelo que fiz, mas ela se foi. Matar-me não adiantará nada.

Errado.

Matá-lo alimentará o cão infernal em nossas almas. Frank usa o presságio da morte como uma colônia espessa. Seu tempo acabou. Ele corrompeu e enganou pessoas suficientes, e é hora de os portadores da morte servirem a seu propósito, mas não será o fim, não é?

Não pode ser.

Não podemos simplesmente entregar essas informações ao FBI ou à polícia, como havíamos planejado originalmente. Não quando sabíamos que Caim era sujo - não temos ideia de quantos deles estavam envolvidos no Halo. Seria um erro ir até eles.

No entanto, isso levantou a questão: o que fazemos com as meninas desaparecidas?

Poderíamos viver nossas vidas com sangue encharcando nossas mãos, com o fedor da morte preso a nossas almas para sempre. Foi uma decisão com a qual todos concordamos, mas poderíamos conscientemente olhar para o outro lado enquanto mais meninas eram levadas e vendidas como escravas sexuais?

Não posso falar por todos nós, mas sei minha resposta.

— Não, não — Silas murmura, a arma tremendo em suas mãos. — Eu sei, sei o que ele fez. Sei o que fiz. Sim, sei o que tenho que fazer, apenas... — Ele pressiona as mãos na cabeça. — Fique quieto. Fique quieto.

É como se ele estivesse conversando com várias pessoas e não conseguisse descobrir a quem responder primeiro. Todas as suas palavras estão correndo juntas, e tudo o que ele está dizendo não faz sentido. Está preso em uma guerra dentro de sua própria mente, e não tenho ideia de como ajudá-lo nessa batalha.

Não há espada. Sem escudo. Nenhuma arma. Eu não tenho nada.

— Silas — digo calmamente, avançando no espaço, Thatcher logo atrás de mim. — Sou só eu, cara.

Odeio tratá-lo como um animal selvagem porque ele não é. Está preso e não consegue ver uma saída. Ele só precisa de ajuda.

Abruptamente, ele se vira, olhando para mim, mas parece que não está realmente me vendo.

— Rook — ele expressa — eles não me deixaram esperar. Não podia esperar mais. Estávamos ficando sem tempo.

Eu concordo. — Tudo bem. Não precisamos esperar. Você não precisa esperar.

Eu me aproximo dele, precisando tirar aquela arma de sua mão. Fiquei na frente de vários alvos enquanto Silas atirava em objetos ao meu redor. Nunca duvidaria de sua pontaria, e não lhe negarei a morte de Frank, mas tenho medo do que ele fará depois de atirar nele.

— Deixe-nos ajudá-lo, está bem? É por isso que estamos aqui. Estamos aqui para ajudar. — Tento manter meu nível de voz, apesar do meu nervosismo.

Continuo andando até estar bem na sua frente, focando apenas nele.

Nunca entrei na casa dos Donahue, só a via de fora quando deixávamos Rosie e quando eu saía com Sage à noite. Seria de pensar que eu estaria acostumado a lugares normais abrigando coisas sinistras.

— Não o deixe me matar, por favor. Ele perdeu a cabeça, não pode deixá-lo me matar. Você tem que me ajudar — Frank grita de seu lugar no chão.

Silas balança a cabeça agressivamente, olhando para a minha direita, onde não há ninguém, apenas um assento de dois lugares.

— Ele é meu amigo. Não faria isso — ele diz — Ele não faria.

— Ei, ei, Silas, olhe para mim — digo a ele, tentando mantê-lo aqui na realidade, com medo de tocá-lo porque não tenho certeza se isso vai ajudá-lo ou prejudicá-lo.

— O que estão dizendo? Fale comigo.

— Eles... — Ele fecha os olhos, encolhendo-se como se estivesse com dor. — Estão me dizendo que você me impedirá. Que não quer que eu traga Rose de volta. Eles querem que eu... — Ele reabre os olhos, olhando para mim e juro que tudo o que vejo é ele gritando por socorro. — Querem que eu mate você.

Sinto Thatcher se mexer nas minhas costas, nós dois de costas para a cozinha.

— Se eu pudesse trazer Rosie de volta, juro por Deus que o faria, Silas. Eu faria qualquer coisa — digo, querendo dizer cada grama disso. — Mas não posso. Não há nada que alguém possa fazer para trazê-la de volta. As vozes, é sua mente pregando peças em você. Não são reais, está bem? Estão apenas dentro da sua cabeça.

Estou com tanta raiva que essas coisas dentro de sua mente o estarem tirando de mim, e não há nada que eu possa fazer. Não posso lutar contra elas. Não posso lutar contra elas por ele e me sinto inútil. Não agora.

Prometi que cuidaria dele. Prometi a mim mesmo que não deixaria nada acontecer com ele. E olha o que eu deixei acontecer.

— Não pode fazer isso. Eles não deixarão você...

Minhas mãos se contorcem algumas vezes antes de virar minha cabeça na direção de Frank. — Se você abrir a boca de novo, queimo a porra dos seus olhos, está claro? — Eu digo.

— Por favor, Rook. Você me conhece desde que era um menino. Não faça isso. Se me deixar viver, contarei tudo o que sei. Há mais pessoas aqui em Ponderosa Springs envolvidas. Tantas, que não tem a menor ideia. Eu fui apenas uma vítima da organização deles. Há pessoas mais poderosas no comando. Pode jogá-los todos na prisão, inclusive eu, só não me mate.

— Frank — eu me irrita, olhando-o fixamente — O que não está funcionando para você aqui? Não precisamos que descubra nada disso. Não me serve de nada vivo, entendeu? A melhor coisa que você pode fazer por mim agora é morrer.

Ele balança a cabeça, lágrimas grossas escorrendo pelo rosto inchado — Por favor, nunca quis que Rose morresse, ela era minha garotinha...

— Ele disse para ficar calado! — Silas grita, jogando a coronha da arma na cabeça de Frank, causando um baque alto, seguido por uma queda no chão. Seus olhos estão fechados e seu corpo está flácido, mas ainda posso ver seu peito se movendo para me avisar que ainda está vivo.

A dúvida me atinge como uma onda, poderíamos descobrir quem mais estava ligado ao Halo sem um informante? Quero dizer, chegamos tão longe. Tínhamos ido longe demais.

E se eu tivesse que adivinhar, não precisaríamos procurar mais ninguém envolvido.

Eles viriam atrás de nós.

Muito em breve.

Silas continua andando, resmungando incoerentemente para si mesmo e para quem quer que ele veja dentro desta sala agora. Aproximo-me um pouco mais, estendendo minha mão timidamente.

— Acabou, Silas. Acabou, está bem? Frank se foi, veja. — Aponto para o chão onde o prefeito reeleito de Ponderosa Springs jaz rigidamente imóvel. Sei que ele está inconsciente, mas Si não precisa saber.

— Conseguimos. Está tudo acabado, e agora podemos conseguir alguma ajuda — digo facilmente. — Apenas me dê a arma, e prometo a você, tudo ficará bem. Só preciso que confie em mim.

Ele parece estar com dor física, seu corpo tremendo e balançando a cabeça, e não há nada que eu possa fazer para acalmá-lo da angústia que está sentindo agora.

— Não, não, isso não está certo. Ela deveria ter voltado. — Esfrega a mão no rosto, olhando para trás à minha direita em vez de olhar para mim. — O que quer dizer? — Ele diz, as sobrancelhas franzidas. — Promete? Sim, se você prometer, eu farei isso.

Meu mundo inteiro parece parar de repente quando Silas volta a olhar para mim, e tudo que vejo é um vazio por dentro. Nada

além de um vazio áspero me olhando enquanto ele aponta o cano da arma para a cabeça.

Sinto minha boca secar e meu estômago revira. Lágrimas redondas e pesadas escorrem dos cantos de seus olhos.

— Não faça isso comigo, Silas — exijo, entrando em seu espaço.
— Deixe-me ajudá-lo.

Lágrimas caem no chão enquanto ele balança a cabeça, mordendo o lábio inferior. — Não pode me ajudar. A única maneira de me ajudar é se eu me matar. Você tem que entender que eu tenho que fazer isso.

— Não — sufoco, agarrando seu ombro — não vai me deixar. Eu não te deixarei. Tem que saber que isso não é você, que isso não é real. Isso é real, Silas. Somos reais.

Algo dentro dele se quebra, porque assim que sua mão se contrai, eu tiro a arma de seus dedos, puxando-a para mim.

Sua cabeça cai no meu ombro, seu corpo quase caindo mole em meus braços.

— Estou tão cansado, Rook — ele sussurra.

— Eu sei — digo, esfregando suas costas.

Cansado das vozes. Cansado de sua doença. Cansado de tudo.

Em algum momento, tenho que me perguntar se estávamos fazendo mais mal do que bem a ele enquanto caçamos o que aconteceu com Rose. Sabíamos que a vingança não iria trazê-la de volta, não faria nenhum de nós sentir menos a sua falta, e tudo o que parece estar fazendo agora é quebrar Silas ainda mais.

— Filho, preciso que você abaixe essa arma e que todos levantem as mãos.

Só pode estar me sacaneando.

Com a arma ainda em minha posse, a levanto enquanto giro, encontrando os olhos do detetive Finn Breck segurando sua própria arma ao lado da cabeça de Thatcher, seu braço em volta do pescoço, puxando-o para o peito para mantê-lo imóvel.

Thatcher ainda é um pouco mais alto, tornando essa situação bastante cômica se sua vida não estivesse em perigo.

— Por que as pessoas estão sempre apontando armas para mim? — Thatcher suspira, revirando os olhos como se fosse apenas um pequeno inconveniente e não uma questão de vida ou morte.

Eles estão em frente da cozinha aberta, Finn veio pela porta dos fundos, presumo. Provavelmente porque Frank ligou para ele antes de Silas o subjugar.

Mantenho a arma apontada para Finn, totalmente ciente de que se ele fizer um movimento, seria mais provável que eu desse um soco.

— Ou abaixa e vem de bom grado, ou atirarei no seu amigo aqui. Mesmo Stevens para o meu parceiro — ele diz, os olhos brilhando maliciosamente.

Não me preocupo em negar, porque apenas um de nós conseguirá sair dessa, e eu não sairei como um covarde.

— Aqui estava eu pensando que você era um dos bons o tempo todo. É algo na água aqui que faz com que todos se transformem

em pedaços de merda traidores? Ou vocês simplesmente nasceram para a escravidão sexual e a pedofilia? — Pergunto, inclinando minha cabeça em questão.

Quero me surpreender por ele estar envolvido nisso com seu parceiro mais do que morto. Aquele que tinha virado sopa. O ácido sulfúrico é um milagreiro para um homem que tenta se livrar de um corpo, mas não estou chocado. Todo mundo tem o pé em algo imoral. Esta cidade está se afogando nele.

— Não me menospreze por merdas que não pode compreender, garoto.

A porta dos fundos se abre silenciosamente, e posso vê-la com o canto do olho. Nunca fui a donzela em perigo e nunca precisei de resgate, mas não me oponho a uma ajudinha neste momento.

— Você tem razão. Não consigo compreender como um homem com uma família jogaria fora pelo quê, um dinheiro sujo e rápido? Quem parece ser o garoto agora?

— É muito mais do que isso. Nem tocou na superfície de quão longe o Halo corre ou em quem ele tem suas garras cravadas. Mesmo se você pudesse encontrar uma maneira de sair disso, eles não pararão até que estejam mortos. Eles conhecem você. Sabem seus nomes. Suas famílias, suas vidas. Estou fazendo um favor a você aqui — ele ri — terminando aqui e agora, antes que pessoas mais assustadoras do que eu venham caçá-los.

— Isso não acabará do jeito que você pensa — digo a ele, segurando meu braço em torno de Silas para impedi-lo de se mover para qualquer lugar.

— Sim? Quem parece ter mais controle aqui? — Ele zomba, sufocando Thatch um pouco mais forte, fazendo meu amigo apertar os olhos ameaçadoramente, cansado de ter alguém que ele não conhece o tocando. — O federal cujo parceiro foi morto por um grupo de universitários em fúria? Ou o oficial condecorado tentando proteger o prefeito da cidade?

Coisas ruins acontecem quando pessoas com raiva são deixadas para sofrer. Coisas ainda piores acontecem quando pessoas boas são forçadas a proteger aqueles de quem cuidam.

— Meu dinheiro está na garota com a faca.

Lyra envia a ponta prateada da lâmina para o lado do pescoço de Finn, afundando na veia como se estivesse cortando uma fruta madura. A perda de sangue é imediata. Jorra da ferida aberta quando ela a arranca do buraco.

Líquido escarlate que cheira a metal cai em cascata pelo ombro de Thatcher, escorrendo pela frente de sua camisa como uma cachoeira. Há um olhar selvagem em seus olhos, um que nunca vi antes enquanto ele o observa escorrer por ele, escorregando pelo colarinho de sua camisa.

A mão de Lyra está firme quando ela deixa cair a faca no chão. Não há medo ou pânico em seu rosto; ela parece como sempre - passiva e despreocupada com o que acontece no mundo. O sangue cobre sua pequena mão pálida e, em vez de olhar para o homem que ela acabou de matar à medida que ele cai no chão, ela simplesmente dá um passo para trás, deixando o corpo dele cair no chão e permanece fixa em Thatcher. Seu olhar nunca se afasta dele, nem mesmo por um segundo.

— Era uma camisa nova — ele respira, seu peito arfando quando se vira para olhar para ela, um cadáver é a única coisa entre eles.

— Era feia. O sangue fez com que parecesse melhor — ela diz, erguendo os olhos fundos para ele. Com a mão ensanguentada e as bolsas roxas sob os olhos devido à falta de sono, ela me lembra um personagem de Tim Burton - cabelos crespos, olhos grandes demais para o rosto, pele pálida.

— Ele está morto? — Ouço vindo da cozinha, e basta a sua voz para eu voltar toda a minha atenção em sua direção.

Nunca acreditei em Céu ou Inferno. Sorte ou destino.

Nunca fiquei do lado de fora e desejei estrelas cadentes.

Não, nunca acreditei em nada disso, mas acredito nela.

— Meu pai está morto? — Ela sibila, seus olhos dançando com pequenos demônios inocentes, e nunca tinha visto o caos em um estado tão bonito.

Um tom de azul tão marcante, emaranhado com o fogo que amo brincar. É o futuro? É o destino?

Quando menino, mesmo antes da morte de minha mãe, eu ficava sentado por horas olhando para as chamas, recusando-me a desviar os olhos delas. Muito consumido, muito encantado com a maneira como a fumaça cantava em redemoinhos e as brasas queimavam minha pele.

E essas mesmas chamas dançam nos cantos de seus olhos. Tão quente, tão porra azul, e eu quero assar vivo dentro deles. Talvez sempre a tenha visto dentro do fogo.

Ou talvez eu tivesse nascido no incêndio.

— Ainda não — diz Thatcher. — Precisamos limpar isso, Rook.

— Pegue Silas, vá com Lyra e dê o fora daqui. Quando a polícia aparecer, não posso te deixar coberto de sangue — digo, movendo-me em direção a Sage.

— O que vai fazer?

— O que tiver que ser feito. Só preciso que saia daqui antes que isso aconteça.

Eu a alcanço, minhas mãos prendendo seu rosto entre elas, puxando seus lábios nos meus. Afogo-me em seu toque por um momento solitário entre o caos. Meu pedaço do céu dentro do meu próprio inferno.

— Confia em mim? — Eu sussurro contra sua boca.

Ela balança a cabeça, envolvendo os dedos em volta do meu pulso. — Sempre.

Eu a levo para a cozinha, procurando os materiais de que preciso. Jogo uma panela de cobre no fogão, abro a geladeira e pego um pedaço aleatório de carne congelada antes de pegar o óleo vegetal.

Não temos tempo para nos livrarmos de dois corpos. Não temos tempo para limpar nossas evidências de estar dentro deste lugar. Há muitas variáveis envolvidas e precisamos nos livrar dessa bagunça agora.

— O que vamos fazer? — Ela pergunta, me observando enquanto ligo todos os queimadores no máximo, colocando a panela em um dos abertos junto com a carne.

Esvazio toda a garrafa de óleo no fogão, na panela, ao longo do balcão da cozinha. Nossa melhor aposta é fazer com que esse incêndio pareça um acidente, como se as pessoas que morreram lá dentro não fossem assassinadas; simplesmente ficaram presos pelas chamas.

Era isso. O momento que todos esperávamos há tanto tempo.

Roma não foi construída em um dia, era o que Alistair me dizia quando eu ficava impaciente, mas queimou em um.

— Queime isto. Tudo isso. Até a porra do chão. E não somos nós — digo, olhando para ela, sabendo que se algo desse errado agora, eu faria qualquer coisa para protegê-la disso.

Ela nunca foi a inocente Eva no jardim.

Sempre foi minha Lilith. Meu igual. Minha rainha. Uma fênix.

Enfio a mão no bolso da frente e tiro meus fósforos.

— Esta é a sua vingança. Suas brasas para fazer e suas cinzas para ressurgir. Nunca precisou de nada além do fósforo.

TRINTA E DOIS



DOR E PRAZER

Gage

Sento-me contra a parede dos muitos quartos vagos dos Pierson. Ingenuamente, pensei que o interior desse lugar pareceria mais um necrotério do que uma casa. Esperava encontrar um caixão dentro do quarto de Thatcher. Fazia sentido que ele dormisse dentro de um. Combinaria com a criatura com a qual as pessoas adoravam compará-lo.

Estava errada.

A casa extravagante que ele chamava de lar era tudo o que se esperaria de alguém com dinheiro como o dele. A primeira vez que estive aqui algumas semanas atrás, estava distraída demais para prestar atenção em quanto dinheiro os Piersons tinham.

Enquanto estávamos todos bem de vida, Thatcher estava se banhando em riqueza. O trabalho árduo de seu bisavô como pioneiro de uma empresa imobiliária garantiu a vida de sua família muito além de sua idade. Mesmo que Thatcher, seus filhos e seus

netos nunca mais trabalhassem em suas vidas, nunca lhes faltariam nada.

Os tetos extremamente altos e a arquitetura inspirada em Gatsby faziam a casa da minha família parecer um quarto de empregada. Assim como Alistair, Thatcher vivia em uma propriedade.

Estávamos hospedados na ala oeste, onde nos disseram que a maioria dos hóspedes ficava. E parecia estranho ficar em uma casa tão casualmente cara depois do que acabamos de fazer.

Fechando os olhos, descanso a cabeça contra a parede, não vendo nada além de fumaça e um redemoinho de chamas alaranjadas. Estava congelada no gramado da frente da minha casa, as sirenes piscando simplesmente um gemido surdo no fundo da minha mente.

Minha mão estava enrolada nas fendas dos dedos de Rook, nós dois de mãos dadas enquanto as luzes azuis piscando refletiam em nossos rostos. Meus vizinhos saíram para examinar o caos. Isso seria o assunto da cidade por uns bons três meses.

Lágrimas escorriam pelo meu rosto, não pelo que eu havia perdido por dentro, porque enquanto aquele fogo ardia, parecia que tinha acabado. Pela primeira vez desde a morte de Rosie, essa paz se instalou em mim, embora todos ao nosso redor vissem o contrário.

Meu pai, detetive Breck, todas as memórias dolorosas que aquela casa me trouxe ao longo de uma vida agora se transformavam em nada além de cinzas e poeira. Fuligem que os bombeiros lavariam suas botas pela manhã.

Agora, sentada aqui, ainda não consigo me arrepender do que fiz.

Sei que matar alguém deveria ser essa marca em sua alma que fica conosco para sempre, algo que corrói a humanidade dentro de nós até que finalmente cedamos e contemos ao mundo o que fizemos, mas não parece assim.

E talvez isso me torne uma espécie de psicopata ou algo assim, mas tudo o que sinto é alívio por ele ter partido. Que o homem responsável pela dor mais aguda que já senti não estava mais respirando, nada além de uma pilha de ossos carbonizados e pele queimada. Seu corpo foi destruído, e esperava que sua alma fosse para algum tipo de tortura interna. Onde ele passaria seus anos sofrendo pelo que fez com sua própria carne e sangue.

Rook fez referência ao Inferno de Dante quando perguntei se ele achava que meu pai estava no Inferno. Disse que aqueles que escolhem o pecado da ganância são designados para o quarto círculo do Inferno. Aqueles que acumulam muito dinheiro ou escolhem a riqueza em detrimento de qualquer outra coisa, mas ele acreditava que era muito fácil para ele.

Ele disse que estaria no último Anel, o nono círculo, aqueles que traem seus próprios parentes. Onde meu pai passará a eternidade alojado dentro do lago congelado de cabeça para baixo. Ao contrário da maioria dos ensinamentos religiosos, Dante dizia que o poço do inferno era frio e sem amor.

Rook havia me contado isso enquanto esperávamos a chegada da polícia e dos bombeiros, e me lembro claramente de sorrir,

lembrando-me das vezes em que meu pai aumentava o termostato em nossa casa porque não suportava o frio.

— Por que está no chão?

Abro meus olhos, vendo Rook com nada além de uma toalha branca em volta da cintura. Seu cabelo está molhado e caindo em sua testa, gotas de água caindo em seu peito.

Meu corpo estava cansado, mentalmente exausta por tudo o que havíamos passado nas últimas horas. Do incêndio para a polícia, para o hospital depois, mas de alguma forma, minhas pernas encontram forças para se levantar e se mover em sua direção.

Sua pele está com bolhas vermelhas. Ele se permitiu ficar debaixo do jato de água quente até esfriar, tenho certeza. Meus dedos se estendem para percorrer o topo de sua omoplata, tristeza em meus olhos.

— Rook... — murmuro.

— Não Sage. — Ele me interrompe, apertando sua mandíbula.
— Estou agarrando-me a minha promessa por um fio aqui.

— O que aconteceu com Silas esta noite não foi sua culpa — digo a ele de qualquer maneira, mesmo que ele não queira ouvir.

Irritado com minhas palavras, ele passa por mim, caminhando em direção à nossa cama para passar a noite, e cai na beira do colchão. Com um suspiro, deixa cair a cabeça entre os ombros, olhando para o chão.

Sei que ele não está bravo comigo. Na verdade, está com raiva de si mesmo porque sentiu que se alguém pudesse ter impedido isso, seria ele.

— Então de quem foi a culpa? Hum? — Ele grunhe, a emoção sufocando sua garganta. Rook tinha sido tão forte no hospital. Manteve-se firme mesmo quando a mãe de Silas, Zoe, começou a chorar em seus braços.

Ele a segurou com força, a coluna rígida e a mandíbula tensa na sala de espera do hospital. Pela primeira vez desde que o conheci, ele foi capaz de remover toda a emoção de si mesmo. A emoção que o impulsionava se foi.

Sabia que ele teria que ceder, eventualmente. Ele só poderia ser forte por um certo tempo. E quando viu seu melhor amigo entrar em uma ambulância para ser transportado para uma instalação, pude ver a rachadura em seus olhos.

Isso o destruiu.

— Eu sabia que ele não estava bem. — Ele pressiona os dedos no peito. — Sabia disso e não fiz nada. Esse é meu melhor amigo, Sage, e quase o deixei se matar.

Seus dedos se transformam em punhos duros, ele os bate no peito repetidamente. Perseguindo o alívio que vem de se machucar.

Eu me ajoelho entre suas pernas, agarrando seus pulsos, odiando vê-lo assim.

Meu deus do fogo.

Aquele que arde tão brilhante e tão feroz, estava diminuindo a cada segundo.

— Rook, olhe para mim — sussurro — Olhe para mim — eu digo novamente até que ele finalmente levanta seus olhos lacrimejantes para os meus.

Não há fogo do inferno dentro deles agora. Apenas um tom brilhante de avelã. Não há demônio, nem Lúcifer. Apenas um homem com a alma despedaçada que não sabe como consertá-la.

— Esquizofrenia. — Eu digo — Não é culpa de ninguém. Nem sua, nem minha, nem de ninguém. Silas está doente e só precisa de ajuda. Não havia nada que pudesse ter feito para impedi-lo de interromper o remédio.

Estou tentando racionalizar com ele. Para fazê-lo ver que essa era a doença que vivia dentro de Silas. Uma contra a qual ele estava cansado demais para lutar, mas deveria saber que seria impossível, não com a ferida tão recente.

Tudo o que eu podia fazer agora era segurar a pressão e esperar que ele não sangrasse antes que eu pudesse costurá-lo.

— Preciso sentir dor, TG. — Ele engasga. — Preciso da dor. Porra, preciso tanto disso agora. Alguém precisa me fazer pagar por isso. Vá chamar Thatcher. Ligue para Alistair. Qualquer coisa. Por favor, baby, preciso fazer isso doer.

Eu me senti como se tivesse sido enrolada em arame farpado, que lentamente se apertava ao meu redor quanto mais ele falava. Não havia como escapar sem me cortar em pedaços. Não podia deixá-lo se machucar. Não podia deixá-lo sair desta sala para o porão de Thatcher e deixá-lo cortar.

Estava entre deixar alguém machucá-lo, deixá-lo se machucar ou fazer isso com minhas próprias mãos, mas o pensamento de lhe causar angústia física ou mental fez meu estômago revirar.

Baixando minhas mãos, eu as descanso em suas coxas, lambendo meus lábios secos enquanto aproximo minha testa da dele, nossos narizes se tocando. O cheiro de sua loção pós-barba – a mistura de fumaça e menta enche minha cabeça. Meus olhos percorreram seu rosto, traçando as gotas de água restantes que foram perdidas pela toalha.

Ele se vira para mim, a proximidade entre nossos corpos reduzida a meros centímetros, e de repente o ar está escaldante. Como se inalar apenas inundasse seus pulmões com fumaça - um calor que nos queimaria de dentro para fora.

Minhas mãos avançam para cima, deslizando sob a toalha. Meus dedos mergulham em sua virilha, e o ouço inspirar por entre os dentes.

— O que está fazendo? — Ele geme, e o som faz uma faísca chiar dentro do meu estômago.

— A única coisa que sei que posso fazer por você agora — murmuro — Confie em mim.

Essas palavras me deixam nervosa. Pedindo a ele para fazer isso, sabendo tudo o que passamos.

Envolvo meus dedos em torno de seu pênis semiereto. O calor de seu corpo do chuveiro aquece minha mão. Meu coração salta para a garganta quando o sinto endurecer em meu aperto.

— Isso é o oposto do que preciso agora. — Inspira profundamente enquanto meu polegar desliza pela ponta. — Merda. — Ele sussurra de prazer.

Não poderia machucá-lo. Não do jeito que ele queria que eu fizesse, mas sabia que ele precisava de algo para acalmar, algo para aterrjá-lo. Só quero ser o que ele precisa agora. Talvez seja à minha maneira de compensá-lo por todas as vezes que não estive antes.

Rapidamente viro a toalha para cima, expondo seu eixo ao ar, reajustando-me de joelhos para ficar mais confortável entre suas pernas. Guio o membro latejante até meus lábios, apenas deixando minha língua girar em torno das bolas de prata que perfuram o topo. Traço seu padrão, repetidamente, até saber que ele está infeliz com a provocação.

Meus dedos do pé se enrolam quando ele enterra as mãos na parte de trás do meu cabelo, ambas agarrando um punhado dos meus cabelos curtos. Posso sentir a paixão em seu aperto. Irradia do meu crânio até os dedos dos pés.

— Sage... — Ele me diz em tom de cautela, posso senti-lo tentando baixar minha cabeça, posso sentir o quanto ele deseja toda a minha garganta. Querendo enchê-la e esticá-la até que eu esteja sufocando, mas isso não acontecerá esta noite, embora eu queira desesperadamente que aconteça.

Eu me afasto um pouco, removendo minha língua. Meu aperto em seu pau aumenta. Testo as águas com o quanto ele pode aguentar antes de gemer em uma mistura distorcida de desconforto e prazer.

— Você recebe apenas o que eu lhe dou, entendeu? — Digo a ele, olhando para cima para que possa ver meus olhos. Há um vórtice se agitando atrás daqueles olhos, girando tão rápido e tão ardente que me engoliria inteira se eu deixasse. Sabia que se fôssemos fazer isso, seria pelas minhas regras. Eu assumiria o controle dele por enquanto.

Por mais que eu adorasse me ajoelhar a seus pés, renunciando ao meu controle pelo prazer, havia algo poderoso em estar no comando.

— O que...

Torço meu pulso, apertando com força, — Quer se machucar? Então faremos isso nos meus termos.

Ele não tem chance de responder porque eu tomo a ponta de seu pênis em minha boca, brincando com as pontas de seu piercing. Provocando por outro momento doloroso, antes de cair mais fundo em seu eixo, tomando mais dele em minha boca.

Sinto as veias salientes fazendo cócegas em minha garganta enquanto minhas mãos e língua trabalham em uníssono. Trabalhando em um ritmo rápido que faz a sala girar. Os sons de seus gemidos enviam ondas de necessidade por todo o meu corpo.

Minha mandíbula se expande à medida que o tomo totalmente em minha garganta, meu nariz pressionado contra seu osso púbico conforme luto para respirar. Lutando contra a vontade de tossir, mas curtindo a sensação. Esforçando-me para ter certeza de dar a ele o que ele quer. O que precisa.

Há uma fome na boca do meu estômago. Um impulso para provar um ponto. Para fazê-lo entender. Continuo a trabalhar para cima e para baixo, acelerando assim que minha mão livre agarra segura suas bolas pesadas, rolando-as em meus dedos antes de apertar.

— Merda — ele amaldiçoa — Sage, vou...

Eu sabia que essa seria a parte difícil. Porque quando olho para cima, ele parece tão lindo enquanto persegue sua liberação, a forma como sua cabeça cai para trás e as veias em seu pescoço saltam da pele. Sua mandíbula tensa fez toda a minha alma cantarolar de excitação. Estava constantemente admirada com o quão bonito Rook Van Doren era.

Dói-me fisicamente fazer o que preciso, mas faço mesmo assim. Chupo a ponta com um pouco mais de força antes de remover meu toque completamente. Afastando-me de seu pênis com um estalo alto.

Saliva escorre em uma linha fina de seu eixo e minha boca, minha língua rolando em meu lábio inferior, sentindo como está inchado.

— O que... — Ele olha para mim com as sobrancelhas franzidas, frustrado por seu orgasmo perdido.

A ponta do meu dedo puxa deliberadamente os piercings. Sei que ser pelo menos desconfortável, mas com sua tolerância à dor, provavelmente mal o incomoda.

— Isso não foi sua culpa. Nada disso foi sua culpa. Não há mais nada que poderia ter feito, Rook. — Digo a ele. — Está me ouvindo?

— Droga, Sage, esta não é a conversa que eu quero quando meu pau está em suas mãos. — Ele tenta se empurrar para cima para mim, seus quadris empurrando, ainda precisando de liberação.

O ar está repentinamente escaldante. Como se inalar apenas inundasse meus pulmões com fumaça – um calor que me queimaria de dentro para fora. Minha respiração ficou presa nos meus pulmões.

Puxo o metal com um pouco mais de força — Diga-me que entende. Diga-me que sabe que não foi sua culpa e eu deixo você gozar.

Uma onda de poder lava meus ossos. Eu o faria ver a verdade, a verdade que sempre esteve bem na sua frente. Que ele estava se punindo por coisas que não eram sua culpa como forma de lidar com a dor que causaram.

Em vez de culpar o mundo como o resto de nós, Rook sempre escolheu a si mesmo.

— Foda-se — diz ele, a cabeça caindo, de modo a olhar para mim.

Seu peito se expande e desce repetidamente. Posso ver a fragilidade profundamente enraizada que sempre soube que ele tinha. Aquela que tanto tenta sufocar e matar de fome até morrer. Neste momento, ele é um pedaço de vidro quebradiço. Se eu o apertasse com muita força, ele poderia se estilhaçar em minhas mãos, cortando-me com as pontas irregulares.

E o fato é que eu deixaria.

Cortaria meus dedos até minhas palmas ficarem em carne viva, só para pegar os cacos. Só para que eu pudesse ajudá-lo a colocar tudo de volta no lugar. Eu faria qualquer coisa por ele, mesmo que isso significasse me machucar.

Ele era meu deus do fogo. E vivo para queimar por ele.

— Quer gozar, Rook? — Eu levanto uma sobrancelha, inclinando-me perigosamente perto da ponta de seu pau.

Posso senti-lo sacudir. — Sim, baby, por favor. Eu preciso... — Ele é tomado por um gemido que faz vibrar todo o seu corpo. — Por favor, deixe-me gozar.

— Deixo — murmuro — quero fazê-lo gozar, baby. Apenas me diga a verdade. Diga-me que sabe.

Durante toda a minha vida, tive esse peso esmagador de solidão pesando sobre minha alma. Suportando anos de solidão, mesmo estando rodeada de pessoas. O fardo de estar sozinha, tendo apenas a mim mesma para confiar, me manteve debaixo d'água por tanto tempo.

Quase esqueci como era respirar.

Esse era o poder que a solidão tinha sobre uma pessoa. Deixa-a tão desesperada por contato humano, por uma alma à qual se agarrar.

E aqui, com ele, sei como é respirar. Pela primeira vez, sei como é ser desejada. Tudo o que quero fazer é inspirá-lo. Não respirar nada além dele em meus pulmões até que isso seja tudo o que resta.

— É... — Ele range os dentes — Sei que não é minha culpa. Eu sei que nada disso foi minha culpa.

— Bom, bom menino. — Ronrono, sorrindo um pouco com as palavras que usei, voltando minha boca para seu eixo.

Eu bombeio minha mão para cima e para baixo enquanto concentro minha sucção na ponta, rolando minha língua ao redor. Seu aperto na parte de trás da minha cabeça aumenta e sinto seus quadris se erguerem em minha boca, forçando-se a descer pela minha garganta.

Reencontramos nosso ritmo e não demora muito para que ele esteja gemendo alto meu nome, enquanto engulo tudo o que ele me dá. O gosto levemente salgado desce pela minha garganta, não fazendo nada para acalmar minha fome por ele.

Eu me afasto, ofegante enquanto limpo a saliva da minha boca com as costas da minha mão, caindo de costas sobre minhas pernas. Observando-o cair de seu momento de clímax.

O calor atinge meu núcleo quando ele faz contato visual comigo, o lado esquerdo de sua boca se inclinando ligeiramente para cima.

— Minha vez, mas como disse — ele diz — você precisa confiar em mim.

Ele fica em toda a sua altura; a toalha caindo no chão, e olho para ele, admirando as curvas e ondulações de seu corpo. Quando se inclina para mim, deixo que me ajude a levantar do chão. Apenas para Rook me girar e me pressionar na cama, minha bunda pendurada na borda.

Posso sentir seus dedos descendo pela minha espinha através do tecido da minha camisa. Meu rosto perseguindo o material frio do edredom, precisando de um alívio para o calor que corre em minhas veias.

— Tire suas calças. Preciso pegar uma coisa, mas deixe a calcinha. Quero tirá-la eu mesmo. — Ele murmura, deixando um beijo na minha nuca antes de ir para o banheiro.

— Está começando uma coleção de minhas roupas íntimas, Van Doren? — Pergunto, referindo-me à minha calcinha desaparecida do teatro, enquanto me mexo para tirar a calça, chutando-a pela sala quando sai de minhas pernas. — Talvez.

Gostava da ideia de ele ser tão obcecado por mim quanto eu por ele. Queria que comêssemos, dormíssemos e respirássemos um ao outro. O casal que se tornou inerentemente irritante com o quão loucos éramos um pelo outro. Queria estar vergonhosamente apaixonada por ele pelo resto da minha vida.

Quando ele volta, estou na mesma posição em que me deixou. Pendurada na beirada da cama, minha bunda para cima em sua direção.

Sua mão se espalha pelo osso do meu quadril, me puxando para mais perto de seu corpo. Seus dedos brincam com o tecido da minha calcinha antes de tirá-la.

— Confia em mim, Sage? — Ele questiona, o baixo de sua voz vibra profundamente dentro de mim.

— Sempre — murmuro, precisando dele de todas as maneiras que se poderia precisar de uma pessoa.

— Ótimo — sua mão roça a parte interna da minha coxa, fazendo-me abrir mais as pernas para ele — Porque o que farei não será bom, mas depois, todos saberão que é minha. Ponderosa Springs, destino, não haverá dúvidas sobre a quem você pertence, TG.

Minha mente dispara, tentando descobrir o que isso significa para mim, mas de repente tudo fica em branco. Porque o prazer lambe meu cérebro enquanto seus dedos mergulham entre minhas pernas.

Ele espalha meus lábios com os dedos, assim como seus dedos circundam meu clitóris com cuidado, deliberado, mas suave. Gemo, rolando meus quadris contra seu toque, incitando-o a me dar mais. Estou tão carente. Eu o queria tanto que poderia chorar. Precisando ser preenchida até que não houvesse nada além de Rook.

Eu o deixo brincar comigo, me provocar, espalhando meus sucos até ficar uma bagunça desleixada. Todo o meu núcleo está no limite, precisando apenas daquele empurrãozinho para que possa cair em uma piscina de euforia elétrica.

— Rook, por favor — imploro, minha voz embargada.

— Eu sei baby, eu sei.

É então que ele insere dois dedos dentro de mim, minhas paredes instantaneamente se fechando em torno dele. A intrusão é bem-vinda enquanto balanço meus quadris contra ele, impetuosa e desesperada.

Minhas unhas rasgam o lençol abaixo de mim, minha respiração presa em meus pulmões. Não há sentimento como este. Nenhum sentimento como ele.

Meu corpo treme enquanto trabalha dentro e fora de mim, atingindo aquele ponto que só ele pode. Mente, corpo, alma, tudo foi posto a funcionar em excesso.

— Está me apertando tão forte, gostaria de poder sentir isso no meu pau, baby. — Ele vocifera — Vai gozar logo, não é? Sim, posso senti-la ficando cada vez mais molhada, seus quadris balançando mais rápido, está tão perto.

Eu gemo, longo e entrecortado — Sim, Rook. Porra, sim.

Meu coração pode desistir com a pressa disso. Estou tão perto, bem ali, quando remove os dedos. Acho que é sua forma de retribuir o que fiz com ele antes, mas, em vez disso, sinto seus lábios na minha orelha.

— Lembre-se, só doerá por alguns momentos, depois você é minha para sempre. — Ele vocifera.

É quando sinto.

Um intenso e repentino clarão de calor queima a pele na parte de trás do meu quadril. Solto um grito gutural, enterrando meu rosto no colchão enquanto ele mantém o calor em meu corpo antes de removê-lo quando termina.

O ar frio faz com que a queimadura se intensifique. Ele estava me marcando com alguma coisa, mas senti isso dentro da minha alma.

Apenas quando a dor estava se tornando muito forte, seus dedos voltaram para o meu núcleo. Afundando profundamente no meu canal, onde continuaram no mesmo ritmo de antes. Seu dedo pressiona meu ponto G repetidamente até que eu esteja de volta ao limite. Como a porra da mágica, ele me arranca orgasmo do corpo.

— Goze em todos os meus dedos, baby. Seja minha boa menina, seja boa para mim. — Ele sussurra, bombeando dentro de mim com mais força até minhas pernas tremerem.

Tudo parece tão intenso.

A picada contrasta diretamente com as ondas de prazer que vibram em meu corpo. Não consigo me concentrar em um ou outro por causa de como se misturam. Isso é o que Rook e eu sempre fomos. A mistura constante de dor e prazer. Nunca poderíamos ter um sem o outro, porque sem a dor nunca entenderíamos o quão bom era a felicidade.

— É isso, doçura, é isso. Aguenta. — Sua voz me faz cócegas enquanto ele enterra o rosto no lado do meu pescoço salpicando beijos quentes contra a minha pele.

O tremor do meu clímax me faz tremer e posso sentir a dor aguda de tudo o que ele fez. Meu corpo e minha alma estavam tão exaustos que nem importaria.

Eu o sinto deixar meu corpo por um rápido momento, apenas para retornar segundos depois. Sinto a toalha fria pressionada contra a minha pele, me fazendo sibilar.

— Porra, isso dói — murmuro, virando-me para olhar para ele por cima do ombro com os olhos semicerrados — O que você fez comigo?

Ele olha para o seu trabalho, algo como orgulho nadando dentro de seus olhos. Então pega a peça de um Zippo quebrado. É apenas a tampa de latão do isqueiro e posso ver suas iniciais gravadas nela.

— A maioria das pessoas chamaria isso de marca — murmura — mas é mais do que isso.

Algo agarra meu peito e ilumina meu coração em chamas. O amor que tenho por ele me come viva de dentro para fora.

— Somos nós.

Nossos olhos se encontram e apesar de eu estar prestes a desmaiar de exaustão, não sinto falta de como o fogo em seus olhos pega, a chama constante dentro deles queimando mais uma vez.

Acesa e pronta para queimar por toda a eternidade.

— Sim, baby. Somos nós.

TRINTA E TRÊS



ODEIE, MAS TORNE-O SAGRADO

Rook

Rook,

Se está lendo isso, Frank está morto e eu fiz o mesmo.

Sou apenas uma frase para isso, e já é sentimental. Não queria nem deixar um bilhete. Achei que meu suicídio seria bem direto.

Estou infeliz sem ela, e saber que seu assassino está enterrado acalmou algo em mim, mas não parece o suficiente.

Não deixei um bilhete para ninguém além de você, e preciso lhe dizer o porquê.

Primeiro, você é o único que meus pais realmente gostam. Nunca diriam isso em voz alta porque eles amam e apoiam minha escolha de amizades. Meu pai ainda não perdoou Alistair por abrir um buraco na parede de gesso, e Thatcher causa "arrepios" a minha mãe (palavras dela, não minhas), mas eles gostam de você, e sei que quando eu me for, você estará lá para eles. Gostaria que os lembrasse que eles fizeram tudo certo.

Eles me deram amor. Um lar. Uma vida.

Fizeram tudo o que puderam para me ajudar com minha esquizofrenia, e sou grato por isso. Diga a eles que

os amo e que esta decisão não foi tomada de forma egoísta.

Acredito realmente que eles florescerão sem mim. Depois que chorarem e começarem a me deixar ir, sentirão que o peso da minha doença mental será aliviado. Sem mais médicos, sem mais medicamentos programados ou preocupação constante. Eles serão livres.

Assim como eu.

Não precisa, mas sei que ficará de olho em Levi e Caleb. Apenas certifique-se de que eles não se metam em muita merda e, se o fizerem, ensine-os a não serem pegos da próxima vez.

Thatcher e Alistair não receberam uma carta porque sabiam que isso aconteceria e acho que já se prepararam para isso.

Você tentou de tudo para negar isso a si mesmo. Para evitá-lo.

Eles não receberam uma carta porque, embora lamentem e se machuquem por minha perda, não se culparão.

Não como você vai.

Então é por isso que tinha que ser você, porque quero, preciso que você saiba que não foi sua culpa.

Não foi sua culpa que eu tinha esquizofrenia, não foi sua culpa que Rose morreu, e sei que lutará contra isso, mas não havia nada que pudesse ter feito para evitar isso.

Você fez tudo o que pôde e, embora fosse mais do que suficiente, nunca seria o suficiente.

Não se castigue pela minha morte. Era uma das únicas coisas que fez minha vida valer a pena, e se você foder minha memória com sua culpa, chutarei sua bunda.

Saiba que estou em paz. Que estou feliz. Estou livre, Rook, e estou com ela.

E um dia, quando estiver bem na casa dos noventa, também estarei com você de novo.

Não se perca tentando procurar o porquê, especialmente depois que escrevi toda essa coisa berrante.

Nunca perca seu fogo.

Encontro você no Styx.

Até mais.

-Silas

Reli a carta mais uma vez, grato por nunca ter que dar seguimento a nada dentro dela.

Sacudindo meu Zippo, levo a chama laranja para o papel, observando-a agarrar o material fino e começar a devorar as bordas.

Queima rápido, ainda mais rápido quando o jogo na lata de lixo ao lado da minha cama.

Uma semana.

Esse é o tempo que Silas se foi. Ainda vivo, mas ainda desaparecido.

Eu me recusei a deixar sua família mandá-lo para as instalações da Monarch depois do que Sage me contou sobre aquele lugar, e eles concordaram ansiosamente em mandá-lo para algum lugar perto de Portland. Não para afastá-lo da humilhação de Ponderosa Springs, mas para garantir que ele recebesse os devidos cuidados que merecia.

Não sabíamos quanto tempo levaria para Silas voltar de sua psicose ou quanto tempo precisaria ser hospitalizado. Pode ser algumas semanas, pode ser alguns meses, pode ser um ano. Tudo o que sabíamos era que estávamos preparados para apoiá-lo até que ele conseguisse a ajuda de que precisava.

Os médicos estavam esperançosos de que, com a terapia cognitiva e um novo conjunto de medicamentos, ele voltaria ao normal em pouco tempo, mas sempre havia uma chance de ele se perder nas alucinações e delírios que atormentam sua mente.

Eu tento não pensar muito nisso.

Quando o fogo se apaga e não resta mais nada da carta além de escombros e cinzas, pego minha jaqueta na cama e desço os degraus.

Meu pai está sentado à mesa, com alguns papéis espalhados à sua frente e um copo de uísque à esquerda.

O som dos meus pés chama sua atenção para a minha presença.

— Onde vai? — Ele pergunta, o cascalho em sua voz me dizendo que está com vontade de descontar sua dor.

— Fora — resmungo.

— Se eu faço uma pergunta, Rook, espero uma resposta real. Não uma espertinha — Ele empurra a cadeira de seu lugar na mesa, encontrando-me no meio da minha caminhada em direção à porta.

— Vou ao funeral de Frank, prestar meus respeitos, lamentando os mortos, cumprindo meu dever cristão.

— Não desrespeite Deus nesta casa, filho. Não quando sei o que você fez, o que continua fazendo.

— Não sentarei aqui e ouvirei suas besteiras hipócritas — murmuro, contornando seu corpo para que eu possa sair sem lutar, mas parece que é isso que ele está com disposição para hoje.

— Você ficará aqui o tempo que eu quiser. — Ele agarra a frente da minha camisa, puxando-me para perto dele para que eu possa sentir o cheiro de álcool em seu hálito.

Eu poderia deixá-lo me bater. Poderia deixá-lo me machucar por não ter feito algo antes sobre Silas. Poderia ficar aqui e deixá-lo descontar sua dor em meu corpo e continuar sendo o bode expiatório da morte de nossa mãe.

Por um minuto, eu quero. O desejo de sentir a dor aguda ainda vive logo abaixo da superfície da minha pele, esperando para ser exposto, mas deixo. Porque ela está esperando por mim, e lhe dei minha palavra. Luto contra esse desejo porque quero ser a pessoa de que ela precisa. A pessoa para quem ela corre quando o mundo a machuca, e não o contrário.

— Cansei de deixá-lo me punir por algo que foi um acidente. — Envolver minhas mãos em torno de seu pulso, apertando dolorosamente enquanto as arranco do tecido da minha camisa. — Você não pode brincar de Deus só porque sente falta da mamãe.

O olhar em seu rosto só poderia ser descrito como de choque total combinado com medo. Ele sabe que eu o mataria em uma briga; sabe o que tem feito comigo todos esses anos, o que tenho permitido que ele faça sem consequências.

— Um acidente? Se você tivesse se comportado, só daquela vez, ela ainda estaria aqui! — Escarnece. — Mesmo quando criança, não conseguia seguir as regras, por isso me ajude, você aprenderá disciplina nesta casa.

Ele levanta a mão para me dar um tapa.

— É melhor estar pronto para o que acontece depois que você fizer isso. Sei que aguento um soco seu, tem certeza de que aguentaria que eu te batesse de volta? — Eu aviso. — Ou darei aos meus amigos a permissão que estão esperando.

— Você não faria isso — ele respira.

— Oh, eu faria — sorrio. — E você deve saber, eles não gostam de pais que tratam seus filhos como merda. Portanto, antes de me bater de novo, pergunte a si mesmo: está pronto para responder por seus pecados, pai?

Desta vez, quando passo por ele, ele me deixa ir, parado em seu próprio medo de punição.

Pensei sobre o que aconteceria se ele mudasse, se eu pudesse perdoá-lo por todos os abusos ao longo dos anos. Acho que levaria tempo, mas perdoaria, porque permiti que ele fizesse isso por muito tempo. Eu quase lhe dei permissão para fazer isso. Eu o permiti.

Os tigres contudo não mudam suas listras, não da noite para o dia, e essa seria uma ponte que eu cruzaria se algum dia fosse construída.

Quando a porta se fecha atrás de mim, deixo tudo lá.

Porque há algo muito mais importante que requer minha atenção.

Sage está encostada no capô do carro, os braços cruzados à sua frente e um par de óculos escuros no nariz. Uma saia número enrolada em sua cintura, mostrando suas lindas pernas que adoro sentir me apertando quando estou enterrado dentro dela.

Minha boca saliva ao ver seus lábios pintados de vermelho brilhante. Uma maçã envenenada.

Tenho esse desejo precipitado de comê-la. Deixá-la manchada por todo o queixo do meu beijo, de todas as coisas imundas que eu adoraria fazer com aquela boca revestida de veneno. Então é isso que faço porque já tenho baixo controle de impulso, e perto dela, parece absoluto.

Pressiono meus lábios nos dela, sem me preocupar com a mancha que isso deixará em minha própria pele. Eu a sorvo como o ar, sentindo-a ganhar vida sob meu toque. Meu fogo infernal e água benta. Às vezes ela é doce, e às vezes pode incendiar o mundo.

E adoro acordar sem saber qual eu pegaria. Minhas mãos caem sob sua saia, massageando com meus polegares antes de patinar para cima, meus dedos roçando a pele levantada logo acima de sua nádega esquerda. Orgulho me enche.

— Como está curando? — Eu murmuro, me afastando o suficiente para deixá-la responder.

Meus dedos do pé se curvam sabendo que ela foi marcada por mim de mais maneiras do que apenas fisicamente. Minhas iniciais

marcadas bem no topo de sua bunda, assim como disse a ela que faria. Ela usa a fonte delicada e gótica como uma joia brilhante, e toda vez que a vejo, meu estômago se enche de emoção.

— Tudo bem. Ainda um pouco dolorido, mas meio que gosto.

— Ela morde meu lábio inferior, puxando-o de brincadeira.

— É mesmo? Gosta de um pouco de dor, não é, TG? — Eu sorrio, olhando para ela sob meu nariz, puxando uma das minhas mãos para cima para empurrar os óculos no topo de sua cabeça para que eu possa ver seus olhos.

— Só quando eu souber que você lamberá para ficar melhor.

Sempre pensei que me apaixonar por Sage fosse o pior erro da minha vida. Que ela me tornaria fraco. Que apagaria a chama que sempre ardeu tão quente dentro de mim.

No entanto, ela é oxigênio, constantemente me alimentando, para o bem ou para o mal. Ela me construiu mais alto, me fez queimar mais quente, me deu força.

Eu tinha passado por um inferno - *nós* tínhamos passado por um inferno - mas agradecia isso. Porque nunca fui capaz de reconhecer sua graça, nunca soube o que era pecado.

Nunca se sabe realmente o quanto está danificado até tentar amar alguém.

Seus olhos brilham em um azul brilhante, e isso me faz inclinar a cabeça — Em que está pensando? — Eu pergunto, praticamente vendo as rodas girando.

— Seus olhos — ela murmura. — Foi a primeira coisa que notei quando voltei para cá. Pareciam tão vazios, mas agora são diferentes. Menos vazios.

— É isso mesmo, baby. — Coloco uma mecha de cabelo atrás da orelha. — Quando terminamos, você me lembrou como estou vazio. Como sempre fui tão vazio. A única coisa que me preenche é você, e isso transparece.

É verdade. Cada pedacinho disso.

— Como foi? — Ela pergunta, envolvendo os braços em volta da minha cintura.

— Não estou sangrando, então é um começo — eu rio. — Mas não estou preocupado comigo. Está pronta para isso?

Com dedos macios, ela estende a mão para mexer no meu cabelo. — Estou chateada por ele ser enterrado ao lado da minha irmã, mas acho que estou pronta para qualquer coisa com você ao meu lado.

Um sorriso se espalha em suas bochechas enquanto se aproxima de mim, seus lábios roçando os meus.

— Meu deus do fogo.

— Deus do fogo, hein?

— Sim — ela cantarola, sorrindo para mim por trás de seus longos cílios. — Sempre pronto para queimar. Tão brilhante. Se acontecer alguma coisa, sei que estará lá para me entregar o fósforo.

O colar de ouro que ela usa brilha ao sol.

— Sempre estarei lá. Sempre. Não importa o que aconteça, você sempre me terá.

— Porque decidiu me manter? — Ela sussurra.

Há montanhas à nossa frente, coisas que estão fora de nosso controle e, embora tenhamos cuidado de tudo, há pessoas por aí que sabem sobre nós. Que sabem que estamos atrás delas.

Não demorará muito para que enviem mais obstáculos para nos parar. Para tentar nos separar. Não somos mais os caçadores; logo nos tornaremos a caça, mas estamos todos prontos para o que vier.

Mesmo que não viessem atrás de nós, garantiríamos que as famílias das meninas desaparecidas tivessem respostas. Que não importa o quão desagradável, garantiríamos que as pessoas certas descobrissem o que estava acontecendo aqui e pudessem impedir. Mesmo que isso significasse acabar conosco no processo.

Foi uma pequena vitória. Acabar com a vida da pessoa que jogou Rose nessa confusão, mas não era o fim. Não com tudo o que sabíamos agora. Havia muitas vidas em jogo e, embora nunca tivesse me considerado um herói, era um ser humano decente, apesar da minha reputação.

Seja qual for o inferno que eles trouxessem, nós sempre traríamos mais. Não há ninguém que possa superar o caos. Não quando nascemos dele, não quando vivemos nele.

Eu faria qualquer coisa para proteger minha família. Não importa o quão fodidos e disfuncionais, eles são meus. E não há nada que eu não faria por eles.

E foda-se, sei que Sage e eu nos reunimos em um furacão de decisões precipitadas e desordem luxuriosa, mas o que encontramos por trás de toda aquela dor, todas as mentiras, todas as verdades, era algo real.

É um amor que seria pintado em uma luz horrível, e os sussurros fariam de como era pecaminoso, a narrativa explicada simplesmente como o filho perverso de Satanás corrompendo o anjo mais querido de Ponderosa Springs. Diriam que eu me infiltrei em seu quarto à noite e a roubei para meu reino de danação eterna, mantendo-a aqui para sempre.

Nossa história seria vil enquanto vivermos aqui, mas eles não sabem o que fizemos. Eles não sabem que ela é mais do que apenas um anjo frágil. É uma força com o poder de destruir qualquer coisa em seu caminho. Uma fênix das cinzas.

A Lilith para o meu Lúcifer.

Aquela por quem queimaria todo o maldito planeta.

Na escuridão opaca, encontramos um amor que nunca poderia ser contido.

Portanto, para alguns, nosso amor seria visto como profano, um ato contra o próprio Deus, mas para nós?

É mais. É nosso.

Ela estava certa. Amanhã os pássaros cantarão, e continuarão cantando enquanto estivermos juntos.

— Porque você era a única digna de manter.

TRINTA E QUATRO



CHAMA ETERNA

Gage

Caixão marrom e coberto por uma fina camada de flores.

Achei um desperdício de dinheiro enterrar uma pessoa que já havia sido cremada de graça, mas estava escrito em seu testamento que ele seria enterrado no terreno que havia comprado anos atrás.

Os funerais são um lugar onde deveria sentir emoção. Eu me sentia destroçada e vazia na casa de Rosemary, tanta tristeza dentro de mim que mal conseguia respirar.

No entanto, hoje não sinto nada.

É mais uma sexta-feira em Ponderosa Springs.

Talvez porque meu pai estivesse morto para mim muito antes de parar de respirar. Matei tudo ligado a ele há muito tempo, provavelmente antes de descobrir o acordo que ele fez.

Hoje, as pessoas choravam por um homem que pensavam ser um herói. Aquele que morreu depois de adormecer enquanto cozinhava.

Hoje, o bandido perdeu. Dois deles.

Para a cidade, porém, foi um acidente trágico, que o detetive Finn Breck bravamente tentou evitar, mas ficou preso nas chamas enquanto tentava salvar meu pai. Ou pelo menos foi o que eu disse à polícia quando apareceram.

Disse exatamente o que Rook me disse, que meu pai tinha convidado Finn junto com Caim, que não pôde vir, e recebi um alerta no meu telefone do sistema de segurança da casa que havia um incêndio detectado.

Dirigimos o mais rápido que pudemos, mas quando chegamos, a casa estava em chamas. Não havia nada que pudéssemos fazer.

Estava preocupada com o que uma autópsia poderia mostrar, mas aparentemente o Dr. Howard Discil, o agente funerário de nossa cidade, devia um favor aos meninos. Nenhum registro de trauma contundente ou facadas foi relatado.

Fiz meus olhos lacrimejarem com lágrimas de crocodilo e chorei como se estivesse concorrendo ao Oscar de melhor filme.

Não agi hoje, mantive um olhar passivo em meu rosto durante todo o serviço enquanto Rook estava ao meu lado, segurando minha mão. Para outros, ele era um namorado solidário, forte ao lado de uma garota em estado de choque. Quer dizer, eu tinha perdido tudo aos olhos deles.

Minha mãe, meu pai, minha irmã.

Todos se foram; eles podiam entender minha dormência. Eu era a garota que não tinha mais nada.

Eles estavam errados.

Rook não segurou minha mão para me apoiar. Eu segurei a dele.

Porque era bom ficar na frente de todas as pessoas que o condenaram e reclamá-lo como meu. Cada pedaço quebrado e torcido. Era meu.

E sim, eu tinha perdido tudo, mas ganhei muito mais.

— Você está bem?

Olho para Briar e Lyra, vendo uma amizade que eu precisava desesperadamente por tanto tempo. Duas pessoas que estiveram ao meu lado, que me apoiaram. Uma delas esfaqueou um homem no pescoço. Se isso não era prova de lealdade, eu não tinha certeza do que era.

Eu concordo. — Você está bem?

Lyra não se inscreveu para nada disso, mas agora tinha sangue nas mãos, vivendo para sempre com o fato de ter tirado uma vida para proteger as pessoas com quem se importava.

— Eu mal pisquei — ela murmura, mordendo o interior da bochecha. — Nem pensei nisso antes de fazê-lo. Eu simplesmente...

— Fez o que tinha que fazer — eu a tranquilizo, franzindo as sobrancelhas. — Não precisa se desculpar por fazer o que precisa para sobreviver, Lyra.

— Eu não estou. Não é algo que sinto muito. Só fiquei surpresa... — Ela respira fundo. — Como foi fácil.

Lyra sempre se descreveu como a nerd tímida que gostava de sua vida de invisibilidade. Era uma fantasma, e para todos os

outros, era isso. Flutuando, pairando, se misturando, mas eu começava a perceber que isso era apenas o que ela queria que as pessoas pensassem.

— Não posso acreditar que Pierson nem sequer te agradeceu por isso — Briar bufa, cruzando os braços na frente do peito. — Entendo, ele é um pouco fodido da cabeça, mas não é difícil dizer: “Ei, obrigado por salvar minha vida”.

— É Thatcher. Ele não tem emoção. Teria sido estranho se dissesse obrigado — eu digo com uma risada, tendo esse estranho momento de felicidade mesmo estando em pé sobre o túmulo do meu pai.

— Ele tem — diz Lyra, balançando-se um pouco sobre os pés. — A morte tem coração quando leva quem sofre ou quem é mau. Se a morte tem emoções, então ele também tem.

Há um silêncio que cai por um momento.

— Bem, ele ainda é um idiota — Briar murmura baixinho, e todas fazemos algo que parece tão estranho, mas tão bom.

Nós rimos.

É estranho que uma das minhas únicas risadas verdadeiras aconteça enquanto estou em pé sobre o túmulo de meu pai, mas é isso que é a nossa amizade.

Felicidade mesmo nos momentos de escuridão.

Giro a flor em meus dedos, aquela que eu deveria jogar dentro de seu túmulo, mas em vez disso, ando alguns passos para a direita, parando na frente do túmulo de Rose, olhando para sua lápide. Arrasto meus dedos pela parte superior e suspiro.

Por tudo, a única coisa que permaneceu constante foi meu desejo de que Rosie estivesse aqui. Havia tanto que eu queria dizer a ela, tantas coisas que nunca cheguei a dizer. Lyra estava certa - a morte pode ser misericordiosa, mas também é fria.

Leva aqueles que não estamos prontos para perder sem compaixão.

Delicadamente, coloco a rosa branca em cima de sua lápide porque a outra sepultura não merece.

Dedos entrelaçados com os meus, e não me incomodo em me afastar porque conheço esse toque. Nossa pele se funde como argila, moldando-se em uma obra de arte coesa.

— Rose sabia que você gostava de mim — digo, virando-me para olhar o rosto bonito de Rook.

— Contou a ela sobre nós? — Suas sobrancelhas se franzem e a dor atinge meu estômago.

— Não, nunca... — Mordo meu lábio inferior. — Nunca tive a chance de dizer a ela. Achei que teria mais tempo.

Odeio o fato de pensar que tinha mais tempo. Que ela nunca soube o que eu sentia por ele. O homem que trouxe a velha Sage de volta à vida e deu propósito a uma nova.

— Mas ela sabia que gostava de mim. Depois daquele dia na casa de Tilly, ela disse que você não demonstra interesse por coisas que não o excitam. Acho que ela sabia antes de nós. — Olho para a sua lápide. — Ela era boa em saber o que as pessoas precisavam antes que elas mesmas percebessem.

— Sim, ela era — ele respira, dando um aperto forte na minha mão.

Ficamos ali parados e posso senti-lo se lembrando dela, assim como eu. Nós nos aquecemos em sua memória, deixando sua luz nos cobrir em um segundo de felicidade. Sei que ela não ficaria com raiva de mim pelo que aconteceu com Silas, mas sei que ela gostaria que eu estivesse lá para ajudá-lo.

O que pretendo fazer, faça chuva ou faça sol.

Silas Hawthorne não morrerá triste.

Ela não gostaria que ele ficasse sozinho pelo resto da vida e, por mais perfeitos que fossem juntos, eu sabia que havia alguém por aí que poderia amá-lo, assim como Rosie. Eu me certificaria, não importa o que acontecesse, de que seu pedido fosse atendido. Que aconteça o que acontecer, mesmo que seja sem ela, ele será feliz.

— E todas aquelas garotas desaparecidas, Rook? Não podemos simplesmente sentar aqui com tudo o que sabemos e não fazer nada. Eles simplesmente continuarão a levá-las. Garotas como Rose, roubadas de suas vidas. — Eu respiro, imaginando quantas famílias nunca seriam capazes de encontrar a paz até que suas filhas fossem encontradas.

— Nós faremos alguma coisa. Só precisamos descobrir em quem podemos confiar, TG. Quando fizermos isso, vamos esclarecer tudo o que sabemos.

— Mas e quanto a...

— Mesmo que isso signifique que sejamos pegos pelo que fizemos. Não vamos deixá-los escapar impunes. Prometo. — Ele me diz, e seus olhos queimam com a única verdade que preciso.

Eu confiei nele. Não importa o que, confiei nele.

— Quando morrermos, podemos ser enterrados juntos? — Eu pergunto.

Um olhar de choque lava suas feições. — Planeja morrer em breve?

Eu rio. — Não, mas quando finalmente morrermos, podemos ser enterrados juntos com nossas mãos assim? — Ergo nossas palmas unidas no ar.

— Por mais que eu ame um caixão, serei cremado, Geek do Teatro.

Claro que ele quer sair em uma labareda de fogo, mas não o queria de outra maneira.

— Bem, então quero que sejamos misturados. Como serei cuidada depois que morrer não importa, só não quero ficar sozinha. — Olho para ele, pegando as brasas em seus olhos com meu coração. — Meu maior arrependimento é saber que Rosie morreu sozinha. Viemos ao mundo juntas e o deixamos separadas. Não quero ficar sozinha.

Ele leva nossas mãos à boca, pressionando um beijo ardente no topo dos meus dedos.

— Você nunca mais estará sozinha. Nunca. Nossas cinzas serão combinadas — ele me puxa para perto com a força de seu aperto, e posso sentir seu cheiro de fumaça na minha língua. —

De modo que não importa onde nos levantemos deles, faremos isso juntos. O destino pode não ter me escolhido para carregar sua marca de alma, mas garantirei que saiba que nesta vida e em todas as outras, sempre serei seu. Sempre fui.

Em algum lugar, posso ouvir Shakespeare chorando por termos desafiado suas chances. Somos os amantes infelizes que foram condenados desde o início, e aqui estamos.

De mãos dadas.

Todos os poetas mortos que escreveram sobre o amor doce e gentil choram de desgosto com nossa versão doentia e distorcida da emoção.

Entretanto, somos nós.

E nós somos a chama eterna.

Para sempre.

TRINTA E CINCO



DENTRO DA MENTE DE UM ASSASSINO

Thatcher

Meu pai me escreve cartas.

Relatos articulados e bem estruturados de como são seus dias. Como se arrastam e o que ele passa seu tempo livre fazendo. Às vezes, parece que ele está apenas de férias superficiais em uma ilha encalhada.

É assim que a conversa é regular.

Se outra pessoa as pegasse e seguisse sua escrita cursiva até a última linha, nunca suspeitariam que ele estava trancado dentro de uma caixa de concreto aguardando seu tempo no corredor da morte.

É assim que ele é normal. Como sempre foi normal.

Quando a sociedade aprenderá que os monstros do mundo não são aqueles com dentes amarelos e garras afiadas? Quantos documentários devemos assistir até vermos a verdade, nos ver como realmente somos?

Nós somos os líderes do mundo livre. Seu vizinho que hospeda churrascos de verão, maridos com famílias, políticos, médicos.

Não moramos embaixo da sua cama ou no seu armário - isso é muito fácil. Não é complexo o suficiente para nós.

Não, estamos à luz do dia em suas casas, ao ar livre. Examinando suas vidas, aprendendo todos os dias como nos transformar no que considera uma *boa pessoa*. O tipo de pessoa em quem confia, a pessoa que deixa entrar em sua casa para tomar um café, a pessoa que menos espera que o mate impiedosamente no chão do seu quarto.

Quanto mais tempo leva para a humanidade compreender essas coisas, mais vantagem temos sobre eles.

A terra cede sob o peso do meu caminhar. A lama tinge as laterais dos meus sapatos Dior Derby, e já estou planejando jogá-los fora assim que puder tirá-los dos pés.

Não gosto de ser contaminado. Desordem e sujeira me repelem fisicamente.

Eu vivo pela limpeza. Organização. Estrutura.

Lençóis de cetim branco, manta branca que se branqueia aos domingos às dez em ponto. Um treino rigoroso que ocorre todos os dias antes do nascer do sol. O mesmo café da manhã, a mesma rotina, uma agenda inabalável da qual nunca me afasto. Minha vida é uma série de momentos habilmente planejados. Tudo o que faço, tudo o que digo, tem um objetivo.

Por que perder tempo, fôlego, dinheiro com algo que não é?

Para meu desgosto, atravesso as árvores de qualquer maneira. Porque há algo que preciso... dissecar.

Sinto uma brisa de verão passar pelo meu rosto, uma pitada de perfume floral que é invadido pelo cheiro almiscarado de pinho. São coisas que percebo, mas não sinto. Não do jeito que a maioria das pessoas sente.

A floresta começa a se abrir, o antigo mausoléu pegando sol. Todas aquelas pessoas estão esquecidas, apodrecendo por dentro. É uma pena que nunca tenham removido os corpos.

Do lado de fora da porta da estrutura macabra, vejo o que vim fazer aqui.

Ela está ajoelhada no chão molhado, pequenas galochas amarelas aparecendo por baixo. Aquele horrível chapéu de pescador que usa adorna o topo de sua cabeça, fazendo um péssimo trabalho em conter aqueles cachos desobedientes que ela claramente não mantém.

Lyra Abbott me dá náuseas.

Sempre andando com sujeira na roupa, dedos pegajosos daquelas cerejas que inala às dúzias, e tem essa estranha fixação por insetos que me deixa doente. Tudo o que ela faz, tudo o que ela é, me neutraliza.

Ela é sódio e eu sou potássio.

Ela é hidróxido de amônio e eu sou ácido acético.

Vê-la viver tão orgulhosamente com seus hábitos sujos e interesses contaminados me dá vontade de me afogar em alvejante. Esfregar meus globos oculares com ele até que não possa mais vê-

la. Até que ela seja completamente limpa de mim. Não gosto do jeito que ela me e como toda vez que isso acontece me faz sentir maculado.

A maneira como ela ficou em cima de mim enquanto o sangue de Finn jorrou de sua veia jugular me deixou inquieto, me encharcando no líquido carmesim espesso e decadente do qual tanto gosto. Eu poderia ter gostado daquele momento se não tivesse visto a expressão em seu rosto.

As pessoas não deveriam ter esse tipo de reação depois de matar alguém. Ela deveria ter entrado em choque, chorado, desmaiado.

Ela não.

Não, Lyra parecia aliviada. A alegria brilhou em seu rosto e uma sensação de calma desceu sobre seus ombros. Ela gostou de matá-lo e acho que, se tivesse a oportunidade, faria de novo. Foi aquele rosto que me fez precisar de respostas.

Tinha feito um bom trabalho em ignorá-la descaradamente, mesmo quando eu podia detectá-la perto de mim, sentir seu olhar na minha pele. Estou muito curioso para ignorá-la agora.

Ela poderia estar do outro lado do meu espectro?

Meu pai poderia ter criado outra versão de mim com o crime hediondo que cometeu contra a mãe dela?

Nasci um psicopata. Eu já sabia disso. Aceitei isso há muito tempo.

Ela, porém, ela poderia neutralizar isso?

O sociopata feito. Natureza versus criação.

Ficar presa por um dia inteiro ao lado do corpo sem vida e manchado de sangue de sua mãe a transformou em algum tipo de anomalia? Meu pai nos conectou sem saber por meio de seu hobby horrível?

Um galho estala sob meus pés e ela se vira para investigar o som.

Seu corpo congela, e eu sorrio friamente.

Estamos todos a seis minutos da morte toda vez que acordamos.

A respiração zera esse relógio.

Sou as mãos que o param.

— Acho que é hora de finalmente termos uma conversa, minha querida fantasma.

Fim.